

Boletim Técnico nº 2

**ANÁLISE DA ADEQUAÇÃO DA OFERTA DE EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA À NOVA DINÂMICA DO
MERCADO DE TRABALHO FORMAL NA MESORREGIÃO SUL
GOIANO, NO ESTADO DE GOIÁS**

MEC

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

RENAPI

REDE DE PESQUISA E INOVAÇÃO EM TECNOLOGIAS DIGITAIS

IFG

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS

OBSERVATÓRIO DO MUNDO DO TRABALHO

OBSERVATÓRIO NACIONAL DA REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL, CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

EQUIPE TÉCNICA EXECUTIVA

Geraldo Coelho de Oliveira Júnior – Pesquisador Gestor

Walmir Barbosa – Pesquisador Orientador

Maxmillian Lopes da Silva – Pesquisador Orientador

Denise Talitha Soares Carneiro – Economista

Letícia Daniele Silva Ferreira – Aluna Bolsista – Observatório

Luiza Batista da Costa – Aluna Bolsista – Observatório

Lorrane Vitória de Melo – Aluna Bolsista - IFG

SUMÁRIO

Lista de Figuras	5
Lista de Gráficos.....	5
Lista de Tabelas	11
Parte I.....	13
1. Considerações Iniciais	13
2. Objetivos.....	13
3. Metodologia.....	14
3.1. Vertente Setorial	15
3.2. Vertente Ocupacional	16
3.3. Vertente Educacional.....	16
3.4. Confrontação das Três Vertentes.....	16
4. Caracterização Panorâmica da Economia Brasileira Contemporânea.....	17
4.1. A Economia Brasileira nos anos 1990 e o “Novo Modelo Econômico”.....	17
4.1.1. O Momento Histórico: da Década Perdida à Mudança na Estratégia de Desenvolvimento	17
4.1.2. A Base Teórica do “Novo Modelo Econômico”	18
4.1.3. As reformas econômicas.....	19
4.1.3.1. Abertura comercial	19
4.1.3.2. Privatização	20
4.1.3.3. Desregulamentação.....	21
4.1.3.4. Outras reformas	22
4.1.3.5. Cenários macroeconômicos das reformas	22
4.2. As Consequências das Reformas e a Reestruturação Produtiva.....	23
4.2.1. Reestruturação Produtiva.....	23
4.2.2. Propriedade do capital	24
4.2.3. Produtividade.....	25
4.2.4. Contas externas.....	25
4.3. O novo modelo e o crescimento sustentável	26
5. Caracterização Panorâmica do Estado de Goiás por Mesorregiões	27
5.1. Aspectos Regionais	27
5.2. Aspectos Demográficos.....	29
5.3. Aspectos Sociais	30
5.4. Aspectos Econômicos.....	31
5.4.1. Evolução do Emprego nos Grandes Setores de Atividade Econômica nas Mesorregiões do Estado de Goiás	33
5.4.2. Grau de Escolaridade dos Trabalhadores Sob Contrato Formal de Trabalho nas Mesorregiões do Estado de Goiás	37
5.4.3. Faixa Salarial dos Trabalhadores Sob Contrato Formal de Trabalho, nas Mesorregiões do Estado de Goiás.	39
Parte II	41
6. A Mesorregião Sul Goiano	41
6.1. Vertente Setorial: Análise da Evolução do Perfil do Emprego Formal por Subsetores de Atividade Econômica na Mesorregião Sul Goiano	41
6.1.1 A Microrregião Sudoeste de Goiás.....	45
6.1.2. A Microrregião Meia Ponte.....	48

6.2. Evolução do Perfil do Trabalho (Escolaridade, Remuneração, Gênero e Faixa Etária nos Principais Subsetores) na Mesorregião Sul Goiano	52
6.2.1. Construção Civil	52
6.2.2. Indústria de Produtos Alimentícios, Bebidas e Álcool Etílico	56
6.2.3. Serviços de Alojamento, Alimentação, Reparação e Manutenção	60
6.2.4. Comércio e Administração de Imóveis, Valores Mobiliários e Serviços Técnicos	64
6.2.5. Agricultura, Silvicultura, Criação de Animais e Extrativismo Vegetal	68
6.2.6. Indústria Mecânica	72
6.2.7. Indústria Metalúrgica.....	76
6.2.8 Comércio Varejista	80
Parte III	85
7. Vertente Ocupacional: Análise da Evolução do Estoque de Emprego Formal por Ocupações na Mesorregião Sul Goiano	85
7.1. Ocupações Profissionais na Área de Geoprocessamento	85
7.1.1. Técnicos em Edifagrimensura, Estradas e Saneamento e trabalhadores assemelhados	85
7.1.2. Técnicos em Geomática	88
7.1.3. Engenheiros Agrimensores e Engenheiros Cartógrafos	92
7.2. Ocupações Profissionais na Área de Indústria	96
7.2.1. Engenheiros Eletricistas e Engenheiros Eletrônicos	96
7.2.2. Técnicos em Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações.....	102
7.2.3. Técnicos em Eletricidade e Eletrotécnica.....	106
7.2.4. Técnicos em Eletrônica	110
7.3. Ocupações Profissionais na Área de Licenciatura.....	114
7.4. Ocupações Profissionais na Área de Construção Civil	114
7.4.1. Desenhistas Técnicos.....	114
7.4.2. Técnico de Edifagrimensura, Estradas, Saneamento e Trabalhadores Assemelhados	117
7.4.3. Engenheiros Cíveis e Afins	120
7.4.4. Engenheiros Cíveis e Arquitetos	124
7.4.5. Ceramistas e Trabalhadores Assemelhados.....	127
7.4.6. Técnicos em Construção Civil (Edificações)	130
7.5. Ocupações Profissionais na Área de Informática	133
7.5.1. Analista de Sistemas	133
7.5.2. Programador de Computador.....	136
7.5.3. Administradores de Tecnologia da Informação	140
7.5.4. Técnicos de Desenvolvimento de Sistemas e Aplicações	144
7.5.5. Técnico de Operação e Monitoração de Computadores	147
7.6. Ocupações Profissionais da Área de Mecânica	151
7.6.1. Mecânicos de Manutenção de Máquinas.....	151
7.6.2. Soldadores e Oxicortadores	154
7.6.3. Técnicos de Mecânica	157
7.6.4. Mecânicos de Manutenção de Máquinas Industriais.....	161
7.6.5. Supervisores de Manutenção Eletromecânica	165
7.6.6. Trabalhadores de Soldagem e Corte de Ligas Metálicas.....	169
7.7. Ocupações Profissionais na Área de Eletrotécnica.....	172
7.7.1. Técnico de Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações	172
7.7.2. Reparadores de Equipamentos Elétricos e Eletrônicos	176
7.7.3. Montadores de Equipamentos Eletroeletrônicos	180
7.7.4. Técnicos de Controle da Produção	184

7.7.5. Técnicos em Eletricidade e Eletrotécnica.....	186
Parte IV.....	190
8. Vertente Educacional: Análise da Evolução da Oferta de Vagas e de Matrículas em Cursos Técnicos e Tecnológicos na Mesorregião Sul Goiano	190
Parte V.....	191
9. Confrontação das Vertentes Setorial e Ocupacional	191
9.1. Construção Civil.....	191
9.1.1. Vertente Setorial x Vertente Ocupacional.....	191
9.2. Geomática.....	194
9.2.1. Vertente Setorial x Vertente Ocupacional.....	194
9.3. Licenciatura	197
9.4. Indústria.....	197
9.4.1. Vertente Setorial x Vertente Ocupacional.....	197
9.5. Informática.....	199
9.5.1. Vertente Setorial x Vertente Ocupacional.....	199
10. Conclusões e Recomendações.....	203
10.1. Transformações Econômicas dos anos 1990 e 2000 e Repercussões na Indústria de Transformação.....	203
10.1.1. Especialização Retrógrada.....	205
10.1.2. Recomposição e Retrocesso Industrial.....	207
10.1.3. Vulnerabilidade Externa Estrutural	209
10.1.4. Aspectos Referentes à Nova Condição do Trabalho a Partir dos Anos 1990.....	211
10.2. Composição do Estoque de Empregos Formais do Estado de Goiás	213
10.3 Aspectos Referentes à Realidade Salarial dos Trabalhadores.....	213
10.4. Aspectos Referentes à Demanda Ocupacional no Setor Secundário (Indústria de Transformação e Construção Civil).....	214
Considerações Finais	216
11. Referências Bibliográficas.....	219
APÊNDICE A: Tabelas Utilizadas na Elaboração dos Gráficos do Boletim Técnico nº 2.....	221

Lista de Figuras

Figura 1 Metodologia para a análise da adequação da oferta de Educação Profissional e Tecnológica à nova dinâmica do mercado de trabalho.....	15
Figura 2 Divisão Territorial do Estado de Goiás.....	28
Figura 3 Mapa de Distribuição das Instituições da Rede nas Propostas de Expansão I e II.....	31

Lista de Gráficos

Gráfico 5.1: Número de Trabalhadores nos Setores de Atividade Econômica nas Mesorregiões do Estado de Goiás - 2010.....	36
Gráfico 5.2: Número de Trabalhadores por Escolaridade, nas Mesorregiões do Estado de Goiás - 2010.....	38
Gráfico 5.3: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial nas Mesorregiões do Estado de Goiás - 2010.....	39
Gráfico 6.1: Número de Trabalhadores nos Subsetores de Atividade Econômica na Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	42
Gráfico 6.2: Número de Trabalhadores nos Principais Subsetores de Atividade Econômica na Mesorregião Sul Goiano - 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	44
Gráfico 6.3: Número de Trabalhadores nos Subsetores de Atividade Econômica na Microrregião Sudoeste de Goiás – 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	46
Gráfico 6.4: Número de Trabalhadores nos Principais Subsetores de Atividade Econômica na Microrregião Sudoeste de Goiás – 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	48
Gráfico 6.6: Número de Trabalhadores nos Principais Subsetores de Atividade Econômica na Microrregião Meia Ponte – 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	52
Gráfico 6.7: Número de Trabalhadores por Gênero no Subsetor da Construção Civil. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	53
Gráfico 6.8: Número de Trabalhadores por Faixa Etária no Subsetor da Construção Civil. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	54
Gráfico 6.9: Número de Trabalhadores por Escolaridade no Subsetor da Construção Civil. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	55
Gráfico 6.10: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial no Subsetor da Construção Civil. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	56
Gráfico 6.11: Número de Trabalhadores por Gênero no Subsetor da Indústria de Produtos Alimentícios, Bebidas e Álcool Etílico. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	57
Gráfico 6.12: Número de Trabalhadores por Faixa Etária no Subsetor da Indústria de Produtos Alimentícios, Bebidas e Álcool Etílico. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	58
Gráfico 6.13: Número de Trabalhadores por Escolaridade no Subsetor da Indústria de Produtos Alimentícios, Bebidas e Álcool Etílico. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	59
Gráfico 6.14: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial no Subsetor da Indústria de Produtos Alimentícios, Bebidas e Álcool Etílico. Mesorregião Sul Goiano - 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	60
Gráfico 6.15: Número de Trabalhadores por Gênero no Subsetor de Serviços de Alojamento, Alimentação, Reparação, Manutenção e Redação. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	61
Gráfico 6.16: Número de Trabalhadores por Faixa Etária no Subsetor de Serviços de Alojamento, Alimentação, Reparação, Manutenção e Redação. Mesorregião Sul Goiano - 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	62
Gráfico 6.17: Número de Trabalhadores por Escolaridade no Subsetor de Serviços de Alojamento, Alimentação, Reparação, Manutenção e Redação. Mesorregião Sul Goiano - 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	63
Gráfico 6.18: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial no Subsetor de Serviços de Alojamento, Alimentação, Reparação, Manutenção e Redação. Mesorregião Sul Goiano - 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	64
Gráfico 6.19: Número de Trabalhadores por Gênero no Subsetor de Comércio e Administração de Imóveis, Valores Mobiliários e Serviços Técnicos. Mesorregião Sul Goiano - 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	65
Gráfico 6.20: Número de Trabalhadores por Faixa Etária no Subsetor de Comércio e Administração de Imóveis, Valores Mobiliários e Serviços Técnicos. Mesorregião Sul Goiano - 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	66
Gráfico 6.21: Número de Trabalhadores por Escolaridade no Subsetor de Comércio e Administração de Imóveis, Valores Mobiliários e Serviços Técnicos. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	67

Gráfico 6.22: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial no Subsetor de Comércio e Administração de Imóveis, Valores Mobiliários e Serviços Técnicos. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	68
Gráfico 6.23: Número de Trabalhadores por Gênero no Subsetor da Agricultura, silvicultura, criação de animais e extrativismo vegetal. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	69
Gráfico 6.24: Número de Trabalhadores por Faixa Etária no Subsetor da Agricultura, silvicultura, criação de animais e extrativismo vegetal. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	70
Gráfico 6.25: Número de Trabalhadores por Escolaridade no Subsetor da Agricultura, silvicultura, criação de animais e extrativismo vegetal. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	71
Gráfico 6.26: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial no Subsetor da Agricultura, silvicultura, criação de animais e extrativismo vegetal. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	72
Gráfico 6.27: Número de Trabalhadores por Gênero no Subsetor da Indústria Mecânica. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	73
Gráfico 6.28: Número de Trabalhadores por Faixa Etária no Subsetor da Indústria Mecânica. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	74
Gráfico 6.29: Número de Trabalhadores por Escolaridade no Subsetor da Indústria Mecânica. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	75
Gráfico 6.30: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial no Subsetor da Indústria Mecânica. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	76
Gráfico 6.31: Número de Trabalhadores por Gênero no Subsetor da Indústria Metalúrgica. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	77
Gráfico 6.32: Número de Trabalhadores por Faixa Etária no Subsetor da Indústria Metalúrgica. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	78
Gráfico 6.33: Número de Trabalhadores por Escolaridade no Subsetor da Indústria Metalúrgica. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	79
Gráfico 6.34: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial no Subsetor da Indústria Metalúrgica. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	80
Gráfico 6.35: Número de Trabalhadores por Gênero no Subsetor de Comércio Varejista. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	81
Gráfico 6.36: Número de Trabalhadores por Faixa Etária no Subsetor de Comércio Varejista. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	82
Gráfico 6.37: Número de Trabalhadores por Escolaridade no Subsetor de Comércio Varejista. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	83
Gráfico 6.38: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial no Subsetor de Comércio Varejista. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	84
Gráfico 7.1: Número de Trabalhadores por Gênero na Ocupação: Técnicos em Edifagrimensura, Estradas e Saneamento e trabalhadores assemelhados. Mesorregião Sul Goiano - 1985, 1990, 1995, 2000.....	85
Em 1985, haviam 102 trabalhadores empregados com faixa de idade entre 18 e 39 anos, representando 82,25% dos contratos de trabalho. Em 1990, a predominância foi de trabalhadores com idade entre 30 e 64 anos, eles representaram 73,83% dos trabalhadores empregados. Em 1995, um grande número de trabalhadores com idade entre 30 e 49 anos se encontravam empregados, representando 77,41% do total. Já em 2000, os trabalhadores com essa faixa de idade representaram 62,85% do total de empregados.....	86
Gráfico 7.2: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na Ocupação: Técnicos em Edifagrimensura, Estradas e Saneamento e trabalhadores assemelhados. Mesorregião Sul Goiano - 1985, 1990, 1995, 2000.....	86
Gráfico 7.3: Número de Trabalhadores por Escolaridade na Ocupação: Técnicos em Edifagrimensura, Estradas e Saneamento e trabalhadores assemelhados. Mesorregião Sul Goiano - 1985, 1990, 1995, 2000.....	87
Gráfico 7.4: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na Ocupação: Técnicos em Edifagrimensura, Estradas e Saneamento e trabalhadores assemelhados. Mesorregião Sul Goiano - 1985, 1990, 1995, 2000.....	88
Gráfico 7.5: Número de Trabalhadores por Gênero na Ocupação: Técnicos em Geomática. Mesorregião Sul Goiano 2003 - 2010.....	89
Gráfico 7.6: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na Ocupação: Técnicos em Geomática. Mesorregião Sul Goiano 2003 - 2010.....	90
Gráfico 7.7: Número de Trabalhadores por Escolaridade na Ocupação: Técnicos em Geomática. Mesorregião Sul Goiano 2003 - 2010.....	91
Gráfico 7.8: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na Ocupação: Técnicos em Geomática. Mesorregião Sul Goiano 2003 - 2010.....	92

Gráfico 7.9: Número de Trabalhadores por Gênero nas Ocupações: Engenheiros Agrimensores e Engenheiros Cartógrafos. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.	93
Gráfico 7.10: Número de Trabalhadores por Faixa Etária nas Ocupações: Engenheiros Agrimensores e Engenheiros Cartógrafos. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.	94
Gráfico 7.11: Número de Trabalhadores por Escolaridade nas Ocupações: Engenheiros Agrimensores e Engenheiros Cartógrafos. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.	95
Gráfico 7.12: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial nas Ocupações: Engenheiros Agrimensores e Engenheiros Cartógrafos. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.	96
Gráfico 7.13: Número de Trabalhadores por Gênero nas Ocupações: Engenheiros Eletricistas e Engenheiros Eletrônicos. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	97
Gráfico 7.14: Número de Trabalhadores por Gênero na Ocupação: Engenheiros Eletricistas, Eletrônicos e afins. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.	97
Gráfico 7.15: Número de Trabalhadores por Faixa Etária nas Ocupações: Engenheiros Eletricistas e Engenheiros Eletrônicos. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	98
Gráfico 7.16: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na Ocupação: Engenheiros Eletricistas, Eletrônicos e afins. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.	99
Gráfico 7.17: Número de Trabalhadores por Escolaridade nas Ocupações: Engenheiros Eletricistas e Engenheiros Eletrônicos. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	100
Gráfico 7.18: Número de Trabalhadores por Escolaridade na Ocupação: Engenheiros Eletricistas, Eletrônicos e afins. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.	100
Gráfico 7.19: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial nas Ocupações: Engenheiros Eletricistas e Engenheiros Eletrônicos. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	101
Gráfico 7.20: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na Ocupação: Engenheiros Eletricistas, Eletrônicos e afins. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.	102
Gráfico 7.21: Número de Trabalhadores por Gênero na Ocupação: Técnicos em Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	103
Gráfico 7.22: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na Ocupação: Técnicos de Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	104
Gráfico 7.23: Número de Trabalhadores por Escolaridade na Ocupação: Técnicos em Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	105
De modo geral, a maioria dos Técnicos em Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações possui uma renda mensal acima de 10 salários mínimos, exceto no ano de 1985, quando a maioria possuía uma renda média mensal entre 5,01 e 10 salários mínimos. Igualmente, é importante observar a representatividade dos trabalhadores com remuneração entre 1,01 e 3 salários mínimos no ano 2000, quando somaram 53 pessoas nessa faixa salarial, o que representa 29,6% do total de trabalhadores naquele ano.	105
Gráfico 7.24: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na Ocupação: Técnicos em Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	106
Gráfico 7.25: Número de Trabalhadores por Gênero na Ocupação: Técnicos em Eletricidade e Eletrotécnica. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.	107
Gráfico 7.26: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na Ocupação: Técnicos em Eletricidade e Eletrotécnica. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.	108
Gráfico 7.27: Número de Trabalhadores por Escolaridade na Ocupação: Técnicos de Eletricidade e Eletrotécnica. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.	109
Gráfico 7.28: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na Ocupação: Técnicos em Eletricidade e Eletrotécnica. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.	110
Gráfico 7.29: Número de Trabalhadores por Gênero na Ocupação: Técnicos em Eletrônica. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.	111
Gráfico 7.30: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na Ocupação: Técnicos em Eletrônica. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.	112
Gráfico 7.31: Número de Trabalhadores por Escolaridade na Ocupação: Técnicos em Eletrônica. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.	113
Gráfico 7.32: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na Ocupação: Técnicos em Eletrônica. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.	113
Gráfico 7.41: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Desenhistas Técnicos. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	114

Gráfico 7.42: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Desenhistas Técnicos. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	115
Gráfico 7.43: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Desenhistas Técnicos. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	116
Gráfico 7.44: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Desenhistas Técnicos. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	116
Gráfico 7.45: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Técnico de Edifagrimensura, Estradas, Saneamento e Trabalhadores Assemelhados. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	117
Em 1985, haviam 102 trabalhadores empregados com faixa de idade entre 18 e 39 anos, representando 82,25% dos contratos de trabalho. Em 1990, a predominância foi de trabalhadores com idade entre 30 e 64 anos, eles representaram 73,83% dos trabalhadores empregados. Em 1995, um grande número de trabalhadores com idade entre 30 e 49 anos se encontravam empregados, representando 77,41% do total. Já em 2000, os trabalhadores com essa faixa de idade representaram 62,85% do total de empregados.	117
Gráfico 7.46: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Técnico de Edifagrimensura, Estradas, Saneamento e Trabalhadores Assemelhados. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	118
Gráfico 7.47: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Técnico de Edifagrimensura, Estradas, Saneamento e Trabalhadores Assemelhados. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	119
Gráfico 7.48: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Técnico de Edifagrimensura, Estradas, Saneamento e Trabalhadores Assemelhados. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	120
Gráfico 7.49: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Engenheiro Civil e Afins. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.	121
Gráfico 7.50: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Engenheiro Civil e Afins. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.	122
Gráfico 7.51: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Engenheiro Civil e Afins. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.	123
Gráfico 7.52: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Engenheiro Civil e Afins. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.	123
Gráfico 7.53: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Engenheiros Civis e Arquitetos. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	124
Gráfico 7.54: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Engenheiros Civis e Arquitetos. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	125
Gráfico 7.55: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Engenheiros Civis e Arquitetos. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	126
Gráfico 7.56: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Engenheiros Civis e Arquitetos. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	127
Gráfico 7.57: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Ceramistas e Trabalhadores Assemelhados. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	128
Gráfico 7.58: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Ceramistas e Trabalhadores Assemelhados. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	128
Gráfico 7.59: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Ceramistas e Trabalhadores Assemelhados. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	129
Gráfico 7.60: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Ceramistas e Trabalhadores Assemelhados. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	130
Gráfico 7.61: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Técnicos em Construção Civil (Edificações). Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.	131
Gráfico 7.62: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Técnicos em Construção Civil (Edificações). Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.	131
Gráfico 7.63: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Técnicos em Construção Civil (Edificações). Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.	132
Gráfico 7.64: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Técnicos em Construção Civil (Edificações). Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.	133
Gráfico 7.65: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Analista de Sistemas. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	134
Gráfico 7.66: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Analista de Sistemas. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	134

Gráfico 7.67: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação Analista de Sistemas. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	135
Gráfico 7.68: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação Analista de Sistemas. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	136
Gráfico 7.69: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação Programador de Computador. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	137
Gráfico 7.70: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Programador de Computador. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	138
Gráfico 7.71: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Programador de Computador. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	139
Gráfico 7.72: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Programador de Computador. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	140
Gráfico 7.73: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Administradores de Tecnologia da Informação. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.	141
Gráfico 7.74: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Administradores de Tecnologia da Informação. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.	142
Gráfico 7.75: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Administradores de Tecnologia da Informação. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.	143
Gráfico 7.76: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Administradores de Tecnologia da Informação. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.	144
Gráfico 7.77: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Técnicos de Desenvolvimento de Sistemas e Aplicações. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.	145
Gráfico 7.78: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Técnicos de Desenvolvimento de Sistemas e Aplicações. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.	146
Gráfico 7.79: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Técnicos de Desenvolvimento de Sistemas e Aplicações. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.	146
Gráfico 7.80: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Técnicos de Desenvolvimento de Sistemas e Aplicações. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.	147
Gráfico 7.81: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação Técnicos em Operação e Monitoração de Computadores. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.	148
Gráfico 7.82: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação Técnicos de Operação e Monitoração de Computadores. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.	149
Gráfico 7.83: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação Técnicos de Operação e Monitoração de Computadores. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.	150
Gráfico 7.84: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Técnico de Operação e Monitoração de Computadores. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.	150
Gráfico 7.85: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Mecânico de Manutenção de Máquinas. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	151
Gráfico 7.86: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Mecânicos de Manutenção de Máquinas. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	152
Gráfico 7.87: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Mecânico de Manutenção de Máquinas. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	153
Gráfico 7.88: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Mecânico de Manutenção de Máquinas. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	153
Gráfico 7.89: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Soldadores e Oxicortadores. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	154
Gráfico 7.90: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Soldadores e Oxicortadores. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	155
Gráfico 7.91: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Soldadores e Oxicortadores. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	156
Gráfico 7.92: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Soldadores e Oxicortadores. Mesorregião Sul Goiano 1985-2000.	157
Gráfico 7.93: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Técnicos em Mecânica. Mesorregião Sul Goiano – 1985-2000.	158
Gráfico 7.94: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Técnicos em Mecânica. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000.	159

Gráfico 7.95: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Técnicos em Mecânica. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000.	160
Gráfico 7.96: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Técnico de Mecânica. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000.	161
Gráfico 7.97: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Mecânico de Manutenção de Máquinas Industriais. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.	162
Gráfico 7.98: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Mecânico de Manutenção de Máquinas Industriais. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.	163
Gráfico 7.99: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação Mecânicos de Manutenção de Máquinas Industriais. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.	164
Gráfico 7.100: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Mecânico de Manutenção de Máquinas Industriais. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.	165
Gráfico 7.101: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Supervisores de Manutenção Eletromecânica. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.	166
Gráfico 7.102: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Supervisores de Manutenção Eletromecânica. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.	167
Gráfico 7.103: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Supervisores de Manutenção Eletromecânica. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.	168
Gráfico 7.104: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Supervisores de Manutenção Eletromecânica. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.	168
Gráfico 7.105: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Trabalhadores de Soldagem e Corte de Ligas Metálicas. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.	169
Gráfico 7.106: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Trabalhadores de Soldagem e Corte de Ligas Metálicas. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.	170
Gráfico 7.107: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Trabalhadores de Soldagem e Corte de Ligas Metálicas. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.	171
Gráfico 7.108: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Trabalhadores de Soldagem e Corte de Ligas Metálicas. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.	172
Gráfico 7.109: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Técnico de Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações. Mesorregião Sul Goiano – 1985-2000.	173
Gráfico 7.110: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Técnico de Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000.	174
Gráfico 7.111: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Técnico de Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000.	175
Gráfico 7.112: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Técnico de Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000.	176
Gráfico 7.113: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Reparadores de Equipamentos Elétricos e Eletrônicos. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000.	177
Gráfico 7.114: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Reparadores de Equipamentos Elétricos e Eletrônicos. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000.	178
Gráfico 7.115: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Reparadores de Equipamentos Elétricos e Eletrônicos. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000.	179
Gráfico 7.116: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Reparadores de Equipamentos Elétricos e Eletrônicos. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000.	180
Gráfico 7.117: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Montadores de Equipamentos Eletroeletrônicos. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.	181
Gráfico 7.118: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Montadores de Equipamentos Eletroeletrônicos. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.	182
Gráfico 7.119: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Montadores de Equipamentos Eletroeletrônicos. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.	183
Gráfico 7.120: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Montadores de Equipamentos Eletroeletrônicos. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.	183
Gráfico 7.121: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Técnico de Controle da Produção. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.	184
Gráfico 7.122: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Técnicos de Controle da Produção. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.	185

Gráfico 7.123: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Técnico de Controle da Produção. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.....	185
Gráfico 7.124: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Técnico de Controle da Produção. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.....	186
Gráfico 7.125: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Técnico em Eletricidade e Eletrotécnica. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.....	187
Gráfico 7.126: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Técnicos em Eletricidade e Eletrotécnica. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.....	187
Gráfico 7.127: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Técnico em Eletricidade e Eletrotécnica. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.....	188
Gráfico 7.128: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na Ocupação: Técnicos em Eletricidade e Eletrotécnica. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.....	189

Lista de Tabelas

Tabela 1: Tarifas de importação brasileira - 1990 – 1995	20
Tabela 2: Privatização - 1991 – 2000	21
Tabela 3 Economia Brasileira - Síntese de Indicadores Macroeconômicos - 1946-2002.....	23
Tabela 4: Demografia das Mesorregiões do Estado de Goiás: 2000 e 2009.....	29
Tabela 5: Análise Educacional do Estado de Goiás 2005 e 2009.....	30
Tabela 6: Estrutura Setorial do Emprego Formal, segundo os Grandes Setores de Atividade Econômica do IBGE e as Mesorregiões do Estado de Goiás (2010).....	36
Tabela 7: Grau de Instrução do Pessoal Ocupado no Setor Formal, segundo as Mesorregiões do Estado de Goiás (2010)	38
Tabela 8: Faixa Salarial do Pessoal Ocupado no Setor Formal, segundo as Mesorregiões do Estado de Goiás (2010).....	40
Tabela 9: Evolução do Número de Trabalhadores no Subsetor de Construção Civil. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.	192
Tabela 10: Evolução do Número de Trabalhadores nas Ocupações da área de Construção Civil. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	192
Tabela 11: Evolução do Número de Trabalhadores nas Ocupações da Área de Construção Civil. Mesorregião Sul Goiano 2003 - 2010.....	193
Tabela 12: Número de Trabalhadores por Ocupações Profissionais no Subsetor de Construção Civil. Mesorregião Sul Goiano (2000)	193
Tabela 13: Número de Trabalhadores por Ocupações Profissionais no Subsetor de Construção Civil. Mesorregião Sul Goiano (2005)	194
Tabela 14: Número de Trabalhadores por Ocupações Profissionais no Subsetor de Construção Civil. Mesorregião Sul Goiano (2010)	194
Tabela 15: Evolução do Número de Trabalhadores nos Subsetores da Área de Geomática. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	195
Tabela 16: Evolução do Número de Trabalhadores nas Ocupações Profissionais da área de Geomática. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.....	195
Tabela 17: Evolução do Número de Trabalhadores nas Ocupações Profissionais da área de Geomática. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.....	195
Tabela 18: Número de Trabalhadores por Ocupações Profissionais nos Subsetores da área de Geomática. Mesorregião Sul Goiano (2000).....	196
Tabela 19: Número de Trabalhadores por Ocupações Profissionais nos Subsetores da área de Geomática. Mesorregião Sul Goiano (2005).....	196

Tabela 20: Número de Trabalhadores por Ocupações Profissionais Número de Trabalhadores por Ocupações Profissionais nos Subsetores da área de Geomática. Mesorregião Sul Goiano (2010).....	196
Tabela 21: Evolução do Número de Trabalhadores nos Subsetores da área da Indústria. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.	197
Tabela 22: Evolução do Número de Trabalhadores por Ocupações da área da Indústria. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	198
Tabela 23: Evolução do Número de Trabalhadores por Ocupações da área da Indústria. Mesorregião Sul Goiano 2003 - 2010.....	198
Tabela 24: Número de Trabalhadores por Ocupações Profissionais nos Subsetores da área da Indústria. Mesorregião Sul Goiano (2000)	198
Tabela 25: Número de Trabalhadores por Ocupações Profissionais nos Subsetores da área da Indústria. Mesorregião Sul Goiano (2005)	199
Tabela 26: Número de Trabalhadores por Ocupações Profissionais nos Subsetores da área da Indústria. Mesorregião Sul Goiano (2010).	199
Tabela 27: Evolução no Número de Trabalhadores no Subsetor de Comércio e Administração de Imóveis, Valores Mobiliários e Serviços Técnicos. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.....	200
Tabela 28: Evolução no Número de Trabalhadores das Ocupações da área de informática. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.	200
Tabela 29: Evolução no Número de Trabalhadores das Ocupações da área de informática. Mesorregião Sul Goiano 2003 - 2010.....	200
Tabela 30: Número de Trabalhadores por Ocupações Profissionais da Área de Informática, no Subsetor de Comércio e Administração de Imóveis. Mesorregião Sul Goiano (2000).....	201
Tabela 31: Número de Trabalhadores por Ocupações Profissionais da Área de Informática, no Subsetor de Comércio e Administração de Imóveis. Mesorregião Sul Goiano (2005).....	201
Tabela 32: Número de Trabalhadores por Ocupações Profissionais da Área de Informática, no Subsetor de Comércio e Administração de Imóveis. Mesorregião Sul Goiano (2010).....	202
Tabela 33: Evolução das exportações por fator agregado: 1999-2006	205
Tabela 34: Padrão das exportações por fator agregado: 1995-2006 (%)	205
Tabela 35: Padrão das exportações segundo grupos de produtos: 1999-2006.....	206
Tabela 36: Padrão das exportações segundo intensidade tecnológica dos produtos: 1999-2006	207

Parte I

1. Considerações Iniciais

O Observatório Nacional da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica - Núcleo Centro-Oeste foi criado com o objetivo de subsidiar a elaboração de políticas públicas da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC/MEC) e o planejamento e inserção regional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Nessa direção, visa proporcionar uma grade de referências para que sejam repensadas as modalidades de ensino da Educação Profissional, Científica e Tecnológica e os cursos oferecidos, estabelecendo uma sintonia entre as referidas modalidades de ensino/cursos oferecidos e as demandas locais e regionais, bem como concorrer para o desenvolvimento de Políticas, Programas e Projetos de extensão e de pesquisa por parte das instituições da Rede.

Assim, a SETEC/MEC definiu como projeto estratégico para atuação dos Observatórios uma metodologia de pesquisa, tendo em vista analisar a oferta de Educação Profissional, Científica e Tecnológica em face das demandas sociais e da dinâmica do mercado de trabalho nas mesorregiões dos Estados das regiões em que os Núcleos se fazem presentes. Os Boletins Técnicos de cada Núcleo, por sua vez, comporão um conjunto de dados, indicadores e análises sobre a adequação entre as referidas oferta e demandas, subsidiando análises nacionais sobre esta adequação.

Tendo em vista este compromisso, o Observatório Nacional da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica - Região Centro-Oeste, busca compreender o caráter e a natureza da reestruturação produtiva em curso no País, e as mudanças no perfil das ocupações profissionais, analisando a oferta de Educação Profissional, Científica e Tecnológica em face da nova dinâmica do mercado de trabalho e seus impactos sociais e profissionais nas mesorregiões que compõem os Estados da Região Centro-Oeste, proporcionando a adequação da Educação Profissional, Científica e Tecnológica (EPCT) às demandas da sociedade, do mercado de trabalho e dos grandes setores e Subsetores de atividade econômica.

O estudo atende a imperativos institucionais, mas pode abrir perspectivas de investigação para os estudiosos e pesquisadores da Educação Profissional, Científica e Tecnológica e do mundo do trabalho, a exemplo do impacto que essas transformações acarretaram nas relações de poder no âmbito das empresas, ou mesmo na organização sindical dos trabalhadores.

2. Objetivos

- Proporcionar subsídios para o planejamento e elaboração de políticas da SETEC/MEC;
- Proporcionar subsídios para que as instituições da Rede possam planejar/organizar suas modalidades de ensino/cursos em sintonia com a realidade local e regional;
- Proporcionar informações, dados e análises que subsidiem Políticas, Programas e Projetos de pesquisa e de extensão nas instituições da Rede;
- Analisar a evolução do perfil do emprego formal por Grandes Setores, por Setores e por Subsetores de atividade econômica nas mesorregiões dos Estados da Região Centro-Oeste;

- Analisar a evolução do perfil do trabalho (escolaridade, faixa salarial, gênero, faixa etária) nos principais Subsetores de atividade econômica nas mesorregiões da Região Centro-Oeste;
- Analisar a evolução do perfil do emprego formal por ocupações profissionais nas mesorregiões dos Estados da Região Centro-Oeste;
- Analisar a evolução da oferta de vagas e de matrículas em Cursos Técnicos, Tecnológicos, Bacharelados e Licenciaturas nas mesorregiões dos Estados da Região Centro-Oeste.
- Interligar as análises dos dados referentes aos setores de atividade econômica, dos dados referentes às ocupações profissionais e dos dados referentes à educação profissional e tecnológica, tendo em vista alcançar a adequação entre a oferta de Educação Profissional e Tecnológica e as demandas da sociedade e do mercado de trabalho, nas Mesorregiões, nas Microrregiões e nos Municípios e suas regiões de influência imediata em que se encontram instalados os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.

3. Metodologia

Os Boletins Técnicos serão acumulativos nos estudos das mesorregiões, ficando a critério de cada Núcleo do Observatório a escolha da quantidade de mesorregiões a serem analisadas por Boletim. A proposta do Observatório da Região Centro-Oeste é priorizar os estudos das mesorregiões que compõem o Estado de Goiás.

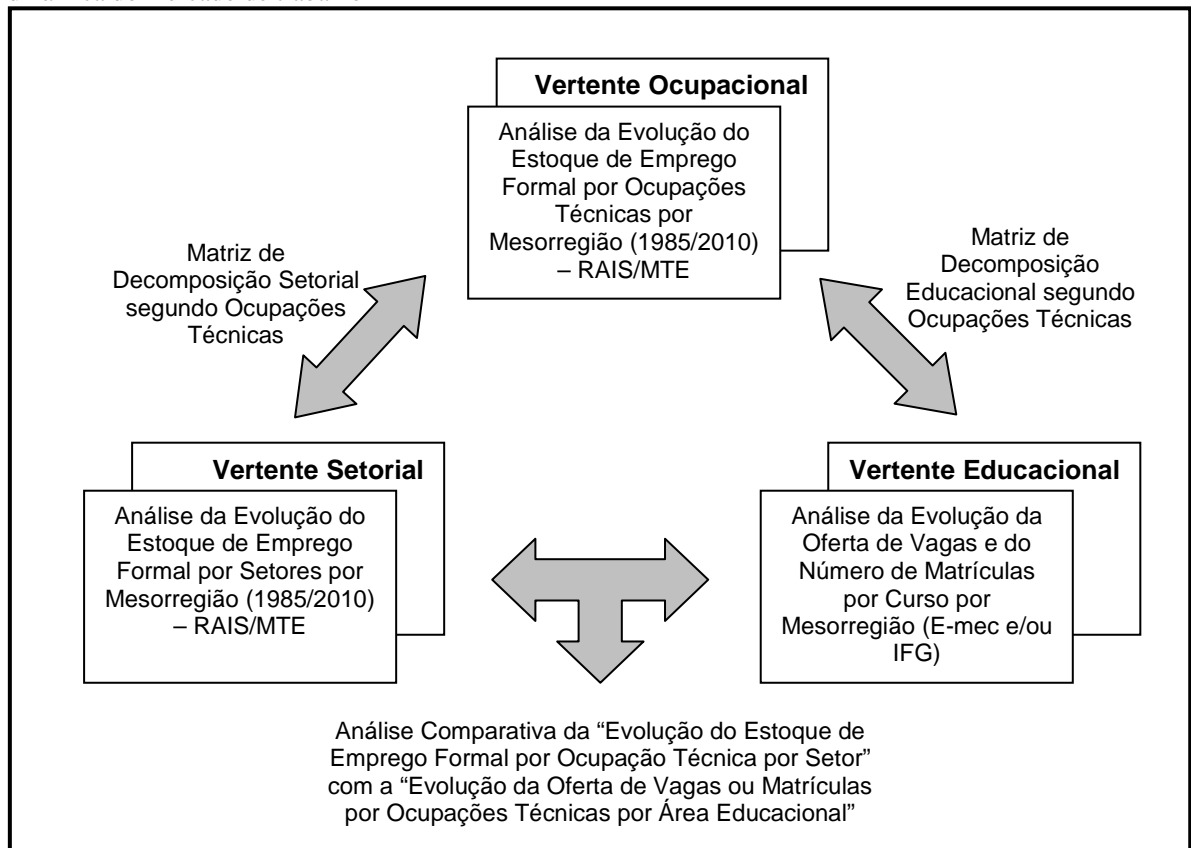
Os Boletins Técnicos do Núcleo Centro-Oeste, tem como finalidade analisar as mesorregiões que sofrem influência das instituições do IFG, tais como: a Mesorregião Centro Goiano, onde estão localizados os *Campi* de Inhumas, de Anápolis, de Goiânia e, futuramente, como extensão do *Campus* de Goiânia, o *Campus* de Aparecida de Goiânia e o *Campus* da Região Noroeste de Goiânia; a Mesorregião Norte Goiano, onde está instalado o *Campus* Uruaçu; a Mesorregião Leste Goiano, onde estão instalados os *campi* de Formosa e de Luziânia e que abrigará o *Campus* Águas Lindas de Goiás; a Mesorregião Sul Goiano, onde estão instalados os *campi* de Itumbiara e de Jataí; e a Mesorregião Noroeste Goiano que abrigará o *Campus* Cidade de Goiás.

A orientação metodológica apoia-se na proposta da equipe do Observatório da Região Sudeste (NETO, 2008, p. 98-116). Todavia, foram realizadas adequações e estabelecidas novas demandas de acordo com a realidade das mesorregiões da Região Centro-Oeste e atendendo solicitações apresentadas pela Reitoria do IFG.

A metodologia se distribui em quatro etapas, a saber: análise da Vertente Setorial; análise da Vertente Ocupacional; análise da Vertente Educacional e, por fim, a complementação/confrontação de dados e informações envolvendo as três Vertentes.

Encontra-se, a seguir, a representação gráfica da metodologia proposta pela equipe do Observatório da Região Sudeste. Procedimentos diferenciados daqueles previstos pela metodologia, adotados pelo Observatório da Região Centro-Oeste, serão apresentados na forma de notas ao longo do Boletim Técnico.

Figura 1 Metodologia para a análise da adequação da oferta de Educação Profissional e Tecnológica à nova dinâmica do mercado de trabalho



3.1. Vertente Setorial

A vertente setorial consiste na análise quinquenal, de 1985 a 2010, da evolução do perfil do emprego formal por grandes setores e Subsetores de atividade econômica, nas mesorregiões do Estado de Goiás, tendo como fontes básicas de dados a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), a Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento (SEPLAN) do Estado de Goiás, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e as entidades que acompanham o mundo e o mercado de trabalho (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - DIEESE, Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar – DIAP, etc.), bem como de estudos/pesquisas qualitativas presentes em diversas instituições.

A perspectiva é identificar os principais Subsetores de atividade econômica em termos da distribuição do grau de escolaridade, de faixa salarial, de gênero e de faixa etária dos trabalhadores¹.

¹ A proposta metodológica elaborada pelo Observatório da Região Sudeste, e adotada como referência básica pela Coordenação Nacional, contempla informações referentes apenas ao grau de escolaridade e ao grau de remuneração dos trabalhadores, por setores e Subsetores. Todavia, o Observatório da Região Centro-Oeste ampliou a proposta, inserindo informações, como gênero e faixa etária dos trabalhadores, visto que contemplar, por exemplo, o aspecto “faixa etária” é uma das referências fundamentais para definir aspectos como a identificação da população alvo para o oferecimento de modalidades de ensino, a exemplo da FIC, de EJA, ou mesmo da identificação de estoques de empregos que se abrirão em face de aposentadorias e mortalidade relacionados à presença de trabalhadores de faixas etárias avançadas em determinadas ocupações profissionais.

3.2. Vertente Ocupacional

A vertente ocupacional consiste na análise da evolução do perfil do emprego formal por ocupações profissionais extraídas da Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), nas mesorregiões do Estado de Goiás, tendo como fonte básica de dados a RAIS/MTE.

A perspectiva é identificar as principais ocupações profissionais que possuem interface com as modalidades de ensino/cursos oferecidos pelas instituições da Rede, presente em cada Mesorregião, agrupadas por áreas (ou famílias)² ocupacionais³; identificar ocupações profissionais que se encontram em expansão e que estejam demandando formação técnica e tecnológica; e conduzir a análise da evolução de escolaridade, de faixa salarial, de gênero e de faixa etária dos trabalhadores dessas ocupações.

Saliente-se que a CBO teve o seu método de classificação das ocupações profissionais modificado a partir do ano 2002, o que determinou o aparecimento e/ou desaparecimento de certas ocupações em seu âmbito. Portanto, essa etapa consiste na análise das ocupações profissionais presentes no período de 1985 a 2000, e no período de 2003 a 2010.

3.3. Vertente Educacional

A vertente educacional consiste no levantamento dos Cursos Técnicos e Tecnológicos oferecidos por instituições públicas e privadas de Educação Profissional e Tecnológica, bem como na análise do número de vagas, do número de inscritos, do número de ingressantes, do número de matrículas e do número de concluintes das instituições da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica presentes nas mesorregiões do Estado de Goiás. Salienta-se que a análise priorizará, neste atual estágio dos estudos, as instituições que compõem a referida Rede. Nestas instituições, especificamente, os dados serão coletados por meio dos registros acadêmicos das mesmas⁴.

3.4. Confrontação das Três Vertentes

Buscar-se-á, nessa etapa da metodologia, confrontar a vertente ocupacional com a vertente setorial⁵, de modo a avaliar a participação de cada ocupação profissional nos principais setores de atividade econômica; confrontar a vertente ocupacional com a vertente educacional, objetivando interligar a dinâmica das ocupações profissionais com a oferta de

² As famílias ocupacionais do presente Boletim Técnico foram selecionadas em sintonia com os cursos abrigados nos departamentos/ coordenações de cursos oferecidos pelo IFG, sob a indicação dessas instâncias acadêmicas.

³ Até o presente momento, as análises referentes à vertente ocupacional concentrar-se-ão na análise das ocupações profissionais das áreas de construção civil, informática, mecânica e eletrotécnica, sendo que futuramente serão agregadas informações de outras áreas.

⁴ Diferentemente da metodologia do Observatório da Região Sudeste, que focou apenas os cursos técnicos, foram incorporados na análise os cursos tecnológicos e bacharelados, bem como foram coletados dados referentes à oferta de cursos técnicos, tecnológicos e bacharelados em outras instituições de ensino público e privado. Esta opção decorreu da solicitação da Pró-Reitoria de Ensino e dos departamentos/coordenações do IFG, em face do processo de retomada da criação dos cursos técnicos integrados, e da criação de novos cursos tecnológicos e de bacharelado e dos processos de avaliação dos cursos tecnológicos conduzidos pelo MEC, atualmente em curso na Instituição.

⁵ Até o presente momento, o confronto das três vertentes concentrar-se-á nas áreas de construção civil, informática, mecânica e eletrotécnica, sendo que futuramente serão agregadas informações de outras áreas.

Educação Profissional e Tecnológica; e confrontar a vertente educacional com a vertente setorial, de modo a verificar os setores de atividade econômica que mais demandaram profissionais qualificados.

4. Caracterização Panorâmica da Economia Brasileira Contemporânea

O documento “Consenso de Washington”⁶ norteou a concepção político-econômica mundialmente denominada por “novo modelo econômico”, que se autoproclamava fazer frente à estagnação de países chamados de “países em desenvolvimento”, nos anos 1980 e 1990. No Brasil, a adesão de diversos grupos sociais, como amplos segmentos empresariais, classe média alta e operadores políticos, às idéias do documento, representaram uma mudança na estratégia de desenvolvimento, o que foi determinante na intensidade das transformações que se concentraram nos anos 1990.

Algumas das características mais marcantes do chamado “novo modelo econômico” foram: 1. abertura e liberalização financeira; 2. programa de privatização; 3. desregulamentação da economia; e 4. redefinição do papel do Estado.

É possível estabelecer a hipótese geral de que a mudança estrutural provocada pelas reformas liberalizantes nos anos 1990, no Brasil, gerou: a) impacto positivo sobre a produtividade da economia; b) estrutura e dinâmica de especialização que piorou as condições de equilíbrio externo da economia; c) resultados modestos em termos de crescimento sustentável do país; d) tendência de redistribuição espacial de cadeias produtivas; e e) reconfiguração da indústria de transformação.

4.1. A Economia Brasileira nos anos 1990 e o “Novo Modelo Econômico”

As transformações ocorridas no Brasil, a partir dos anos 1990, foram embasadas teoricamente no documento “Consenso de Washington”. Este documento incorporava: 1. diagnóstico dos problemas que afligiam as economias latino-americanas; e 2. encaminhamentos para a solução desses problemas.

As transformações geraram resultados abaixo das expectativas em termos de crescimento econômico. No Brasil, o PIB, nos anos 1980, apresentou uma média de crescimento de 3%. Nos anos 1990, esta média foi de 1,8%. Mesmo nos primeiros anos dos anos 2000 estas médias também permaneceram baixas.

4.1.1. O Momento Histórico: da Década Perdida à Mudança na Estratégia de Desenvolvimento

No Brasil, entre 1930 e 1970, o crescimento econômico expressivo ocorreu sob o modelo de desenvolvimento econômico nacional-desenvolvimentista, articulado com base em um processo de substituição de exportações. Ao final dos anos 1970, a economia brasileira apresentava-se: 1. com uma estrutura industrial razoavelmente diversificada; 2. distante da fronteira tecnológica alcançada pelos países de desenvolvimento capitalista central, em muitos segmentos; 3. protegida da concorrência internacional; e 4. fortemente regulamentada com

⁶ Documento do economista Jonh Williamson, do *International Institute for Economy*, e que se tornou a política oficial do Fundo Monetário Internacional nos anos 1990, quando passou a ser “receitado” para promover o “ajustamento macroeconômico” dos “países em desenvolvimento” que passavam por dificuldades econômicas.

marcante presença do Estado (assumindo papéis de regulador, de direcionar de investimento e de investigador direto).

O início dos anos 1980, o modelo de desenvolvimento econômico nacional-desenvolvimentista, articulado com base em um processo de substituição de exportações, apresentava-se sob uma crise profunda. Esta crise foi aprofundada por um abrupto corte de fluxo de capitais internacionais, uma reação em consequência da “segunda crise do petróleo” (1979) e da brutal elevação das taxas internacionais de juros, em 1980; e pelo enorme esforço do governo brasileiro de recuperação da conta corrente, mediante estímulo às exportações, redução de investimentos, corte de gastos públicos etc.

As consequências da conjugação do corte de fluxo de capitais e da ação governamental para a recuperação da conta corrente acarretou: a) interrupção do crescimento econômico; b) impacto negativo nas contas públicas; c) crescimento inflacionário decorrente: 1) da deterioração fiscal e externa; e 2) das condições institucionais da economia brasileira, fortemente marcada pela indexação dos preços; e d) fracassos na implementação de diversos planos de estabilização, deterioração da poupança externa e da poupança pública; e redução abrupta na taxa de investimento, como efeito colateral das medidas anteriores.

O Brasil, nos anos 1990, se inseriu em um cenário internacional radicalmente diferente. Foi um cenário marcado por aspectos como intensos fluxos de capitais, de informações e de transformações tecnológicas; nova expansão dos bancos e das corporações industriais internacionais; e processos de abertura, de desregulamentação e de privatização de economias nacionais. O cenário interno do país, por sua vez, foi marcado por uma “compreensão” presente em amplos segmentos empresariais, classe média alta, operadores políticos, complexos de mídia e economistas (de concepção monetarista e nacional-desenvolvimentista conservadora), de que o profundo desequilíbrio macroeconômico e o marco institucional baseado no modelo de desenvolvimento econômico nacional-desenvolvimentista, articulado com base em um processo de substituição de exportações, não propiciariam a “internalização” dessas transformações em curso no cenário internacional, isto é não colocaria o Brasil na rota dos fluxos internacionais de investimento direto estrangeiro (IDE) e de incorporação da revolução tecnológica e científica em curso.

4.1.2. A Base Teórica do “Novo Modelo Econômico”

O denominado “novo modelo econômico” teve como base analítica a teoria econômica tradicional e a compreensão da eficiência intrínseca do mercado, isto é sustentava que a economia alcançaria a sua máxima eficiência quando o mercado funcionasse livre de regulamentação e intervenção direta do Estado. Para esta concepção não existiria nada essencialmente diferente entre os países, que para eles seriam “desenvolvidos” ou “em desenvolvimento”, isto é não se admitia especificidades históricas e contextuais entre os países, de forma que todos tenderiam a conviver com uma dinâmica natural em direção ao “desenvolvimento”, desde que se orientassem por certos parâmetros de política econômica, tidos por eles como sendo “corretos”, a exemplo daqueles apresentados no documento “Consenso de Washington”. Assim, não haveria “países de desenvolvimento capitalista central” e “países de desenvolvimento capitalista periférico”, ou mesmo países “dominantes” e “dominados”, “imperialistas” e “subdesenvolvidos”, mas tão somente “países desenvolvidos” e “países em desenvolvimento” (FRANCO, 1996).

O fundamento desta base analítica é a defesa do sistema de mercado; a eficiência econômica; a restrição do papel do Estado como pré-condição para o bom funcionamento do mercado, com a sua redução a um instrumento para solucionar as chamadas “falhas de

mercado”; e o mercado como o agente do desenvolvimento. É sobre esta base analítica que se apoiava o chamado “Consenso de Washington”, externa e internamente (FRANCO, 1996).

O documento “Consenso de Washington” foi apresentado como tendo os seguintes objetivos gerais: 1. ajustar as economias latino-americanas e; 2. conduzi-las ao crescimento com baixa inflação, equilíbrio no balanço de pagamentos e melhor distribuição de renda. Para tanto, foram pontuados 10 princípios norteadores: disciplina fiscal; prioridades na realização do gasto público (“racionalizando” os gastos com saúde, educação e investimentos em infraestrutura e reduzindo os subsídios econômicos concedidos); reforma tributária (que distorça minimamente o sistema de preços); taxa de juros determinada pelo mercado (preferencialmente com uma taxa real positiva e moderada); taxa de câmbio competitiva (elemento principal de uma economia com “orientação para fora”); política comercial de liberalização das importações; incentivo ao investimento direto estrangeiro (IDE); privatização (que asseguraria maior eficácia da economia em geral como efeito colateral da maior eficiência do setor privado na condução da atividade econômica); desregulamentação da economia; e fortalecimento dos direitos de propriedade.

No Brasil, os alicerces da concepção “novo modelo econômico”, inspirado no “Consenso de Washington”, foram, entre outros aspectos, a estabilidade econômico-monetária, a abertura econômica e a redução/redefinição do papel do Estado por meio de iniciativas como a privatização e a planificação econômica para alocação de capital. A perspectiva seria alcançar crescimento sustentado por meio do aumento de produtividade, da acumulação de capital com eficiência (aumento do produto por unidade de capital viabilizado por meio de investimentos: poupança privada interna e, principalmente, externa) (FRANCO, 1996).

A abertura econômica asseguraria os fluxos comerciais e os fluxos de capitais. Para tanto, a prioridade seria o processo de estabilização econômico-monetária, em grande medida, assegurado pela “âncora cambial”. A adoção da referida “âncora” seria viável enquanto houvesse ‘poupança externa’ (isto é capital financeiro internacional para o financiamento das dívidas públicas interna e externamente) e investimento direto estrangeiro (IDE), pois permitiriam a conformação de grandes reservas em divisas externas.

4.1.3. As reformas econômicas

As transformações no cenário econômico internacional e o desequilíbrio macroeconômico interno, no final dos anos 1980 e nos anos 1990, aprofundaram a “compreensão” das elites políticas e econômicas sobre a necessidade da condução de transformações econômicas.

4.1.3.1. Abertura comercial

O primeiro grande objetivo era implementar a abertura comercial. Atribuía-se a ela a capacidade de desencadear um choque de competitividade na economia (e de eficiência); reduzir vulnerabilidades externas (economias abertas seriam menos vulneráveis a choques externos); e gerar crescimento econômico por meio da diminuição do preço relativo do investimento provocado pelo aumento da importação de bens de capital (que poderia estimular a acumulação de capital). Os Instrumentos para a abertura comercial foram a redução de tarifas médias de importação e a dispersão de tarifas e eliminação das barreiras não tarifárias.

A liberalização comercial teve início ao final dos anos 1980. Em 1988, a redução de tarifas médias foi de 51%. Em 1989, a redução de tarifas médias foi de 35%. A redução das alíquotas tarifárias não ponderadas foi de 33,4%, no período 1988/90. Alcançaram 17,8%, no

período 1991/93. Totalizaram 12,9%, no período 1994/96. Por fim, alcançaram alíquotas tarifárias não ponderadas de 13,9%, no período 1997/98 (CARVALHO, 2007, 38).

Quanto às barreiras não tarifárias, estas foram praticamente eliminadas em 1990. Restava a reserva de informática, eliminada em 1992. Diversos subsídios também foram eliminados no contexto da política de liberação comercial.

Liberalização comercial foi abrupta e intensa, com consequências na estrutura produtiva e nas contas externas, conforme demonstrado na Tabela 1: Tarifas de Importação Brasileiras – 1990/1995.

Tabela 1: Tarifas de importação brasileira - 1990 – 1995

Data	Média	Moda (%)	Mediana (%)	Intervalo	Desvio – padrão
1990	32,2	40	30	0 - 105	19,6
Fev./1991	25,3	20	25	0 - 85	17,4
Jan./1992	21,2	20	20	0 - 65	14,2
Out./1992	16,5	20	20	0 - 55	10,7
Jul./1993	14,9	20	20	0 - 40	8,2
Jan./1995	12,1	14	10	0 - 20	6,1

Fonte: MDIC, 2008.

4.1.3.2. Privatização

No contexto de redução do papel do Estado, assumiram destaques o processo de privatização e o direcionamento dos investimentos pelo mercado. Atribuía-se ao “mercado” o poder de imprimir maior capacidade e maior racionalidade econômica, potencializada por meio da ampliação da iniciativa privada em detrimento do poder público, no próprio “mercado”.

Conforme pode-se observar por meio da Tabela 2, no período Collor/Itamar (1990-1994), 33 empresas foram vendidas, gerando uma receita de US\$ 11,9 bilhões. O destaque destas privatizações foi o setor siderúrgico. No primeiro período FHC (1995-1998) 88 empresas foram vendidas, gerando uma receita de US\$ 73,3 bilhões. Os destaques couberam aos setores de telecomunicações, eletricidade e mineração.

No segundo período FHC (1999-2002), ocorreu a desaceleração das privatizações. Para tanto, concorreram processos como a brutal redução do número de estatais; a carência de regulação do setor de indústria urbana (companhias de eletricidade e de água e saneamento); e a queda da popularidade do Presidente e fragilidade da sua base de sustentação política.

Tabela 2: Privatização - 1991 – 2000

(Em US\$ mil)

Setor	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	Total
Governo Federal	1.988	3.383	4.188	2.314	1.628	4.749	12.558	26.606	554	7.670	65.638
Aço	1.843	1.639	3.788	917	0	0	0	0	0	0	8.187
Petroquímica	0	1.477	174	528	1.226	296	0	0	0	0	3.701
Fertilizantes	0	255	226	13	0	0	0	0	0	0	494
Companhia Vale do Rio Doce	0	0	0	0	0	0	6.858	0	0	0	6.858
Energia Elétrica	0	0	0	0	402	2.943	270	1.882	1	0	5.498
Telecomunicações	0	0	0	0	0	0	4.734	23.948	421	0	29.103
Empresas	0	0	0	0	0	0	0	21.069	293	0	21.362
Concessões	0	0	0	0	0	0	4.734	2.879	128	0	7.741
Bancos	0	0	0	0	0	0	240	0	0	3.604	3.844
Outros	145	12	0	856	0	1.510	456	776	132	4.066	7.953
Estados	0	0	0	0	0	1.770	15.117	10.858	3.887	3.040	34.672
Energia Elétrica	0	0	0	0	0	1.066	13.430	7.817	2.520	1.582	26.415
Telecomunicações	0	0	0	0	0	679	0	1.840	0	0	2.519
Bancos	0	0	0	0	0	0	474	647	148	869	2.138
Outros	0	0	0	0	0	25	1.213	554	1.219	589	3.600
Total	1.988	3.383	4.188	2.314	1.628	6.519	27.675	37.464	4.441	10.710	100.310
Resultados	1.614	2.401	2.627	1.965	1.004	5.485	22.617	30.897	3.203	10.421	82.234
Dívidas transferência	374	982	1.561	349	624	1.034	5.058	6.567	1.238	289	18.076

Fonte: BNDES, 2008.

4.1.3.3. Desregulamentação

No setor interno da economia foi dado início, em março de 1990, ao Programa Federal de Desregulamentação. Por meio deste programa, foram revogados 113.752 decretos presidenciais, dentre 123.370 existentes.

No setor externo da economia foram revogados os monopólios do governo sobre a exportação de café e de açúcar e sobre a importação de trigo, bem como a exigência de licença de importação e de exportação. Neste contexto, foi realizada a liberalização da conta de capital do balanço de pagamentos (1992).

A desregulamentação foi acompanhada por um conjunto de iniciativas na direção do estímulo da concorrência. Assim, em 1994, foi aprovada a lei antimonopólio e anuladas as leis que limitavam a entrada de competidores externos, a exemplo do fim do monopólio do Estado no setor de infraestrutura. Foram anulados os controles de preços em diversos setores não comerciais, a como da aviação comercial, dos portos e das rodovias.

As leis que asseguravam a diferenciação entre empresas nacionais e estrangeiras também foram revogadas, a exemplo da Lei 4.131 de 3 de setembro de 1962, que regulava e disciplinava o acesso de empresas estrangeiras a financiamentos públicos.

Todas estas medidas impulsionavam a ampliação da participação do capital estrangeiro na economia brasileira em termos quantitativos, isto é a sua inserção e/ou a ampliação da sua presença, mas também em termos qualitativos, visto que a desregulamentação e equalização

formal de direitos com o capital nacional (crédício etc.) potencializaria a sua maior composição orgânica de capital, expresso exemplarmente na sua tecnologia superior.

4.1.3.4. Outras reformas

Ocorreram também as reformas do Sistema de Saúde Público, por meio da criação do Sistema Único de Saúde, em 1988 e 1990, e da Previdência, em 1998. A reforma do mercado de trabalho deu seus primeiros passos com os contratos de trabalho por tempo determinado e o banco de horas. Outras reformas não ocorreram como as reformas política, administrativa e tributária.

4.1.3.5. Cenários macroeconômicos das reformas

Os anos 1980 foram profundamente marcados pelo desequilíbrio macroeconômico. Ao longo da década, a média de crescimento do PIB foi de 3%. A participação da indústria no PIB foi de 33,7%, em 1980.

O cenário internacional de crise do final dos anos 1970, com elevação dos preços do petróleo e derivados, das taxas internacionais de juros, e as duas moratórias internacionais dos anos 1980 (México e Brasil), concorreram para a interrupção dos fluxos internacionais de capitais. Neste cenário, cresceram os obstáculos para o refinanciamento dos custos das dívidas públicas interna e externa.

Assim, ocorria a crise fiscal interna e a deterioração do cenário econômico externo. Este contexto afetou a taxa de investimento. Conjugava-se, assim, a deterioração da poupança externa, da poupança pública e o aumento do custo de investimento. Tais processos, segundo alguns autores, eram agravados em suas consequências pela perda de competitividade da indústria, associada a uma economia relativamente fechada (BACHA e BONELLI, apud CARVALHO, 2007).

Os anos 1990 tiveram início em um contexto de exclusão do país do fluxo internacional de capitais em decorrência, de um lado, da crise vivida pelo país, e, de outro, da criação da “imagem” de país não confiável por parte dos credores internacionais. Outro aspecto marcante do período, foi a crise fiscal herdada dos anos 1980, “equacionada” temporariamente com o confisco de poupança efetuada pelo Governo Collor. A inflação permaneceu elevada em termos reais (24,77%, em 1993; 22,41%, em 1995; 9,56%, em 1996) (IPCA – IBGE).

Diversas relações podem ser estabelecidas entre estabilidade econômica e reformas. Para muitos economistas, o ideal seria que o processo de abertura fosse acompanhado pela desvalorização cambial para facilitar o ajuste do setor da economia real (excluído o setor bancário-financeiro) em um cenário de preços rígidos. O que efetivamente ocorreu foi que estabilização esteve acompanhada de um câmbio valorizado. Após adoção do Plano Real, houve profunda apreciação da taxa de câmbio, agravada pela forte entrada de capitais externos. A estabilização econômica e abertura da conta de capital agravaram a questão da apreciação do câmbio.

A apreciação cambial tornou o ajuste mais difícil ao setor produtivo. A perspectiva de apreciação do câmbio levou à adoção de uma taxa de juros elevada, o que prejudicou ainda mais o setor produtivo. Ou seja, a manutenção de uma taxa de câmbio estável foi conseguida por meio de uma política monetária bastante rígida, na qual a taxa de juros nominal chegou a 40%, em agosto de 1998, em um cenário de inflação muito baixa.

De fato, a combinação entre âncora cambial, abertura da conta de capitais e abertura comercial levou vários países da América Latina a crises cambiais. No Brasil, a deterioração da conta corrente (déficit de US\$ 675,8 milhões, em 1993; e de US\$ 30,8 bilhões em, 1996), até 1997, foi sustentada por meio da forte entrada de capitais, em grande medida por meio da privatização e da emissão de títulos das dívidas externa e interna. Após as crises da Ásia (1997) e da Rússia (1998), o capital internacional passou a exigir mais rendimentos para o refinanciamento do déficit em conta corrente. A política de juros altos e a política fiscal relativamente frouxa, tiveram sérias consequências sobre o endividamento público, em especial o interno. (CARVALHO, 2007, p. 43 e 44)

No ano de 1999, precipita a crise cambial, com a consequente desvalorização de 64% do Real num primeiro momento. Ocorreu também um ajuste fiscal, resultado do melhor comportamento do PIB, que parte do déficit de 0,96%, em 1998, para o superávit de 3,47%, em 2000 (CARVALHO, 2007, p. 44).

A partir de então, a política econômica teve como novo tripé: câmbio flutuando; estabelecimento de metas inflacionárias; e criação de metas fiscais. Mesmo em um cenário macroeconômico reconhecidamente mais propício e estável, as reformas não reconduziram o país a uma trajetória de crescimento sustentável.

Tabela 3 Economia Brasileira - Síntese de Indicadores Macroeconômicos - 1946-2002

Variável	(médias anuais por período)											
	1946-1950	1951-1955	1956-1960	1961-1963	1964-1967	1968-1973	1974-1980	1981-1984	1985-1989	1990-1994	1995-1998	1999-2002
Crescimento PIB (% a.a.)	8,1	6,7	8,1	5,2	4,2	11,1	7,1	-0,3	4,3	1,3	2,6	2,1
Inflação (IGP dez. - dez. %a.a.)	11,3	16,6	24,7	59,1	45,5	19,1	51,8	150,3	471,7	1.210,00	9,4	8,8
FCBF⁷ (% PIB preços correntes)	13,4	14,9	16	15,2	15,5	19,5	22,6	21,5	22,5	19,5	19,8	19
Tx. Cresc. export. Bens (US\$ correntes % a.a.)	15,6	1	-2,3	3,5	4,1	24,6	18,3	7,6	4,9	4,8	4,1	4,2
Tx. Cresc. Import. Bens (US\$ correntes % a.a.)	23,9	3,2	3,2	0	2,7	27,5	20,6	-11,8	5,6	12,6	14,9	-4,9
Bal. Comercial (US\$ milhões)	249	121	125	44	412	0	-2.436	5.386	13.543	12.067	-5.598	3.475
Saldo conta corrente (US\$ milhões)	-34	-300	-290	-296	15	-1.198	-8.026	-8.664	-359	-314	-26.439	-20.117
Dívida externa líquida/ Exportação bens	n.d.	0,4	1,9	2,4	2	1,8	2,6	3,6	3,8	3,2	2,8	3,3

Fonte: Apêndice Estatístico. Banco Central do Brasil

4.2. As Consequências das Reformas e a Reestruturação Produtiva

4.2.1. Reestruturação Produtiva

O primeiro reflexo da reestruturação produtiva foi o aumento dos coeficientes do comércio de exportação (exportação/produção) e de importação (importação/consumo).

Em termos setoriais, o impacto foi maior no setor de tecnologia, seguido pelo setor intensivo em capital (plásticos, siderurgia, indústria têxtil, mineral não-metálico, equipamentos eletrônicos, refino de petróleo, indústria de borracha, elementos químicos

⁷ Segundo o Ministério da Fazenda, FCBF é a medida do que se investe na construção civil e em máquinas e equipamentos.

diversos, automóveis, caminhões e ônibus, máquinas e equipamentos etc.), visto que conviveram com grande penetração de importações tecnológicas. Nos setores intensivos em trabalho (material elétrico, peças e outros veículos, farmacêutica, vestuário, outros metalúrgicos, celulose, papel e gráfica, madeira e mobiliário e diversos) e em recursos naturais (laticínios, beneficiamento de produtos vegetais, elementos químicos, outros produtos alimentícios, fabricação de óleos vegetais, abate de animais, café e fabricação de açúcar) o impacto das importações foi mais suave.

Tanto em termos de importação, quanto de exportação, o coeficiente de abertura foi maior no setor de tecnologia, quando comparado aos demais. Isto se deve à presença do comércio intra-indústria transnacional e não inter-indústria. No setor intensivos em capital, o coeficiente de abertura também foi grande.

O problema crucial é que tal aumento ocorre mais nas importações do que nas exportações. No setor de tecnologia, entre os anos de 1989 e 1998, o coeficiente de importação aumentou de 6,9% para 32,1%, enquanto o coeficiente de exportação aumentou de 9,3% para 23,2%, ou seja, o país deixou de ser exportador líquido para ser importador líquido.

Apenas um Subsetor intensivo em tecnologia apresentou equilíbrio nos coeficientes de importação e de exportação: o de aviões. Todavia, os desdobramentos dos seus resultados, em termos dos segmentos industriais intensivos em tecnologia e em capital, são pequenos, visto que a importação de turbinas e de comandos digitais, por exemplo, anulam o que poderia representar efeitos virtuosos sobre os referidos segmentos.

Conclui-se, primeiramente, que em termos de participação no comércio internacional, ocorreu uma especialização no setor intensivo em recursos naturais em detrimento dos setores intensivos em tecnologia e capital. Outro aspecto é que, mesmo dentro dos setores intensivos em capital e tecnologia, ocorreu uma especialização em bens de menor conteúdo tecnológico.

O país se especializou em setores nos quais tinha maiores vantagens comparativas, bem como aumentou a eficiência nos mesmos. Todavia, com consequência negativa na geração e na difusão do progresso tecnológico nos diversos setores. Esta especialização acarretou consequências negativas sobre a relação das elasticidades-renda de exportação e de importação e, como seu desdobramento, sobre o equilíbrio do balanço de pagamento e o sobre crescimento.

Os setores mais dinâmicos, em termos de aumento da demanda interna, foram os de tecnologia e de recursos naturais. No setor de tecnologia, o seu setor externo atendeu cerca de 73% desse aumento de demanda interna, mas ainda permitiu um crescimento da participação do setor interno deste setor. No setor de recursos naturais, o seu setor externo contribuiu positivamente, fazendo com que a participação da indústria aumentasse mais do que o aumento da demanda. No setor intensivo em mão de obra e em capital, ocorreu uma queda na participação setorial, liderada pela queda de demanda interna.

Novamente nota-se que, no período, ocorreu uma tendência de especialização do país nos setores de intensivo em recursos naturais e de perda de participação no mercado interno nos setores intensivo em tecnologia e em capital.

4.2.2. Propriedade do capital

A privatização das empresas estatais e a desregulamentação da economia acarretaram consequências profundas quanto à reconfiguração da propriedade do capital. A privatização viabilizou a penetração do capital transnacional em novos setores de atividade econômica, bem como ampliou a sua participação em outros setores. A desregulamentação da economia, por sua vez, proporcionou um tratamento isonômico entre os capitais internacionais e

nacionais em termos de acesso a crédito dos bancos públicos, liberdade de atuação em setores que no passado estavam sob monopólio do Estado ou sob forte regulamentação do Estado, e assim por diante.

Pode-se avaliar a recomposição da propriedade do capital ao se analisar as vendas das 300 maiores empresas, por meio de análise comparada, nos anos de 1991 e de 1999. As empresas estatais participaram de 44,6% das vendas em 1991, regredindo para 24,3% em 1999. As empresas transnacionais, por sua vez, estenderam suas vendas de 14,8% para 36,4%. As empresas privadas nacionais conservaram-se em torno de 39,3%.

Na primeira etapa da privatização das empresas estatais (1988/1996), ocorreu uma transferência de propriedade de capitais estatais para capitais privados nacionais. Na segunda etapa de privatização e a mais ampla (1996/1999), ocorreu uma transferência de propriedade de capitais nacionais para capitais internacionais. Enfim, a privatização transferiu o capital de propriedade do Estado para a propriedade de capitais internacionais.

4.2.3. Produtividade

Ocorreu um aumento de produtividade de forma intensa no setor industrial. Na metodologia que calcula a produtividade parcial (ou do trabalho), que é medida na relação entre produção na indústria de transformação e o número de empregados, a produtividade cresceu muito. Todavia, duas questões devem ser observadas. De um lado, a abertura pressionou os ganhos de capital e, de outro, as tecnologia também pressionaram para os ganhos de capital. Estes aspectos devem ser considerados em face: 1. Das pressões nas contas externas; 2. Da pressão sobre as bases jurídico-políticas nas quais estavam estabelecidas as relações capital/trabalho; e 3. Dos novos métodos de gestão, do desemprego estrutural e subemprego e da intensividade do trabalho.

Na metodologia que calcula a produtividade total de fatores (PTF), entre 1994 e 2000, enquanto o PIB cresceu em uma taxa média de 3%, a taxa média de PTF cresceu de 2,1% para 2,6%. (CARVALHO, 2007, p. 49 e 50)

4.2.4. Contas externas

Não é fácil dissociar os efeitos das reformas dos efeitos da conjuntura econômica (a exemplo da âncora cambial, que vigorou entre 1994 e 1999, e da política monetária restritiva, com base em taxas juros elevadas). O crescimento abrupto das importações e o modesto crescimento das exportações, a partir de 1994, estabeleceram um padrão de cobertura do déficit em conta corrente por meio da liquidez internacional, emitindo títulos da dívida pública interna de curto prazo. Assim, atraía-se o chamado *hot money*.

Com a Crise Russa de agosto de 1998, o déficit não pôde mais ser “administrado” por meio de recursos financeiros internacionais, posto que eles desapareceram. O País foi salvo, em 1999, pelo pacote financeiro internacional de socorro negociado com o FMI.

A partir do final dos anos 1990 e do início do século XXI, esse equilíbrio externo foi alcançado. Primeiramente, por meio de uma elevada taxa de juros, capaz de atrair capitais especulativos internacionais. Mas também, por meio de uma atividade econômica contida, que, se por um lado, tem na taxa de juros elevada um dos seus fatores desencadeadores, por outro, esta taxa modera as importações, não apenas de bens de consumo, mas também de insumos industriais, bens de capital etc. Portanto, a política econômica daquele período, fortemente recessiva, não pode ser compreendida apenas pela explicação convencional, qual seja, o obsessivo combate à inflação pela via da contenção da atividade econômica.

Por fim, a relação estabelecida entre o déficit em conta corrente e o desempenho do PIB não pode ser mantida *'ad eterno'*. Conforme Carvalho (2007, p. 51) “existe um limite de déficit em conta corrente sobre o PIB, ou dívida externa sobre PIB, que deve se manter estável após atingir esse patamar e que reflete a capacidade de pagamento do país.” A partir de certo ponto, os próprios credores internacionais, não acreditando na capacidade de reiterar o “equilíbrio” e de efetuar o pagamento dos custos financeiros deste financiamento, ou de um ataque especulativo desencadeado pela fuga de credores e posicionamento negativo de agências de classificação de risco (ratings), o país pode entrar em solvência financeira.

4.3. O novo modelo e o crescimento sustentável

As reformas provocaram impactos na dinâmica e absorção de inovações tecnológicas e, conseqüentemente, na estrutura produtiva. A privatização, desregulamentação e abertura foram determinantes para a elevação da produtividade e para maior especialização da estrutura industrial. A abertura econômica, em particular, foi determinante para a elevação da produtividade e para a queda de custo do investimento, com impactos ‘positivos’ na acumulação de capital por unidade produzida. Todavia, acumulação de capital não contribuiu para o aumento do produto socialmente produzido. Enfim, a produtividade cresceu em decorrência da diminuição do custo do investimento, mas não gerou uma taxa de crescimento econômico maior no país.

A hipótese central a este respeito, é que o crescimento do país pode ser limitado pelo equilíbrio externo. Assim, a nova configuração tecnológica e o processo de especialização das estruturas produtivas do país, nos setores da indústria de transformação intensivos em recursos naturais, predeterminaram, em grande medida, a sua integração na divisão internacional do trabalho como produtor de commodities de melhor valor agregado, uma espécie de reprimarização econômica, bem como definiram em que nível de crescimento de renda interna se daria o equilíbrio externo.

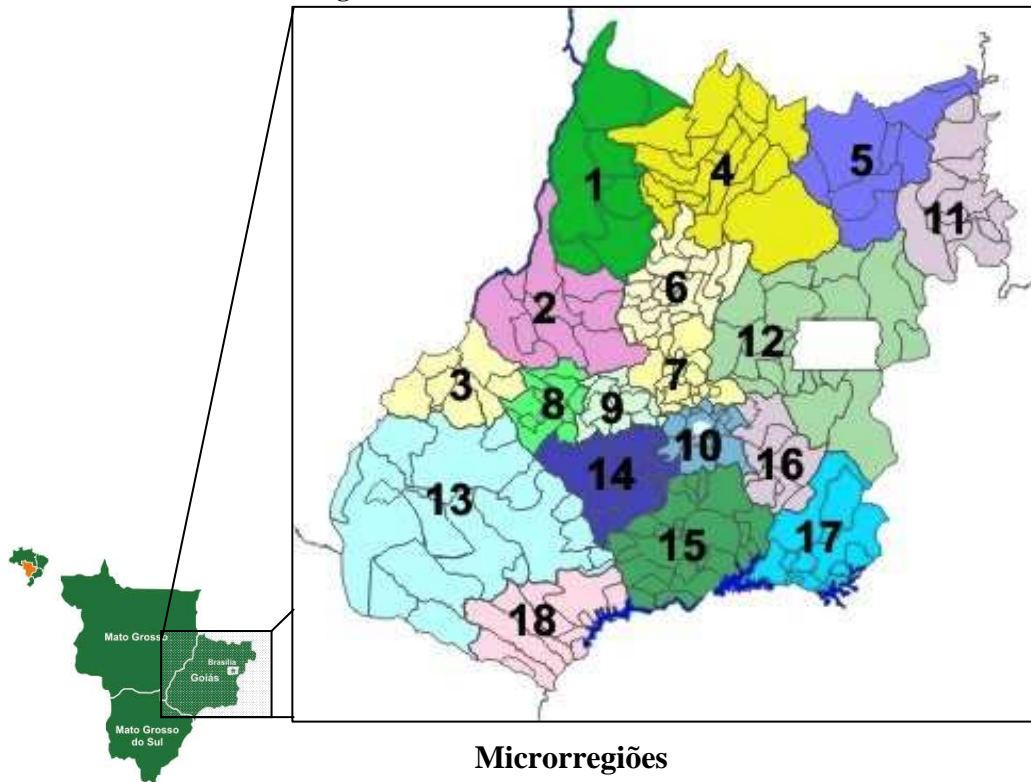
As mudanças na estrutura produtiva acima referida geraram as bases em que se daria o equilíbrio externo, ou seja, com a nova estrutura produtiva o equilíbrio externo foi alcançado com uma taxa de crescimento da renda mais baixa. Tal realidade, que anulou em certa medida os efeitos positivos da elevação de produtividade, ajuda na compreensão dos fatores limitadores das taxas de crescimento da economia brasileira.

5. Caracterização Panorâmica do Estado de Goiás por Mesorregiões

5.1. Aspectos Regionais

O Estado de Goiás está localizado na Região Centro-Oeste do país, possui uma área de 340.086,698 km² e limita-se com os Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Bahia e Tocantins.

Goiás é composto por 246 municípios e, conforme a Figura 5.1 está dividido em 5 (cinco) mesorregiões e em 18 (dezoito) microrregiões, a saber: Mesorregião Leste Goiano, que compreende 32 municípios, é composta pela Microrregião Entorno de Brasília e pela Microrregião Vão do Paranã; Mesorregião Centro Goiano, que compreende 82 municípios, é composta pela Microrregião Anápolis, pela Microrregião Goiânia, pela Microrregião Anicuns, pela Microrregião Ceres e pela Microrregião Iporá; Mesorregião Sul Goiano, que compreende 82 municípios, é composta pela Microrregião Sudoeste de Goiás, pela Microrregião Vale do Rio dos Bois, pela Microrregião Pires do Rio, pela Microrregião Meia Ponte, pela Microrregião Catalão e pela Microrregião Quirinópolis; Mesorregião Noroeste Goiano, que compreende 23 municípios, é composta pela Microrregião São Miguel do Araguaia, pela Microrregião Rio Vermelho e pela Microrregião Aragarças; e Mesorregião Norte Goiano, que compreende 27 municípios, é composta pela Microrregião Porangatu e pela Microrregião Chapada dos Veadeiros.

Figura 2 Divisão Territorial do Estado de Goiás

- 1 - São Miguel do Araguaia**
- 2 - Rio Vermelho**
- 3 - Aragarças**
- 4 - Porangatu**
- 5 - Chapada dos Veadeiros**
- 6 - Ceres**
- 7 - Anápolis**
- 8 - Iporá**
- 9 - Anicuns**

- 10 - Goiânia**
- 11 - Vão do Paranã**
- 12 - Entorno de Brasília**
- 13 - Sudoeste de Goiás**
- 14 - Vale do Rio dos Bois**
- 15 - Meia Ponte**
- 16 - Pires do Rio**
- 17 - Catalão**
- 18 - Quirinópolis**

5.2. Aspectos Demográficos

Goiás possui 42,64% da população da Região Centro-Oeste. Segundo dados da SEPLAN/Goiás, em 2000, o Estado possuía uma população de 5.003.228 habitantes, em 2009 alcançou 5.926.300, apresentando um crescimento de 18,44% e em 2010 alcançou 6.003 788 habitantes.

A Mesorregião Centro Goiano é a que possui o maior número de habitantes, com 50,68% da população do Estado, em 2000, alcançando 51,51% da população do Estado, em 2009, totalizando uma população de 3.052.681, em 2009, obtendo um saldo demográfico de 517.068, o que corresponde a um crescimento de 20,39% entre os referidos anos. Sua demografia é superior à do Estado do Mato Grosso (3.035.122) e à do Estado do Mato Grosso do Sul (2.449.024).

A Mesorregião Sul Goiano é a segunda mais populosa do Estado. Em 2000, alcançou 21,51% da população do Estado e, em 2009, a sua participação regrediu para 20,71%. A sua população cresceu 16% entre 2000 (1.058.208 habitantes) e 2009 (1.227.667 habitantes), com um saldo de 169.459 habitantes.

A Mesorregião Leste Goiano, com uma representatividade demográfica em relação ao Estado de 18,13%, em 2000 e 19,11%, em 2009 foi a que obteve maior crescimento populacional entre estes anos (24,87%). Com 907.168 habitantes em 2000, totalizou uma população de 1.132.782, em 2009, com um aumento de 255.614 habitantes, entre 2000 e 2009.

A Mesorregião Norte Goiano e a Mesorregião Noroeste Goiano conviveram com um pequeno aumento do número de habitantes entre os anos de 2000 e 2009. Aumento de, respectivamente, 7.647 (acrécimo de 2,7%) e 3.284 (acrécimo de 1,49%), conforme podemos observar por meio da Tabela 4.

Um fator que pode ter contribuído para esse processo de estagnação dessa regiões é a migração da população, principalmente jovem, à procura de emprego e de ensino nas mesorregiões mais desenvolvidas socioeconômica e culturalmente, como é o caso da Mesorregião Centro Goiano, onde está localizada a região metropolitana de Goiânia, da Mesorregião Sul Goiano, onde estão as atividades agropecuárias e os complexos agroindustriais mais desenvolvidos do Estado de Goiás, e a mesorregião Leste Goiano, em que se encontra a Microrregião Entorno de Brasília (e o próprio Distrito Federal). A representatividade demográfica da Mesorregião Norte Goiano e da Mesorregião Noroeste Goiano em relação ao Estado de Goiás, no ano 2000, foi de, respectivamente, 5,65% e 4,39% e, em 2009, a representatividade regrediu para 4,89% e 3,76%.

Tabela 4: Demografia das Mesorregiões do Estado de Goiás: 2000 e 2009

Mesorregiões de Goiás	2000	2009	Saldo
Centro Goiano	2.535.613	3.052.681	517.068
Leste Goiano	907.168	1.132.782	225.614
Sul Goiano	1.058.208	1.227.667	169.459
Norte Goiano	282.521	290.168	7.647
Noroeste Goiano	219.718	223.002	3.284
Total (Goiás)	5.003.228	5.926.300	923.072

Fonte: Seplan/Seplan (2010)

5.3. Aspectos Sociais

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Estado de Goiás, que expressa indicadores de educação (alfabetização e taxa de matrícula), longevidade (expectativa de vida ao nascer) e renda (Produto Interno Bruto *per capita*), apresentou um desempenho médio⁸ entre 1991 e 2000, evoluindo de 0.700 para 0.776 no período, chegando a 2007 a 0,824.

O PIB *per capita* do Estado de Goiás no ano 2000 foi R\$ 4.276, aumentando consideravelmente para R\$ 8.992 no ano de 2005 e em 2008 chegou a 12.878,52. Como é sabido, o PIB *per capita* representa indicadores econômicos agregados (produto, renda e despesa) que expressam o perfil da distribuição de renda e, conseqüentemente, tende a refletir na qualidade de vida da população.

No que diz respeito à educação, segundo dados da Seplan/Sepin, de 2005 a 2009 o Estado de Goiás conviveu com uma redução do número de alunos, que passou de 1.617.125 para 1.519.325. Todavia, houve um crescimento no número de escolas e, conseqüentemente, um aumento no número de salas de aulas. Ocorreu, ainda, um aumento do número de alunos de Nível Profissional (Nível Técnico) de 10.281, em 2005, para 15.561, em 2009, e do número de alunos da creche de 30.307, em 2005, para 107.471, em 2009, conforme Tabela 5 a seguir:

Tabela 5: Análise Educacional do Estado de Goiás 2005 e 2009

Análise Educacional	2005	2009
Escolas em atividade	4.643	4.859
Salas de aula	34.662	39.046
Docentes	71.490	63.238
Alunos do ensino fundamental	1.029.132	930.630
Alunos do ensino médio/normal	270.352	265.945
Alunos do ensino especial	8.227	16.963
Alunos da educação de jovens e adultos	140.463	75.612
Alunos do ensino profissional (nível técnico)	10.281	15.561
Alunos da creche	30.307	107.471
Total de alunos	1.617.125	1.519.325

Fonte: Seplan/Sepin (2010)

Os dados demonstram, ainda, a pequena presença do Ensino Profissional (Nível Técnico) no Estado de Goiás, que deve ser objeto de atenção especial do IFG e do IFGoiano em termos de oferta em quantidade e qualidade necessárias, oferta esta que deve focar, além do Ensino Médio Integrado, a sua articulação com a Educação de Jovens e Adultos na forma da Formação Inicial Continuada e de Ensino Médio – Modalidade EJA.

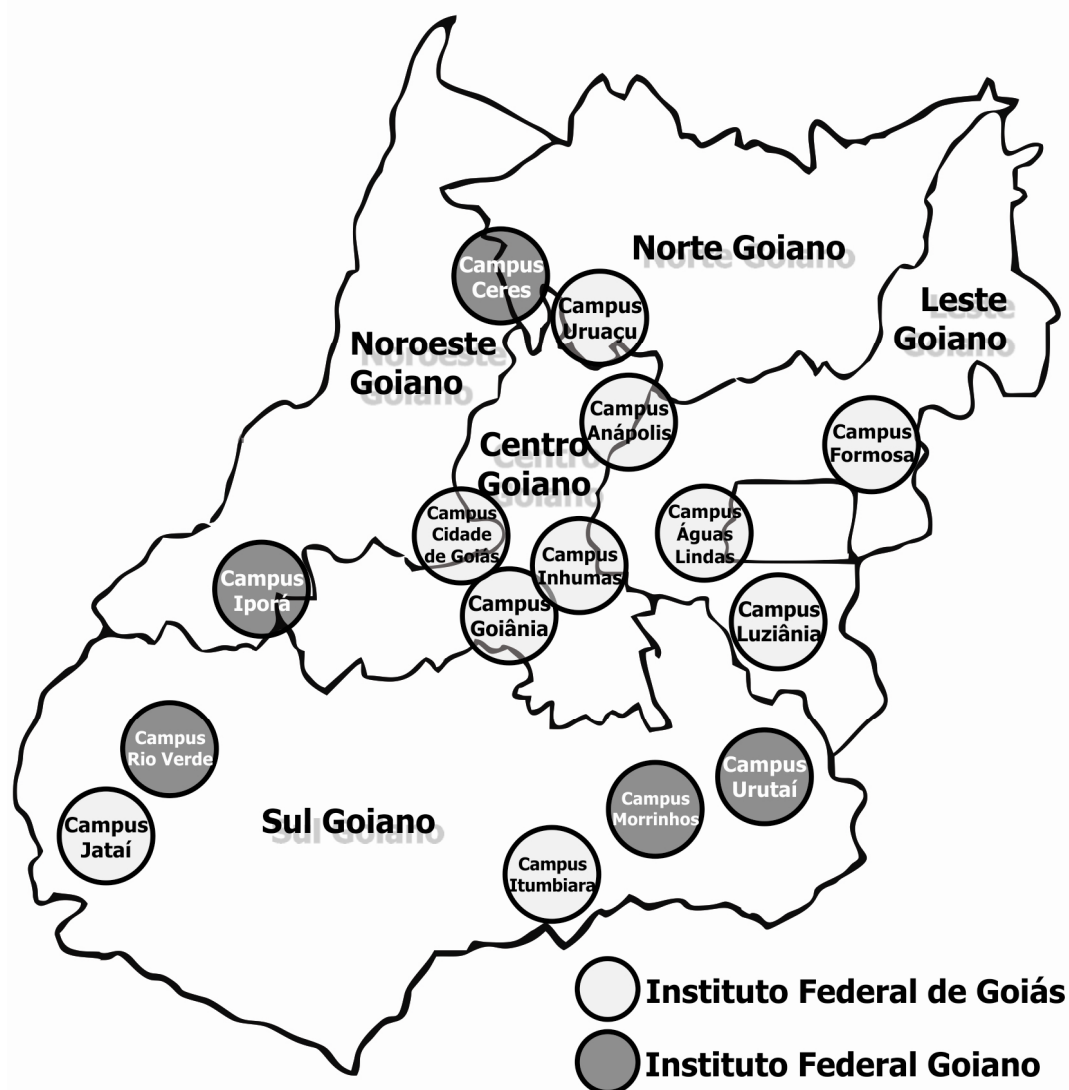
Os dados demonstram que a maior parte absoluta dos alunos do Ensino Fundamental não dá seqüência aos estudos no Ensino Médio/Regular. Aproximadamente 30% dos alunos do Ensino Fundamental prosseguem os estudos no Ensino Médio/Regular, o que evidencia a pouca presença da continuidade regular dos estudos na população jovem. Outro aspecto relevante era a presença significativa de estudantes na

⁸ Segundo a SEPLAN, o IDH pode ser classificado como elevado (superior a 0.800), médio (entre 0.500 e 7.99) e baixo (inferior a 0.500).

modalidade de Educação de Jovens e Adultos no ano de 2005, o que evidenciava, entre outros aspectos, a não-continuidade dos estudos da população ainda jovem e o fenômeno da evasão escolar. Em 2009 esse número continuava significativo apesar da queda expressiva no número total de alunos na EJA.

O Estado de Goiás possui 13 unidades de ensino da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, de acordo com a Fase II do Plano de Expansão, ainda será implantado até 2012 os *campi* de Aparecida de Goiânia, Águas Lindas de Goiás e Cidade de Goiás. Distribuídas conforme a figura a seguir:

Figura 3 Mapa de Distribuição das Instituições da Rede nas Propostas de Expansão I e II



5.4. Aspectos Econômicos

Na Região Centro-Oeste, as Mesorregiões Centro Goiano e Distrito Federal tenderão a polarizar o crescimento econômico. Esse fato decorre de processos como a infraestrutura existente e em construção (ferrovias, rodovias e hidrelétricas etc.), a localização estratégica nacional, o deslocamento de grandes capitais industriais e de serviços para ela e a sua influência política crescente.

No Estado de Goiás, o crescimento econômico se distribui por meio de aglomerações econômicas e atividades produtivas pouco diferenciadas, quando comparado ao dos Estados que compõem a Região Sudeste. Todavia, não se apresenta de forma razoavelmente homogênea nas mesorregiões e nas microrregiões do Estado de Goiás, conforme demonstra o Quadro a seguir.

Quadro 1: Goiás: Aglomerações, Atividades produtivas e Regiões de Localização - 2005

Aglomeração	Atividades produtivas	Principais regiões de localização
Agroindústria	-Indústrias de alimentos; -Fabricação de bebidas; -Abate e processamento de gado, aves e suínos; -Processamento de grãos; -Laticínios.	-Mesorregião Sul Goiano (Microrregiões Sudoeste de Goiás e Meia Ponte); -Mesorregião Centro Goiano (Microrregiões Goiânia e Anápolis); -Mesorregião Leste Goiano (Microrregião Entorno de Brasília).
Indústrias de Base Mineral	-Agregados e artefatos de concreto, cimento, -Fibrocimento e gesso; -Produtos cerâmicos e minerais Não-metálicos; -Mínero-químico.	-Mesorregião Centro Goiano (Microrregiões Goiânia e Anápolis); -Mesorregião Norte Goiano (Microrregião Porangatu); -Mesorregião Sul Goiano (Microrregião Sudoeste de Goiás); -Mesorregião Leste Goiano (Microrregião Entorno de Brasília).
Outros Segmentos Industriais	-Confecções e Têxtil; -Calçados e Artefatos de Couro; -Indústria de Móveis; -Indústria de Produtos de Metal; -Indústria de Produtos Farmacêuticos; -Indústria Química; -Indústria de Artefatos de Plástico.	-Mesorregião Sul Goiano (Microrregião Sudoeste de Goiás); -Mesorregião Leste Goiano (Microrregião Entorno de Brasília); -Mesorregião Centro Goiano (Microrregiões Goiânia, Anápolis e Ceres).
Setor de Serviços	-Turismo; -Informática e Telecomunicação; -Ensino Superior; -Atividade de Atenção à Saúde.	-Mesorregião Centro Goiano (Microrregiões Goiânia e Anápolis); -Mesorregião Sul Goiano (Microrregiões Sudoeste de Goiás e Meia Ponte).

Fonte: Adaptado de CASTRO - 2004

Seplan/Sepin/Gerência de Estatística Socioeconômica - 2007

Agenda Goiás - Encartes 1-10 do Jornal O Popular - 2005

Esta realidade, por um lado, proporciona condições favoráveis no sentido de “focalizar” a oferta de modalidades e de cursos, nos diversos níveis de ensino, de modo a estabelecer uma grande sinergia entre as instituições de ensino e as demandas dos setores produtivos e de serviços já consolidados. Em especial, proporciona plenas condições para que as instituições de ensino, que se organizam mediante estruturas *multicampi*, possam identificar e estabelecer ‘polos de ensino e formação’⁹ nos seus diversos *campi*.

⁹ ‘Polos de ensino e formação’ é o resultado da convergência entre diversas modalidades de ensino e de cursos, bem como a sua articulação com a pesquisa e a extensão, tendo em vista alcançar uma concentração e excelência em áreas de formação profissional e tecnológica. O estabelecimento de ‘polos’ constitui-se, portanto, em uma iniciativa de estruturação da organização e da vida acadêmica da instituição, com o objetivo de moderar dinâmicas que tendem a promover a fragmentação e a dispersão de instituições de ensino organizadas por meio de estruturas *multicampi* e que oferecem uma grande diversidade de níveis e de modalidades de ensino, bem como de cursos.

Por outro lado, gera grande dificuldade no sentido de identificar e estabelecer a oferta de ensino para os setores produtivos e de serviços não consolidados, geralmente formados por micro e pequenos estabelecimentos econômicos urbanos e rurais. Setores estes que, em grande parte, não integram as atividades produtivas dominantes e consolidadas no município, na microrregião ou na mesorregião, e que, por este fato, tenderão a não ser plenamente beneficiados pelos polos de ensino e formação identificados e estabelecidos em cada *campus*.

Enfim, o estabelecimento de uma relação estreita entre as atividades produtivas e de serviços consolidados e dominantes e os polos de ensino e formação, embora uma necessidade, não supre o papel social que a instituição de ensino deve desempenhar na Região Centro-Oeste e no Estado de Goiás, em particular. Isso implica que nem todas as modalidades e cursos oferecidos terão que se situar nos referidos polos e que a instituição deve atuar fortemente no apoio aos arranjos (produtivos, sociais e culturais) locais. Do contrário, a necessária centralidade do ensino e formação mediante a constituição de polos de ensino e formação inviabilizará o papel e função social que a instituição de ensino deve desempenhar, em particular se tratando dos Institutos Federais de Goiás (IFG) e Goiano (IF Goiano).

5.4.1. Evolução do Emprego nos Grandes Setores de Atividade Econômica nas Mesorregiões do Estado de Goiás

Conforme Gráfico 5.1 e Tabela 6, as atividades econômicas abrigadas no Grande Setor Terciário¹⁰, em 2010, foram as que tiveram maior peso no Estado de Goiás em termos de empregabilidade, com 934.152 trabalhadores formalmente empregados, principalmente no Setor de Serviços. Nas 5 (cinco) mesorregiões do Estado, este Grande Setor de atividade econômica predominou na oferta de empregos formais.

As atividades econômicas abrigadas no Grande Setor Secundário, por sua vez, geraram 297.793 empregos formais, com um maior número de trabalhadores no Setor Industrial. O Grande Setor Secundário assumiu maior destaque nas mesorregiões Centro Goiano e Sul Goiano.

Finalmente, as atividades econômicas abrigadas no Grande Setor Primário geraram 81.696 empregos formais no Estado de Goiás, com maior destaque para a Mesorregião Sul Goiano.

A Mesorregião Centro Goiano empregou sob contrato formal de trabalho 876.468 trabalhadores, em 2010. Deste universo, 1,89% foram gerados pelo Grande Setor Primário (16.614 empregos formais). Estes empregos gerados pelo Grande Setor Primário representaram 20,33% dos empregos gerados pelo referido Grande Setor no conjunto do Estado de Goiás.

¹⁰ Para uma melhor compreensão, subdividimos as atividades econômicas por Grandes Setores (Primário, Secundário e Terciário), por Setores (Indústria, Construção Civil, Serviços, Comércio e Agropecuária, Extrativo vegetal, caça e pesca), e por Subsetores (Extrativa mineral; Indústria de produtos minerais não metálicos; Indústria metalúrgica; Indústria mecânica; Indústria do material elétrico e de comunicações; Indústria do material de transporte; Indústria da madeira e do mobiliário; Indústria do papel, papelão, editorial e gráfica; Indústria da borracha, fumo, couros, peles, similares, Indústrias diversas; Indústria Química de produtos farmacêuticos, veterinários, perfumaria; Indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos; Indústria de calçados; Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico; Serviços industriais de utilidade pública; Construção civil; Comércio varejista; Comércio atacadista; Instituições de crédito, seguros e capitalização; Comércio e administração de imóveis, valores Mobiliários, Serviços técnicos; Transportes e comunicações; Serviços de alojamento, alimentação, reparação, manutenção, redação; Serviços médicos, odontológicos e veterinários; Ensino; Administração pública direta e autárquica e Agricultura, silvicultura, criação de animais, extrativismo vegetal).

O Grande Setor Secundário gerou 198.382 empregos formais, em 2010. Estes empregos representaram 22,63% dos empregos formais gerados na Mesorregião. O Grande Setor Secundário na Mesorregião representou 66,61% dos empregos formais no conjunto do Grande Setor Secundário no Estado de Goiás.

O Grande Setor Terciário gerou 661.472 empregos formais na Mesorregião Centro Goiano, em 2010. Estes empregos corresponderam a 75,47% dos empregos gerados no conjunto das atividades econômicas da Mesorregião. O Setor de serviços foi o que assumiu maior destaque, gerando 499.206 empregos formais.

O Grande Setor Terciário na Mesorregião foi responsável por 70,80% dos empregos formais gerados pelo referido Grande Setor no conjunto do Estado de Goiás.

A Mesorregião do Sul Goiano gerou 263.377 empregos formais. O Grande Setor Primário foi o que obteve a maior representatividade, gerando 42.892 empregos formais. Esses empregos gerados nesta Mesorregião equivaleram a 52,50% dos empregos gerados no Grande Setor Primário do Estado de Goiás.

A participação do Grande Setor Primário na totalidade das atividades econômicas na Mesorregião Sul Goiano foi de 16,28%, com destaque para o Subsetor de agricultura, silvicultura, criação de animais, extrativismo vegetal, caça e pesca.

O Grande Setor Secundário ofertou 71.164 empregos formais, em 2010, correspondendo a 27,01% das atividades econômicas presentes na Mesorregião. Este Grande Setor da Mesorregião Sul Goiano representou 23,89% dos empregos formais no conjunto das atividades econômicas do Grande Setor Secundário no Estado de Goiás.

Já o Grande Setor Terciário empregou 149.321 trabalhadores sob contrato formal de trabalho, correspondendo a 56,69% dos empregos formais nas atividades econômicas presentes nesta Mesorregião. Este número de trabalhadores sob contrato formal de trabalho representou 15,98% dos mesmos no conjunto do Grande Setor Terciário do Estado de Goiás.

Dos 107.350 empregos formais gerados na Mesorregião Leste Goiano, cerca de 11,46% corresponderam ao Grande Setor Primário, que gerou 12.306 empregos. Já em relação ao Estado de Goiás, a Mesorregião, no Grande Setor Primário, obteve uma participação de 15,06% dos empregos formais gerados neste Grande Setor.

O Grande Setor Secundário obteve uma representatividade de 13,65% da totalidade das atividades econômicas na Mesorregião Leste Goiano, ofertando 14.662 empregos formais. Os empregos formais gerados no Grande Setor Secundário, na Mesorregião Leste Goiano, representaram 4,92% do total dos empregos formais gerados neste Grande Setor no Estado de Goiás.

O Grande Setor Terciário empregou 80.382 trabalhadores. A sua participação em relação às outras atividades econômicas na Mesorregião Leste Goiano foi de 74,87%.

No conjunto dos empregos formais gerados no Grande Setor Terciário, a participação da Mesorregião Leste Goiano foi de 8,60% em relação às atividades deste Grande Setor no Estado de Goiás.

A Mesorregião Leste Goiano apresenta o Grande Setor Terciário hipertrofiado em relação aos demais grandes setores. Isto se deve à condição de municípios/cidades dormitórios para uma parcela significativa da população residente nos municípios da Microrregião Entorno de Brasília que se emprega no Distrito Federal. Assim, mesmo não ocorrendo um desenvolvimento virtuoso e equilibrado entre os três grandes setores, de forma a criar renda endogenamente, uma renda oriunda dos salários obtidos no Distrito Federal promove o grande crescimento do setor de comércio e, secundariamente, de serviços nesta Mesorregião.

A Mesorregião Norte Goiano totalizou 36.662 empregos formais, em 2010. O seu Grande Setor Primário empregou 3.298 trabalhadores sob contrato formal, o equivalente

a 8,99% dos empregos gerados nesta Mesorregião. Este Grande Setor obteve uma participação de apenas 4,03% no conjunto dos empregos formais gerados no Grande Setor Primário no Estado de Goiás.

O Grande Setor Secundário empregou formalmente 8.056 trabalhadores, correspondendo a 21,97% dos empregos formais das atividades econômicas da Mesorregião. A sua participação no Grande Setor Secundário do Estado de Goiás foi de apenas 2,70%.

Assim como nas demais mesorregiões, o Grande Setor Terciário foi o que mais empregou na Mesorregião Norte Goiano (25.308 empregos formais), principalmente o seu Setor de Serviços. A participação deste Grande Setor no total das atividades econômicas na Mesorregião foi de 69,03%. Todavia, a participação do Grande Setor Terciário no conjunto deste Grande Setor no Estado foi de apenas 2,70%.

A Mesorregião Noroeste Goiano foi a que menos empregou trabalhadores sob contrato formal de trabalho, com 29.784 empregos em 2010. O Grande Setor Primário gerou 6.586 contratos formais de trabalho, correspondendo a 22,11% do conjunto dos empregos formais gerados pela totalidade das atividades econômicas na Mesorregião.

Esses empregos gerados pelo Grande Setor Primário na Mesorregião Noroeste Goiano representaram 8,06% dos empregos gerados pelo referido Grande Setor no conjunto do Estado de Goiás.

O Grande Setor Secundário gerou 5.529 empregos formais, com uma participação de 18,56% do conjunto dos empregos formais gerados pela totalidade das atividades econômicas na Mesorregião. Com relação aos empregos gerados no referido Grande Setor no Estado de Goiás, a participação da Mesorregião neste Grande Setor foi apenas de 1,85%.

Já o Grande Setor Terciário, embora tenha sido o que mais empregou na Mesorregião Noroeste Goiano, com 17.669 trabalhadores, sua participação no conjunto das atividades econômicas no referido Grande Setor no Estado de Goiás correspondeu a apenas 1,89%.

Quanto às Mesorregiões Noroeste Goiano e Norte Goiano, apresentam pequeno desempenho econômico e contratual. O desempenho relativamente elevado em termos de contrato formal de trabalho do Grande Setor Primário na Mesorregião Noroeste Goiano evidencia um processo de modernização das atividades agropecuárias em municípios e/ou microrregiões que a compõem. O desempenho relativamente elevado em termos de contrato formal de trabalho do Grande Setor Terciário na Mesorregião Norte Goiano evidencia a condição de centro de atividades comerciais e de serviços desta Mesorregião para populações do Sul do Estado de Tocantins e do Nordeste do Estado do Mato Grosso.

Os dados referentes ao número de contrato formal de trabalho por grandes setores de atividade econômica do Estado de Goiás proporcionam uma série de evidências. Primeiramente, a condição destacada da Mesorregião Centro Goiano como aquela que concentra a maior população, o maior estoque de empregos formais e o maior desenvolvimento econômico do Estado de Goiás. Ela impõe uma divisão interestadual do trabalho no Estado de Goiás, tendo-a como centro industrial e de serviços e transferindo para as demais mesorregiões a condição de centros agropecuários complementares às suas demandas. Esta divisão interestadual do trabalho comporta, todavia, um acentuado desenvolvimento de atividades agroindustriais e de agricultura moderna na Mesorregião Sul Goiano.

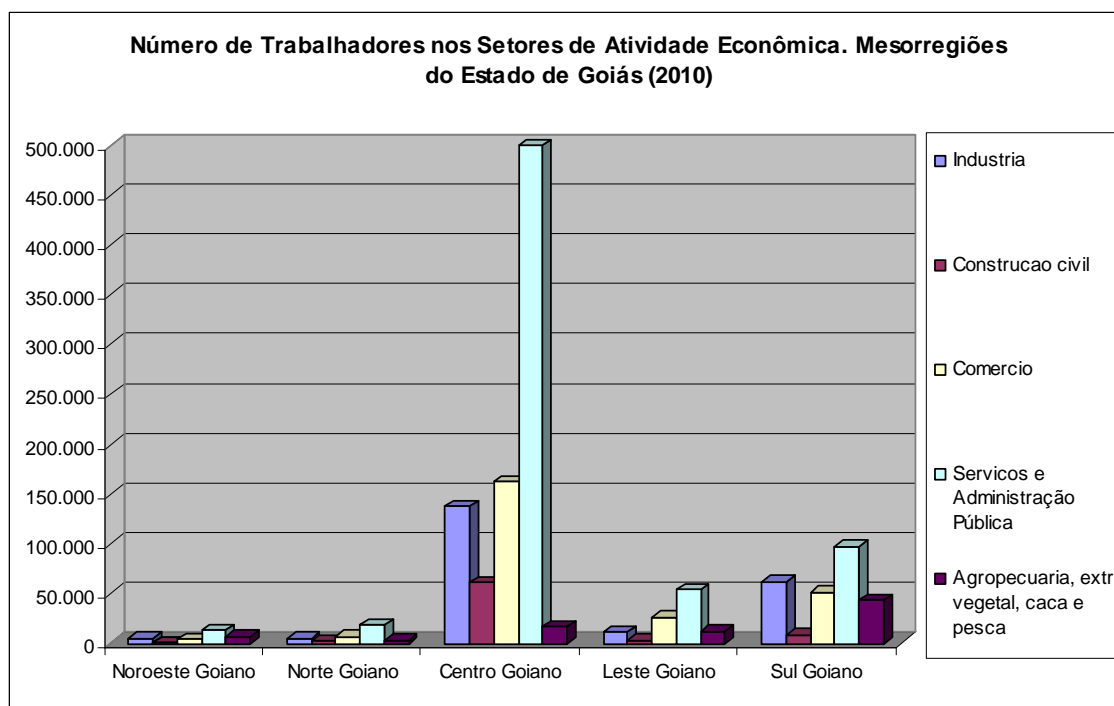


Gráfico 5.1: Número de Trabalhadores nos Setores de Atividade Econômica nas Mesorregiões do Estado de Goiás - 2010.

Fonte: RAIS/MTE (2011).

Tabela 6: Estrutura Setorial do Emprego Formal, segundo os Grandes Setores de Atividade Econômica do IBGE e as Mesorregiões do Estado de Goiás (2010)

Meso	Indústria	Construção Civil	Comércio	Serviços e Administração Pública	Agropecuária, Extr. Veget, Caça e Pesca	Total
Centro Goiano	137.358	61.024	162.266	499.206	16.614	876.468
Centro Goiano (%)	15,6%	6,9%	18,5%	56,9%	1,8%	100,0%
Sul Goiano	62.358	8.806	51.663	97.658	42.892	263.377
Sul Goiano (%)	23,6%	3,3%	19,6%	37%	16,2%	100,0%
Leste Goiano	10.943	3.719	26.151	54.231	12.306	107.350
Leste Goiano (%)	10,1%	3,4%	24,3%	50,5%	11,4%	100,0%
Norte Goiano	5.569	2.487	6.819	18.489	3.298	36.662
Norte Goiano (%)	15,1%	6,7%	18,5%	50,4%	8,9%	100,0%
Noroeste Goiano	5.061	468	4.260	13.409	6.586	29.784
Noroeste Goiano (%)	16,9%	1,5%	14,3%	45,0%	22,1%	100,0%
Estado de Goiás	221.289	76.504	251.159	682.993	81.696	1.313.641
Estado de Goiás (%)	16,8%	5,8%	19,1%	51,9%	6,2%	100,0%

Fonte: RAIS/MTE (2011)

5.4.2. Grau de Escolaridade dos Trabalhadores Sob Contrato Formal de Trabalho nas Mesorregiões do Estado de Goiás

O Gráfico 5.2 e a Tabela 7 ilustram a realidade do Estado no que se refere ao grau de escolaridade, em 2010. Dos 1.313.641 trabalhadores formalmente empregados em Goiás, 6.768 eram analfabetos; 275.801 possuíam o Ensino Fundamental Incompleto; 336.742 possuíam o Ensino Fundamental Completo; 506.885, o Ensino Médio Completo e apenas 187.445 concluíram o Ensino Superior. No conjunto do Estado de Goiás, a maior parte da população empregada formalmente cursou o Ensino Médio (38,58%) e o Ensino Fundamental (25,63%).

Os dados revelam, ainda, uma grande heterogeneidade na distribuição do grau de escolaridade entre as mesorregiões. Enquanto os melhores índices fazem-se presentes nas Mesorregiões Centro Goiano e Sul Goiano, os piores índices estão presentes nas Mesorregiões Noroeste Goiano e Norte Goiano.

Por fim, a análise dos dados deve incorporar uma grande atenção e cuidado. Representam a distribuição do grau de escolaridade dos trabalhadores contratados, o que pode mascarar a situação do grau de escolaridade das mesorregiões, visto que estes também incorporam os trabalhadores que se encontram fora do mercado de trabalho formal.

Na Mesorregião Centro Goiano a maior parte dos trabalhadores possuía, em ordem decrescente, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Esta Mesorregião foi a que obteve o maior número de trabalhadores formalmente empregados com Ensino Superior Completo e a segunda que obteve o maior número de trabalhadores analfabetos formalmente empregados. Todavia, isto não significa uma taxa de analfabetismo maior do que aquelas presentes nas demais mesorregiões, tendo em vista o número de habitantes da Mesorregião Centro Goiano, que é infinitamente superior.

Na Mesorregião Leste Goiano, em 2010, grande parte dos trabalhadores sob contrato formal possuía o Ensino Médio Completo. Esta Mesorregião apresentou uma taxa de 13,49% de trabalhadores a mais que possuíam o Ensino Fundamental Completo quando comparado àqueles que possuíam o Ensino Fundamental Incompleto.

Estes dados mascaram a diferenciação econômica e educacional entre as microrregiões Entorno de Brasília e Vão do Paranã. Esta última, mais distante do Distrito Federal, não polariza investimentos econômicos e programas sociais, sendo profundamente marcada pela informalidade dos estabelecimentos econômicos e da arregimentação da força de trabalho. Os dados da Mesorregião Leste Goiano traduzem, praticamente *in totum*, os dados da Microrregião Entorno de Brasília.

Na Mesorregião Sul Goiano, em 2010, uma parte considerável dos trabalhadores formalmente empregados possuía apenas o Ensino Fundamental Incompleto com 28,03%, seguida pelos que possuíam o Ensino Médio que representa proporcionalmente o maior número de trabalhadores formalmente empregados com 35,75%, seguidos do Ensino Fundamental Completo com 25,80%. . Esta Mesorregião foi a que apresentou proporcionalmente ao seu tamanho o maior número de trabalhadores analfabetos formalmente empregados. Isto se deve ao fato de esta Mesorregião ter atraído, a partir dos anos 1970, populações do agreste nordestino e da zona da mata como trabalhadores bóia-fria empregados no corte de cana-de-açúcar e na colheita de algodão.

Os trabalhadores sob contrato formal de trabalho nas Mesorregiões Norte Goiano e Noroeste Goiano possuíam o mesmo perfil de escolaridade. A maioria possuía, em ordem decrescente o Ensino Médio Completo, o Ensino Fundamental Incompleto e o Ensino Fundamental Completo. A presença de trabalhadores com Ensino Superior foi e é muito pouco expressiva nessas mesorregiões.

Finalmente, deve-se destacar a importância que a Formação Inicial Continuada e o Ensino Médio – EJA podem assumir como modalidades de ensino para trabalhadores que não possuem o Ensino Fundamental Completo ou apenas o Ensino Fundamental Incompleto, respectivamente.

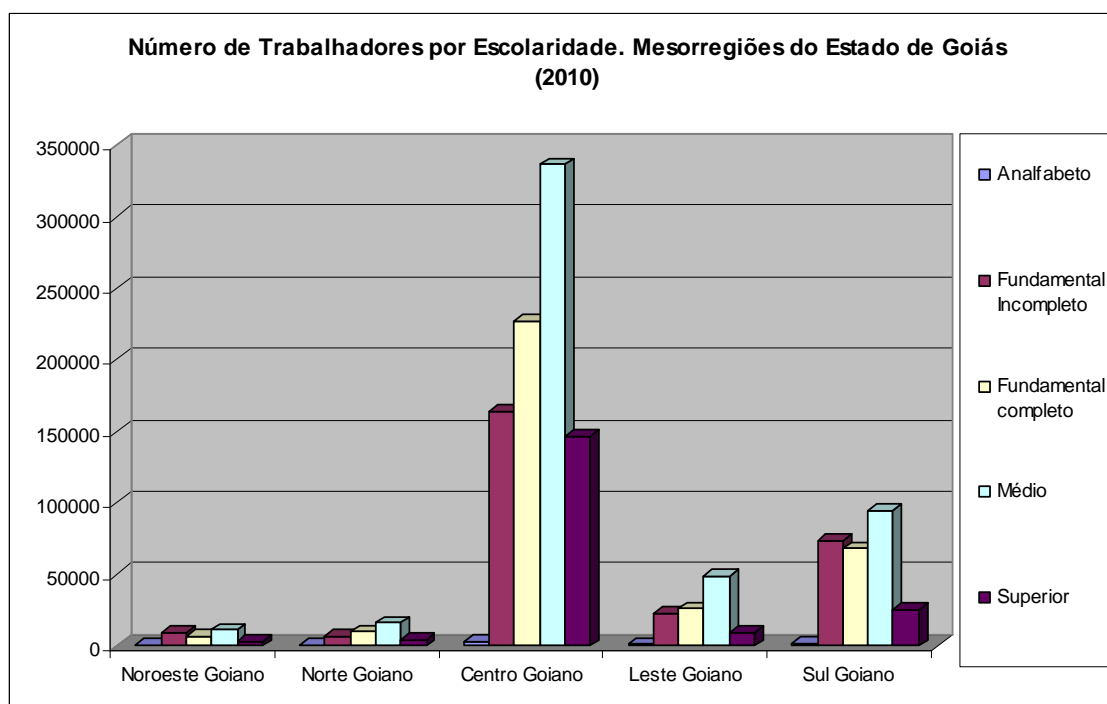


Gráfico 5.2: Número de Trabalhadores por Escolaridade, nas Mesorregiões do Estado de Goiás - 2010.
Fonte: RAIS/MTE (2011).

Tabela 7: Grau de Instrução do Pessoal Ocupado no Setor Formal, segundo as Mesorregiões do Estado de Goiás (2010)

Meso	Analfabeto	Fundamental Incompleto	Fundamental	Médio	Superior	Total
Centro Goiano	3.251	163.535	226.743	336.592	146.347	876.468
Centro Goiano (%)	0,3%	18,6	25,8%	38,4%	16,6	100,0%
Sul Goiano	2.035	73.830	67.969	94.159	25.384	263.377
Sul Goiano (%)	0,7%	28,0%	25,8%	35,7%	9,6	100,0%
Leste Goiano	946	22.398	25.890	49.138	8.978	107.350
Leste Goiano (%)	0,8%	20,8%	24,1%	45,7%	8,3%	100,0%
Norte Goiano	249	6.850	9.589	16.054	3.920	36.662
Norte Goiano (%)	0,6%	18,6%	26,1%	43,7%	10,6%	100,0%
Noroeste Goiano	287	9.188	6.551	10.942	2.816	29.784
Noroeste Goiano (%)	0,9%	30,8%	21,9%	36,7%	9,4%	100,0%
Estado de Goiás	6.768	275.801	336.742	506.885	187.445	1.313.641
Estado de Goiás (%)	0,5%	20,9%	25,6%	38,5%	14,2%	100,0%

Fonte: RAIS/MTE (2011)

5.4.3. Faixa Salarial dos Trabalhadores Sob Contrato Formal de Trabalho, nas Mesorregiões do Estado de Goiás.

No que diz respeito à Faixa Salarial dos trabalhadores¹¹ sob contrato formal de trabalho, em todas as mesorregiões prevalece o rendimento de 1 até 3 salários mínimos. Nas mesorregiões Noroeste Goiano e Norte Goiano esse predomínio é ainda mais absoluto. Todavia, os rendimentos acima de 3 salários mínimos possuem uma presença ínfima.

As remunerações que se encontram entre 3,01 e 5, entre 5,01 e 10 e acima de 10 salários mínimos basicamente assumem expressão nas Mesorregiões Centro Goiano e Sul Goiano, conforme pode ser observado no Gráfico 5.3 e na Tabela 8. Na Mesorregião Leste Goiano, os rendimentos que se encontram entre 1,01 e até 3 salários mínimos também possuem uma importância destacada.

As remunerações de até 1 salário mínimo, entre os trabalhadores sob contrato formal de trabalho, assumem uma importância relativa nas Mesorregiões Centro Goiano e Sul Goiano, que são as mesorregiões mais desenvolvidas do Estado de Goiás. Nas demais mesorregiões, embora esta faixa salarial não assuma uma importância junto aos trabalhadores sob contrato formal de trabalho, ela é amplamente predominante junto às formas não-contratuais de arremuneração da força de trabalho.

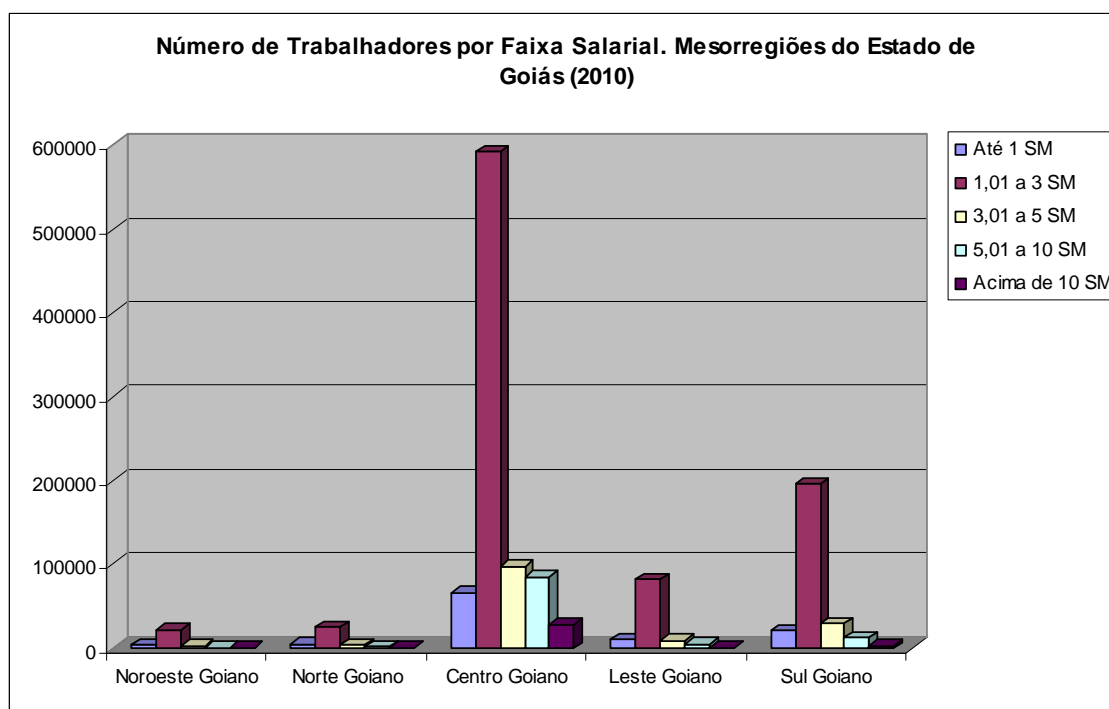


Gráfico 5.3: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial nas Mesorregiões do Estado de Goiás - 2010.
Fonte: RAIS/MTE (2011).

¹¹ Os dados “ignorados” não constam nessa tabela, por isso a soma dos dados pode ser diferente do total.

Tabela 8: Faixa Salarial do Pessoal Ocupado no Setor Formal, segundo as Mesorregiões do Estado de Goiás (2010)

Meso	Até 1 SM	1,01 a 3 SM	3,01 a 5 SM	5,01 a 10 SM	Acima de 10 SM	Total
Centro Goiano	65.891	591.505	98.156	85.210	28.045	876.468
Centro Goiano (%)	7,5%	67,4%	11,1%	9,3%	3,01%	100,0%
Sul Goiano	20.791	196.037	29.282	12.039	3.150	263.377
Sul Goiano (%)	7,8%	74,4%	11,1%	4,5%	1,1%	100,0%
Leste Goiano	10.137	81.874	8.776	4.801	707	107.350
Leste Goiano (%)	9,4%	76,2%	8,1%	4,4%	0,6%	100,0%
Norte Goiano	4.770	25.051	4.297	1.887	482	36.662
Norte Goiano (%)	13,0%	68,3%	11,7%	5,14%	1,3%	100,0%
Noroeste Goiano	3.691	22.082	2.726	938	233	29.784
Noroeste Goiano (%)	12,3%	74,1%	9,1%	3,1%	0,7%	100,0%
Estado de Goiás	105.280	916.549	143.237	104.875	32.617	1.313.641
Estado de Goiás (%)	8,0%	69,7%	10,9%	7,9%	2,4%	100,0%

Fonte: RAIS/MTE (2011)

Parte II

6. A Mesorregião Sul Goiano

A Mesorregião Sul Goiano é composta por oitenta e dois (82) municípios, formada pelas microrregiões Sudoeste de Goiás, Vale do Rio dos Bois, Pires do Rio, Meia Ponte, Catalão e Quirinópolis. Ela possui a segunda maior representatividade econômica, o segundo maior número de habitantes e mantém a vice-liderança em relação ao número de estabelecimentos, e assim por diante.

Sendo assim, faz-se necessária uma análise que vislumbre com mais detalhes a sua realidade, especialmente nas vertentes Setorial, Ocupacional e Educacional.

6.1. Vertente Setorial: Análise da Evolução do Perfil do Emprego Formal por Subsetores de Atividade Econômica na Mesorregião Sul Goiano

A Mesorregião Sul Goiano apresenta como subsectores de atividade econômica que mais empregam trabalhadores sob contrato formal de trabalho a Administração Pública Direta e Autárquica; o Comércio Varejista; a Agricultura, Silvicultura, Criação de Animais e Extrativismo Vegetal; a Indústria de Produtos Alimentícios, Bebidas e Álcool Etílico; os Serviços de Alojamento, Alimentação, Reparação, Manutenção e, por fim, a Indústria Química de Produtos Farmacêuticos, Veterinários, Perfumaria, conforme se pode observar por meio do gráfico 6.1. Entre 1985 e 2010, a participação destes subsectores variou entre 60,7% e 76% em relação aos empregos formais da Mesorregião. Todavia, analisar-se-á a evolução do perfil dos trabalhadores (escolaridade, remuneração, gênero e faixa etária) nos subsectores que, além de terem apresentado crescimento no número de trabalhadores com contrato formal de trabalho, estiverem relacionados às modalidades de ensino/cursos oferecidos pelo IFG *Campus* de Jataí.

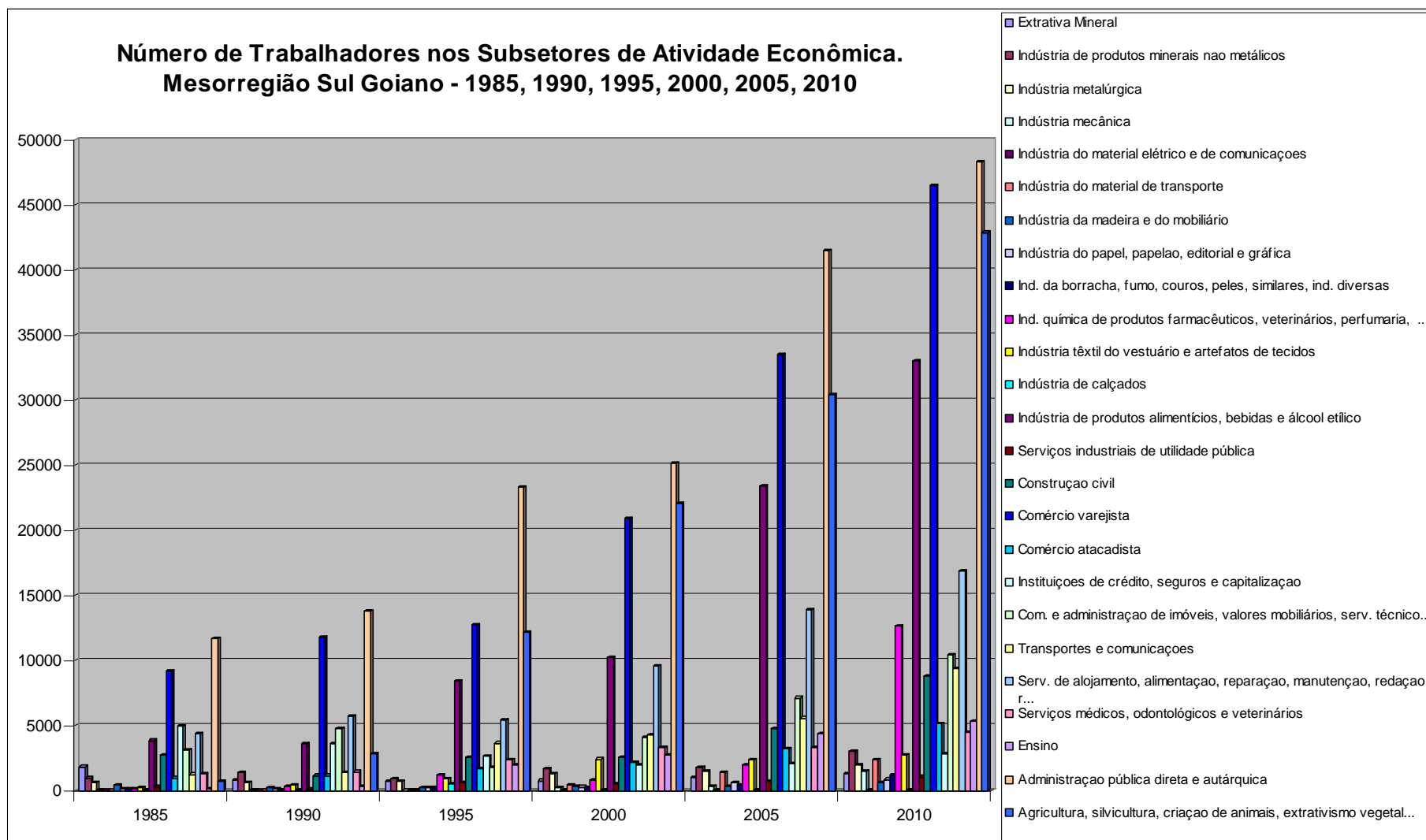


Gráfico 6.1: Número de Trabalhadores nos Subsetores de Atividade Econômica na Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

A análise de desempenho do emprego formal nos principais¹² subsetores de atividade econômica na Mesorregião Sul Goiano, listados no gráfico 6.2, indicou um crescimento acentuado no Subsetor de Agricultura, Silvicultura, Criação de Animais e Extrativismo Vegetal.

A agricultura tem se desenvolvido por diversos fatores, dentre os quais se destacam a migração dos povos sulinos com vocação agrícola para a região em foco, o crescimento das áreas agricultáveis, o aumento do uso da tecnologia no campo, além do aumento dos financiamentos governamentais para esse setor, considerado uma das alavancas das exportações brasileiras. De acordo com Mendonça & Thomaz Júnior¹³ (2004), as políticas governamentais voltadas para o crescimento agrícola nas áreas de Cerrado tinham como objetivo a produção de *commodities* para exportação, com a finalidade de equilibrar a balança comercial brasileira. Esse subsetor tem crescido ano a ano em termos de investimentos, produtividade, número de trabalhadores, número de estabelecimentos, faturamento etc.

No que diz respeito ao número de empregos, o Subsetor cresceu mais de 5.000% entre 1985 e 2010. Em 1985, havia 728 trabalhadores com contrato formal de trabalho neste subsetor, correspondendo a apenas 1,47% do total de empregos da Mesorregião. Em 1995, o número de trabalhadores alcançou 12.198, correspondendo a 14,19% do total de empregos. Em 2010, os empregos formais gerados neste Subsetor representaram 16,28% do total de empregos gerados na Mesorregião, visto que totalizavam 42.892 trabalhadores.

Observa-se um crescimento considerável também no Subsetor de Comércio Varejista, este Subsetor apresentou uma taxa de crescimento superior a 400%, entre 1985 e 2010. Na Mesorregião ele apresentou um crescimento, entre os anos de 1985 e 1990, de aproximadamente 28%. Em 1985, gerou 9.195 empregos formais, em 1990 alcançou 11.782. Permaneceu estável entre 1990 e 1995 e voltou a crescer consideravelmente a partir de 1995, sendo que entre 1995 e 2000 o percentual de crescimento foi de 63,91%. Manteve esse crescimento posteriormente, culminando em 2010 com 46.492 empregos formais, o que representa 17,65% dos empregos da Mesorregião naquele ano.

O Subsetor da Administração Pública Direta e Autárquica manteve-se como o subsetor que mais empregou trabalhadores de modo formal em todo período analisado. Em 1985, em 1995, em 2005 e em 2010 liderou o *ranking* com, respectivamente, 23,66%, 27,15%, 22,32% e 18,33% do número de trabalhadores com contrato formal de trabalho na Mesorregião em estudo.

No período analisado ocorreu aumento do número de trabalhadores no Subsetor de Serviços de Alojamento, Alimentação, Reparação, Manutenção, Redação etc. Todavia, este número permaneceu estável nos dois primeiros quinquênios (1985-1990 e 1990-1995). Em 1985, o Subsetor totalizou 4.390 empregos formais, 5.719 em 1990 e sofreu uma pequena redução em 1995, com 5.459 trabalhadores sob contrato formal de trabalho. Mas, em 2000, apresentou crescimento com 9.582 empregos formais e, em 2010, alcançou 16.877, representando 6,40% do total dos empregos formais na Mesorregião. Possivelmente, o crescimento decorreu de processos como a expansão da atividade turística (turismo de negócios, cultural etc.) e mudanças de hábitos, a exemplo da escolha por recorrer aos restaurantes como alternativa às refeições na própria residência.

¹² Subsetores que tem apresentado crescimento considerável no número de trabalhadores e/ou que estão relacionados com as modalidades de ensino/cursos ofertados pelo IFG *Campus* de Jataí.

¹³ MENDONÇA, Marcelo Rodrigues; THOMAZ Júnior, Antonio. **A modernização da agricultura nas áreas de Cerrado em Goiás (Brasil) e os impactos sobre o trabalho**. Investigaciones Geográficas, Boletín del Instituto de Geografía, UNAM. ISSN 0188-4611, Núm. 55, 2004, p. 97-121

Ocorreu no Subsetor de Indústria de Produtos Alimentícios, Bebidas e Álcool Etilíco um crescimento do número de empregos formais superior a 700%, entre 1985 e 2010. Em 1985 e 1990, este número permaneceu estável, com apenas 3.850 e 3.629 trabalhadores, respectivamente. Em 1995, alcançou 8.443 e em 2000, passou para 10.261. Em 2005, alcançou 23.438. No derradeiro ano da série, 2010, totalizou 33.033 contratos formais, representando 12,54% do total de empregos formais na Mesorregião.

A empregabilidade na Construção Civil cresceu mais de 200% entre 1985 e 2010. Em 1985, o Subsetor empregou 2.755 trabalhadores com contrato formal de trabalho. Em 1995, este número passou para 2.527, alcançando 4.749 em 2005, e sendo responsável, em 2010, por 3,34% (8.806) do total de empregos da Mesorregião.

A Indústria Química de Produtos Farmacêuticos, Veterinários e Perfumaria apresentou uma evolução de mais de 8.000% no número de contratos formais, no período de 1985 a 2010. É importante observar que esta ocupação passou a figurar entre as ocupações com maior número de contratos formais apenas no ano de 2010. Em 1985 havia apenas 153 trabalhadores nesta ocupação. No ano de 1995 houve uma grande evolução no número contratos, somando 1.222, seguida de uma queda no ano 2000, quando contratou 844 trabalhadores. No ano de 2010, porém, a ocupação somou 12.608 contratos formais.

Já o Subsetor de Comércio e Administração de Imóveis, Valores Mobiliários e Serviços Técnicos, obteve um crescimento de mais de 200% durante o período que compreende 1985 e 2010. Ele passou de 3.131 trabalhadores, em 1985, para 10.397 trabalhadores, em 2010. Representou 3,94% do total de empregos gerados na Mesorregião, em 2010.

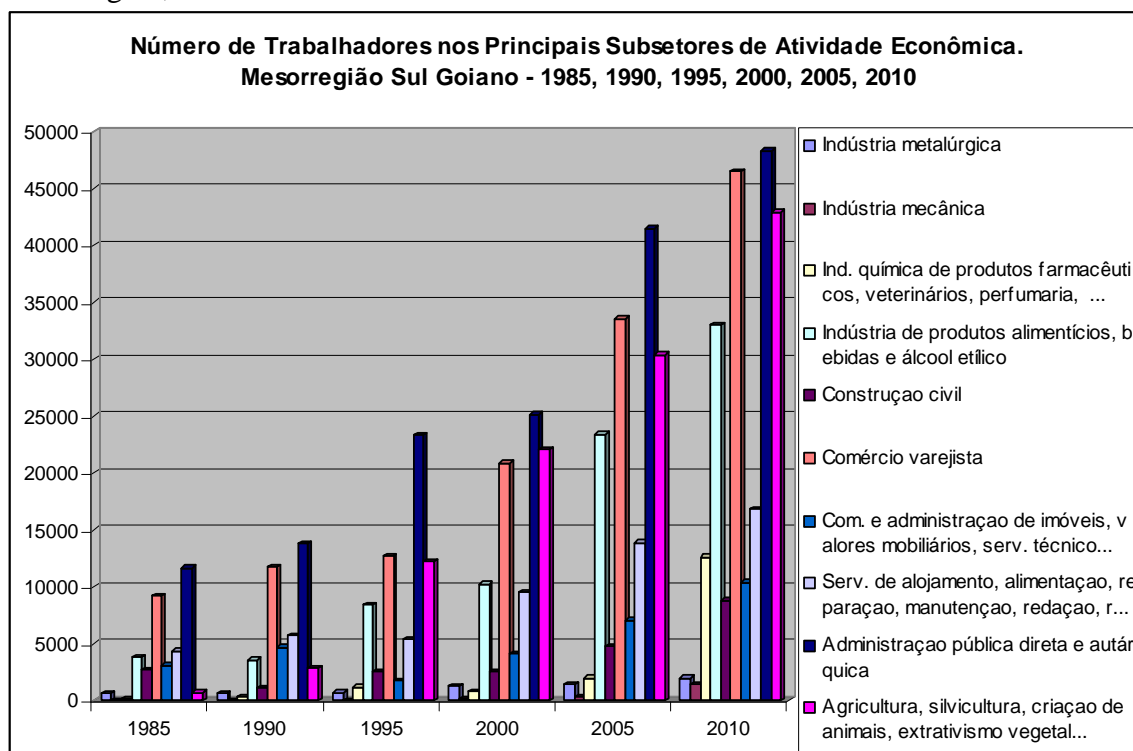


Gráfico 6.2: Número de Trabalhadores nos Principais Subsetores de Atividade Econômica na Mesorregião Sul Goiano - 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

6.1.1 A Microrregião Sudoeste de Goiás

Segundo estimativas do IBGE, a população da Microrregião Sudoeste de Goiás, em 2010, foi de 446.433 habitantes. Possui uma área total de 56.113 km². Ela se distribui em 18 (dezoito) municípios, a saber: Aparecida do Rio Doce, Aporé, Caiapônia, Castelândia, Chapadão do Céu, Doverlândia, Jataí, Maurilândia, Mineiros, Montividiu, Palestina de Goiás, Perolândia, Portelândia, Rio Verde, Santa Helena de Goiás, Santa Rita do Araguaia, Santo Antônio da Barra e Serranópolis.

No que se refere a empregabilidade na Microrregião Sudoeste de Goiás, os subsetores da Administração Pública Direta e Autárquica; o Comércio Varejista; a Agricultura, Silvicultura, Criação de Animais e Extrativismo Vegetal; a Indústria de Produtos Alimentícios, Bebidas e Alcool Etílico; a Indústria Química de Produtos Farmacêuticos, Veterinários e Perfumaria; a Construção Civil; os Serviços de Alojamento, Alimentação, Reparação, Manutenção; e, por fim, o Comércio e Administração de Imóveis, Valores Mobiliários, Serviços Técnicos são alguns dos que mais empregam trabalhadores com contrato formal de trabalho, conforme pode-se verificar por meio do Gráfico 6.3.

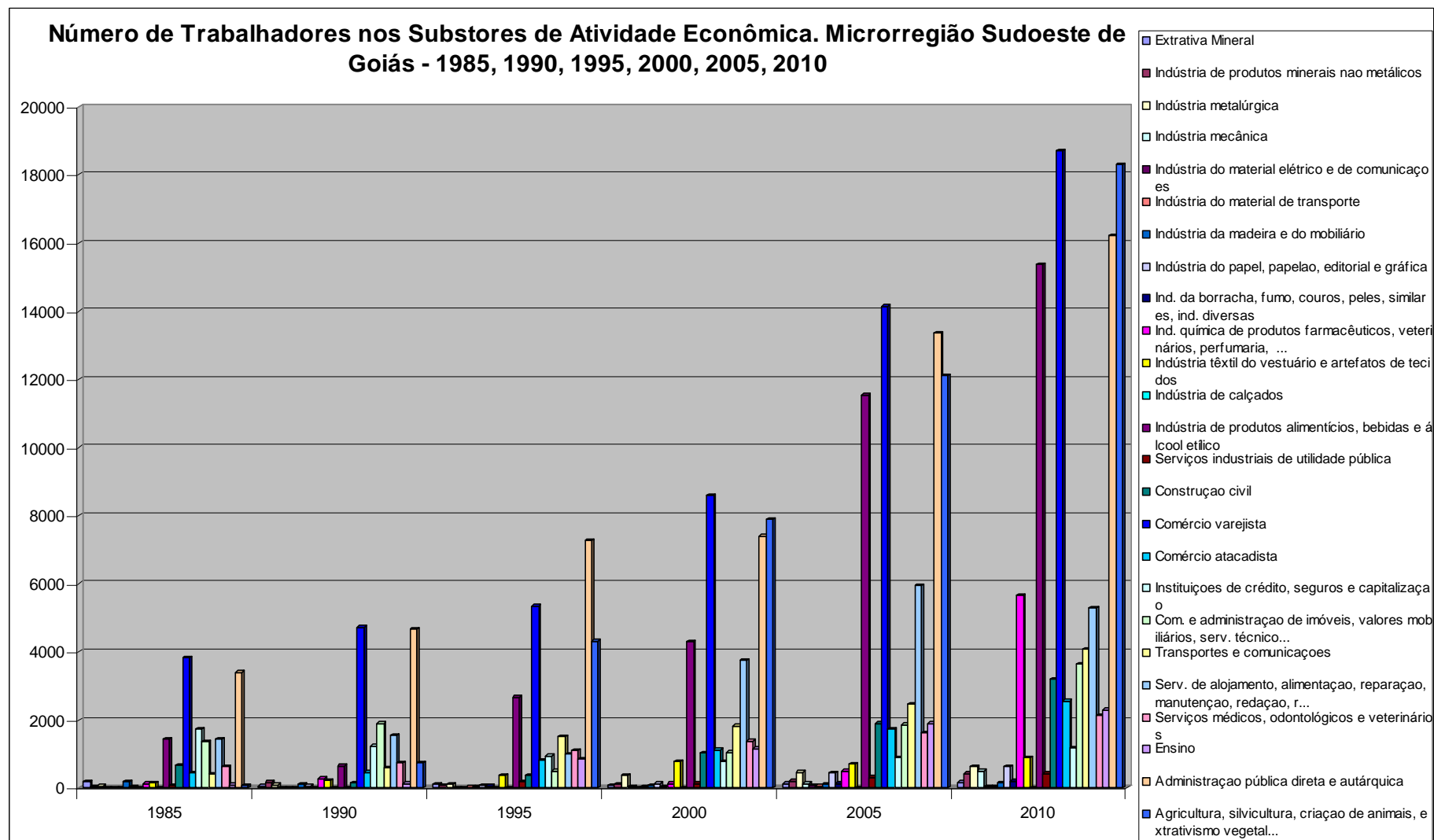


Gráfico 6.3: Número de Trabalhadores nos Subtores de Atividade Econômica na Microrregião Sudoeste de Goiás – 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

O Subsetor da Administração Pública Direta e Autárquica foi um dos que mais cresceram, apresentando uma taxa de crescimento de mais de 350% durante o período analisado. As taxas de crescimento nos quinquênios 1985-1990, 1990-1995, 1995-2000, 2000-2005 e 2005-2010 foram de, respectivamente, 37,07%, 55,65%, 1,80%, 80,42% e 21,44%. Pode-se observar que este Subsetor não cresceu de forma considerável entre 1995 e 2000. Quanto a representatividade em relação a Microrregião, em 2005, representou 18,34% do total de empregos da Microrregião e, em 2010, 15,77%.

O Subsetor de Comércio Varejista obteve um crescimento de quase 400% do número de trabalhadores, entre 1985 e 2010. Em 1985, somavam 3.819 trabalhadores, passando para 4.717 em 1990, 5.343 em 1995, 8.599 em 2000. Alcançou 14.144 empregos em 2005. No último ano da série, 2010, o Subsetor contratou 18.695 trabalhadores, representando 18,18% do total de empregos da Microrregião.

A Indústria de Produtos Alimentícios, Bebidas e Álcool Etílico também apresentou um grande crescimento do número de empregos formais. Somente entre os anos de 1985 e 1995 o número de trabalhadores deste Subsetor decaiu, quando passou de 1.443 para 651 trabalhadores com contrato formal de trabalho. Em 1995 e 2000, gerou, respectivamente, 2.669 e 4.303 empregos formais, apresentando um crescimento de 61,22%. Entre 2000 e 2005, apresentou um crescimento de 168,23%, possivelmente uma consequência do deslocamento de agroindústrias do Centro-Sul do País para o Estado de Goiás. E em 2010 o Subsetor somou 15.372 contratos formais, o equivalente a 14,95% do total da Microrregião.

O Subsetor de Construção Civil da Microrregião Sudoeste de Goiás, embora tenha sido o último entre os oito subsectores que mais empregaram trabalhadores com contrato formal de trabalho (com base nos dados de 2010), visto que este possui um grande número de trabalhadores na informalidade, apresentou um considerável crescimento. Entre 1985 e 1990, empregou, respectivamente, 675 e 147 trabalhadores, apresentando um decréscimo de 21,78%. Em 1995, 2000, 2005 e 2010, obteve, respectivamente, 380, 1.039, 1.896 e 3.199 trabalhadores com contrato formal de trabalho. Apresentou, assim, um crescimento de mais de 350% do número de empregos neste Subsetor, representando 3,11% do total dos empregos gerados na Microrregião, em 2010.

O Subsetor de Agricultura, Silvicultura, Criação de Animais, Extrativismo Vegetal etc., cresceu consideravelmente em termos de empregabilidade. Nos anos de 1985 e 2010, apresentou, respectivamente, 83 e 18.311 contratos formais de trabalho. No último ano, 2010, 17,81% dos empregos da Microrregião foram oferecidos por este Subsetor.

Conforme exposto anteriormente, a agricultura tem se desenvolvido por diversos fatores, dentre os quais se destacam a migração dos povos sulinos com vocação agrícola para a região em foco, o aumento das áreas agricultáveis, do uso da tecnologia no campo, além do aumento dos financiamentos governamentais para esse setor, considerado uma das alavancas das exportações brasileiras. Todavia, nos três últimos quinquênios as taxas de crescimentos foram menores em relação às demais, possivelmente em decorrência de aspectos como os programas de proteção ambiental, visto que é considerada uma região agroecológica.

No Subsetor de Comércio e Administração de Imóveis, Valores Mobiliários, Serviços Técnicos o número de trabalhadores sofreu oscilações. Todavia, apresentou crescimento. Em 1985, somavam 1.360 trabalhadores, passando para 1.895 em 1990, 501 em 1995, 1.050 em 2000, alcançando 1.856 em 2005. E em 2010 o Subsetor contratou 3.630 trabalhadores, o que representou 3,53% do total de empregos da Microrregião naquele ano.

Já o número de trabalhadores do Subsetor de Serviços de Alojamento, Alimentação, Reparação, Manutenção passou de 1.449, em 1985, para 1.560 em 1990. Sofreu uma redução em 1995, passando para 993, mas voltando a crescer em 2000, apresentando 3.742 trabalhadores. Em 2005, alcançou 5.939, e, em 2010, 5.298 contratos formais, representando 5,15% do total de empregos gerados na Microrregião.

A Indústria Química de Produtos Farmacêuticos, por sua vez, apresentou um crescimento de mais de 3.500% no número de contratos formais entre 1985 e 2010, visto que saiu de 145 contratos formais, em 1985, para 5.652, em 2010. Os demais anos da série não apresentaram dados significativos de contratações; o número maior de contratos nesses anos foi em 2005 quando o Subsetor contratou 503 trabalhadores.

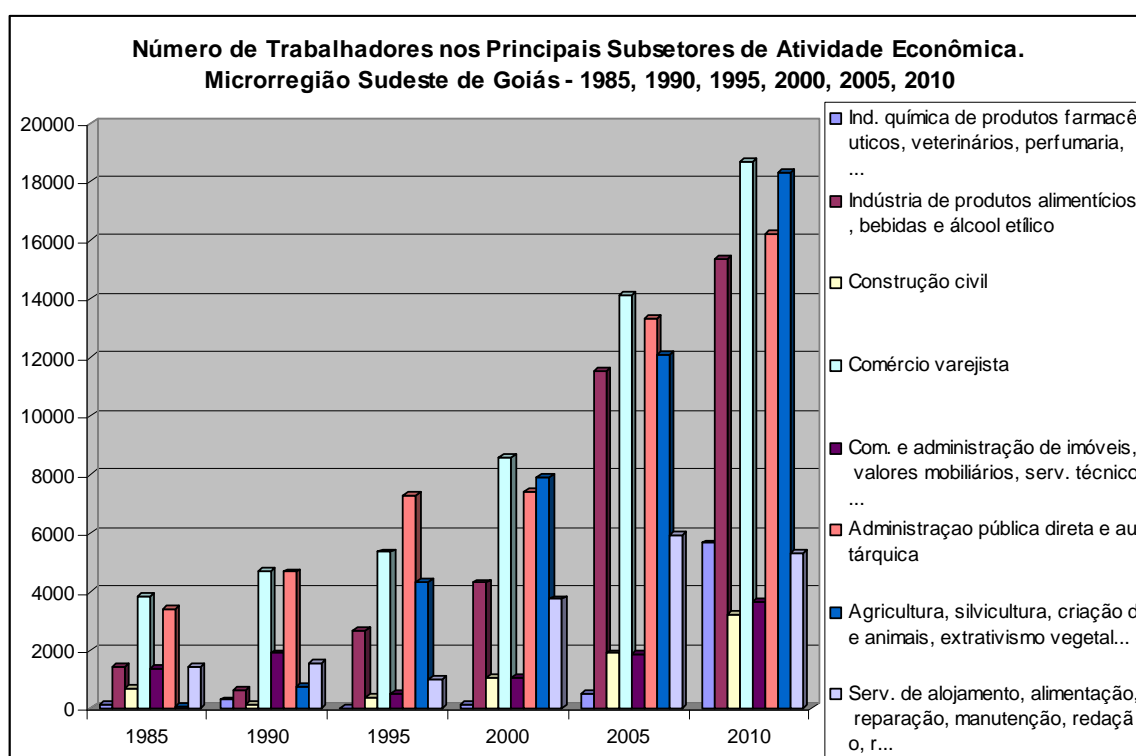


Gráfico 6.4: Número de Trabalhadores nos Principais Subsetores de Atividade Econômica na Microrregião Sudoeste de Goiás – 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011)

6.1.2. A Microrregião Meia Ponte

Segundo o Censo Demográfico do IBGE, em 2010 o número de habitantes da Microrregião Meia Ponte era de 361.323. Essa Microrregião possui uma área total de 34.784 km² e se distribui em 21 (vinte e um) municípios, a saber: Água Limpa, Aloândia, Bom Jesus de Goiás, Buriti Alegre, Cachoeira Dourada, Caldas Novas, Cromínia, Goiatuba, Inaciolândia, Itumbiara, Joviânia, Mairipotaba, Marzagão, Morrinhos, Panamá, Piracanjuba, Pontalina, Porteirão, Professor Jamil, Rio Quente e Vicentinópolis.

No que se refere a empregabilidade na Microrregião Meia Ponte, os Subsetores de Indústria de Produtos Alimentícios, Bebidas e Alcool Etílico; de Comércio Varejista; de Serviços de Alojamento, Alimentação, Reparação, Manutenção; de Agricultura, Silvicultura, Criação de Animais e Extrativismo Vegetal; de Construção Civil; de

Comércio e de Administração de Imóveis, Valores Mobiliários, Serviços Técnicos e Administração Pública Direta Autárquica são alguns dos que mais empregaram trabalhadores sob contrato formal, conforme pode-se verificar por meio do Gráfico 6.5.

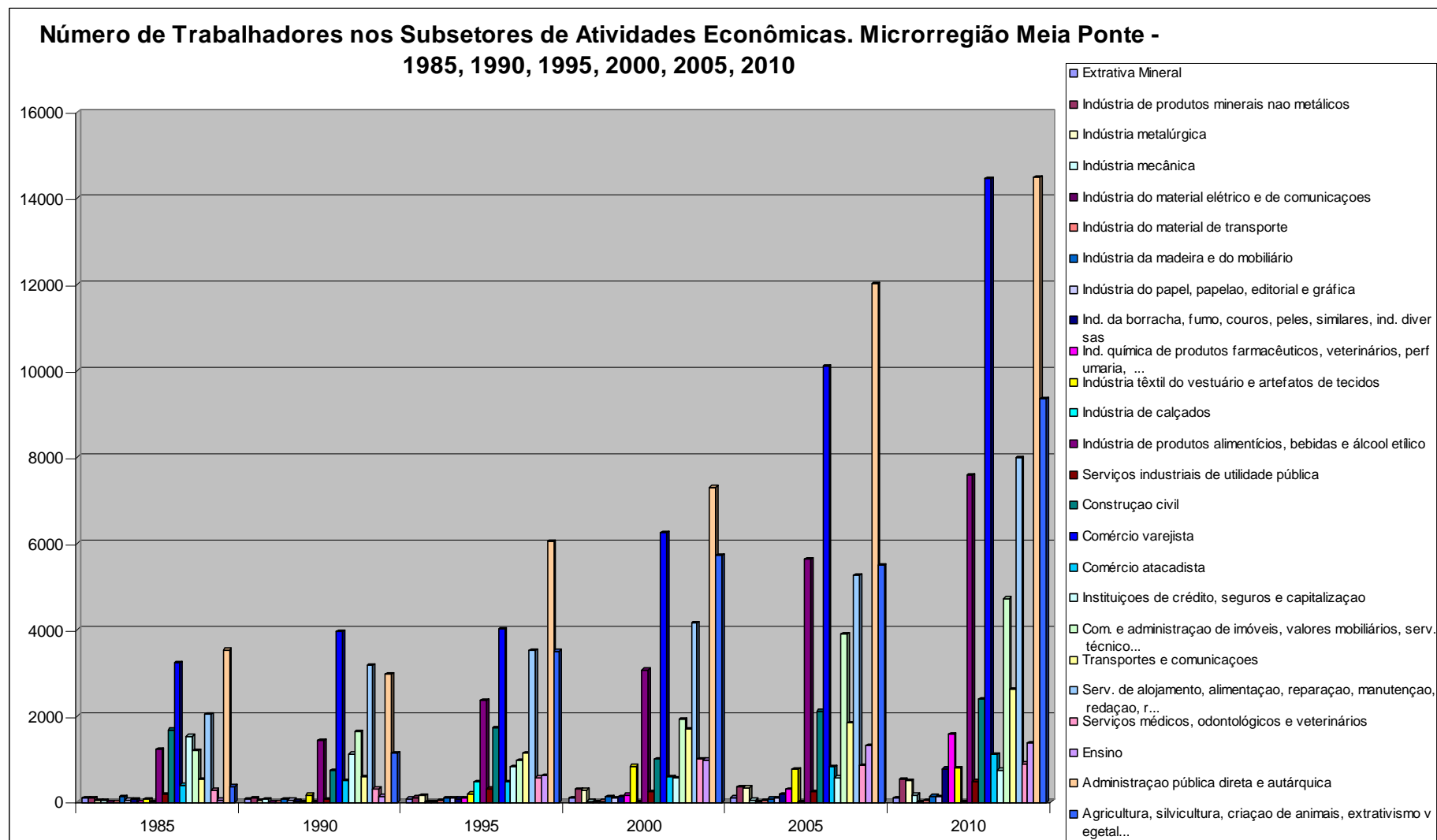


Gráfico 6.5: Número de Trabalhadores nos Subsetores de Atividade Econômica na Microrregião Meia Ponte – 1985,1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Dentre os principais subsetores demonstrados no Gráfico a seguir, o Subsetor de Agricultura, Silvicultura, Criação de Animais e Extrativismo Vegetal foi o que mais cresceu durante o período analisado, apresentando uma taxa de crescimento superior a 2.000%. Passou de 374 empregos formais, em 1985, para 3.507, em 1995. Empregou 9.344 trabalhadores em 2010, sendo que os empregos gerados por este Subsetor no conjunto de empregos gerados na Microrregião foi de 12,78%, naquele ano.

O Subsetor da Indústria de Produtos Alimentícios, Bebidas e Álcool Etilíco apresentou um crescimento significativo. Em 1985, empregou 1.240 trabalhadores com contrato formal, em 1995 empregou 2.358 trabalhadores e em 2010 o número de trabalhadores formais totalizou 7.572, apresentando um crescimento de mais de 500% entre os anos de 1985 e 2005. A expansão deste Subsetor refletiu o processo de expansão dos complexos Agroindustriais do Centro-Sul do País no Estado de Goiás, com destaque para as indústrias de processamento de carnes, usinas de açúcar e álcool e indústrias de óleo.

A Construção Civil ocupa grande importância na geração de empregos. Todavia, o número de trabalhadores com contrato formal de trabalho não é significativo, visto que dentre os 52.551 empregos formais gerados na Microrregião Meia Ponte, apenas 2.386 (4,54%) corresponderam ao Subsetor de Construção Civil em 2010. Todavia, apresentou um crescimento de 42,27% entre 1985 e 2010, quando o número de contratos formais de trabalho saiu de 1.677 para 2.386. Entre 1985 e 1990, o número de trabalhadores formalmente empregados decaiu de 1.677 para 735, o que significa um decréscimo de 56,17%. Em 1995, voltou a crescer, apresentando um crescimento de aproximadamente 135% em relação a 1990. Em 1995, o número de trabalhadores com contrato formal de trabalho decaiu novamente, totalizando 1.000 trabalhadores e, em 2005 voltou a crescer, quando alcançou 2.111 empregos formais.

O Subsetor de Comércio e Administração de Imóveis, Valores Mobiliários, Serviços Técnicos, que inclui a atividade econômica de informática, expandiu consideravelmente o número de empregos entre 1985 e 2010. Em 1985, empregou formalmente 1.203 trabalhadores. Em 1990, empregou 1.641. Em 1995, caiu para 973, voltando a crescer em 2000, alcançando 1.922 contratações. Em 2005, alcançou 3.906 trabalhadores com contrato formal de trabalho. Em 2010 este Subsetor foi responsável por 4.723 contratos, o equivalente a 6,47% do total de empregos gerados na Microrregião naquele ano.

Em 1985, o Subsetor de Comércio Varejista contratou 3.233 pessoas e, em 1990, 3.958. Em 1995, o número de trabalhadores permaneceu estável, com 4.022. Todavia, em 2000, retomou o crescimento com 6.237 empregos formais e, em 2005, alcançou 10.100, permanecendo o crescimento em 2010, quando somou 14.451 empregos formais, representando 19,80% do total de empregos gerados na Microrregião.

O Subsetor de Serviços de Alojamento, Alimentação, Reparação, Manutenção, Redação etc., obteve um crescimento do número de empregos formais próximo a 300% entre 1985 e 2010, sendo que em 2010, representava 10,94% do total de empregos gerados na Microrregião, visto que contratou 7.989 trabalhadores.

Administração Pública Direta e Autárquica também obteve um crescimento considerável, visto que passou de 3.535 contratos formais de trabalho, em 1985, para 6.041, em 1995. Alcançou, em 2005, 12.024 empregos e, em 2010, chegou a 14.487 contratos formais, o que correspondeu a 19,85% do total de empregos gerados na Microrregião naquele ano.

A Indústria Química de Produtos Farmacêuticos, Veterinários e Perfumaria apresentou um crescimento de mais de 1.500% entre os anos de 1995 e 2010. Em 1985 e 1990 a RAIS/MTE apresenta, respectivamente, 1 e 9 contratos formais referente a esse Subsetor de Atividade. Desta forma, considerando os dados do ano de 1995 em diante, nota-se que o Subsetor apresentou uma evolução considerável no número de contratos formais de emprego, visto que saiu de 91 contratos em 1995, para 1.587 em 2010, sendo o nono Subsetor em número de contratos formais na Microrregião em estudo.

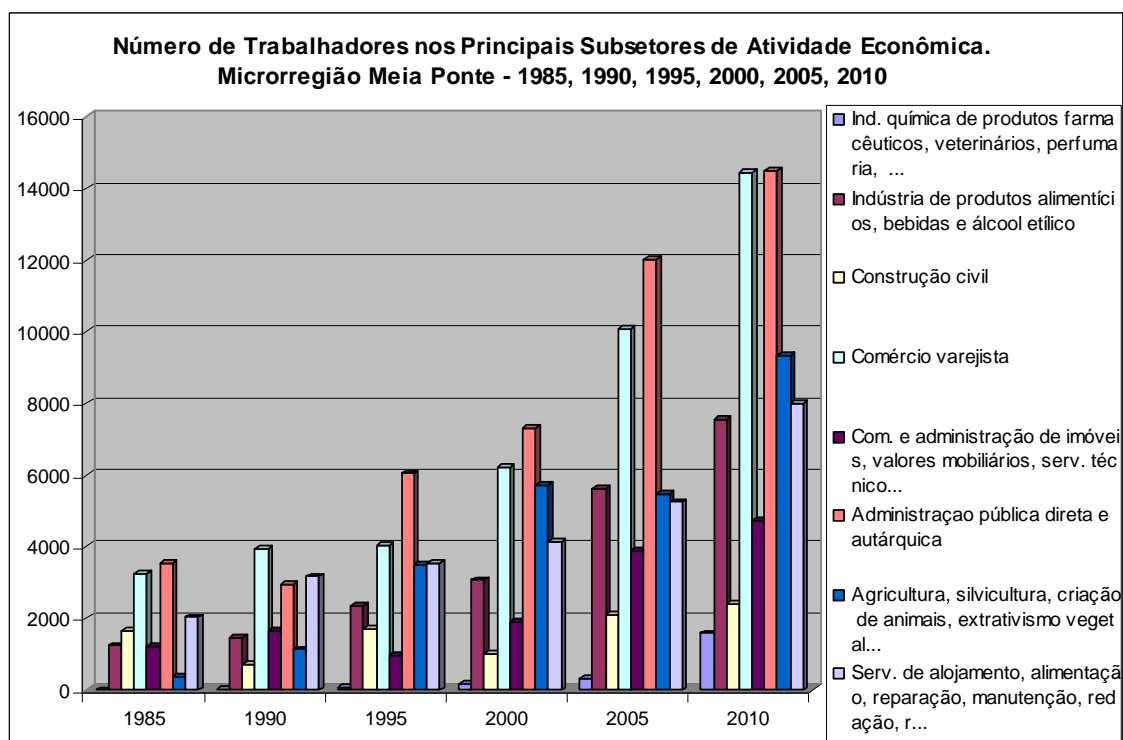


Gráfico 6.6: Número de Trabalhadores nos Principais Subsetores de Atividade Econômica na Microrregião Meia Ponte – 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

6.2. Evolução do Perfil do Trabalho (Escolaridade, Remuneração, Gênero e Faixa Etária nos Principais Subsetores) na Mesorregião Sul Goiano

6.2.1. Construção Civil

A distribuição por gênero dos trabalhadores do Subsetor da Construção Civil não foge ao que acontece na maioria dos setores da economia. Predomina neste Subsetor trabalhadores do sexo masculino (em torno de 95% do total). Pode-se observar por meio do Gráfico 6.7, que no ano de 1985 havia 2.698 homens (98%) e 57 mulheres (2%) ocupados nesse Subsetor de atividade econômica. No ano de 2010, proporcionalmente a

1985, houve continuidade da maior presença de homens no Subsetor da Construção civil, com 8.292 homens (94,17%) e 514 mulheres (5,83%).

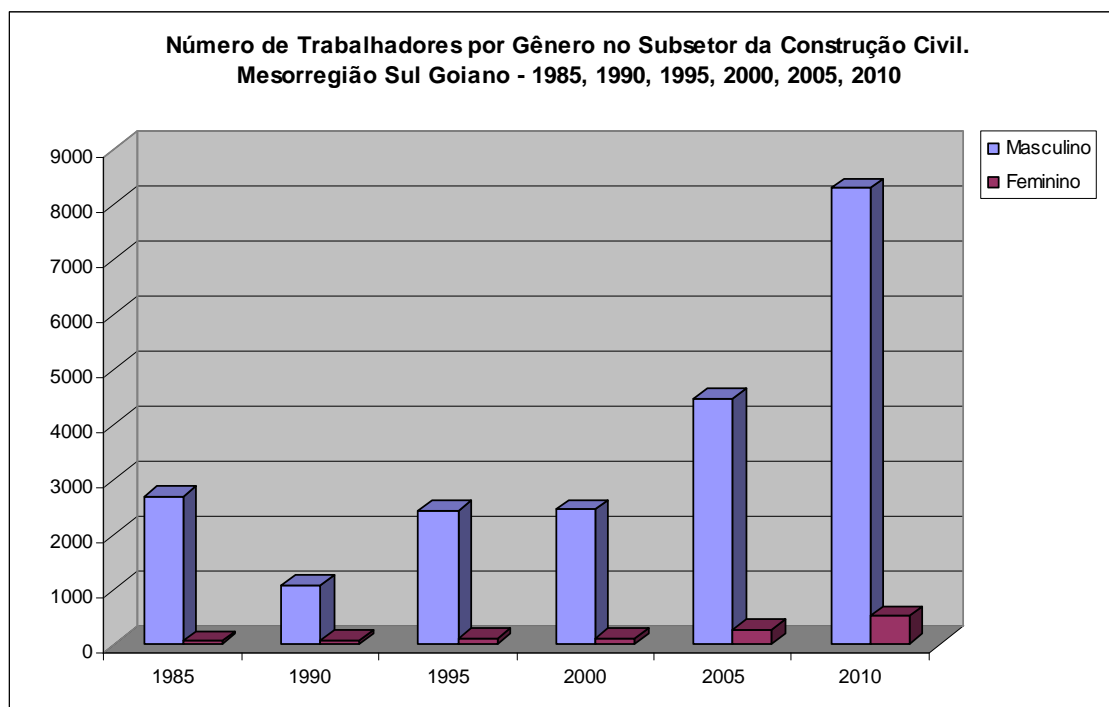


Gráfico 6.7: Número de Trabalhadores por Gênero no Subsetor da Construção Civil. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

De acordo com o Gráfico 6.8, podemos perceber que no Subsetor da Construção Civil predominou a presença de trabalhadores entre 18 e 49 anos de idade, entre 1985 e 2000. Em 2005, os trabalhadores com idades compreendidas entre 30 e 39 apresentaram aumento considerável, representando 31,48%, enquanto os trabalhadores com idades entre 18 e 49 anos representavam 92,23% do total. Em 2010, os trabalhadores compreendidos na faixa etária entre 30 e 39 anos representaram 29,57% do total.

Esta realidade pode ter como um dos seus fatores determinantes o fato de que, para a maioria dos trabalhadores formalmente empregados, não há uma exigência de elevada escolaridade e qualificação. Assim, a empregabilidade restringe-se ao componente vitalidade produtiva, fundamentalmente presente nos trabalhadores que se encontram entre 18 e 39 anos de idade.

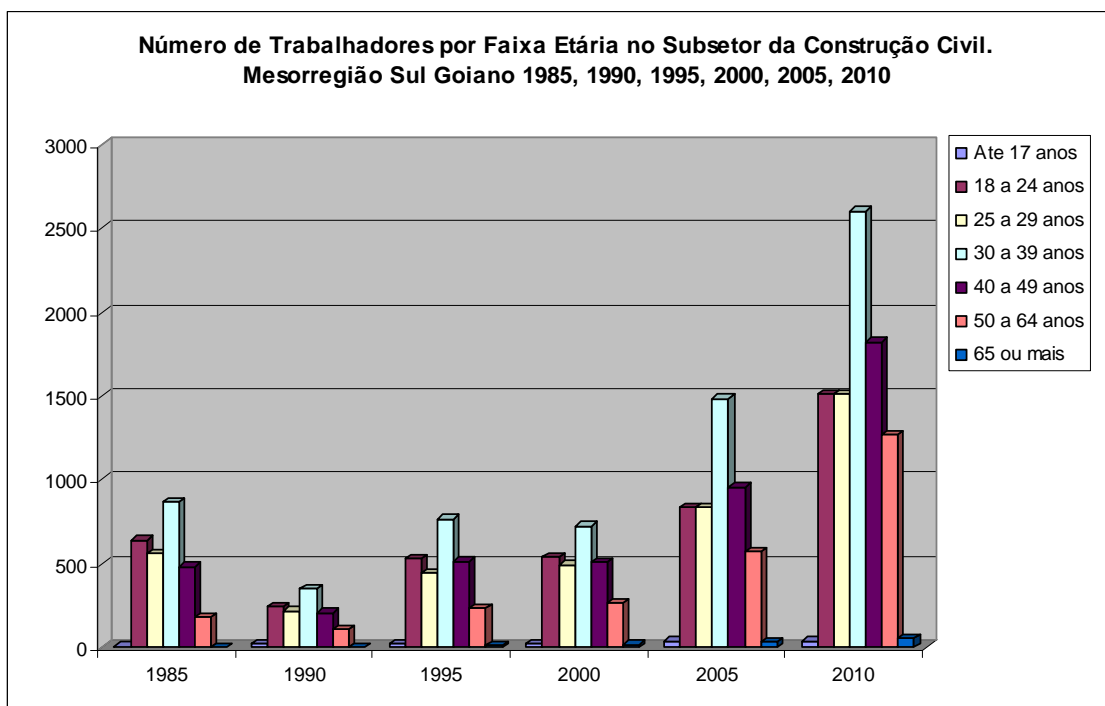


Gráfico 6.8: Número de Trabalhadores por Faixa Etária no Subsetor da Construção Civil. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

É claramente observado por meio do Gráfico 6.9, que na Mesorregião Sul Goiano os trabalhadores empregados formalmente no Subsetor de Construção Civil são, em sua maioria, trabalhadores com o Ensino Fundamental Incompleto, representando em 1985, 1990, 1995, 2000, 2005 e em 2010, respectivamente, 75%, 65%, 74%, 71%, 58% e 41% do total. Esse perfil de escolaridade concorre para a predominância de empregos com menor remuneração. Todavia, percebe-se que ocorreu uma diminuição do número de analfabetos e um aumento do número de trabalhadores com grau de escolaridade superior ao Ensino Fundamental Completo. Uma maior qualificação possibilitaria um maior avanço da adoção de métodos de gestão e tecnologias mais produtivos e de menor desperdício.

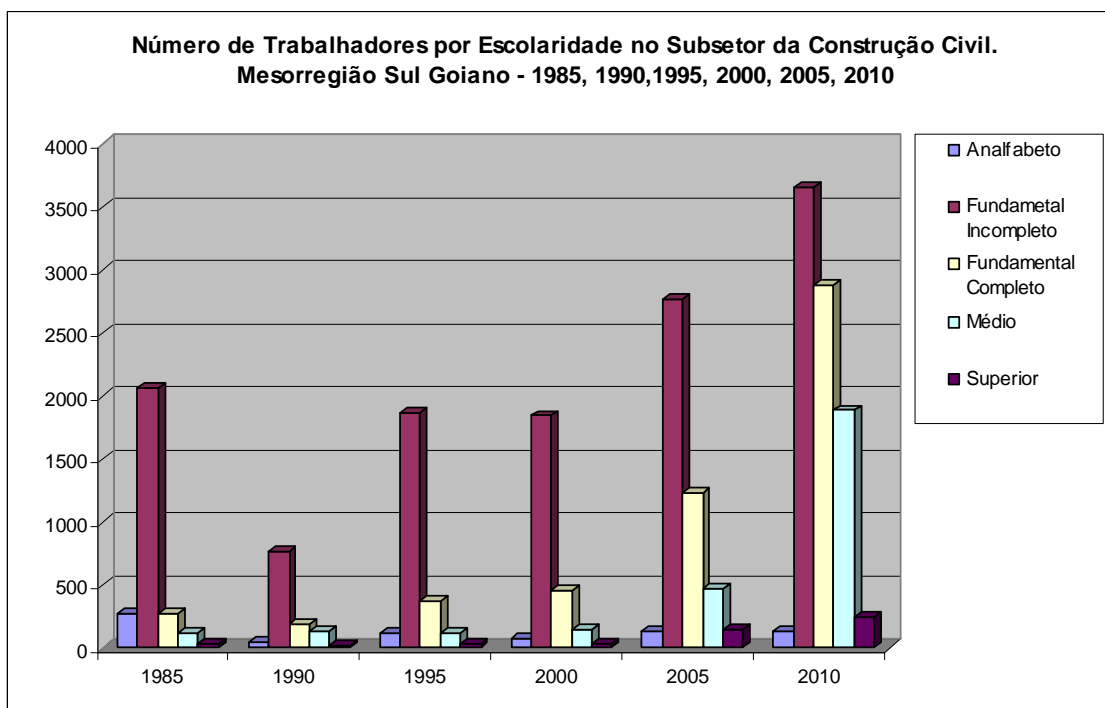


Gráfico 6.9: Número de Trabalhadores por Escolaridade no Subsetor da Construção Civil. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

De acordo com os dados do Gráfico 6.10, é possível identificar a tendência de predomínio da remuneração situada entre 1,01 e 3 salários mínimos para os trabalhadores no Subsetor de Construção Civil na Mesorregião Sul Goiano. Em 1985, em um universo de 2.755 trabalhadores, 1.945 nessa faixa salarial, representando cerca de 70% do total. Em 2010, em um universo de 8.739 trabalhadores, haviam 6.563 nessa faixa salarial, o que representou um percentual de 75,10%.

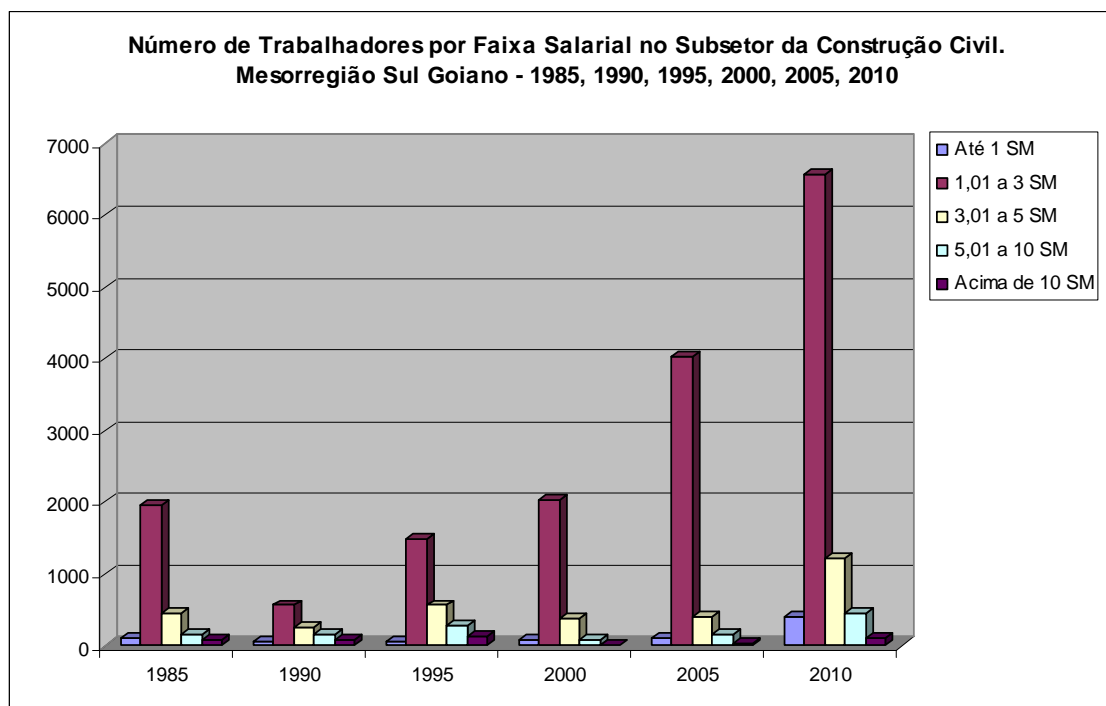


Gráfico 6.10: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial no Subsetor da Construção Civil. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

6.2.2. Indústria de Produtos Alimentícios, Bebidas e Álcool Etílico

O Gráfico 6.11 demonstra o aumento do número absoluto de homens e mulheres empregados formalmente no Subsetor de Indústria de Produtos Alimentícios, Bebidas e Álcool Etílico na Mesorregião Sul Goiano. De 3.850 pessoas contratadas em 1985, 3.272 eram homens e 578 eram mulheres. Em 1995, subiu para 7.386 homens e 1.057 mulheres. Em 2005, ocorreu um aumento significativo do número de mulheres empregadas neste Subsetor, alcançou 5.671 o número de trabalhadoras e 17.767 trabalhadores. Em 2010 o número de homens empregados chegou a 23.275 e o de mulheres chegou a 9.758. Esse aumento em termos absolutos redundou em evolução significativa em termos relativos no percentual de participação feminina no Subsetor. Em 1985 a participação de trabalhadoras foi de, aproximadamente, 15%, e em 2010, foi de 29,54%. Todavia, a mão-de-obra formalmente empregada no Subsetor em estudo é, majoritariamente, masculina.

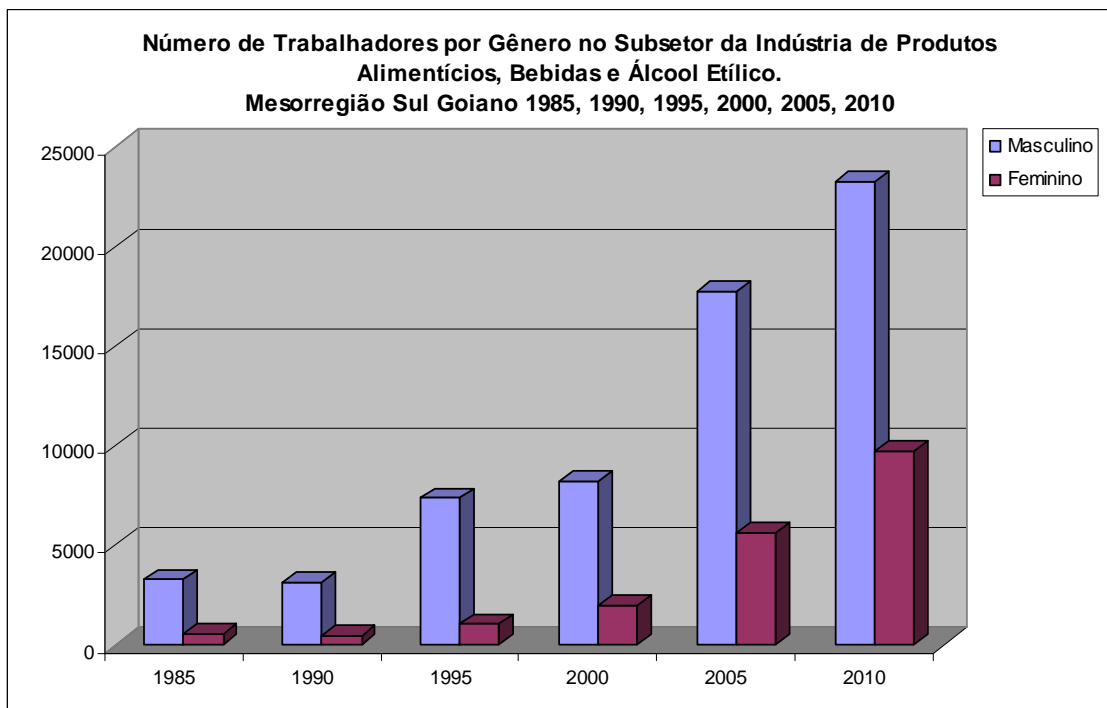


Gráfico 6.11: Número de Trabalhadores por Gênero no Subsetor da Indústria de Produtos Alimentícios, Bebidas e Álcool Etílico. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Por meio do Gráfico 6.12, vemos a participação significativa dos trabalhadores das faixas etárias de 18 a 24 anos, 25 a 29 anos e 30 a 39 anos de idade em todo os quinquênios. O Subsetor da Indústria de Produtos Alimentícios, Bebidas e Álcool Etílico, portanto, pode ser caracterizado como um Subsetor cuja mão-de-obra é jovem, fator que influencia direta e positivamente na produtividade do mesmo.

Nota-se que, em 2010, 28% dos trabalhadores tinham idade compreendida na faixa etária de 18 a 24 anos, outros 28% na faixa etária de 30 a 39 anos e 23% com idade entre 25 e 29 anos.

Com relação a essa população jovem empregada, é possível inferir que ela esteja atrasada em sua escolaridade, tendo em vista o baixo grau de escolaridade da maioria dos trabalhadores formalmente ocupados no Subsetor, como se pode confirmar por meio do Gráfico 6.13.

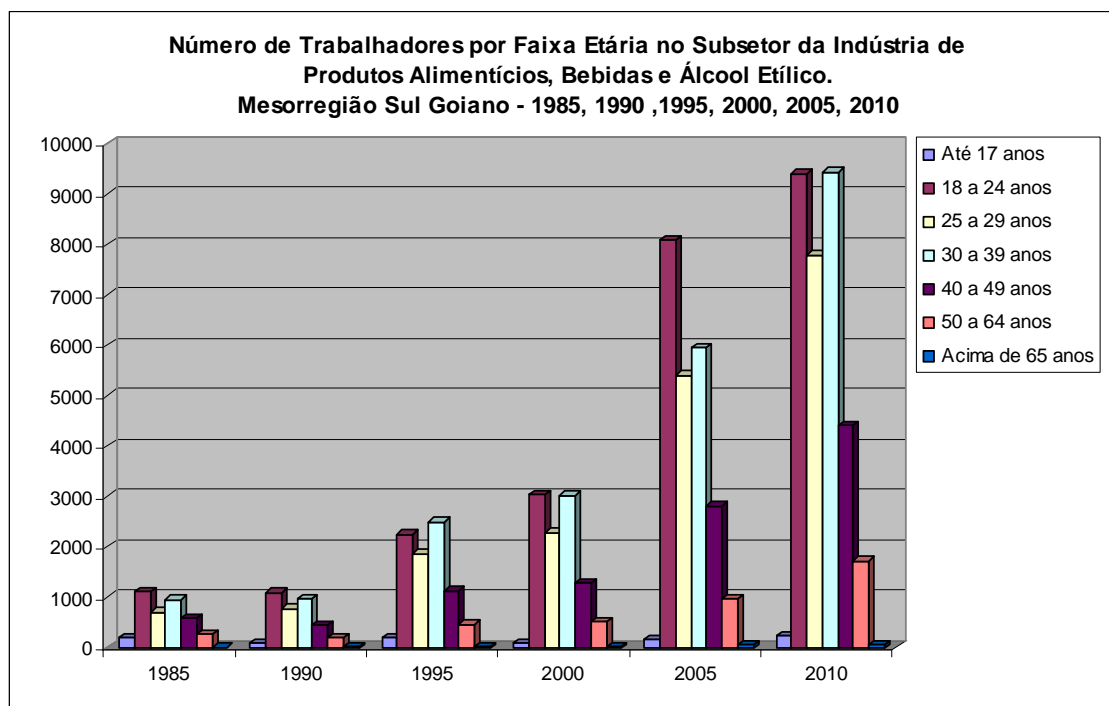


Gráfico 6.12: Número de Trabalhadores por Faixa Etária no Subsetor da Indústria de Produtos Alimentícios, Bebidas e Álcool Etílico. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Apesar de o Subsetor empregar uma grande parcela de trabalhadores formais, a maioria destes não possui um elevado grau de escolaridade. O ano de 1995, por exemplo, comportou 5.239 trabalhadores com Ensino Fundamental Incompleto, equivalente a 62% do total de empregados formais naquele ano.

Nas séries seguintes – 2000, 2005 e 2010– ficou evidenciado o aumento dos trabalhadores com Ensino Fundamental e Ensino Médio. A ampliação das condições de acesso à educação e os avanços tecnológicos, que requerem trabalhadores com maior escolaridade/qualificação, podem ter concorrido para esse fato. Estes dados e inferências podem ser verificados por meio do Gráfico 6.13.

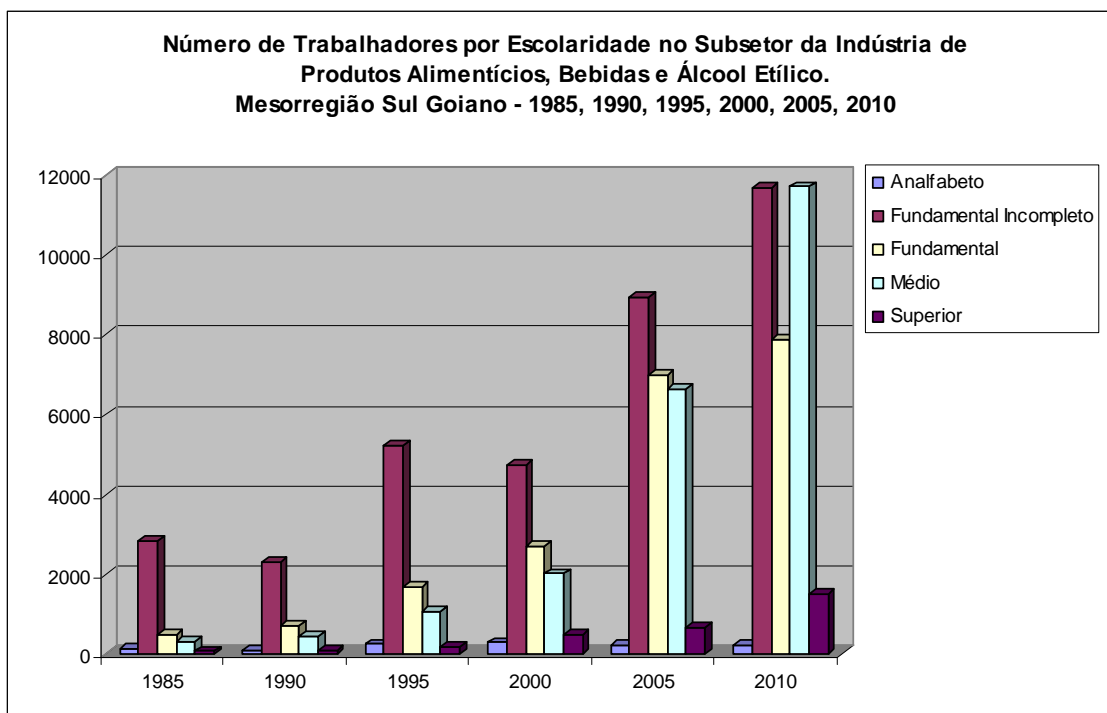


Gráfico 6.13: Número de Trabalhadores por Escolaridade no Subsetor da Indústria de Produtos Alimentícios, Bebidas e Álcool Etílico. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

De acordo com o Gráfico 6.14, verifica-se que a remuneração predominante do Subsetor de Indústria de Produtos Alimentícios, Bebidas e Álcool Etílico na Mesorregião Sul Goiano se encontra entre 1,01 e 3 salários mínimos. Em 1985, os trabalhadores formalmente empregados com esta faixa salarial representavam 81,61% do total de trabalhadores, que era de 3.850; já no ano de 2010, em um universo de mais 33.000 trabalhadores, 81,40% recebiam entre 1,01 e 3 salários mínimos.

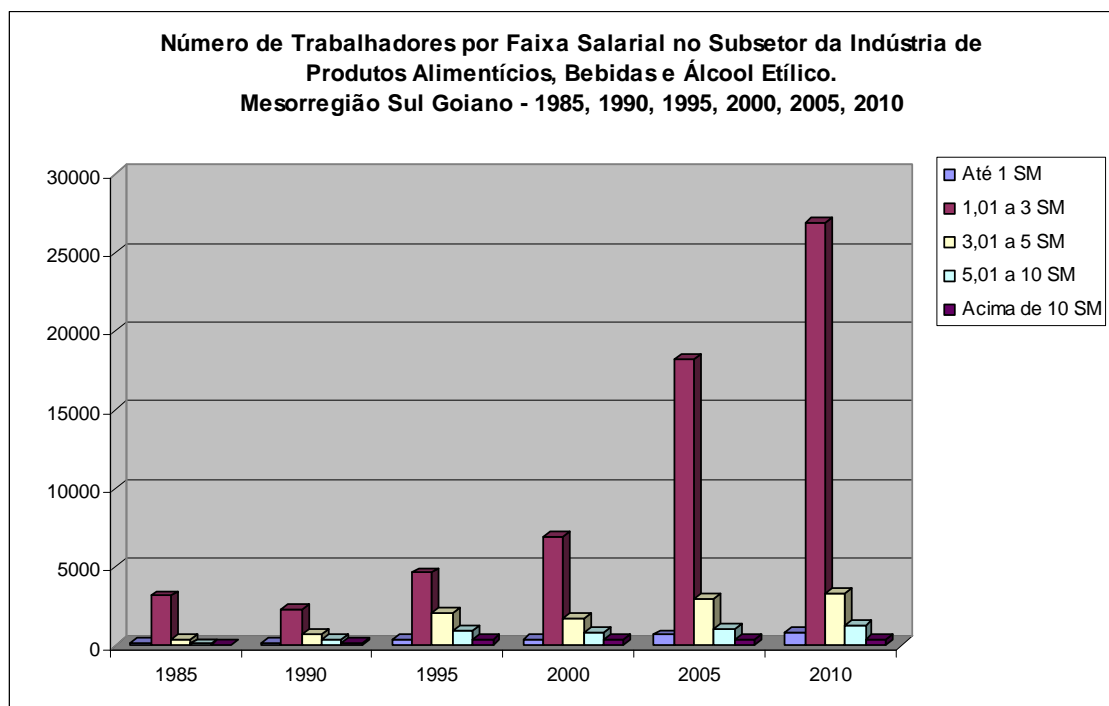


Gráfico 6.14: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial no Subsetor da Indústria de Produtos Alimentícios, Bebidas e Álcool Etílico. Mesorregião Sul Goiano - 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

6.2.3. Serviços de Alojamento, Alimentação, Reparação e Manutenção

O Subsetor de Serviços de Alojamento, Alimentação, Reparação, Manutenção, Redação etc., na Mesorregião Sul Goiano apresentou, ao longo dos quinquênios em estudo, altas taxas de crescimento e empregabilidade.

O Gráfico 6.15 mostra que em 1985 havia 4.390 trabalhadores. Em 1990, o número total de trabalhadores era de 5.719, em 1995, caiu para 5.459 e em 2000, obteve crescimento em relação ao quinquênio anterior, chegando a 9.582 ocupados formalmente. Confirmando o forte potencial de empregabilidade, o Subsetor nos anos de 2005 e 2010 empregou formalmente, respectivamente, 13.905 e 16.877 trabalhadores na Mesorregião.

Quanto ao gênero, há predominância masculina entre os anos de 1985 e 2005. No entanto, em 2010, o percentual de mulheres contratadas no Subsetor superou o de homens. As taxas de participação de trabalhadoras no Subsetor no período analisado variaram de 36% (ano 2000) a 51% (ano de 2010).

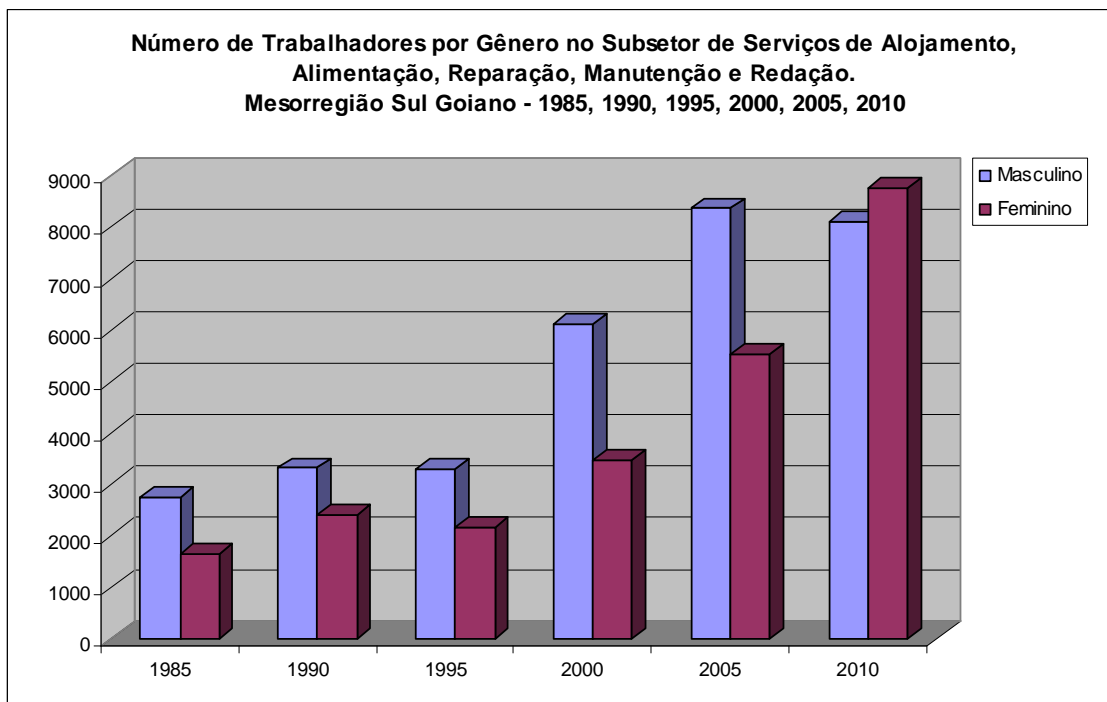


Gráfico 6.15: Número de Trabalhadores por Gênero no Subsetor de Serviços de Alojamento, Alimentação, Reparação, Manutenção e Redação. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Em termos etários, os trabalhadores com maior participação no Subsetor se encontravam na faixa compreendida entre 18 e 39 anos de idade, somando 3.225 em 1985 (73,5%), 3.753 em 1995 (68,75%) e 11.176 trabalhadores em 2010 (66,22%).

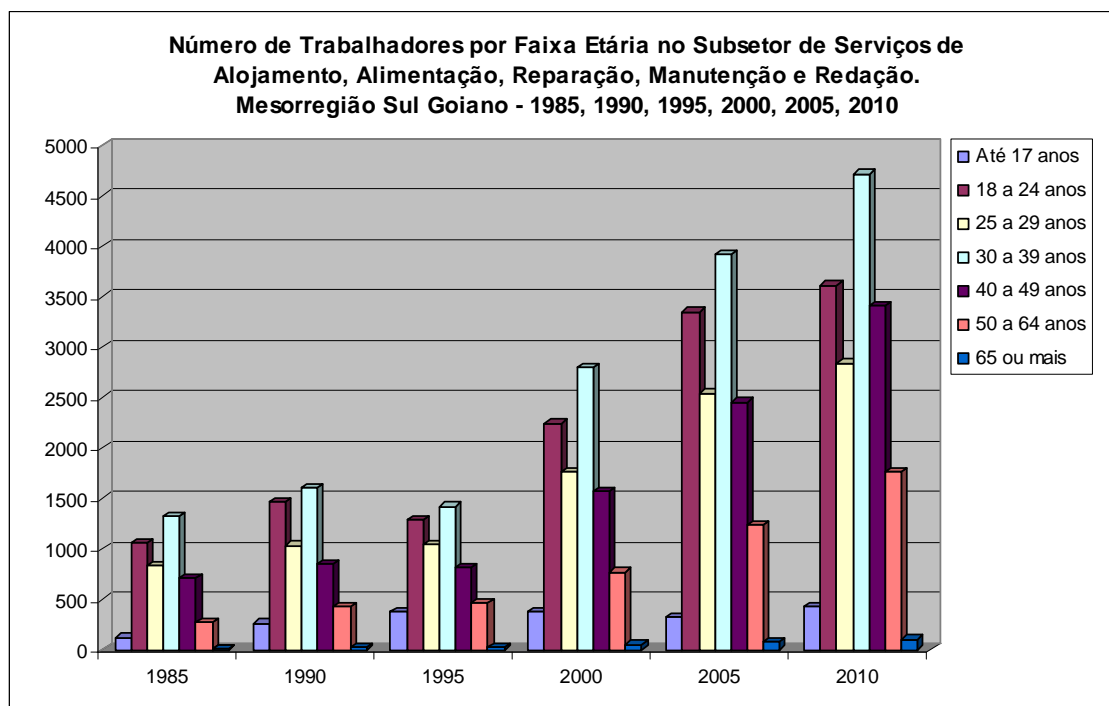


Gráfico 6.16: Número de Trabalhadores por Faixa Etária no Subsetor de Serviços de Alojamento, Alimentação, Reparação, Manutenção e Redação. Mesorregião Sul Goiano - 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Em todos os quinquênios o Subsetor Serviços de Alojamento, Alimentação, Reparação, Manutenção, Redação etc. apresentou grande número de trabalhadores com baixa ou nenhuma escolaridade.

Observando o Gráfico 6.17, pode-se verificar que em todos os anos da série, o maior número de trabalhadores possuíam o Ensino Fundamental Incompleto, e que o Subsetor presenciou o aumento do número de trabalhadores com Ensino Fundamental Completo e o Ensino Médio, principalmente a partir de 2000. E em 2005, estes assumiram a maioria (7.265) embora não tenham suplantado o número de trabalhadores com Ensino Fundamental Incompleto.

É importante ressaltar o número de trabalhadores identificados como analfabetos, no ano de 2005. No entanto, houve queda no número desses trabalhadores no ano de 2010. Também em 2010 o número de trabalhadores com Ensino Médio aumenta, porém, ainda se mantém um grande número de trabalhadores com o Ensino Fundamental e Incompleto e Completo.

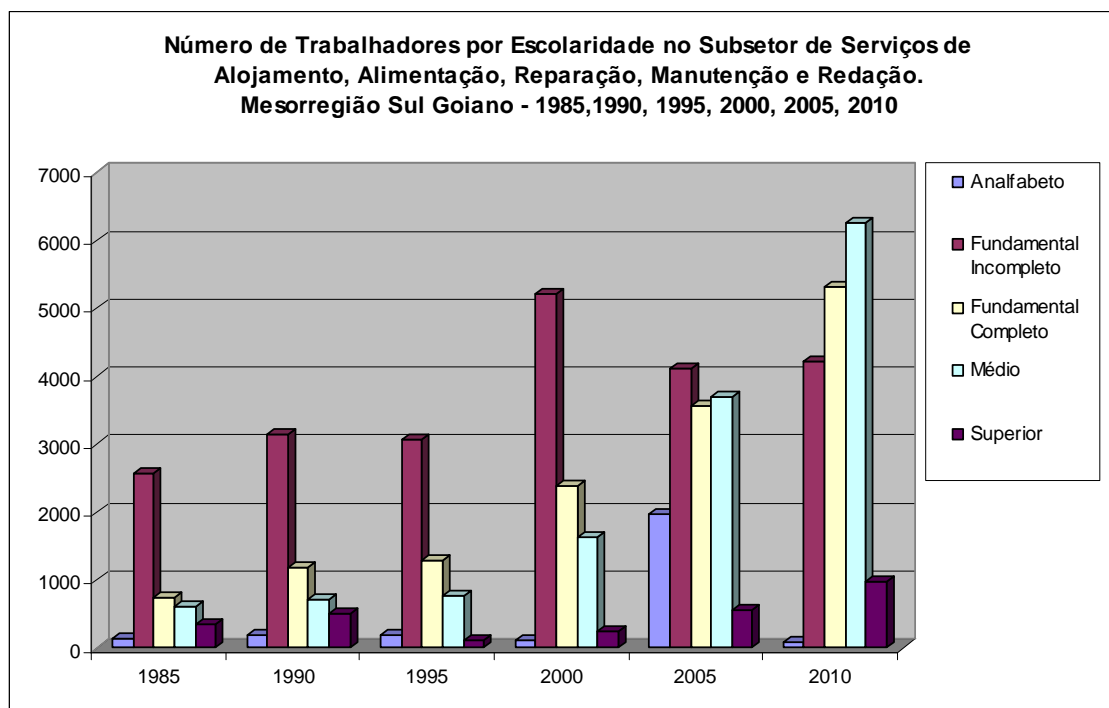


Gráfico 6.17: Número de Trabalhadores por Escolaridade no Subsetor de Serviços de Alojamento, Alimentação, Reparação, Manutenção e Redação. Mesorregião Sul Goiano - 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

O Gráfico 6.18 apresenta o número de trabalhadores de acordo com a faixa salarial. Um primeiro ponto a ser observado é o número de trabalhadores que recebiam até 1 salário mínimo. O número de trabalhadores com salários nesta faixa, no ano de 2010, representou 12,17% do total de empregados naquele ano.

A faixa salarial compreendida entre 1,01 e 3 salários mínimos, por sua vez, foi a de maior representatividade em todos os anos da série. Em 2010, por exemplo, 13.518 trabalhadores percebiam salários nessa faixa, representando aproximadamente 80% do total de trabalhadores do Subsetor.

Outra característica do Subsetor, também verificada por meio dos dados expressos no gráfico a seguir, é o pequeno número de trabalhadores com salários acima de 3,01 salários mínimos.

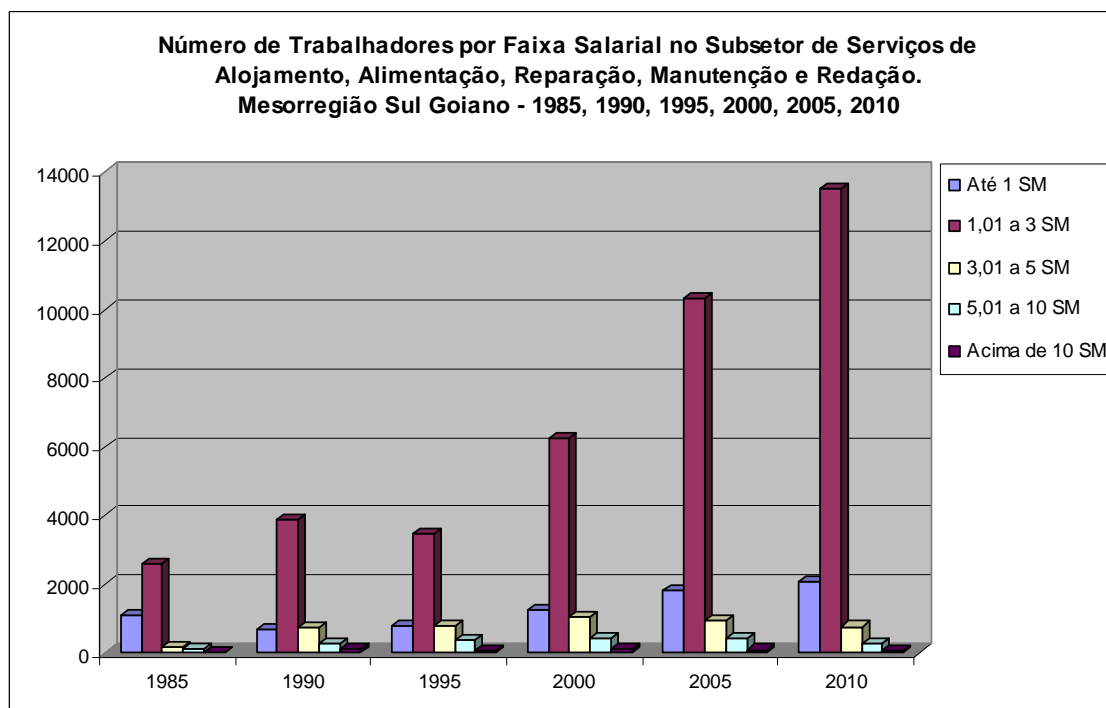


Gráfico 6.18: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial no Subsetor de Serviços de Alojamento, Alimentação, Reparação, Manutenção e Redação. Mesorregião Sul Goiano - 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

6.2.4. Comércio e Administração de Imóveis, Valores Mobiliários e Serviços Técnicos

Conforme os dados do Gráfico 6.19, no Subsetor de Comércio e Administração de Imóveis, Valores Mobiliários e Serviços Técnicos, no qual se inclui a atividade econômica de informática, ocorreu um aumento percentual de trabalhadores do sexo feminino superior ao de trabalhadores do sexo masculino entre 1985 e 2010, visto que, o crescimento do número de trabalhadoras e de trabalhadores entre os referidos anos foi de, respectivamente, 656% e 137%. Todavia, o número absoluto de trabalhadores é superior ao número de trabalhadoras em todos os anos da série.

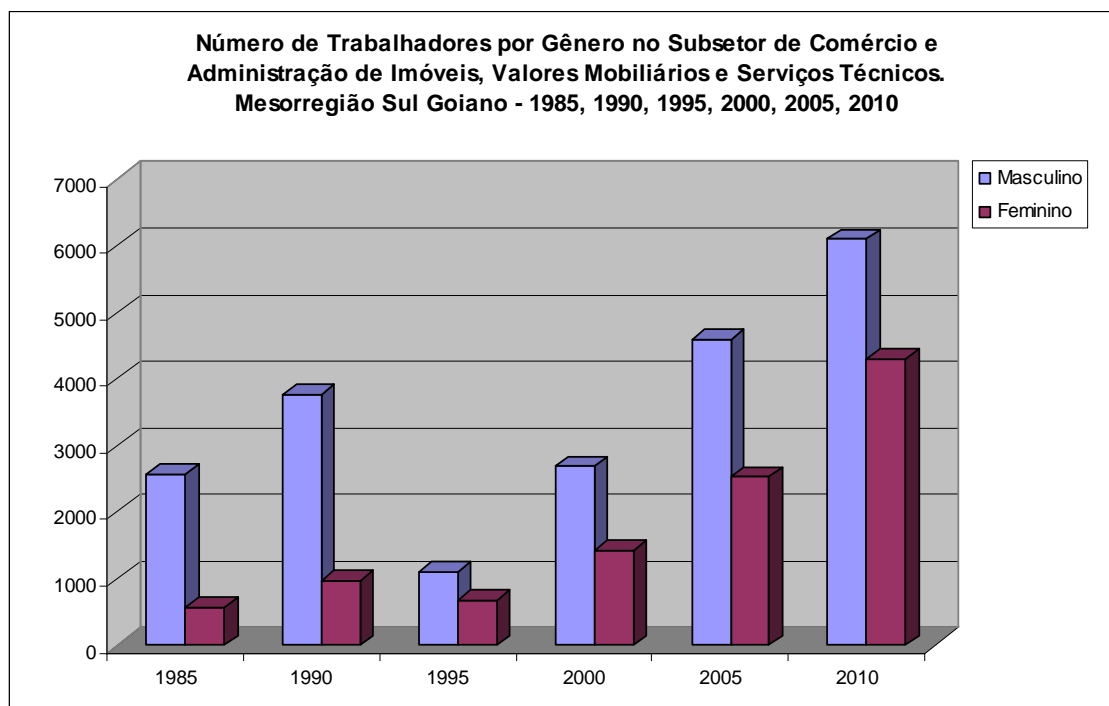


Gráfico 6.19: Número de Trabalhadores por Gênero no Subsetor de Comércio e Administração de Imóveis, Valores Mobiliários e Serviços Técnicos. Mesorregião Sul Goiano - 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Com relação à faixa etária dos trabalhadores formalmente empregados neste Subsetor, é possível observar, por meio do Gráfico 6.20, o predomínio dos trabalhadores entre 18 e 49 anos de idade, especialmente entre 30 e 39 anos. Nos anos de 1985 a 2000 os trabalhadores com idades entre 30 e 39 anos ocupavam o segundo lugar no número de contratos formais, a partir de 2005 passam a ser a faixa etária com maior expressividade, representando 28,87% em 2005 e 29,96% em 2010.

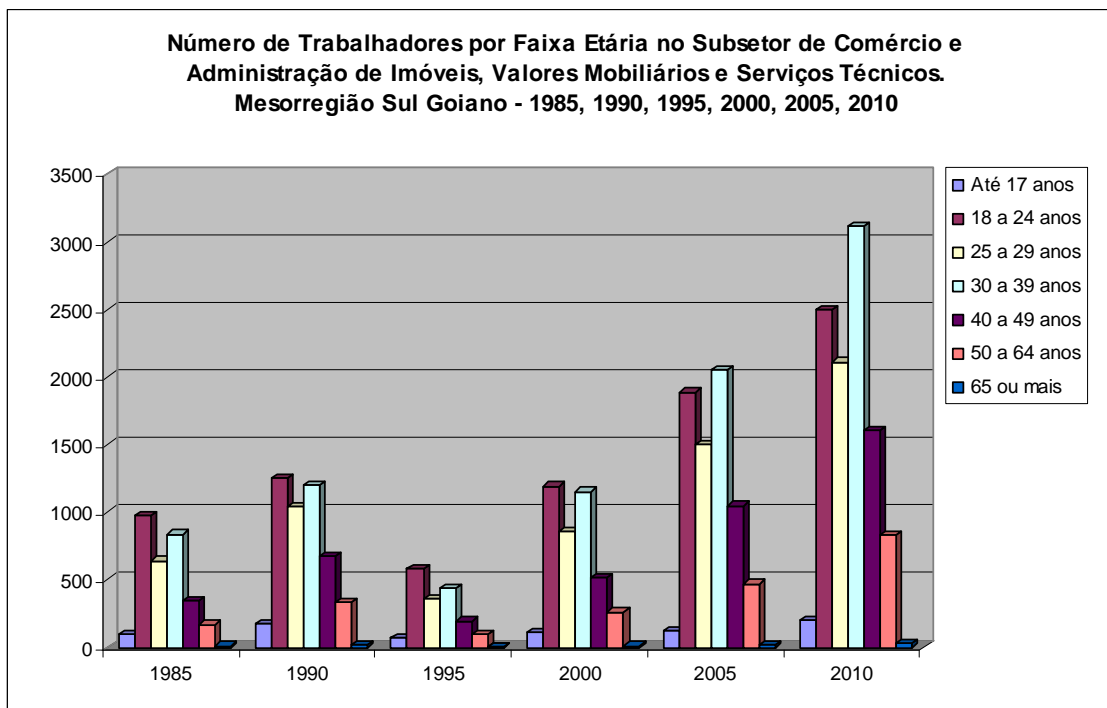


Gráfico 6.20: Número de Trabalhadores por Faixa Etária no Subsetor de Comércio e Administração de Imóveis, Valores Mobiliários e Serviços Técnicos. Mesorregião Sul Goiano - 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Quanto ao número de trabalhadores por Escolaridade no Subsetor em estudo, pode-se verificar por meio do Gráfico 6.21, que nos anos de 1985 e 1990 a maioria dos trabalhadores possuíam o Ensino Fundamental Incompleto e o Ensino Fundamental Completo. Entre 1995 e 2000, a maioria destes havia cursado o Fundamental Incompleto e o Ensino Médio. Já em 2005 e 2010, os trabalhadores com Ensino Médio e Ensino Fundamental representavam a maioria. Portanto, ocorreu uma evolução da escolaridade no Subsetor, evolução essa que pode ter ocorrido devido à maior facilidade de acesso à educação, maior exigência em qualificação, entre outros fatores.

Pode-se verificar, ainda, que este Subsetor apresentou aumento do número de trabalhadores com o Ensino Superior.

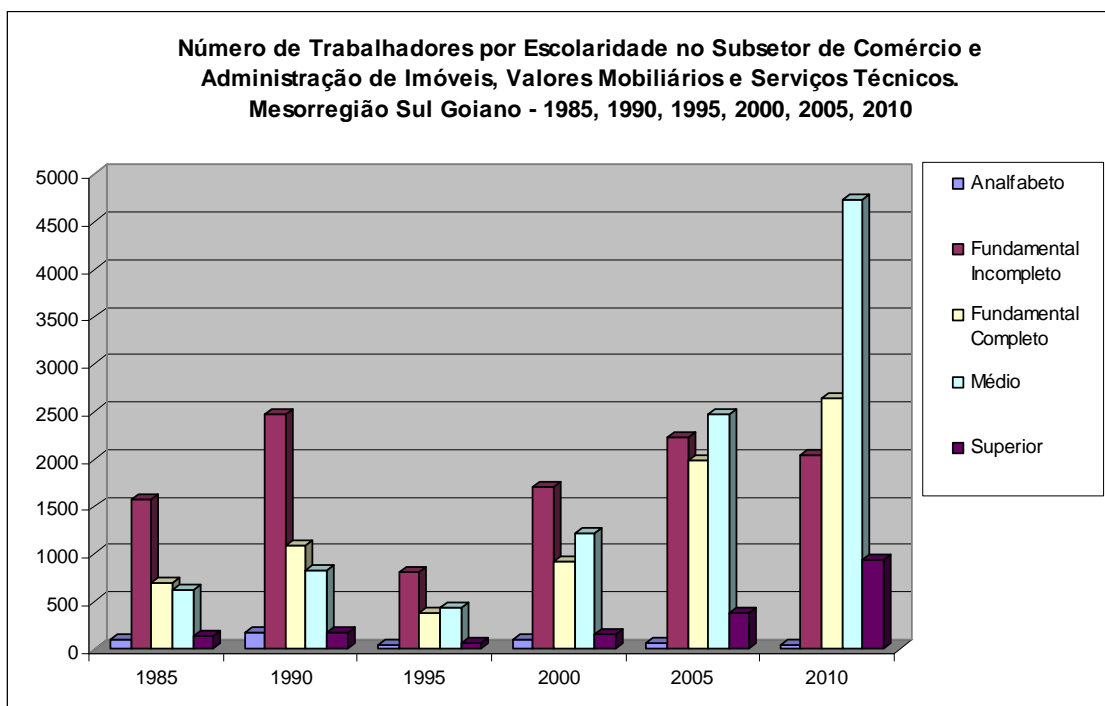


Gráfico 6.21: Número de Trabalhadores por Escolaridade no Subsetor de Comércio e Administração de Imóveis, Valores Mobiliários e Serviços Técnicos. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Por meio do Gráfico 6.22, é possível observar a evolução da faixa salarial dos trabalhadores neste Subsetor de atividade econômica. Nota-se que entre 1985 e 2010 ocorreu um predomínio de trabalhadores com faixa salarial entre 1,01 e 3 salários mínimos. Em 1985, dos 3.131 trabalhadores empregados formalmente, 1.957 (62,51%) recebiam entre 1,01 e 3 salários mínimos e, em 2010, dos 10.341 trabalhadores, 8.042 (77,77%) também se encontravam nessa faixa salarial.

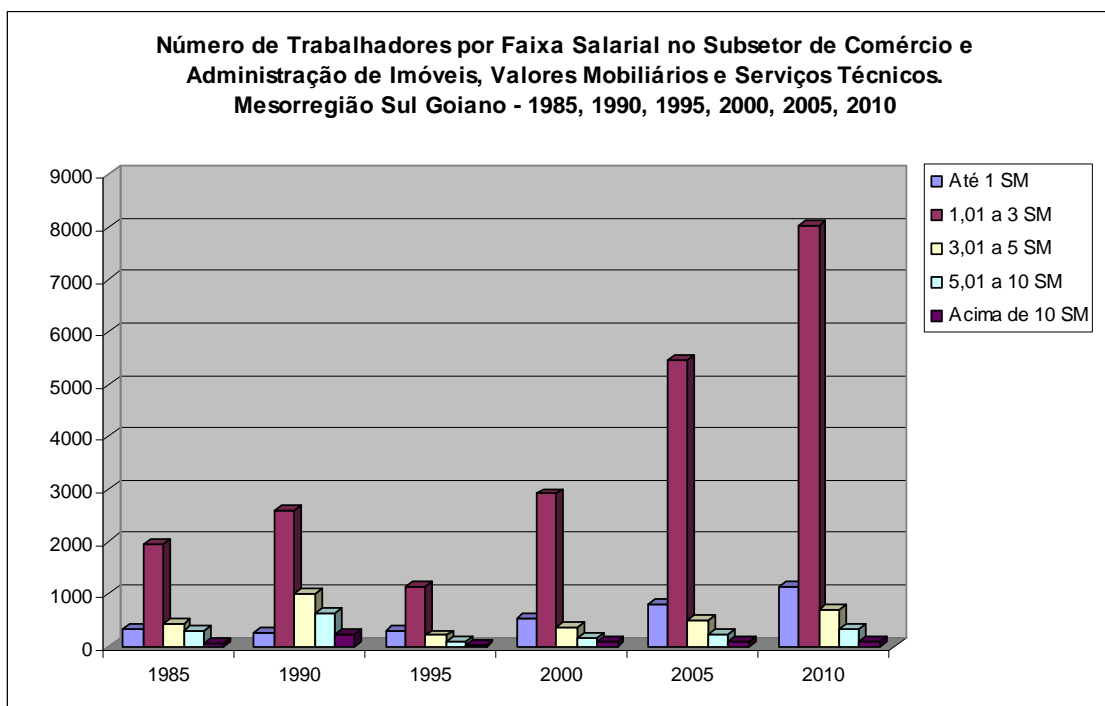


Gráfico 6.22: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial no Subsetor de Comércio e Administração de Imóveis, Valores Mobiliários e Serviços Técnicos. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

6.2.5. Agricultura, Silvicultura, Criação de Animais e Extrativismo Vegetal

Nota-se, por meio do Gráfico 6.23, que no decorrer do período estudado ocorreu aumento do número de trabalhadores do Subsetor de Agricultura, Silvicultura, Criação de Animais e Extrativismo Vegetal e que de 1985 a 1995 a maioria era do sexo masculino, em torno de 60%. Nota-se, ainda, que a partir de 2000, a participação deste grupo foi ainda maior, superior a 80%.

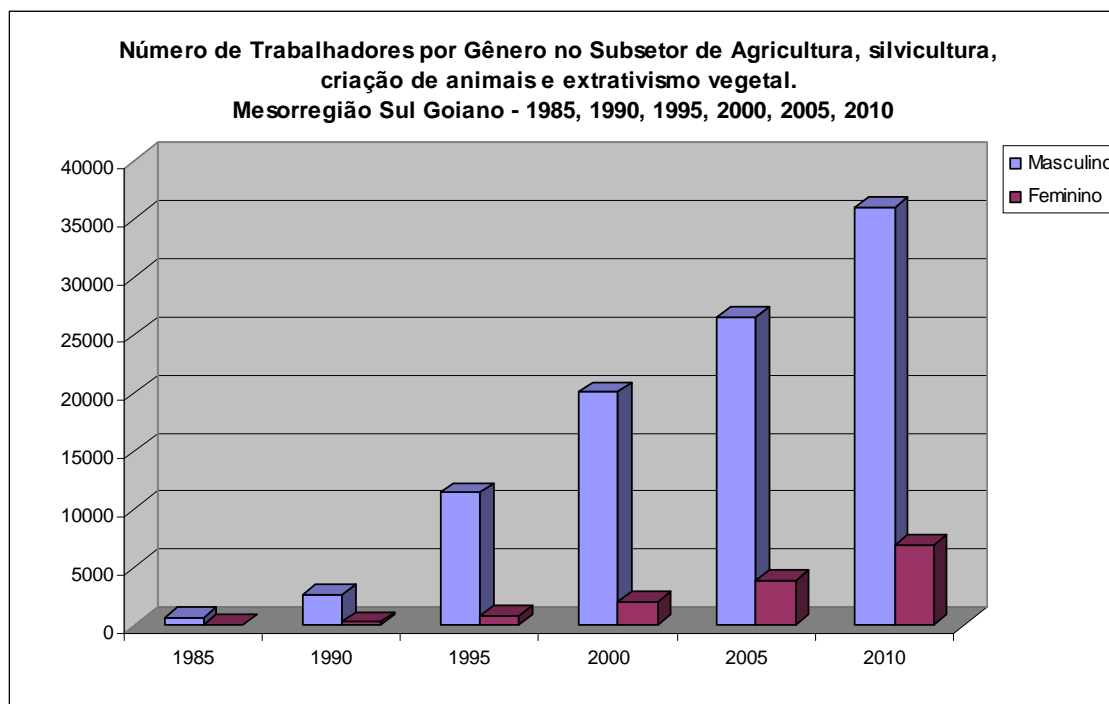


Gráfico 6.23: Número de Trabalhadores por Gênero no Subsetor da Agricultura, silvicultura, criação de animais e extrativismo vegetal. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

No que diz respeito à faixa etária dos trabalhadores deste Subsetor, nota-se que há o predomínio de trabalhadores com idades compreendidas entre 18 e 39 anos, principalmente entre 30 e 39 anos. Nota-se, ainda, que aumentou significativamente a participação dos trabalhadores com idade superior a 40 anos.

Em 1985, os trabalhadores com idades compreendidas entre 18 e 39 anos representavam cerca de 75% do total. Em 1995, a representatividade deste grupo foi de 66%, em 2005, a representatividade foi de 65% e, em 2010, chegou a 62,85%.

Quanto aos trabalhadores com idade acima de 40 anos, em 1985, em 1995 e em 2005, estes representaram, respectivamente, 23%, 31% e 35% do total. Em 2010, a representatividade dessa faixa etária foi de 36%.

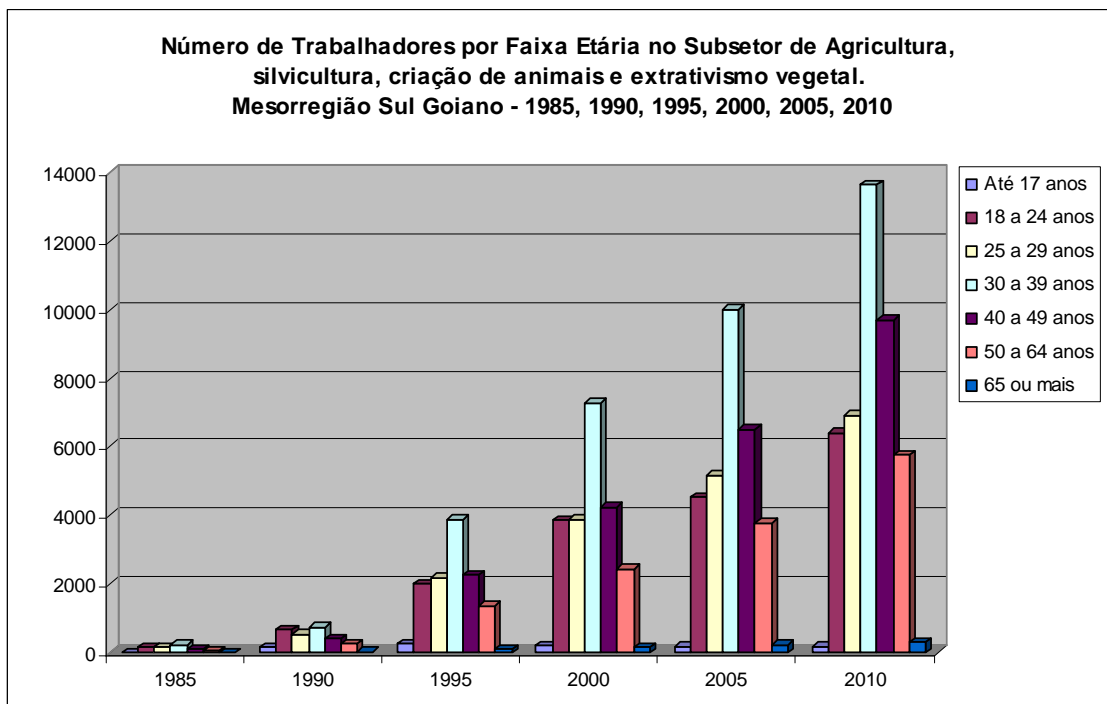


Gráfico 6.24: Número de Trabalhadores por Faixa Etária no Subsetor da Agricultura, silvicultura, criação de animais e extrativismo vegetal. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Os trabalhadores deste Subsetor cursaram, predominantemente, o Ensino Fundamental Incompleto. Em 1985, de um universo de 728 trabalhadores, 582 haviam cursado o Ensino Fundamental Incompleto. Em 1995, de um universo de 12.198 trabalhadores, 9.963 haviam cursado o Ensino Fundamental Incompleto. Já em 2005, de um universo de 30.412 trabalhadores, 20.288 haviam cursado o Ensino Fundamental Incompleto. E em 2010, o total de contratos formais foi de 42.892 em toda a Mesorregião Sul Goiano e o número de trabalhadores com o Ensino Fundamental Incompleto foi de 22.685, o equivalente a 52,89% do total de trabalhadores naquele ano na Mesorregião.

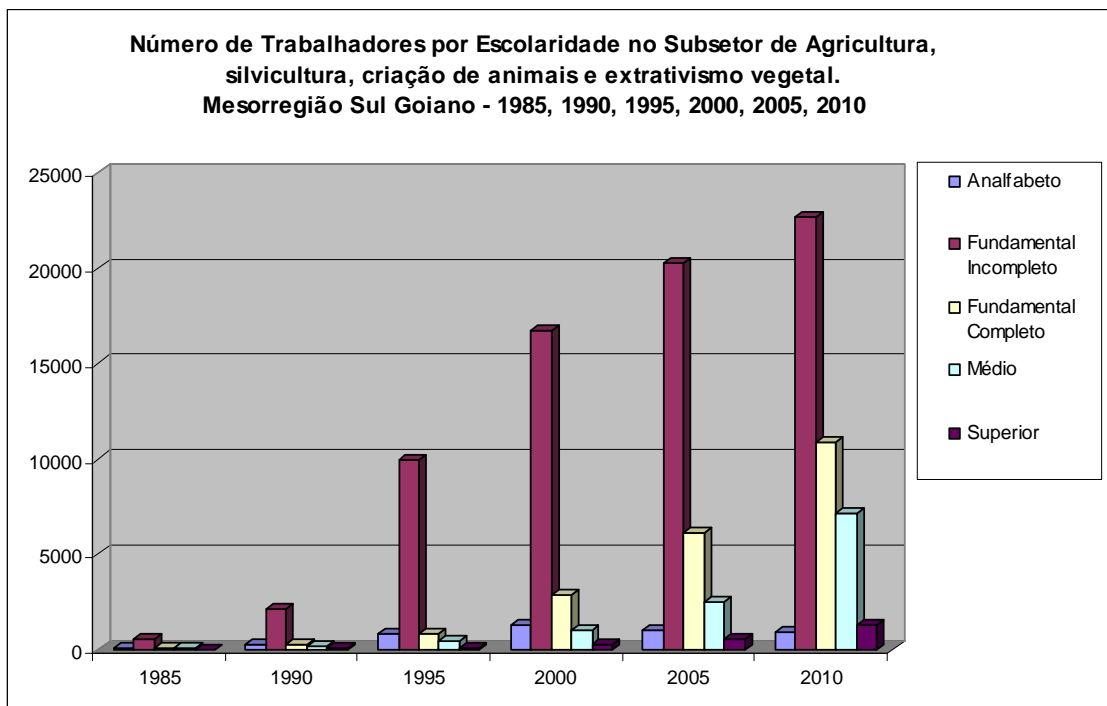


Gráfico 6.25: Número de Trabalhadores por Escolaridade no Subsetor da Agricultura, silvicultura, criação de animais e extrativismo vegetal. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Quanto à faixa salarial, verifica-se que prevaleceu o número de trabalhadores que recebiam de 1,01 a 3 salários mínimos. Em 1985, dos 728 trabalhadores empregados formalmente, 577 (79,26%) recebiam nessa faixa salarial e, em 2010, dos 43.302 trabalhadores, 32.637 recebiam de 1,01 a 3 salários mínimos, ou seja 75,37%.

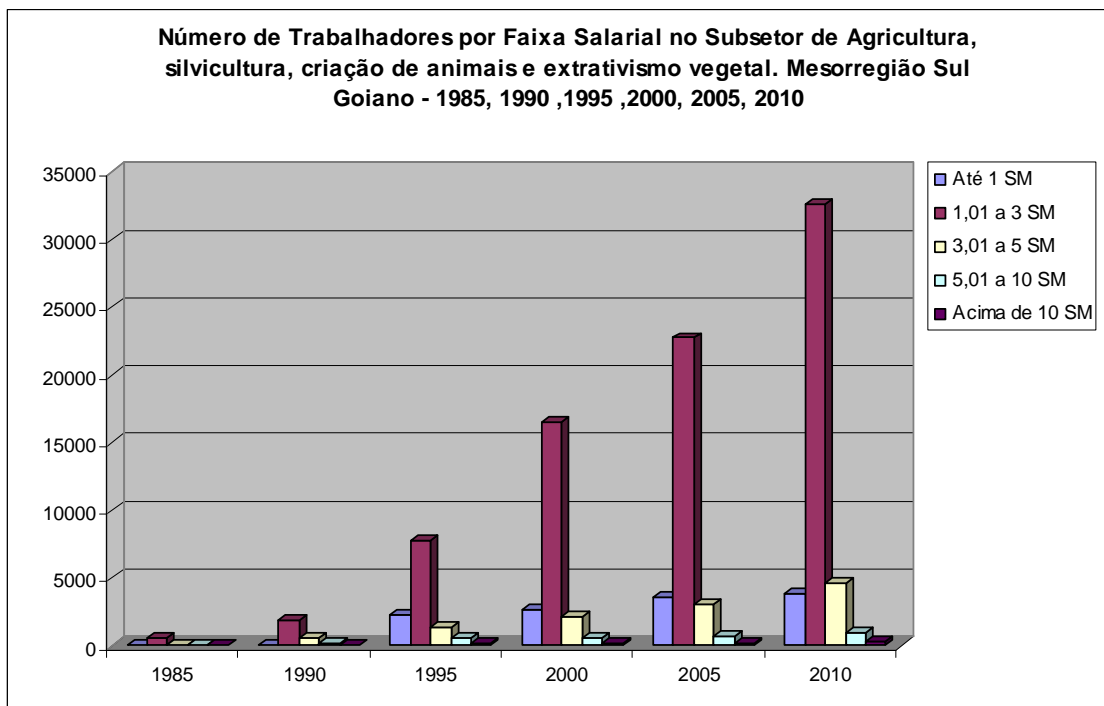


Gráfico 6.26: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial no Subsetor da Agricultura, silvicultura, criação de animais e extrativismo vegetal. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

6.2.6. Indústria Mecânica

No Subsetor da Indústria Mecânica, a maioria dos trabalhadores era do sexo masculino entre os anos de 1985 e 2010. O Subsetor apresentou quantidade de contratos que pode ser considerada para análise somente a partir do ano 2000, quando contratou 204 pessoas.

Em 2000, o número de trabalhadores, tanto homens quanto mulheres, aumentou significativamente, sendo que em um universo de 204 trabalhadores com contrato formal de trabalho, 187 eram homens. Em 2005, ocorreu outro aumento do número de trabalhadores, totalizando 296 homens e 18 mulheres. No ano de 2010 havia 1.354 homens contratados e 125 mulheres.

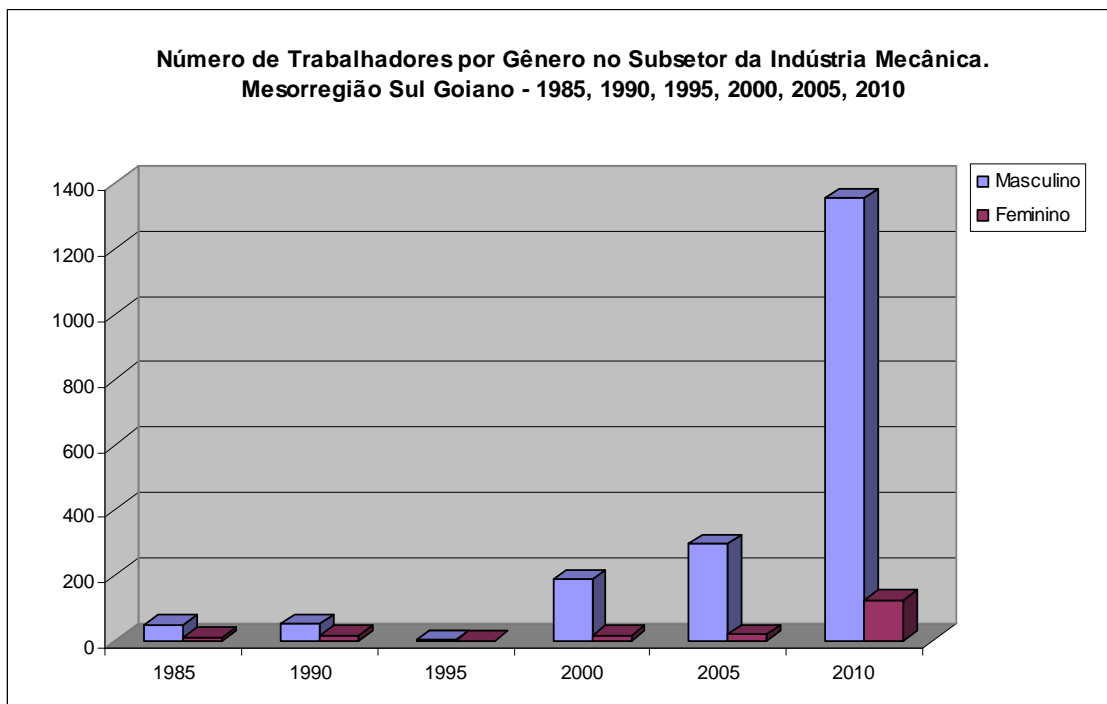


Gráfico 6.27: Número de Trabalhadores por Gênero no Subsetor da Indústria Mecânica. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

No período analisado, a maioria dos trabalhadores deste subsetor tinha entre 18 e 39 anos. No ano 2000 essa faixa etária congregava 91,18% do total de trabalhadores. No ano de 2005 esse percentual foi de 77,07% e, em 2010, chegou a 82,02%.

Também no ano de 2010 destaca-se que 10,75% dos trabalhadores tinha entre 40 e 49 anos e 5,28% mais de 50 anos de idade. Esses números podem significar uma permanência maior de trabalhadores no Subsetor.

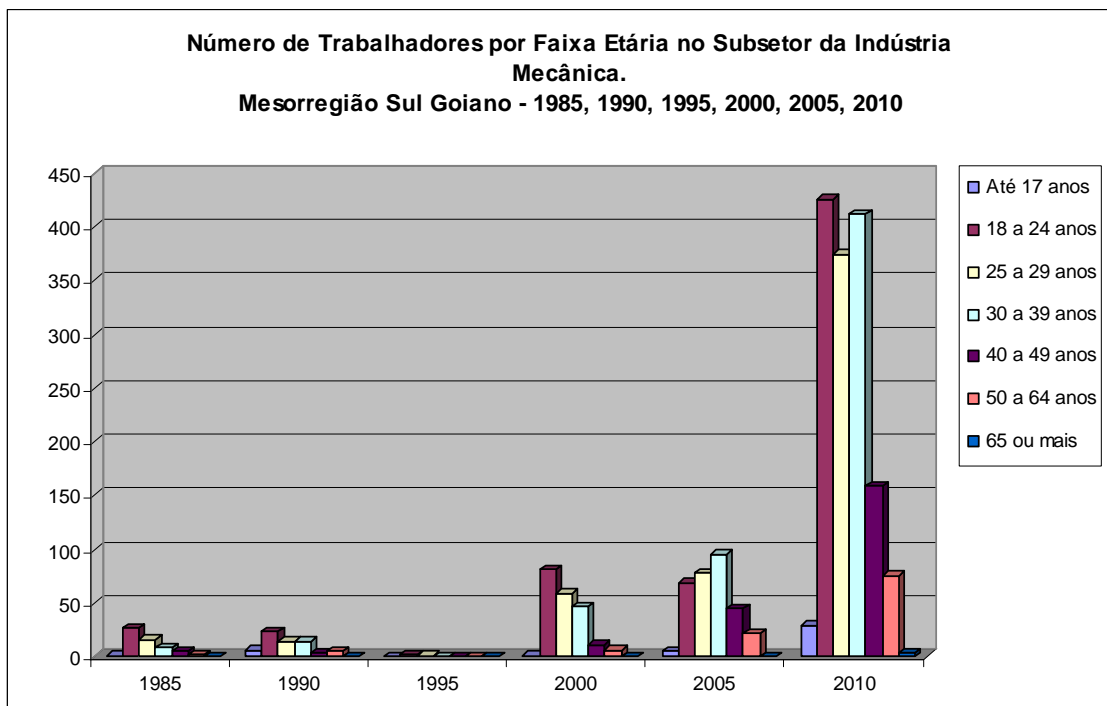


Gráfico 6.28: Número de Trabalhadores por Faixa Etária no Subsetor da Indústria Mecânica. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Entre 1985 e 2000, a maioria dos trabalhadores deste subsetor havia cursado o Ensino Fundamental Incompleto, o Ensino Fundamental Completo e o Ensino Médio. Em 2000, observa-se que a diferença do número de trabalhadores que tinham o Ensino Fundamental Incompleto com os que tinham o Ensino Fundamental Completo foi pequena, já os trabalhadores com o Ensino Médio alcançaram 107 (52,45%) em um total de 204 e, em 2010, somaram 228 (15,41%) trabalhadores com o Fundamental Incompleto, 300 (20,28%) com Fundamental Completo e 850 (57,47%) com Ensino Médio em um universo de 1.479 trabalhadores.

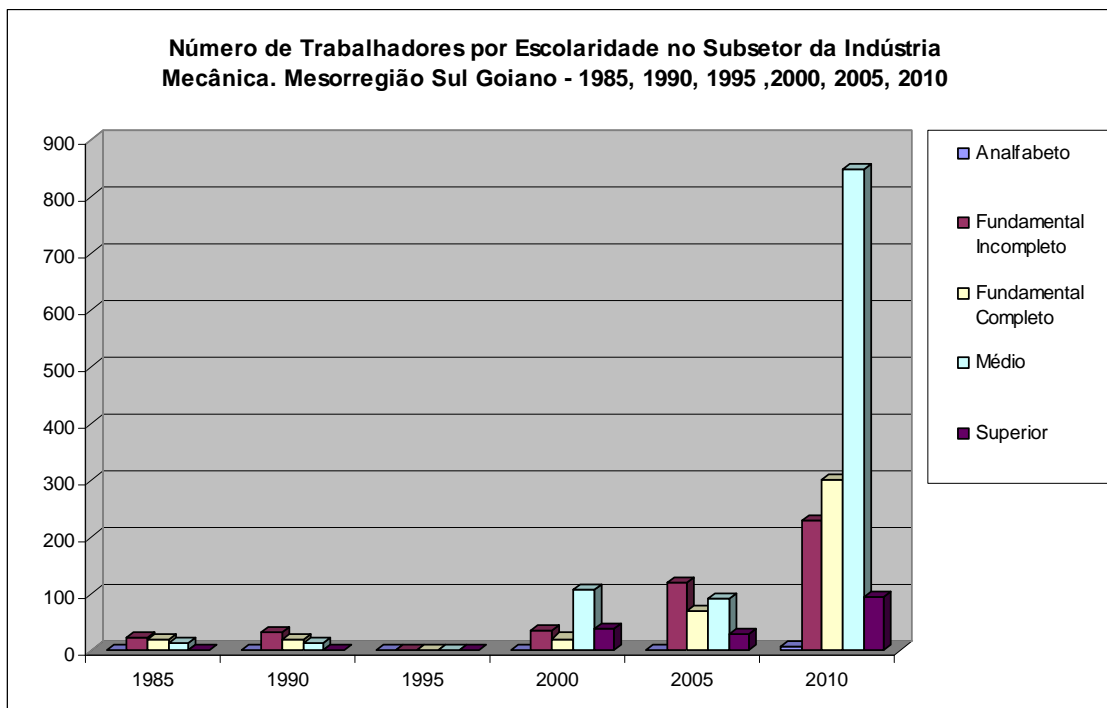


Gráfico 6.29: Número de Trabalhadores por Escolaridade no Subsetor da Indústria Mecânica. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

A maioria dos trabalhadores deste subsetor recebia de 1,01 a 3 salários mínimos, tendo como base os dados do ano de 2010. No ano 2000, a maioria recebia entre 3,01 e 5 salários mínimos, porém essa situação não se manteve e, a partir de 2005, a maioria dos trabalhadores tinha remuneração entre 1,01 a 3 salários mínimos, seguidos daqueles com remuneração entre 3,01 e 5 salários mínimos. Em 2010, a participação dos trabalhadores com salários entre 1,01 e 3 salários mínimos chegou a 66,87% do total.

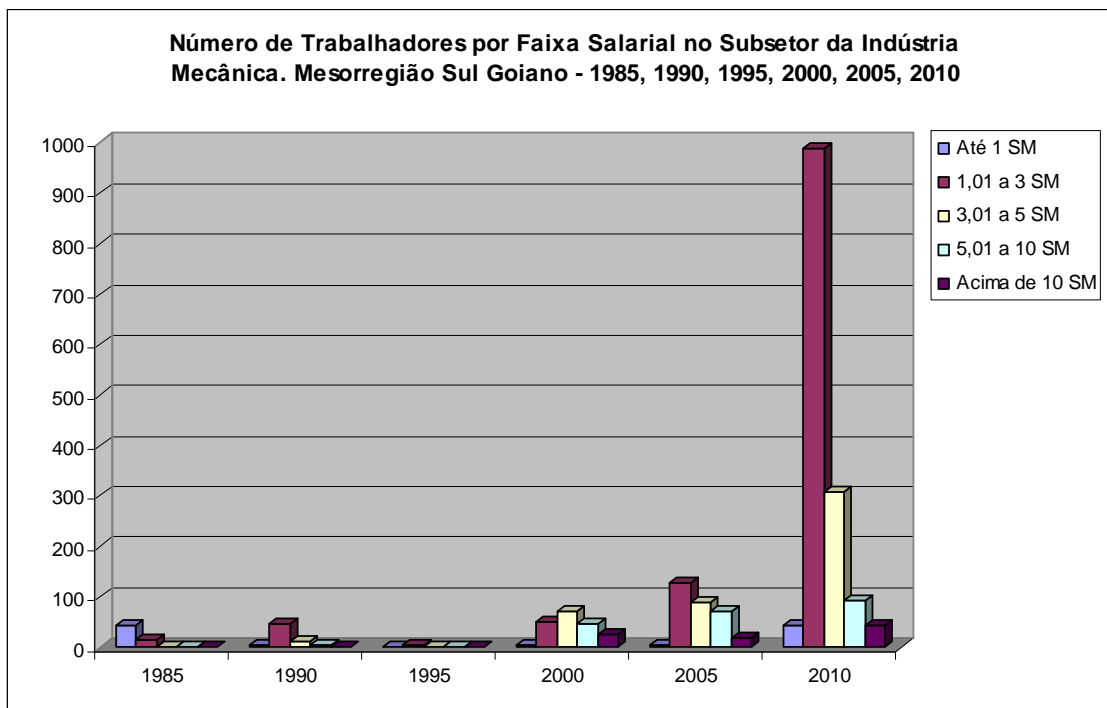


Gráfico 6.30: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial no Subsetor da Indústria Mecânica. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

6.2.7. Indústria Metalúrgica

No Subsetor da Indústria Metalúrgica a maioria dos trabalhadores é do sexo masculino. Em 1985, em um universo de 635 trabalhadores, 614 eram do sexo masculino e apenas 21 do sexo feminino. Em 1995 e em 2000, o número de trabalhadores do sexo masculino somava 652 e 1.222, respectivamente. Já em 2010, em um universo de 1.989 trabalhadores, 1.748 eram do sexo masculino, ou seja 87,89% do total.

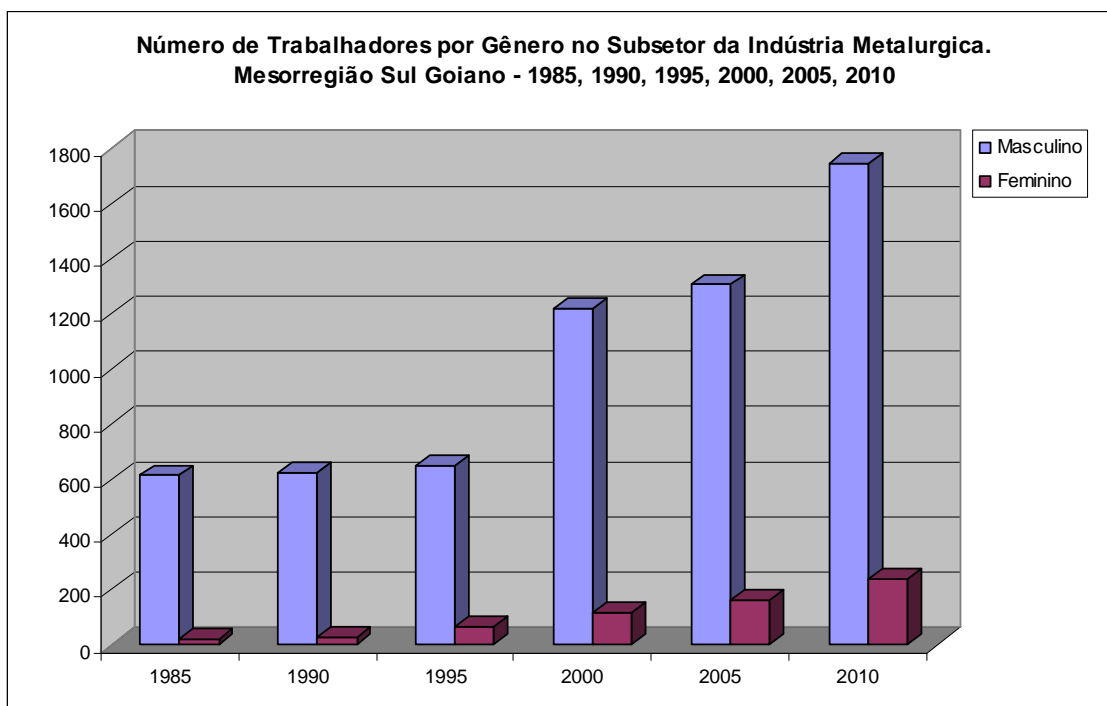


Gráfico 6.31: Número de Trabalhadores por Gênero no Subsetor da Indústria Metalúrgica. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

No que diz respeito à faixa etária destes trabalhadores, nota-se que estes estavam distribuídos em grupos etários entre 18 e 39 anos, majoritariamente, sendo que o grupo de maior número de trabalhadores era o de 30 a 39 anos. No ano de 1985, eram 493 trabalhadores com faixa etária entre 18 e 39 anos em um total de 635. Em 2000, este número aumentou, passando para 995 trabalhadores em um universo de 1.337. Em 2010, este grupo etário somava 1.425 em um universo de 1.989 trabalhadores. O número de trabalhadores com idade superior a 40 anos aumentou significativamente no decorrer do período, passando de 99 trabalhadores, em 1985, para 502, em 2010.

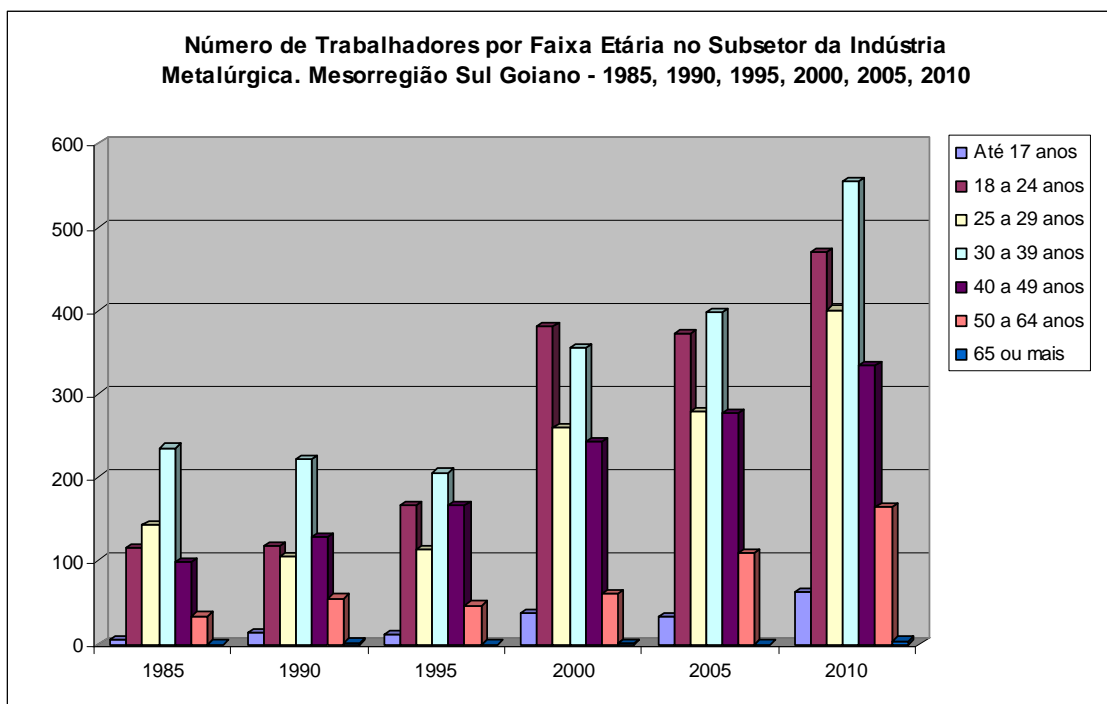


Gráfico 6.32: Número de Trabalhadores por Faixa Etária no Subsetor da Indústria Metalúrgica. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Quanto ao grau de escolaridade a maioria dos trabalhadores deste subsetor havia cursado o Ensino Fundamental Incompleto seguidos daquele com Ensino Fundamental Completo. Em 2005, essa situação se inverte. Já no ano de 2010, há uma participação extraordinária dos trabalhadores com o Ensino Médio, 46,81%. Houve também um aumento no número de trabalhadores com o Ensino Superior: no ano de 2005 havia 75 contratados com Ensino Superior e, em 2010, havia 138.

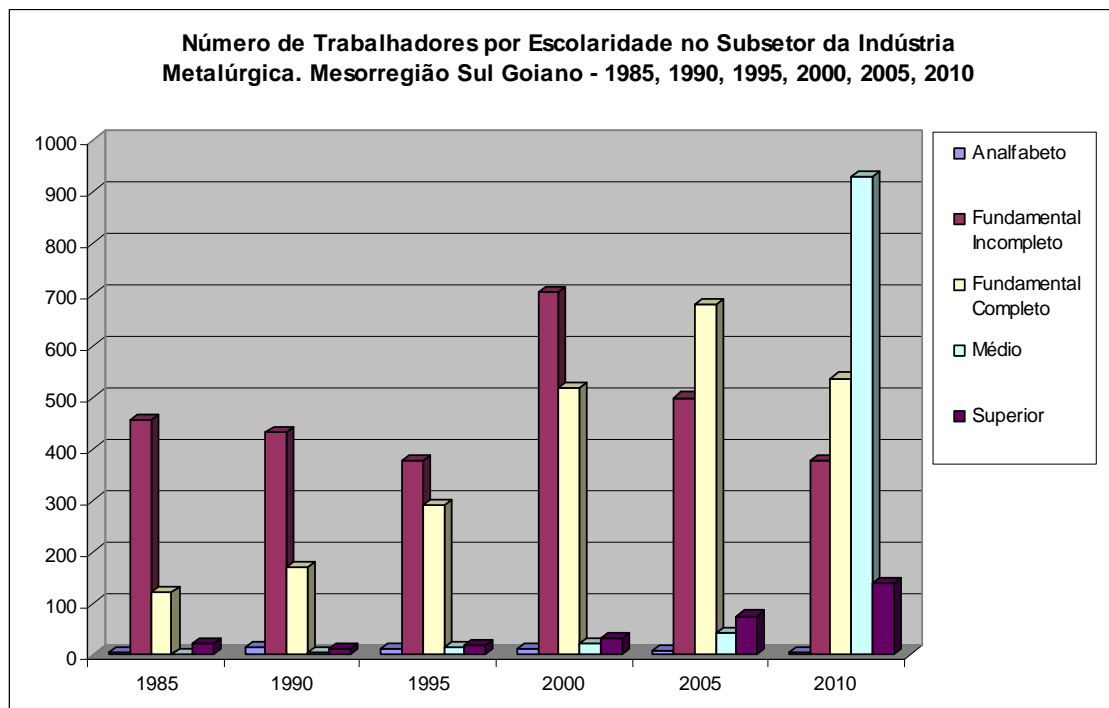


Gráfico 6.33: Número de Trabalhadores por Escolaridade no Subsetor da Indústria Metalúrgica. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

A maioria dos trabalhadores deste subsetor recebia de 1,01 a 3 salários mínimos, entre 1985 e 2010. Neste período, o número de trabalhadores que se encontrava nesta faixa salarial aumentou significativamente. Em 1985, estes trabalhadores somavam 242 em um total de 635. Em 1995, totalizavam 245 em um universo de 716 trabalhadores e, em 2010, totalizavam 1.206 em um universo de 1.989.

Os dados do ano de 2010 que demonstram que a maioria dos trabalhadores recebiam entre 1,01 e 3 salários mínimos, apontam que o aumento da escolaridade não redundou no aumento salarial, sendo importante a realização de pesquisa específica para a identificação de fatores que poderiam concorrer para a elevação dos salários desse Subsetor.

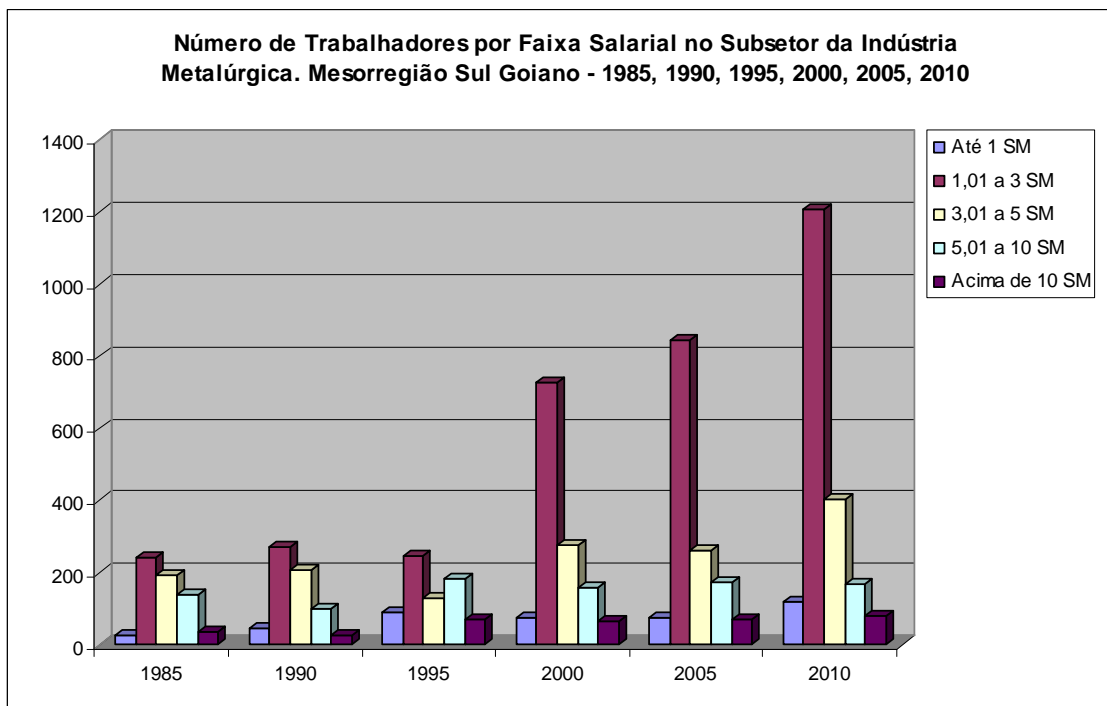


Gráfico 6.34: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial no Subsetor da Indústria Metalúrgica. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

6.2.8 Comércio Varejista

No subsetor de Comércio Varejista ocorreu um aumento considerável de trabalhadores entre 1985 e 2010, tanto de homens quanto de mulheres. Todavia, a maioria dos trabalhadores era do sexo masculino. Em 1985, totalizavam 6.820 homens em um universo de 9.195 trabalhadores, ou seja, cerca de 70%. Em 2000, totalizavam 13.717 homens, representando cerca de 65% do total. Em 2010, 56,08% (26.069) dos empregos eram ocupados por homens.

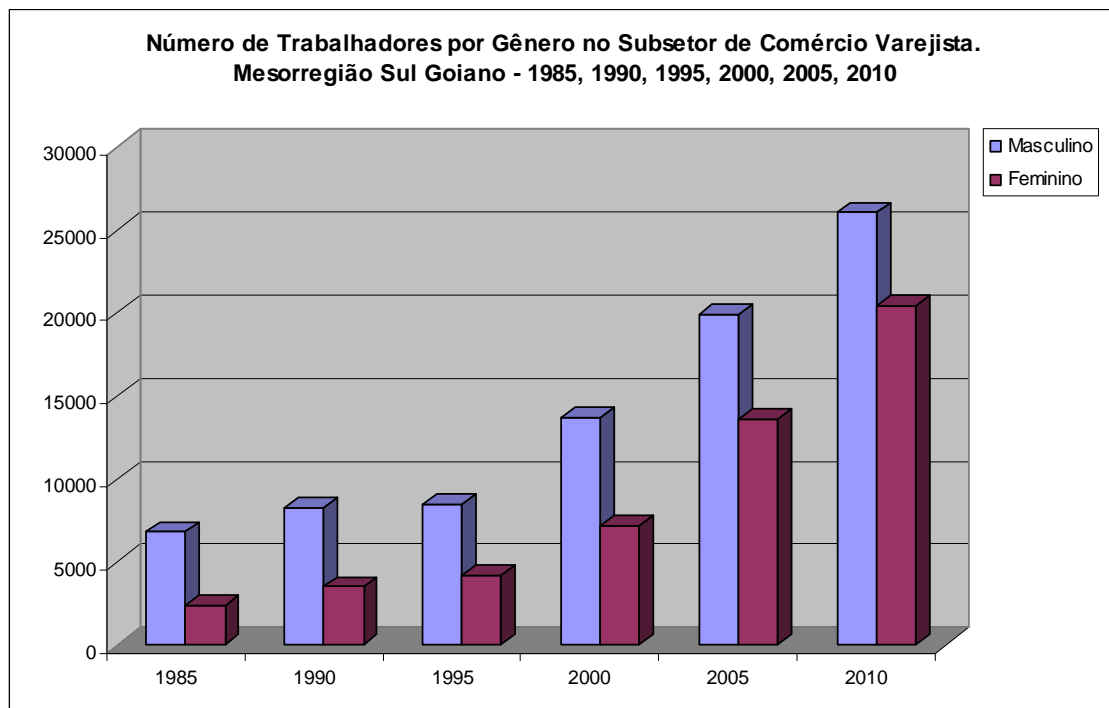


Gráfico 6.35: Número de Trabalhadores por Gênero no Subsetor de Comércio Varejista. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Os trabalhadores com idades compreendidas entre 18 e 39 anos representavam a maioria entre os anos de 1985 e 2010. Em 1985, os trabalhadores desta faixa etária representavam quase 80% do universo de 9.195 trabalhadores da Mesorregião. A partir de 2000, embora o grupo de trabalhadores que tinham idade entre 18 e 39 anos permanecessem como maioria, ocorreu um aumento significativo do grupo de trabalhadores com idade acima de 40 anos.

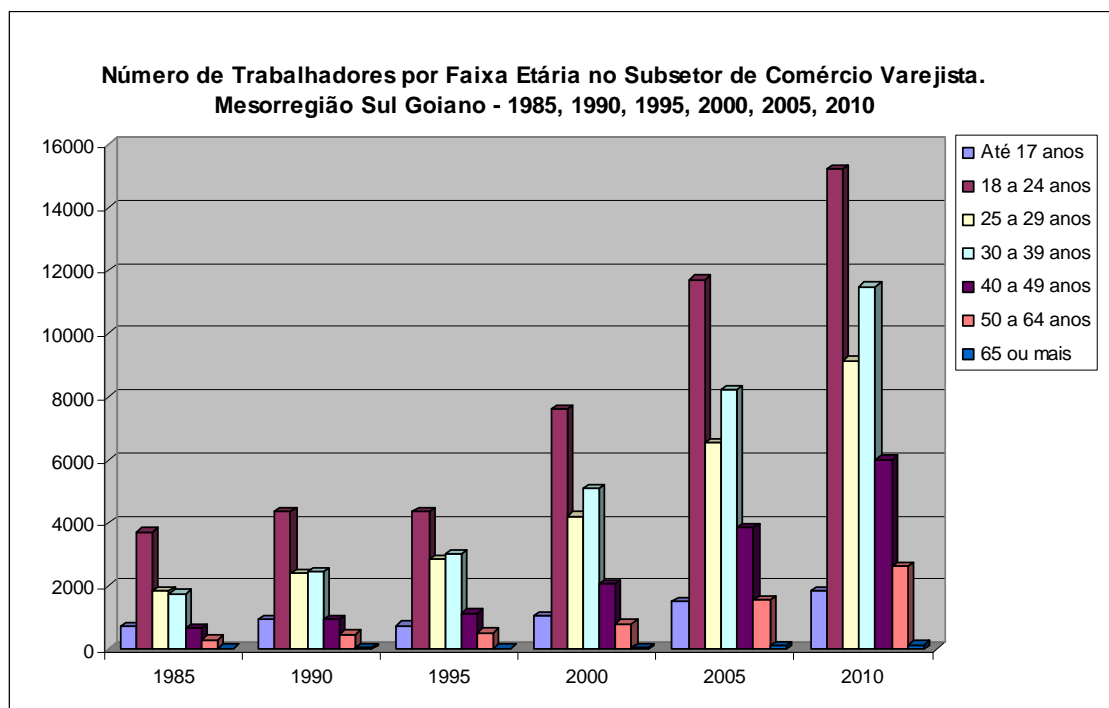


Gráfico 6.36: Número de Trabalhadores por Faixa Etária no Subsetor de Comércio Varejista. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Conforme se pode observar por meio do Gráfico 6.37, entre 1985 e 2000 a maioria dos trabalhadores deste subsetor tinha o Ensino Fundamental Incompleto e o Ensino Fundamental Completo e poucos trabalhadores haviam cursado o Ensino Médio e o Nível Superior, mas nos quinquênios seguintes o número de trabalhadores com grau de escolaridade mais elevados aumentou significativamente, principalmente com o Ensino Médio.

O número de trabalhadores com o Ensino Médio aumentou de 1.711, em 1985, para 5.536, em 2000, alcançou 12.201, em 2005 e 22.957 em 2010. Já o número de trabalhadores com o Ensino Fundamental Completo também aumentou, diferentemente do número de trabalhadores que possuíam o Ensino Fundamental Incompleto.

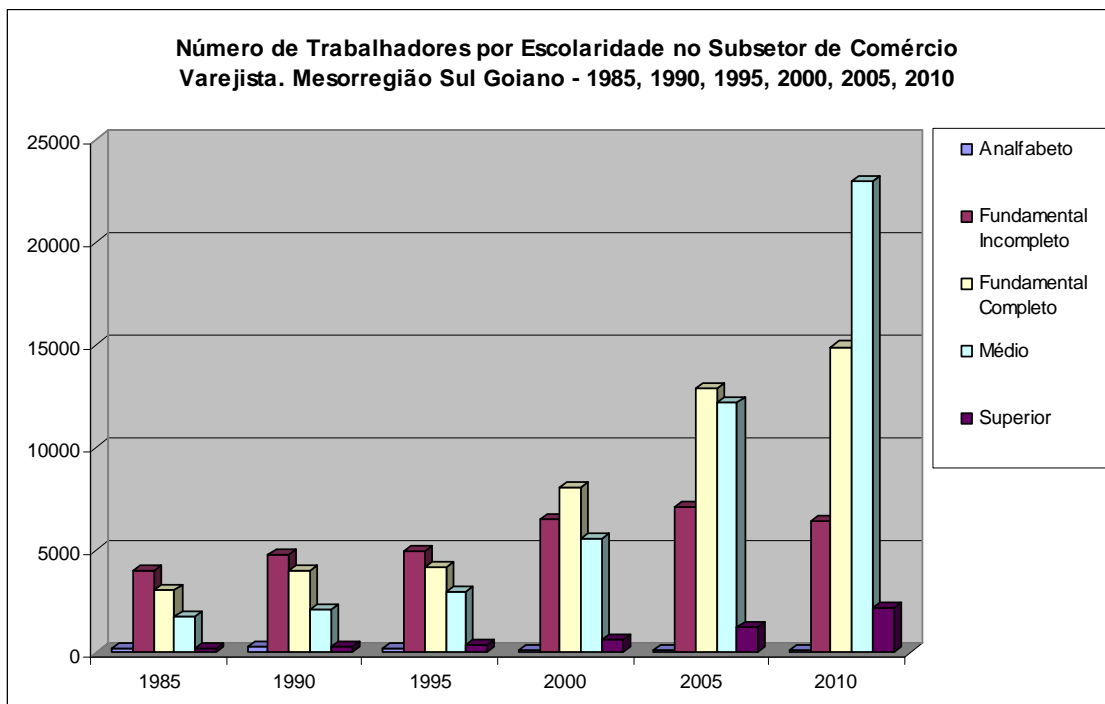


Gráfico 6.37: Número de Trabalhadores por Escolaridade no Subsetor de Comércio Varejista. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

A maioria dos trabalhadores deste subsetor recebia entre 1,01 e 3 salários mínimos, ao longo do período compreendido entre 1985 e 2010. Em 1985, eram 5.694 trabalhadores com essa faixa salarial em um total de 9.195. Em 1995, eram 8.249 em um universo de 12.752 e, em 2010, totalizavam 36.053, em um universo de 46.492 trabalhadores com contrato formal de trabalho.

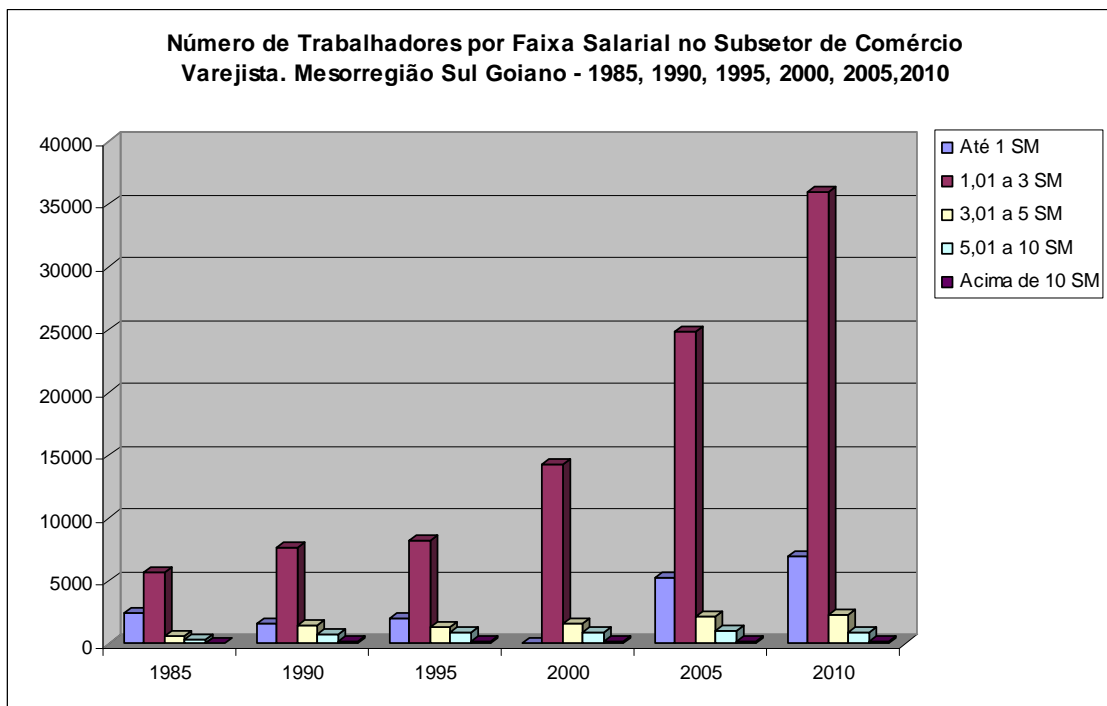


Gráfico 6.38: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial no Subsetor de Comércio Varejista. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Parte III

7. Vertente Ocupacional: Análise da Evolução do Estoque de Emprego Formal por Ocupações na Mesorregião Sul Goiano

7.1. Ocupações Profissionais na Área de Geoprocessamento

7.1.1. Técnicos em Edifagrimensura, Estradas e Saneamento e trabalhadores assemelhados

No período de 1985 a 2000, o número de trabalhadores empregados na ocupação Técnicos em Edifagrimensura, Estradas e Saneamento e Trabalhadores Assemelhados, caiu 71,77%. Em 1985, haviam 124 trabalhadores e em 2000 eles eram apenas 35 trabalhadores formalmente empregados. No ano de 2002, a ocupação analisada passou a ter a nomenclatura “Técnicos de obras civis, agrimensura, estradas, saneamento e trabalhadores assemelhados”.

Nos anos de 1985 a 2000, a maioria dos trabalhadores eram do sexo masculino. O número de trabalhadoras neste período corresponde a 4,55% do total, enquanto os homens representaram 95,44% do total de pessoas empregadas.

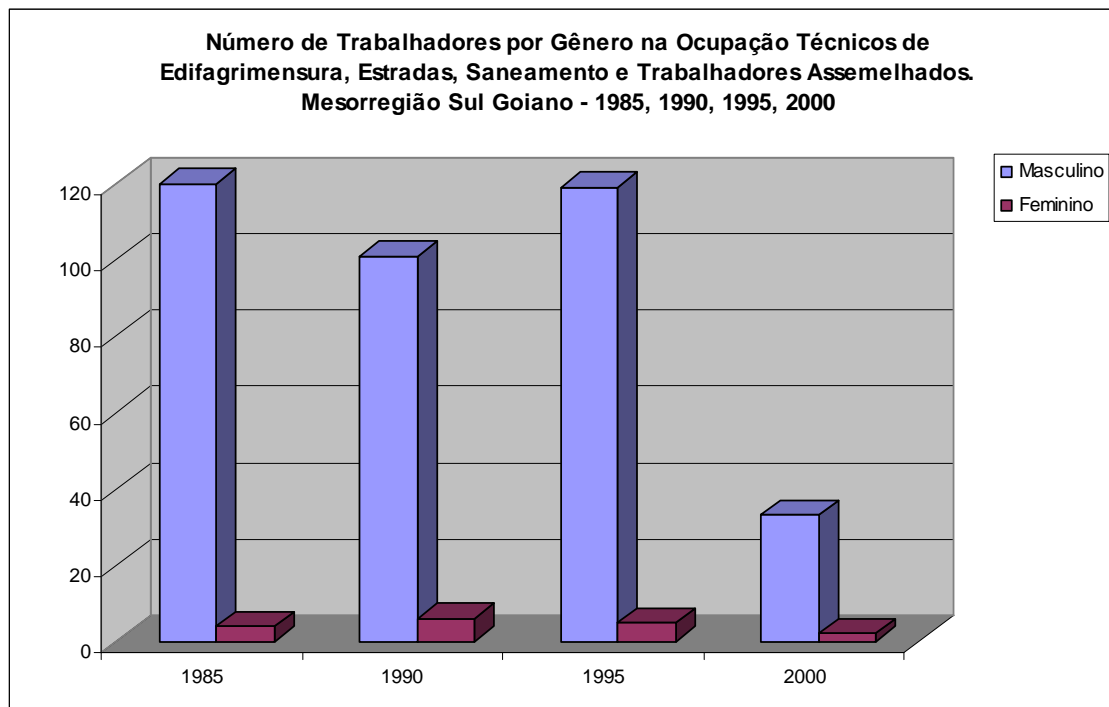


Gráfico 7.1: Número de Trabalhadores por Gênero na Ocupação: Técnicos em Edifagrimensura, Estradas e Saneamento e trabalhadores assemelhados. Mesorregião Sul Goiano - 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Em 1985, haviam 102 trabalhadores empregados com faixa de idade entre 18 e 39 anos, representando 82,25% dos contratos de trabalho. Em 1990, a predominância foi de trabalhadores com idade entre 30 e 64 anos, eles representaram 73,83% dos trabalhadores empregados. Em 1995, um grande número de trabalhadores com idade entre 30 e 49 anos se encontravam empregados, representando 77,41% do total. Já em 2000, os trabalhadores com essa faixa de idade representaram 62,85% do total de empregados.

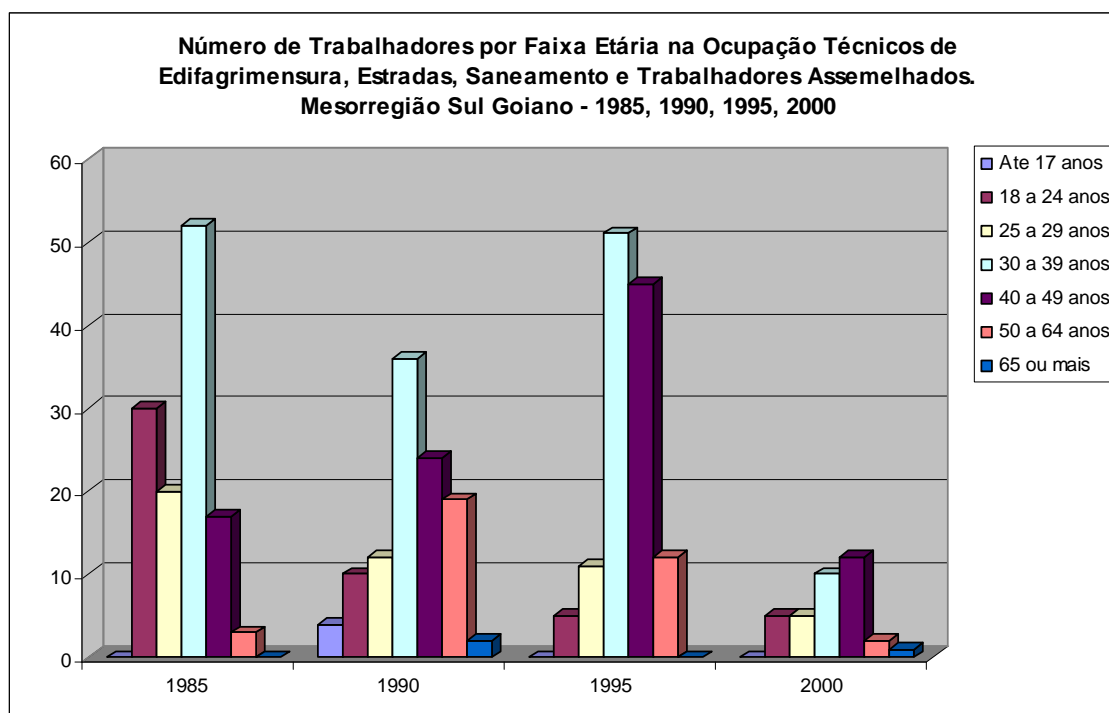


Gráfico 7.2: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na Ocupação: Técnicos em Edifagrimensura, Estradas e Saneamento e trabalhadores assemelhados. Mesorregião Sul Goiano - 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

No gráfico referente à Escolaridade, observa-se que no ano de 1985 grande parte dos trabalhadores tinham o Ensino Fundamental Incompleto (43,54%), seguida pelos trabalhadores que possuíam o Ensino Médio Completo (33,06%). Uma parcela menor possuía o Ensino Fundamental Completo (20,96%) e apenas 3 trabalhadores cursaram o Nível Superior.

No ano seguinte foram registrados mais trabalhadores com nível médio (46 trabalhadores), representando 42,99%. Mas ainda foram encontrados na ocupação registros de trabalhadores que não possuíam nenhum nível de instrução - dado possivelmente equivocado, já que é necessário que o trabalhador tenha algum nível de instrução para atuar nessa ocupação. Entretanto, nota-se que no ano de 1995, o número de trabalhadores com nível médio cresce para 59 profissionais, representando 47,58% dos contratados, e cai para 14 trabalhadores(40%) no ano 2000.

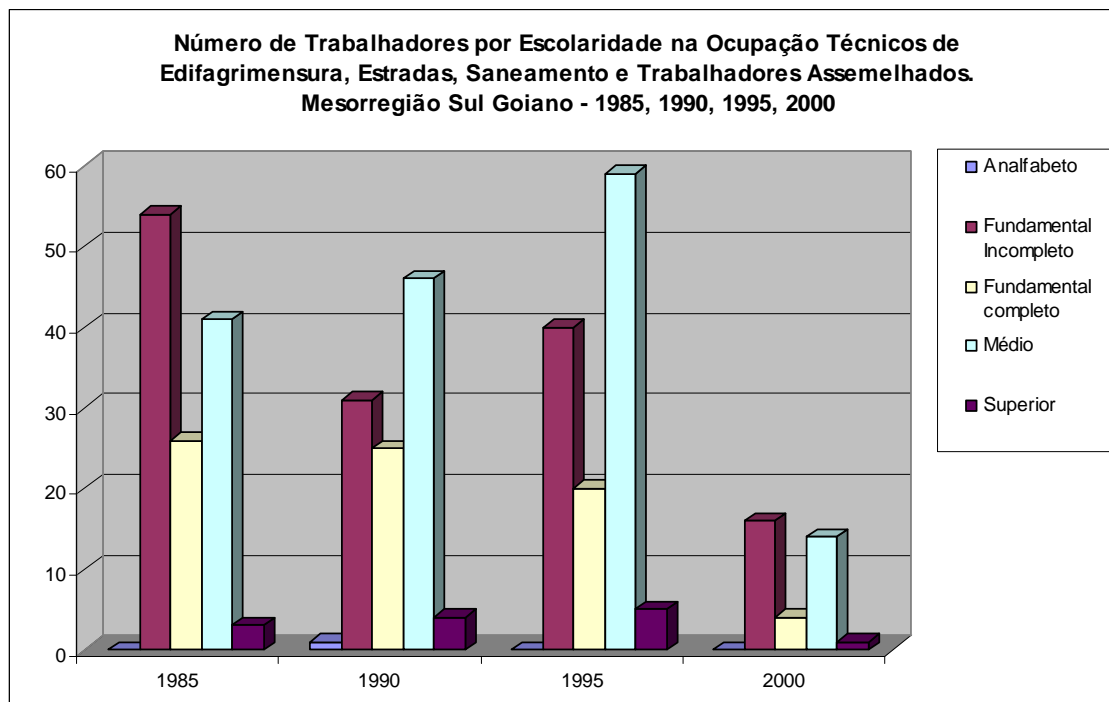


Gráfico 7.3: Número de Trabalhadores por Escolaridade na Ocupação: Técnicos em Edifagrimensura, Estradas e Saneamento e trabalhadores assemelhados. Mesorregião Sul Goiano - 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Em 1985, segundo os dados presentes no Gráfico 7.4, uma parte considerável (36,29%) de trabalhadores nessa ocupação, possuíam remuneração média de 1,01 a 3 salários mínimos. Somente 16, do total de 124 trabalhadores, nesse mesmo ano, ganhavam acima de 10 salários mínimos. Estes números se inverteram no ano de 1990, passando a existir 44 profissionais (41,12%) nesta ocupação ganhando acima de 10 salários mínimos, e este número cresce mais ainda em 1995, quando totaliza 66 (53,22%) trabalhadores em um universo de 124 profissionais com esta faixa salarial. Dois trabalhadores ganhavam até 1 salário mínimo. Em 2000 a predominância era de 1,01 a 3 salários mínimos, com 18 trabalhadores (51,42%) exercendo esta ocupação com essa faixa de salário.

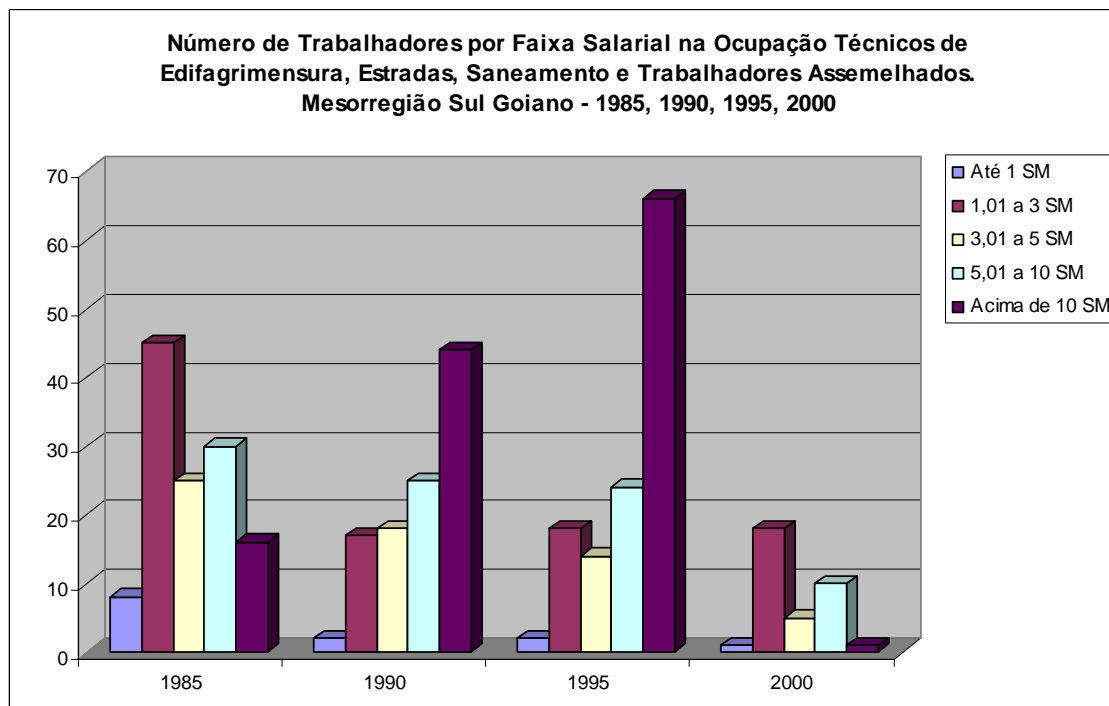


Gráfico 7.4: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na Ocupação: Técnicos em Edifagrimensura, Estradas e Saneamento e trabalhadores assemelhados. Mesorregião Sul Goiano - 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

7.1.2. Técnicos em Geomática

A ocupação Técnicos em Geomática, apresentou taxa de crescimento de 438,46% de 2003 a 2010. Segundo os dados do gráfico referente ao gênero desses profissionais, a maioria é do sexo masculino. Em 2003 o gênero masculino representava 96,15% do total de ocupados, em 2006 essa representação cai para 94,28% e em 2010 eles totalizam 95%. Dessa forma, a quantidade de mulheres contratadas não é significativa em termos absolutos.

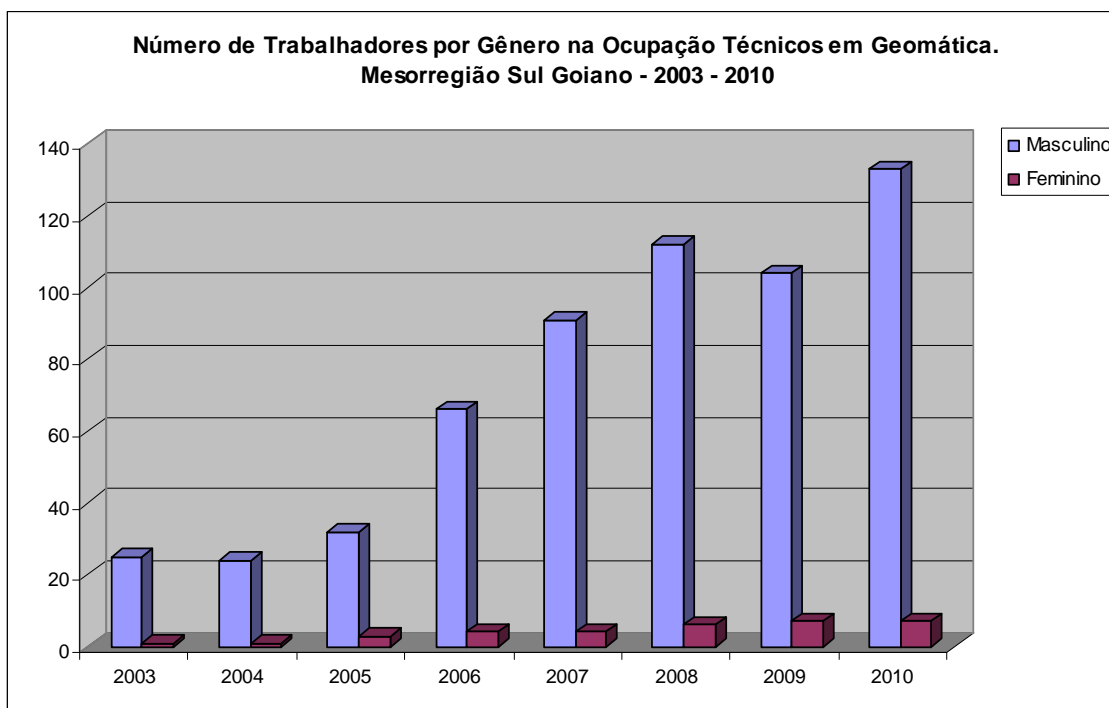


Gráfico 7.5: Número de Trabalhadores por Gênero na Ocupação: Técnicos em Geomática. Mesorregião Sul Goiano 2003 - 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

O gráfico a seguir demonstra que até 2005, há uma quantidade significativa de profissionais com idade entre 40 e 49 anos, representando 39,56% do total de empregados. Nos anos seguintes, as faixas etárias são mais variadas. Os dados demonstram ainda que 27,09% dos profissionais tem idade entre 30 a 39 anos em todo o período estudado. Em seguida tem-se a faixa etária de 18 a 24 anos, representando 21,93% do total de empregados.

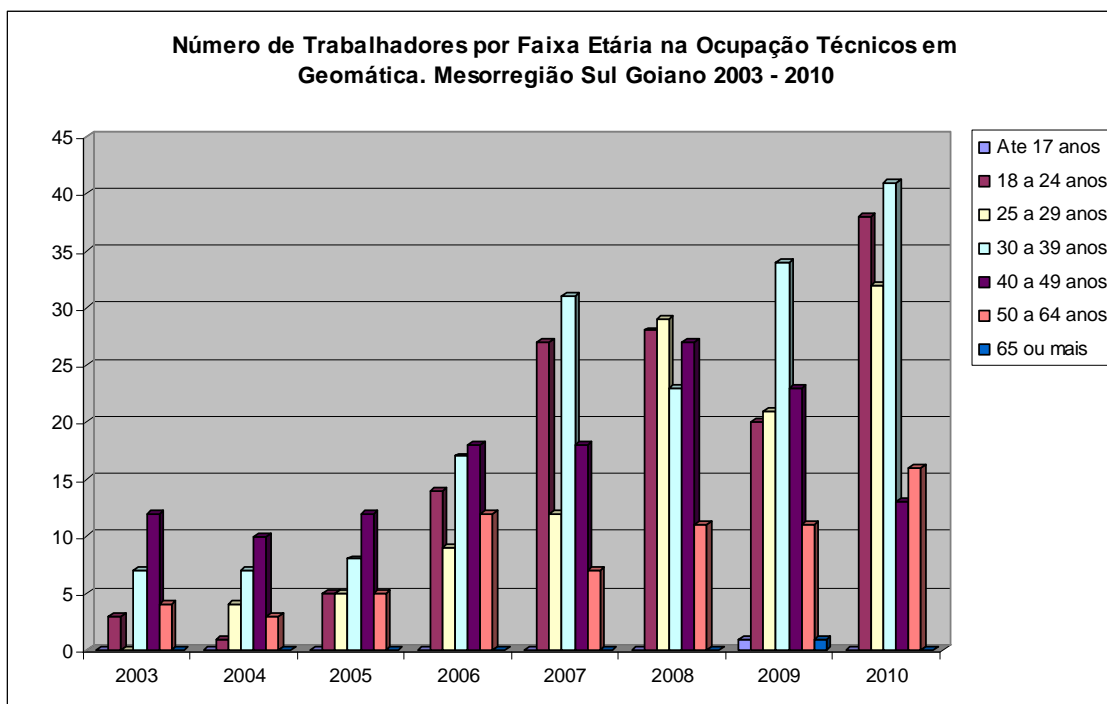


Gráfico 7.6: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na Ocupação: Técnicos em Geomática. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Nota-se no Gráfico 7.7 que a formação de uma parte significativa dos profissionais, no período analisado, estava de acordo com o nível de instrução exigido. A maioria dos trabalhadores possuía o Ensino Médio completo (52,90%). Em 2003 eram 11 em um universo de 26 trabalhadores; em 2006 este número sobe para 35, de um total de 70; e finalmente em 2010 estes profissionais somam 77 do total de 140. Percebe-se que a formação no nível Superior também se fez presente no grau de instrução destes trabalhadores, principalmente a partir de 2008, sugerindo que esses profissionais estão buscando maior qualificação. O número de trabalhadores com Ensino Fundamental Incompleto foi significativo entre 2006 e 2008 e demonstrou queda em 2009 e 2010.

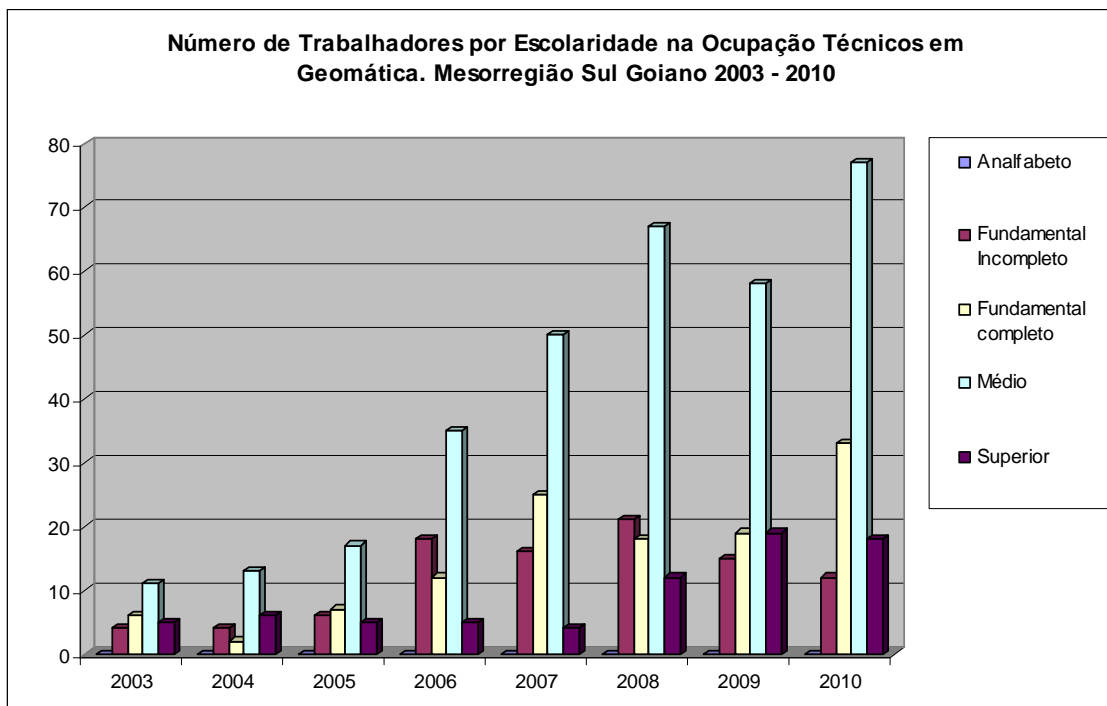


Gráfico 7.7: Número de Trabalhadores por Escolaridade na Ocupação: Técnicos em Geomática. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

No Gráfico 7.8, nota-se que parte significativa (41,93%) dos trabalhadores recebem salários na faixa de 1,01 a 3 salários mínimos, em toda a série histórica estudada. Especificamente em 2010, foi registrado um maior número de trabalhadores com essa faixa de salário, representando 48,57% do total de empregados.

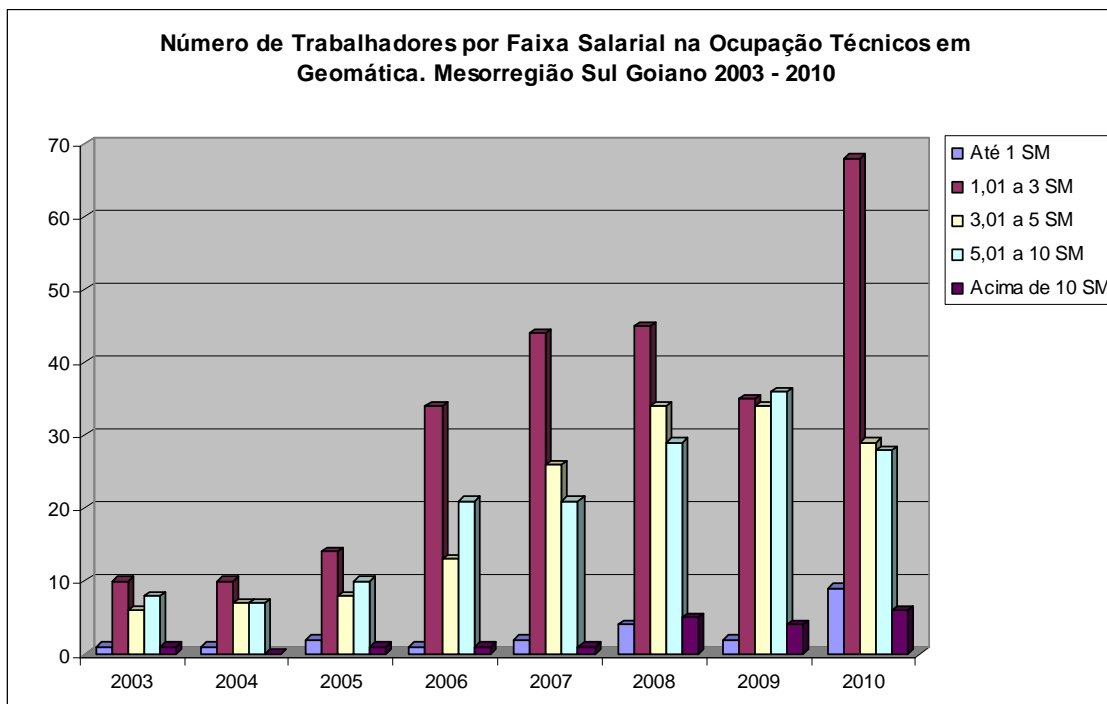


Gráfico 7.8: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na Ocupação: Técnicos em Geomática. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

7.1.3. Engenheiros Agrimensores e Engenheiros Cartógrafos

A ocupação Engenheiros Agrimensores e Engenheiros Cartógrafos não apresentou dados de contratos formais de trabalho que permitam uma análise da ocupação na Mesorregião em estudo. O ano que registra maior número de trabalhadores, dentro da série considerada – 2003 – 2010 –, é o ano de 2008, em que são contratados 7 profissionais, sendo 1 mulher e 6 homens.

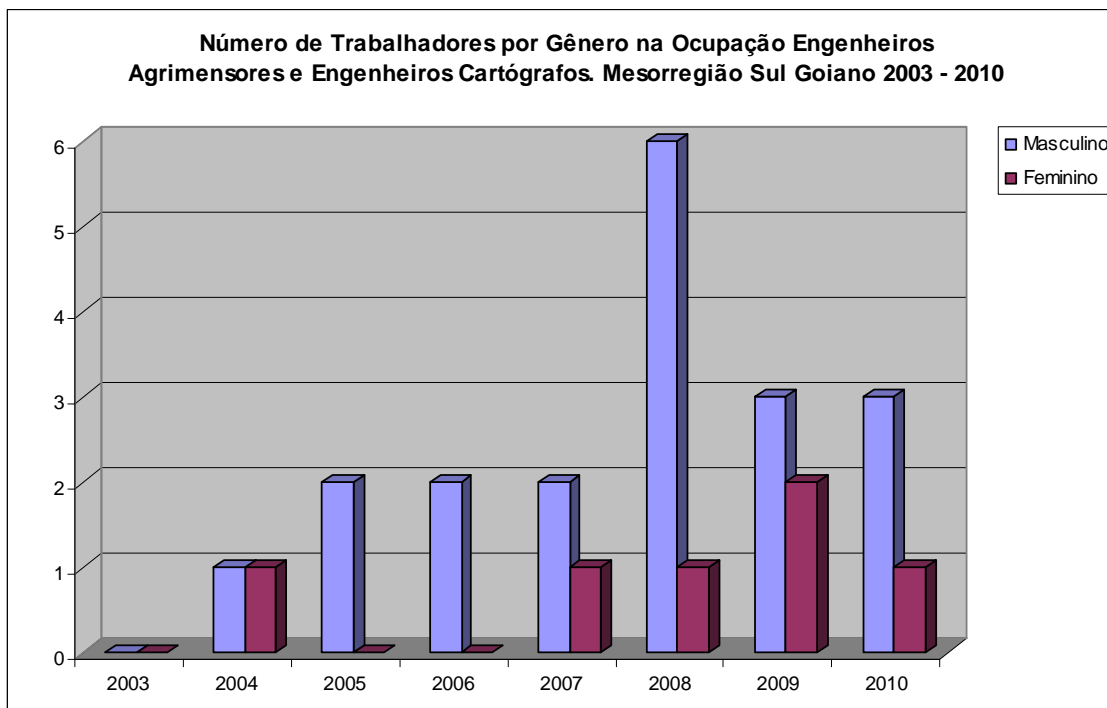


Gráfico 7.9: Número de Trabalhadores por Gênero nas Ocupações: Engenheiros Agrimensores e Engenheiros Cartógrafos. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

No gráfico 7.10, observa-se que em 2004, existia 1 profissional nesta ocupação entre 18 e 24 anos, e 1 profissional entre 30 e 39 anos. Em 2005 foi registrado 1 trabalhador na faixa de 30 e 39 anos e 1 entre 25 e 29 anos de idade. No ano de 2006 é registrado somente 1 trabalhador entre 25 e 29 anos, e 1 profissional na faixa de 50 e 64 anos de idade. No período de 2008 a 2010 predominam trabalhadores nas faixas etárias de 25 a 39 anos.

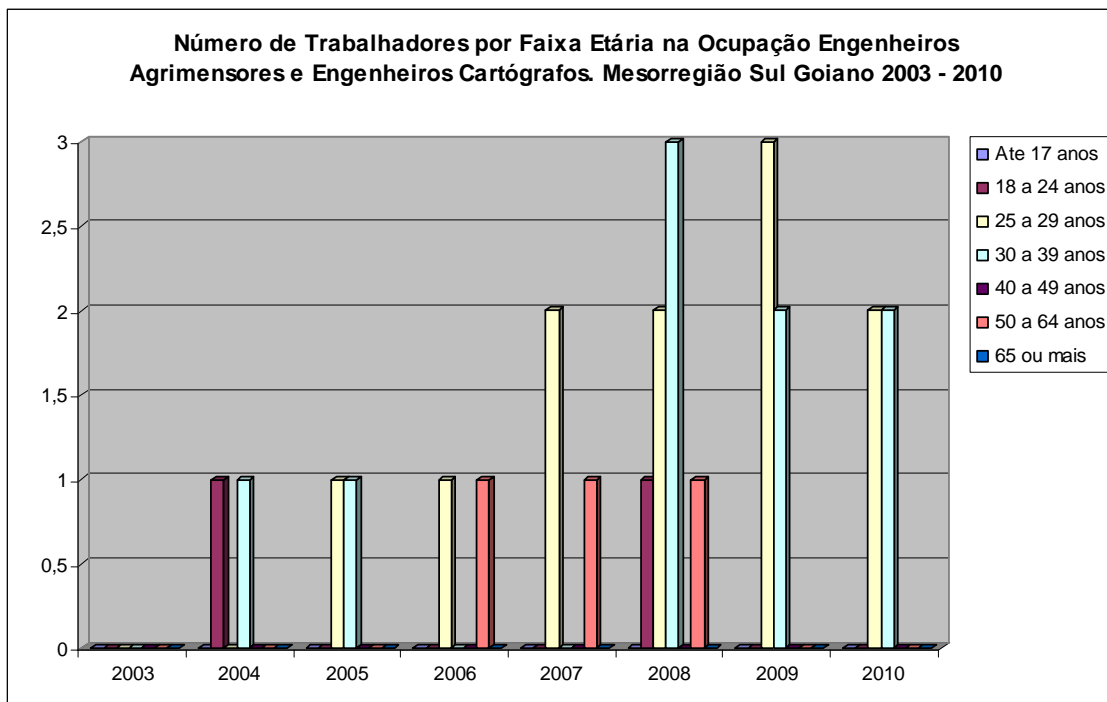


Gráfico 7.10: Número de Trabalhadores por Faixa Etária nas Ocupações: Engenheiros Agrimensores e Engenheiros Cartógrafos. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Todos os trabalhadores registrados exercendo a profissão de Engenheiros Agrimensores e Cartógrafos, possuem nível de instrução compatível com sua ocupação. Em todos os anos estudados, observa-se que todos os trabalhadores nesta atividade possuem o nível Superior Completo.

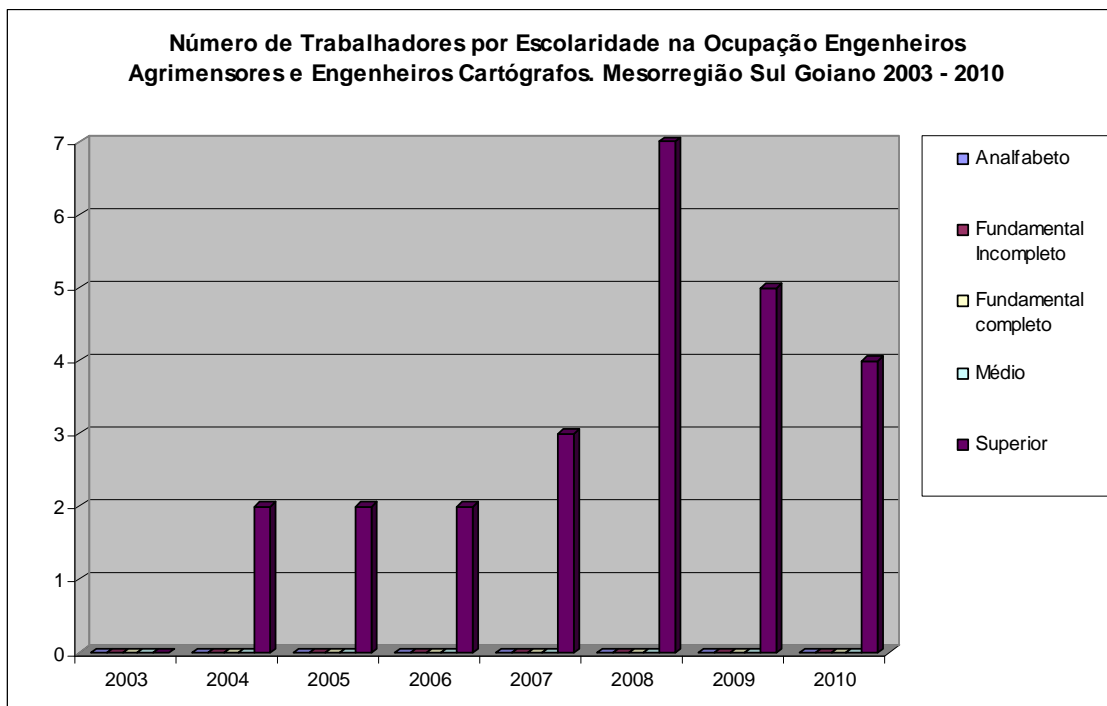


Gráfico 7.11: Número de Trabalhadores por Escolaridade nas Ocupações: Engenheiros Agrimensores e Engenheiros Cartógrafos. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Finalmente, com base nos dados do gráfico 7.12, observa-se que predominam os salários acima de 5 salários mínimos, ainda que figure, no ano de 2010, um profissional com remuneração entre 1,01 e 3 salários mínimos.

Ao comparar as ocupações da área de Geoprocessamento, na Mesorregião Sul Goiano, que necessitam de formação em nível superior com as ocupações da mesma área que podem ser exercidas apenas com o ensino técnico em nível médio nos deparamos com um maior número de profissionais empregados nas ocupações de nível técnico. Isso pode ser explicado pelo menor tempo que o trabalhador disponibiliza para formação e pelo rendimento mensal que é quase o mesmo de quem exerce uma ocupação de nível superior.

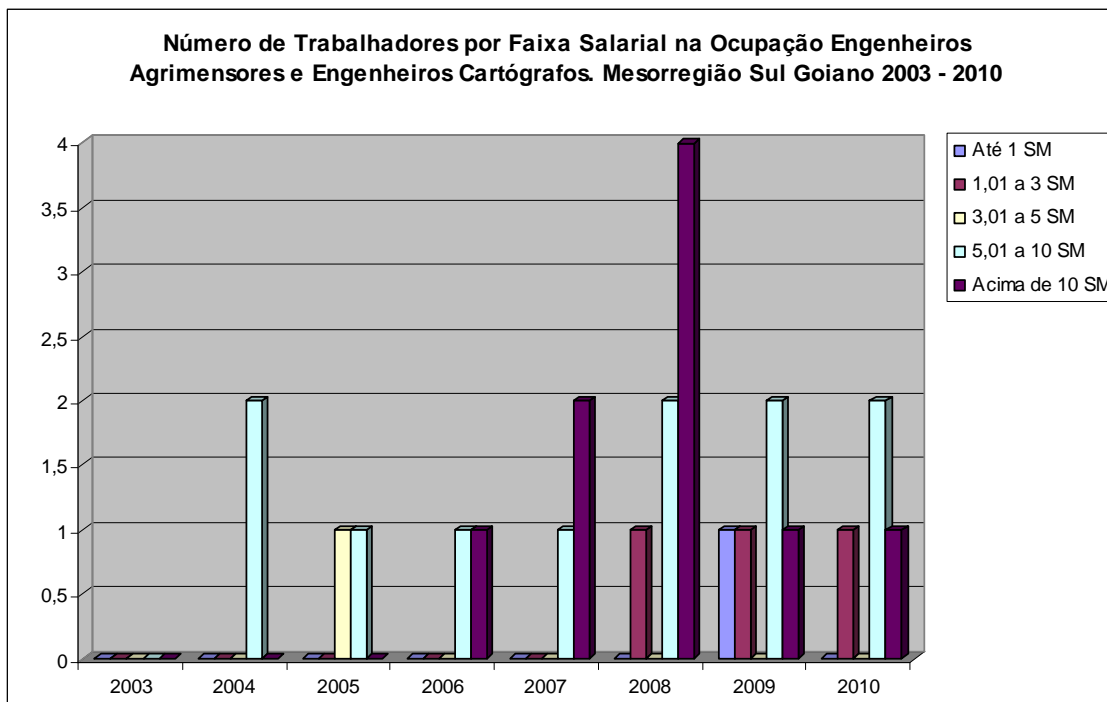


Gráfico 7.12: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial nas Ocupações: Engenheiros Agrimensores e Engenheiros Cartógrafos. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

7.2. Ocupações Profissionais na Área de Indústria

7.2.1. Engenheiros Eletricistas e Engenheiros Eletrônicos

De acordo com os gráficos apresentados a seguir, o número de trabalhadores do gênero masculino na ocupação Engenheiros Eletricistas e Engenheiros Eletrônicos foi sempre superior ao número de trabalhadores do gênero feminino nos períodos de 1985 a 2000 e de 2003 a 2010. No ano de 1985 foi registrada uma profissional; em contrapartida, foram registrados 11 profissionais do sexo masculino. Em 1990, havia somente homens exercendo essa ocupação e somavam 10 contratos formais. Já em 1995 o número de trabalhadores aumentou para 35, dos quais 34 eram homens. No ano 2000 o total de trabalhadores é de 32, e não houve registro de profissionais do sexo feminino exercendo a profissão em estudo.

Semelhante ao que aconteceu nos anos anteriores, no período que vai de 2003 a 2010 os trabalhadores do gênero masculino representaram a maioria dos contratos formais, sendo que nos anos de 2003 e de 2005 não foi registrada nenhuma mulher na ocupação.

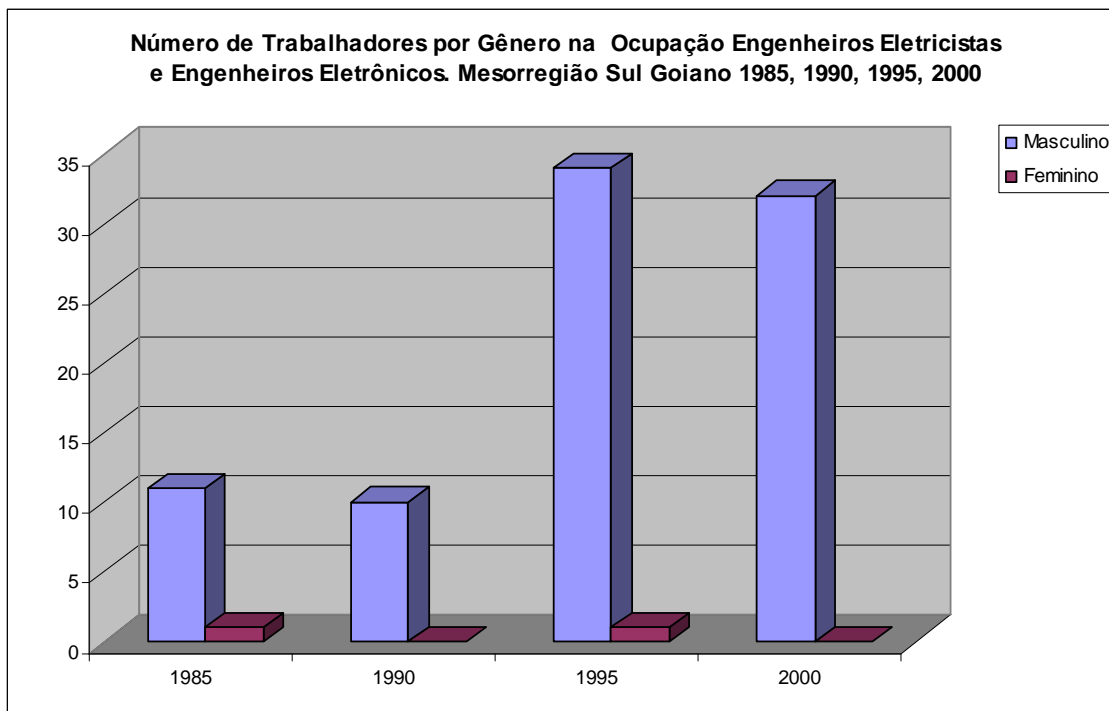


Gráfico 7.13: Número de Trabalhadores por Gênero nas Ocupações: Engenheiros Eletricistas e Engenheiros Eletrônicos. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

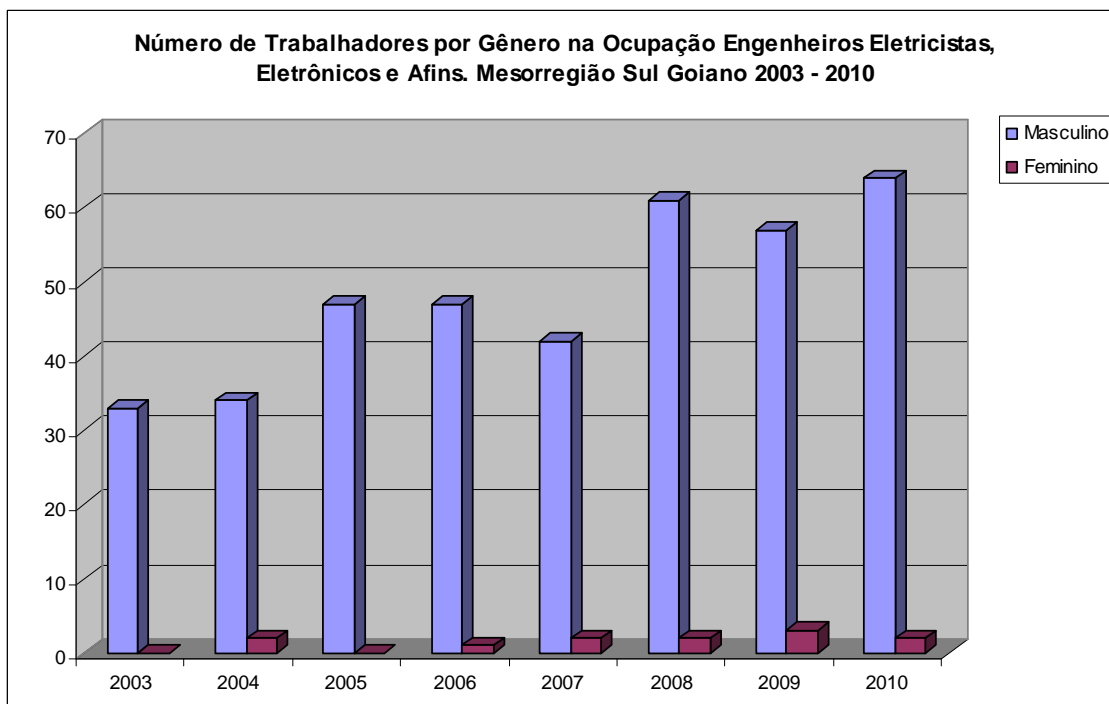


Gráfico 7.14: Número de Trabalhadores por Gênero na Ocupação: Engenheiros Eletricistas, Eletrônicos e afins. Mesorregião Sul Goiano 2003 - 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Nos Gráficos 7.15 e 7.16, observa-se a faixa etária dos profissionais em Engenharia Elétrica, Engenharia Eletrônica e afins. Nota-se, tendo como base o último ano de cada série, a predominância de trabalhadores jovens com idade entre 30 e 39 anos e 40 e 49 anos. Igualmente, é significativa a participação de trabalhadores com idade entre 25 e 29 anos, principalmente na série de 2003 a 2010.

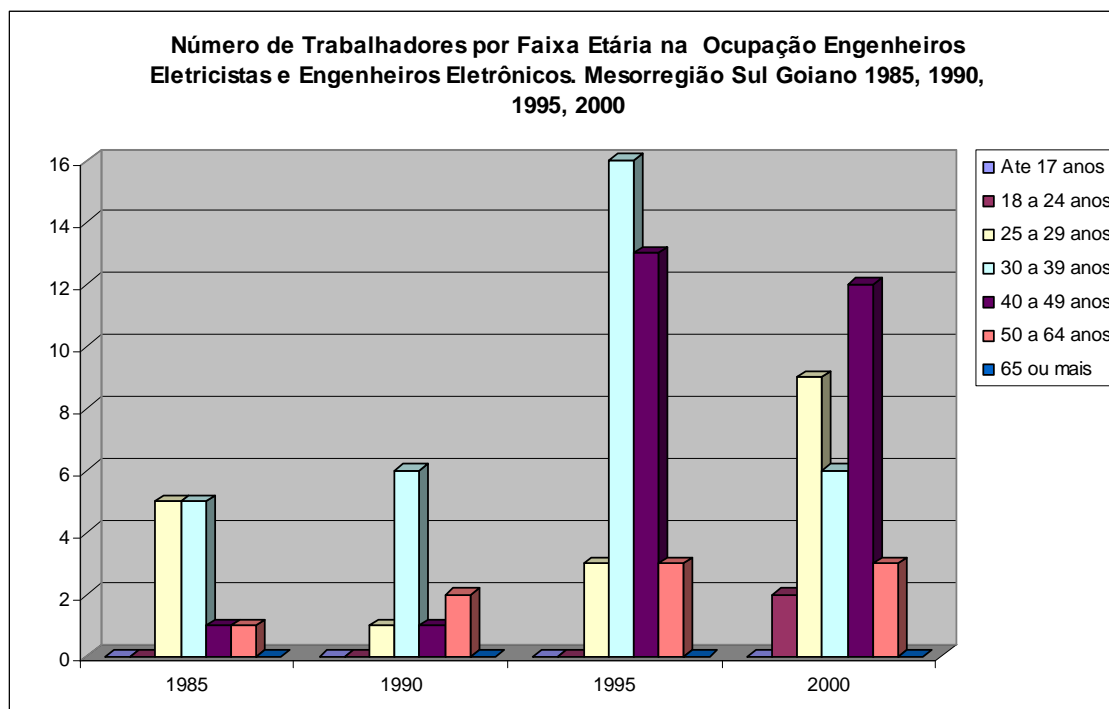


Gráfico 7.15: Número de Trabalhadores por Faixa Etária nas Ocupações: Engenheiros Elétricistas e Engenheiros Eletrônicos. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

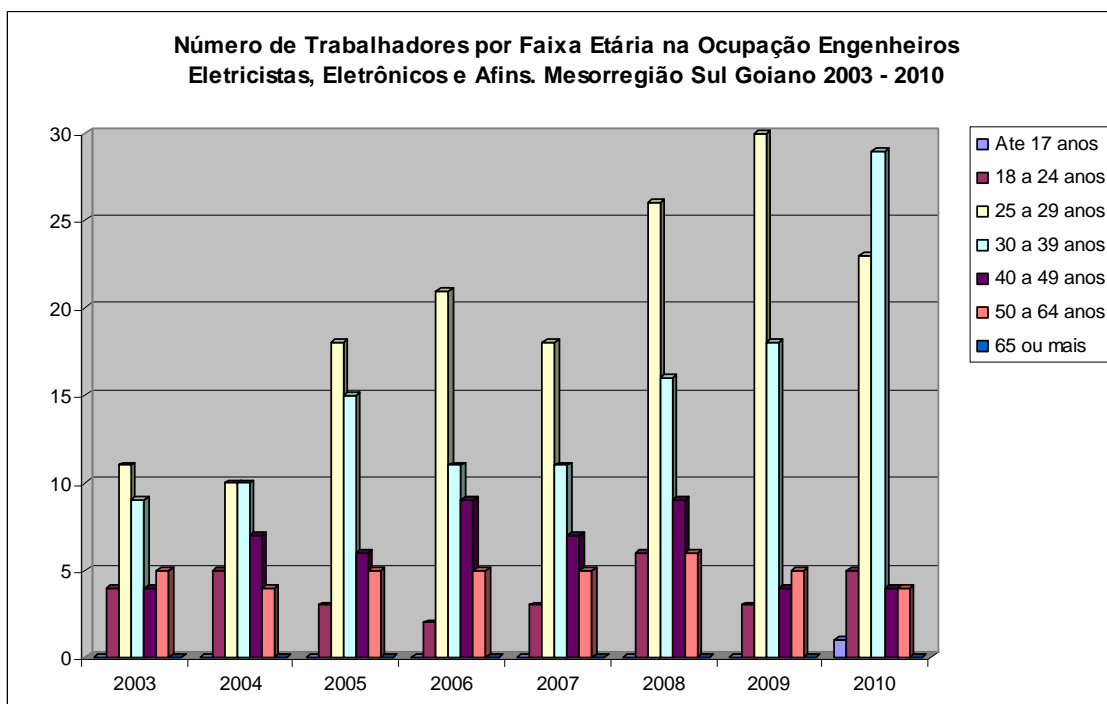


Gráfico 7.16: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na Ocupação: Engenheiros Eletricistas, Eletrônicos e afins. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Nota-se, no gráfico referente à escolaridade, que no período de 1985 a 2000 praticamente todos os profissionais possuem o nível superior completo. Visto que a RAIS aponta trabalhadores com níveis de escolaridades mais baixos, o que não é possível para a ocupação, acredita-se que pode ter ocorrido erros no banco de dados do sistema. Já para o período que vai do ano de 2003 a 2010, todos os profissionais registrados possuem o ensino superior completo.

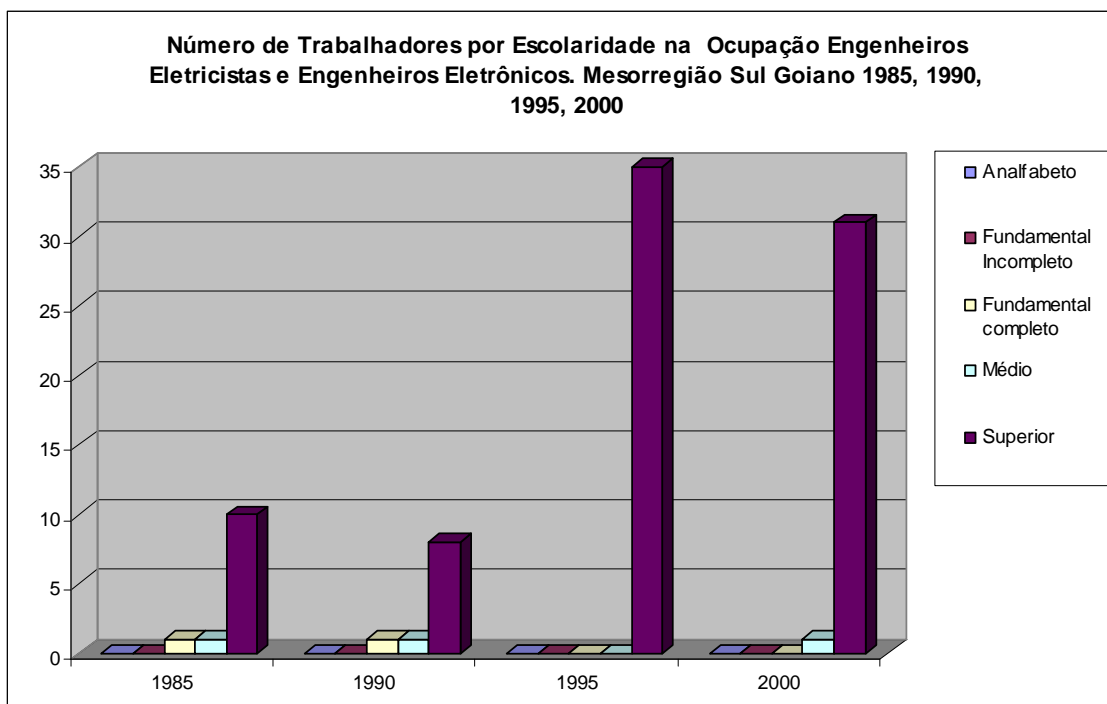


Gráfico 7.17: Número de Trabalhadores por Escolaridade nas Ocupações: Engenheiros Elétricistas e Engenheiros Eletrônicos. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

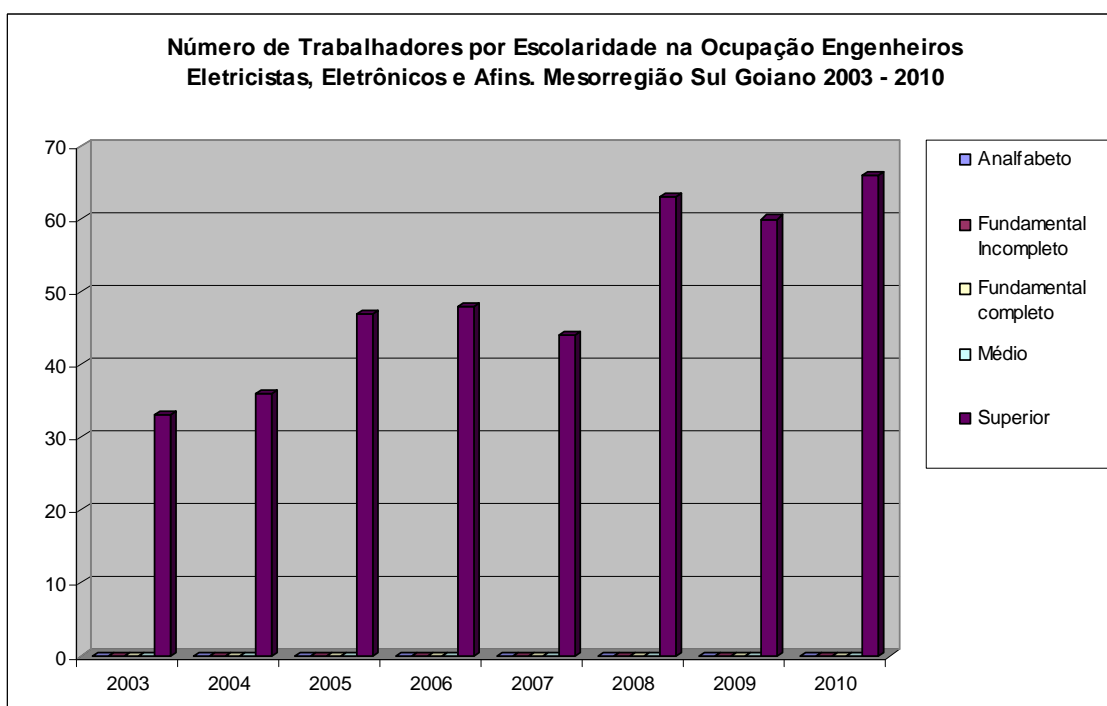


Gráfico 7.18: Número de Trabalhadores por Escolaridade na Ocupação: Engenheiros Elétricistas, Eletrônicos e afins. Mesorregião Sul Goiano 2003 - 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

No período de 1985 a 2000, nota-se que a maioria (80,89%) dos trabalhadores que exercia essa profissão, apresentava rendimento mensal acima de 10 salários mínimos. No ano de 1995 este número foi o maior, com 33 trabalhadores apresentando esta renda média, em um universo de 35 profissionais.

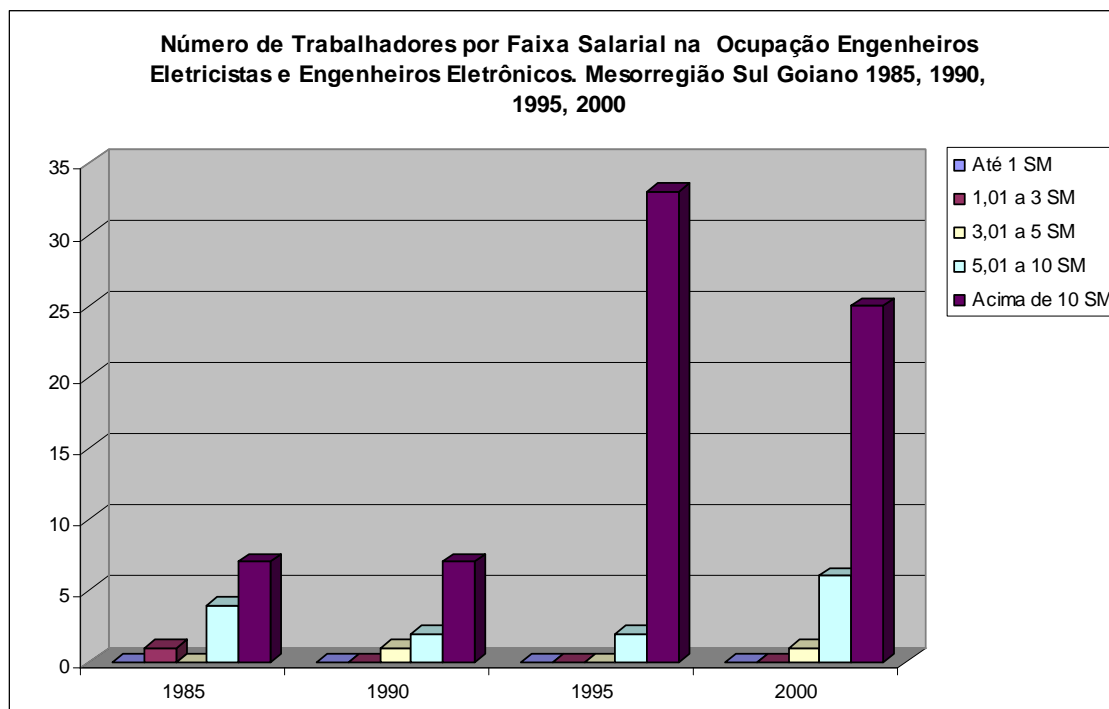


Gráfico 7.19: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial nas Ocupações: Engenheiros Eletricistas e Engenheiros Eletrônicos. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Ainda referente à faixa salarial, no período de 2003 a 2010, a maioria (85,64%) dos ocupados apresentava renda mensal média acima de 5 salários mínimos. Porém, pode-se notar que existem, em todos os anos, uma média de 3,75 trabalhadores com renda mensal abaixo de 3 salários mínimos; quantidade pouco significativa em termos absolutos, já que em média 42,5 trabalhadores por ano apresentaram renda mensal acima de 5 salários mínimos.

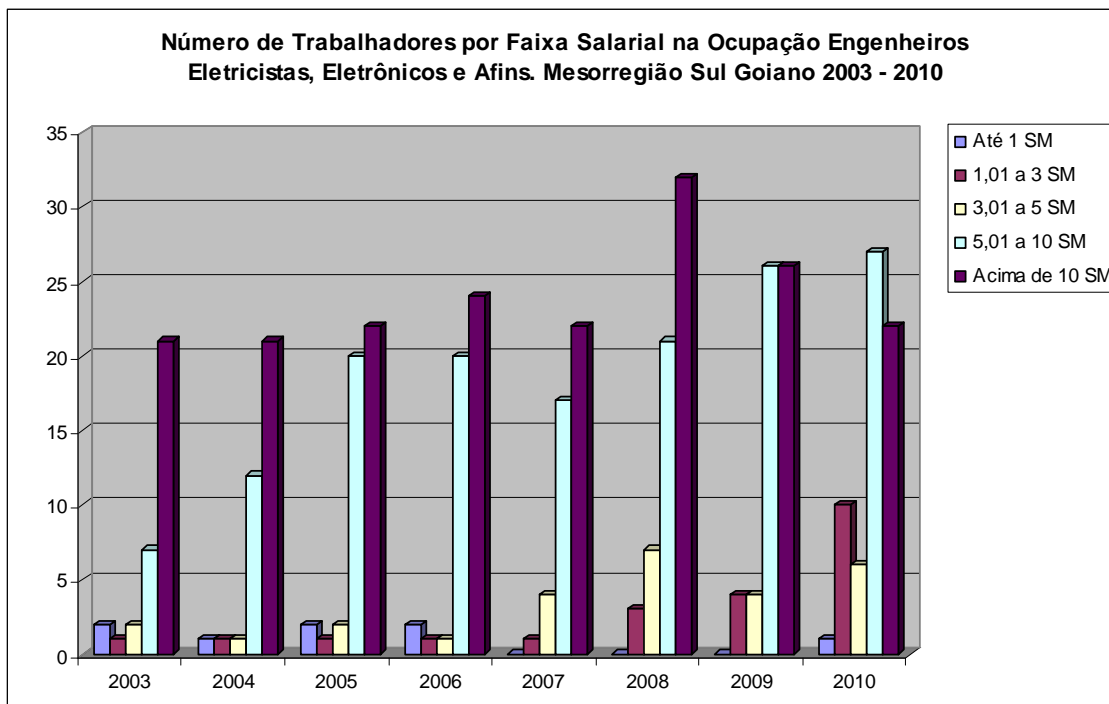


Gráfico 7.20: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na Ocupação: Engenheiros Eletrônicos e Afins. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

7.2.2. Técnicos em Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações

No ano de 1985 na ocupação Técnicos em Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações foram registrados 148 trabalhadores, dentre estes, 143 do gênero masculino e 5 do gênero feminino. Em 1990 foram contratados 143 trabalhadores, sendo 133 homens e 10 mulheres. No ano 1995 o número de profissionais exercendo esta profissão reduziu para 134, sendo 122 homens e 12 mulheres. Em 2000, os profissionais em atividade nesta ocupação totalizavam 179, entre estes foi registrada apenas uma mulher.

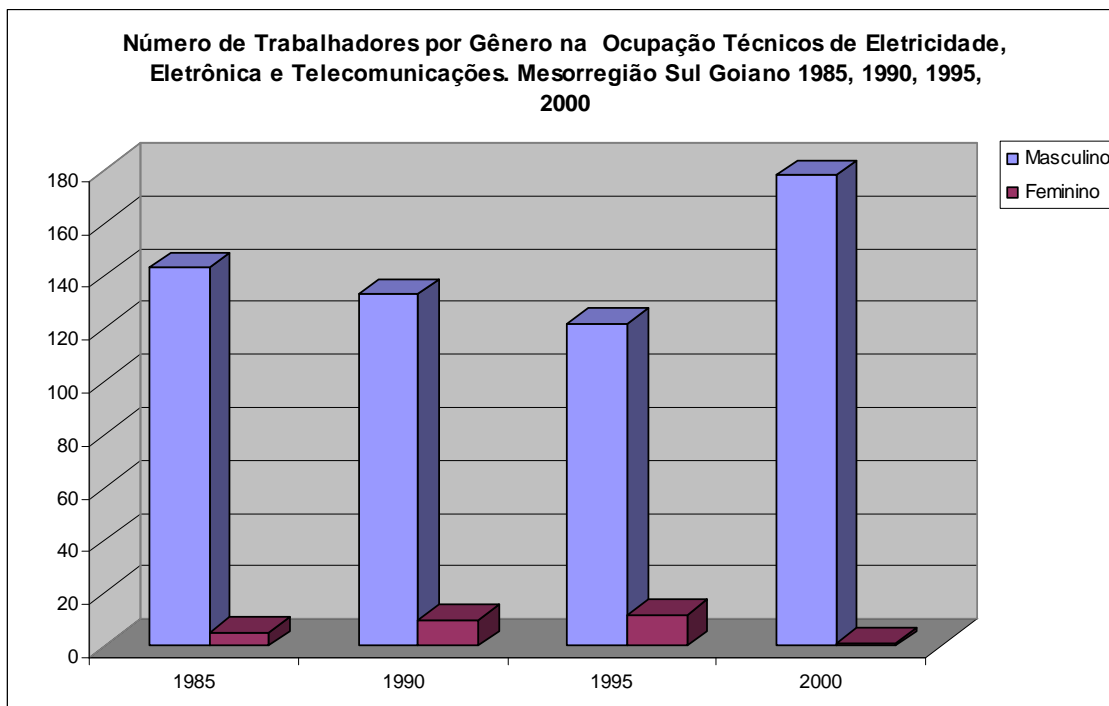


Gráfico 7.21: Número de Trabalhadores por Gênero na Ocupação: Técnicos em Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

No que tange à faixa etária da referida ocupação, pode-se notar que a maioria dos trabalhadores tem idade entre 30 e 49 anos de idade, em todos os anos observados, representando 62,25% do total de empregados. Em segundo lugar, estão os trabalhadores com idade entre 18 e 29 anos (30,79%). Nota-se também, que existem registros de trabalhadores com menos de 18 anos (1,15%); e na faixa acima de 65 anos não houve registros de profissionais na ocupação.

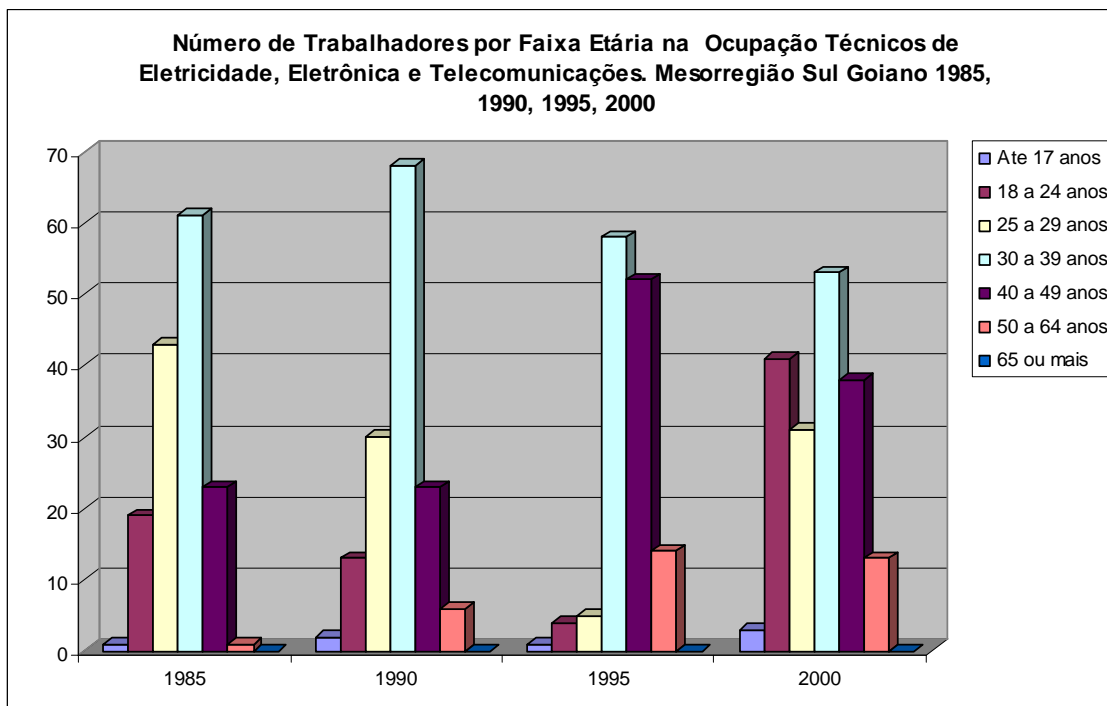


Gráfico 7.22: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na Ocupação: Técnicos de Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

No gráfico referente à escolaridade, percebe-se que a maioria (54,96%) dos trabalhadores possui o Ensino Médio completo; profissionais com ensino Fundamental Incompleto e Fundamental Completo, representam 40,72%. Em todos os anos há trabalhadores com nível superior na ocupação, em média 5,5 trabalhadores por ano. Trabalhadores analfabetos também foram registrados: 1 trabalhador em 1990 e 1 em 2000.

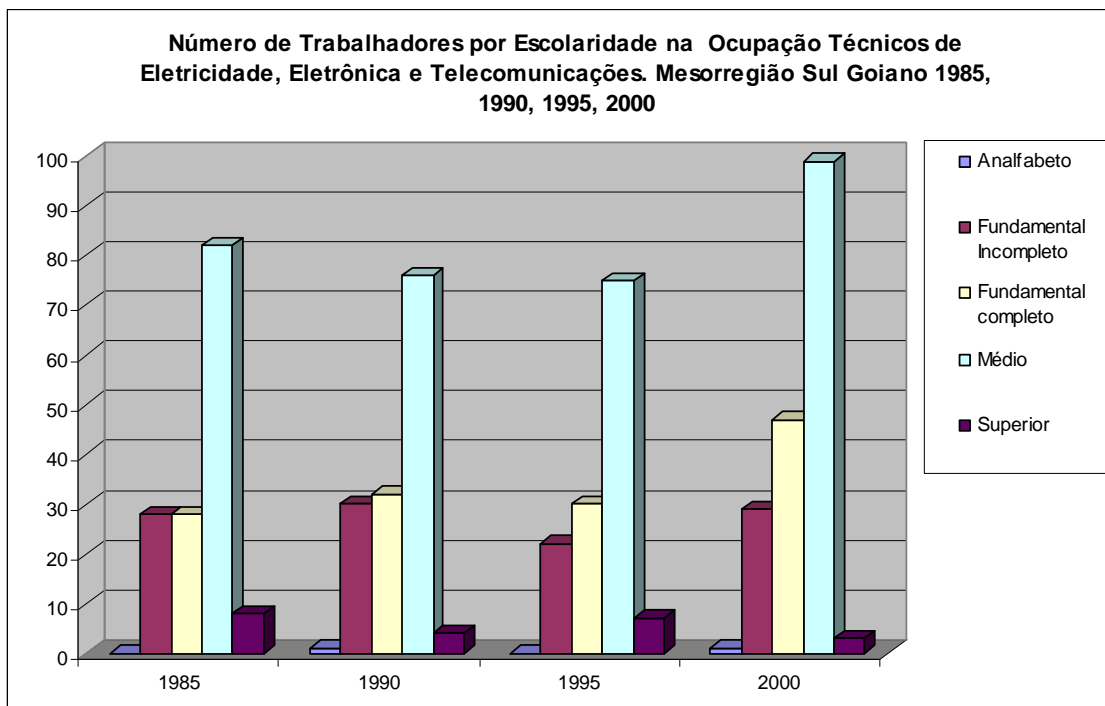


Gráfico 7.23: Número de Trabalhadores por Escolaridade na Ocupação: Técnicos em Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

De modo geral, a maioria dos Técnicos em Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações possui uma renda mensal acima de 10 salários mínimos, exceto no ano de 1985, quando a maioria possuía uma renda média mensal entre 5,01 e 10 salários mínimos. Igualmente, é importante observar a representatividade dos trabalhadores com remuneração entre 1,01 e 3 salários mínimos no ano 2000, quando somaram 53 pessoas nessa faixa salarial, o que representa 29,6% do total de trabalhadores naquele ano.

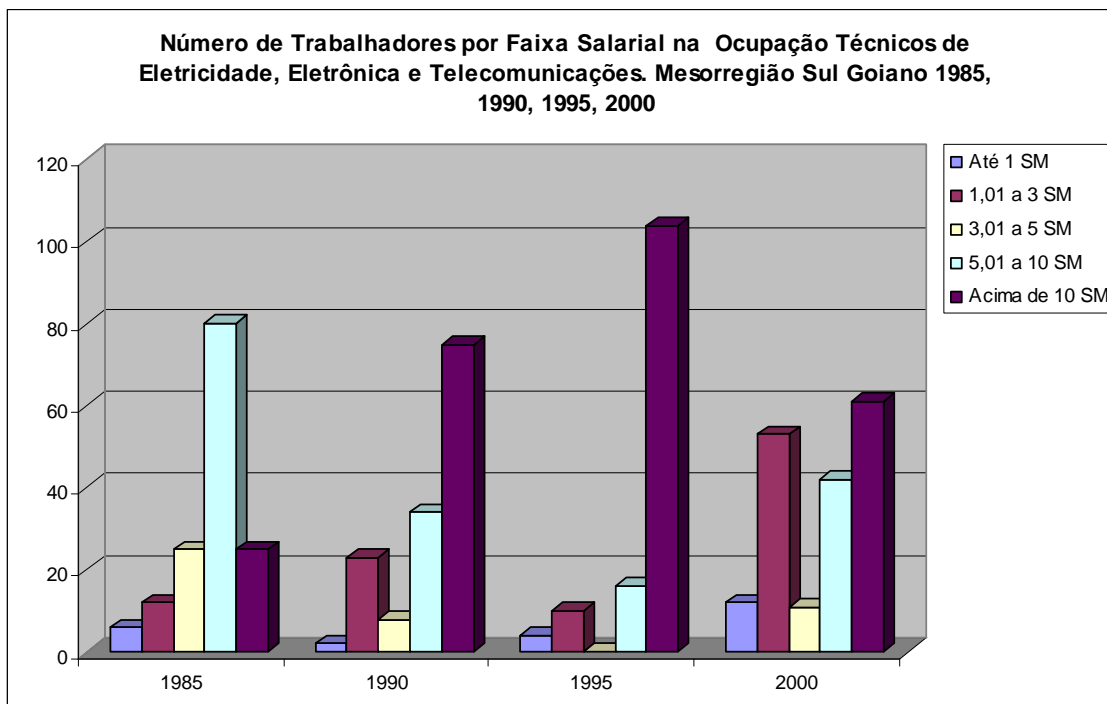


Gráfico 7.24: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na Ocupação: Técnicos em Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

7.2.3. Técnicos em Eletricidade e Eletrotécnica

A maioria dos trabalhadores Técnicos em Eletricidade e Eletrônica eram do gênero masculino, conforme apresenta o gráfico a seguir. Houve uma grande evolução no sentido de crescimento do número de profissionais nesta ocupação, mas em contrapartida o número de mulheres decresceu com o passar dos anos. A menor quantidade de trabalhadores foi registrada no ano de 2003, quando o registro foi de 122 trabalhadores, dentre esses, apenas 3 mulheres; a maior quantidade de trabalhadores nessa ocupação foi registrada em 2006, quando 323 profissionais nesta ocupação estavam formalmente em atividade, entretanto o número de mulheres caiu para 1 neste ano.

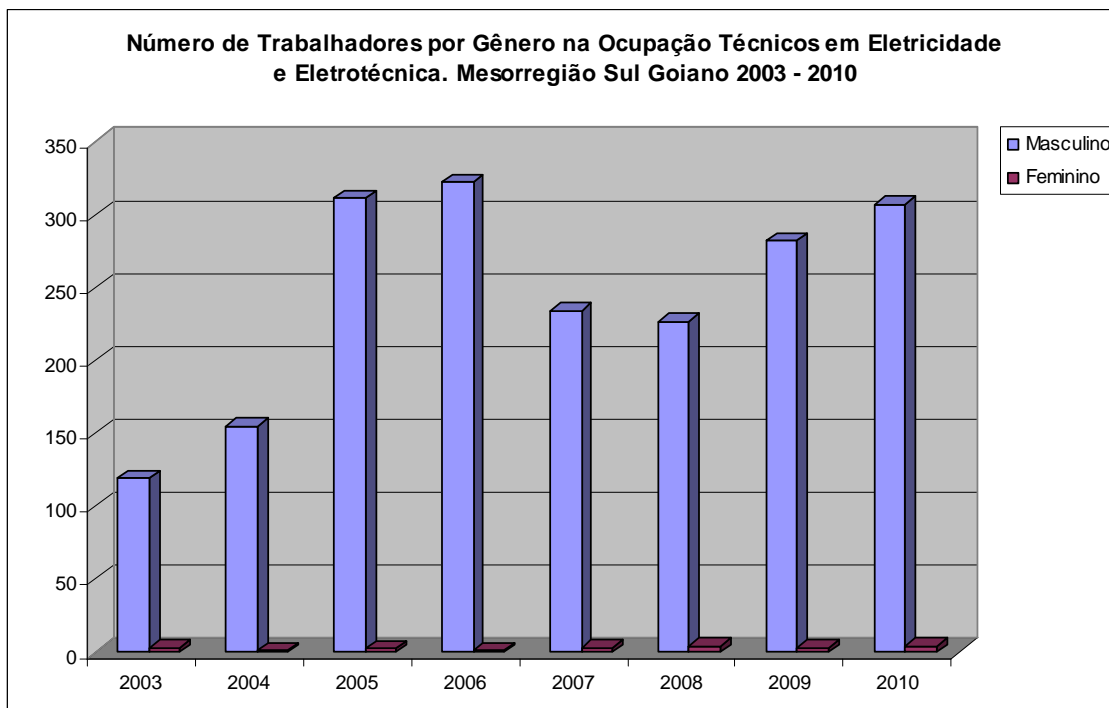


Gráfico 7.25: Número de Trabalhadores por Gênero na Ocupação: Técnicos em Eletricidade e Eletrotécnica. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Em todo o período estudado, a faixa de idade com maior registro de profissionais é a de 30 a 39 anos, representando 30,48% do total de empregados. Trabalhadores com idade entre 40 e 49 anos também possui representatividade relevante (27,14%). O número de trabalhadores com idade entre 50 a 64 anos também é expressivo em termos absolutos, demonstrando a permanência na ocupação.

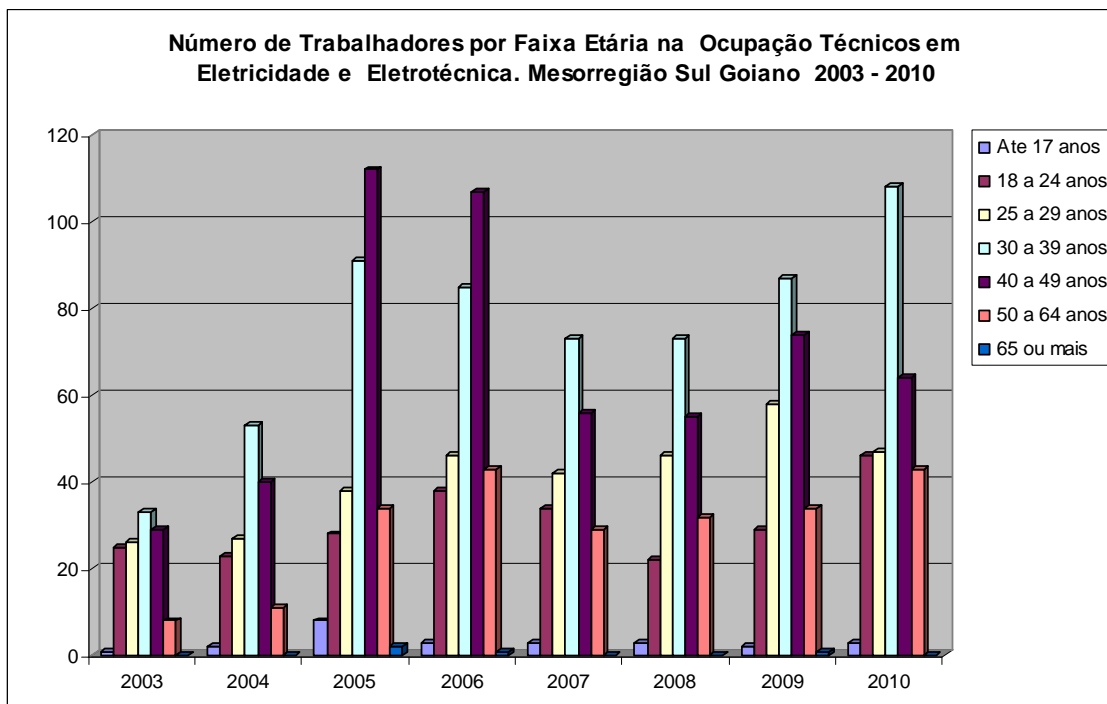


Gráfico 7.26: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na Ocupação: Técnicos em Eletricidade e Eletrotécnica. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Os trabalhadores que possuem nível Médio representam a maioria (55,10%), em todos os anos analisados, conforme o Gráfico 7.27. É considerável também o número de trabalhadores com o Ensino Fundamental Completo e Incompleto (37,81%). Também nota-se uma minoria de trabalhadores com cursos superiores, representando 7,07% do total de trabalhadores.

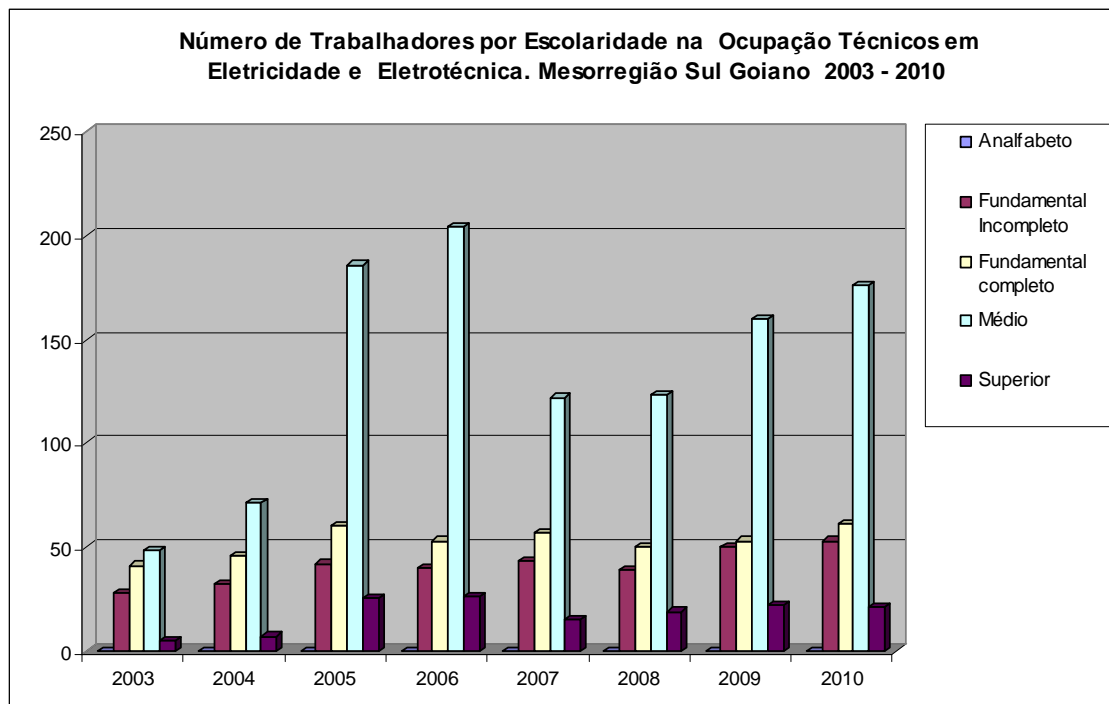


Gráfico 7.27: Número de Trabalhadores por Escolaridade na Ocupação: Técnicos de Eletricidade e Eletrotécnica. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

As faixas salariais na ocupação de técnicos em eletricidade e eletrotécnica variam bastante em todos os anos, entretanto, a maior concentração está na faixa salarial de 1,01 a 3 salários mínimos com representatividade de 32,7%, seguida da faixa salarial de 5,01 a 10 salários mínimos (31,64%).

Por meio de uma análise mais detalhada pode-se notar que há certa predominância de trabalhadores, de 2003 a 2004, que possuem uma renda mensal de até 3 salários mínimos, enquanto que nos anos de 2005 e 2006, os trabalhadores passam a ter uma renda maior, que pode variar de 3 a mais de 10 salários mínimos. A partir de 2007 predominou os trabalhadores com renda entre 5 a 10 salários mínimos e de 1,01 a 3 salários mínimos, caracterizando assim uma grande heterogeneidade salarial para a ocupação.

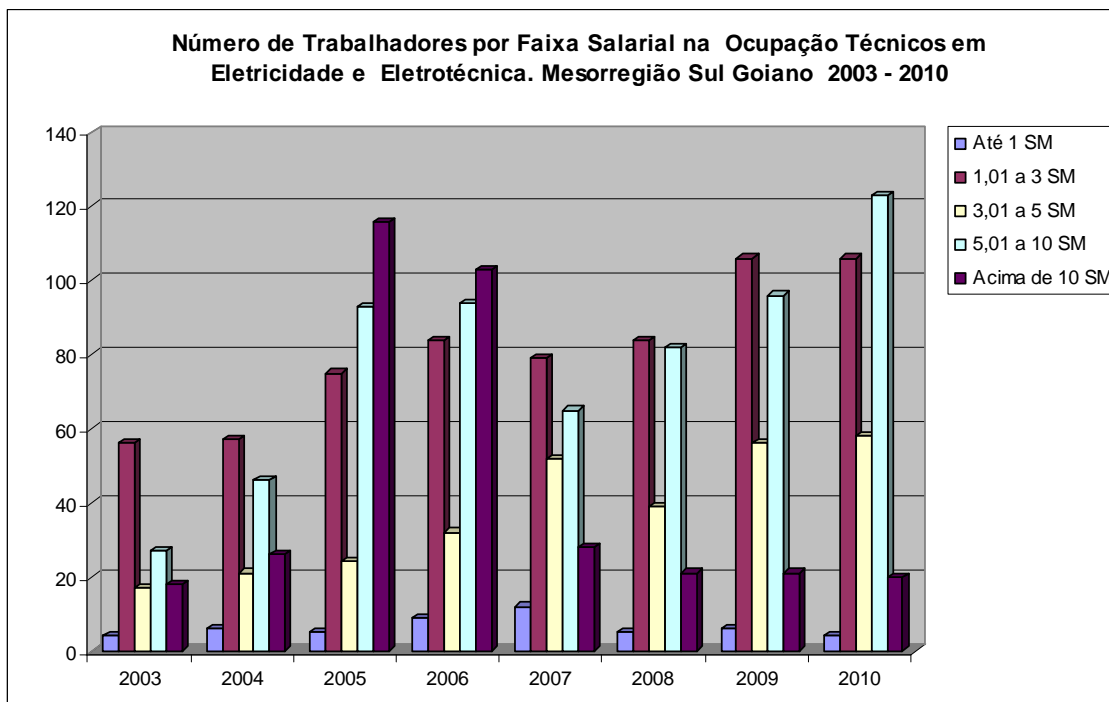


Gráfico 7.28: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na Ocupação: Técnicos em Eletricidade e Eletrotécnica. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

7.2.4. Técnicos em Eletrônica

Assim como todas as ocupações na área de Indústria, apresentadas neste Boletim Técnico, os homens são a maioria dos trabalhadores em atividade na ocupação de Técnicos em Eletrônica. Em 2008 ocorre o maior registro de contratos do gênero feminino: 11 em um universo de 276 trabalhadores. Em todo o período estudado, as mulheres contratadas representam em torno de 3% do total de contratos formais.

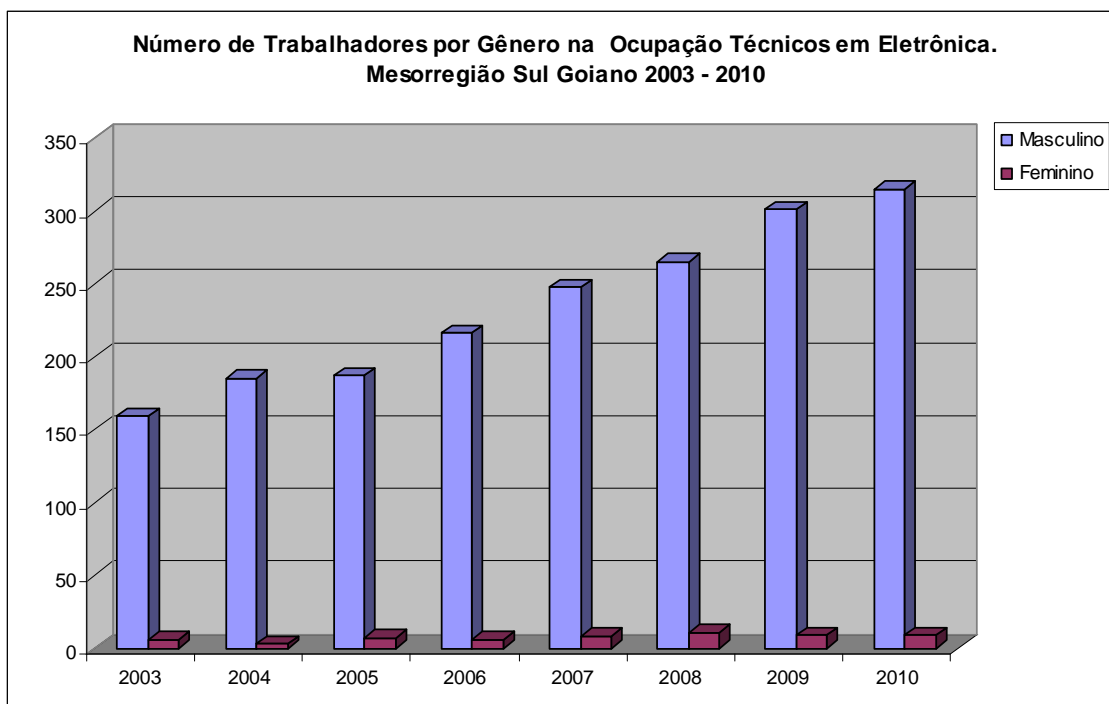


Gráfico 7.29: Número de Trabalhadores por Gênero na Ocupação: Técnicos em Eletrônica. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Nota-se um comportamento distinto do que acontece nas outras ocupações da área de Indústria: a maioria (63,4%) dos trabalhadores técnicos em eletrônica encontravam-se entre 18 e 29 anos de idade em todos os anos analisados. Em segundo lugar, estavam os trabalhadores entre 30 e 39 anos (22,68%).

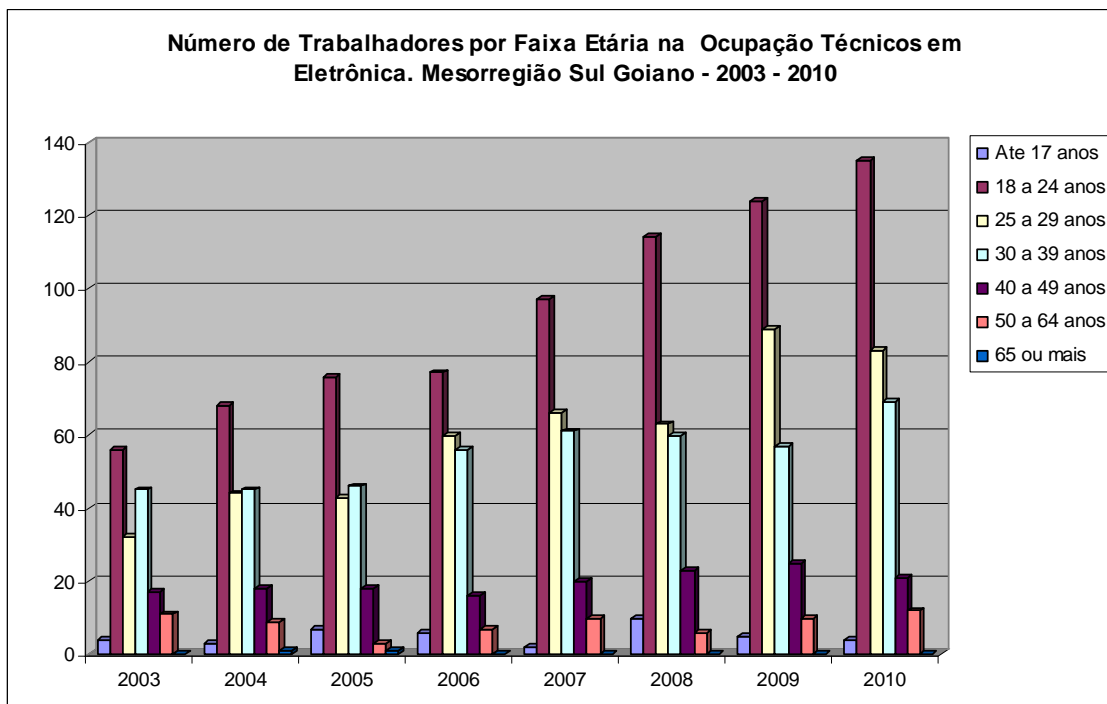


Gráfico 7.30: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na Ocupação: Técnicos em Eletrônica. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

No ano de 2010 a maioria dos Técnicos em Eletrônica possuíam o Ensino Médio completo, representando 68,51% do total de profissionais, seguidos daqueles com o Ensino Fundamental Completo, que representavam 18,2%.

Quanto a faixa salarial dos trabalhadores desta ocupação, é significativa a predominância de remunerações entre 1,01 e 3 salários mínimos, conforme demonstram os dados do Gráfico 7.32.

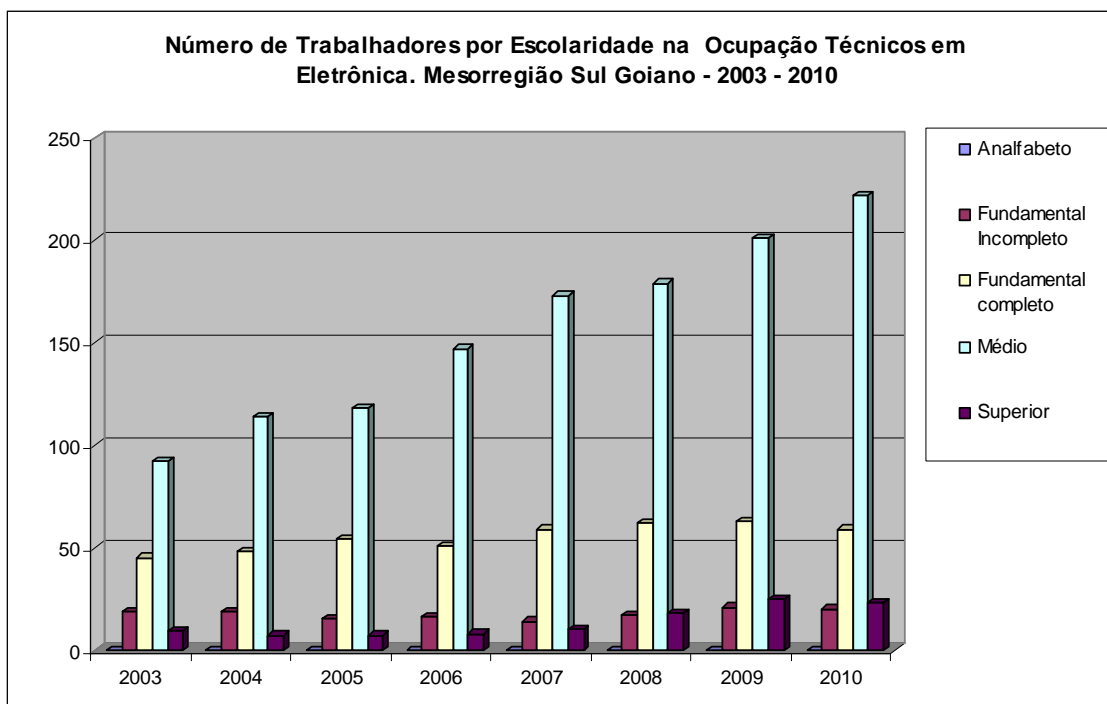


Gráfico 7.31: Número de Trabalhadores por Escolaridade na Ocupação: Técnicos em Eletrônica. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

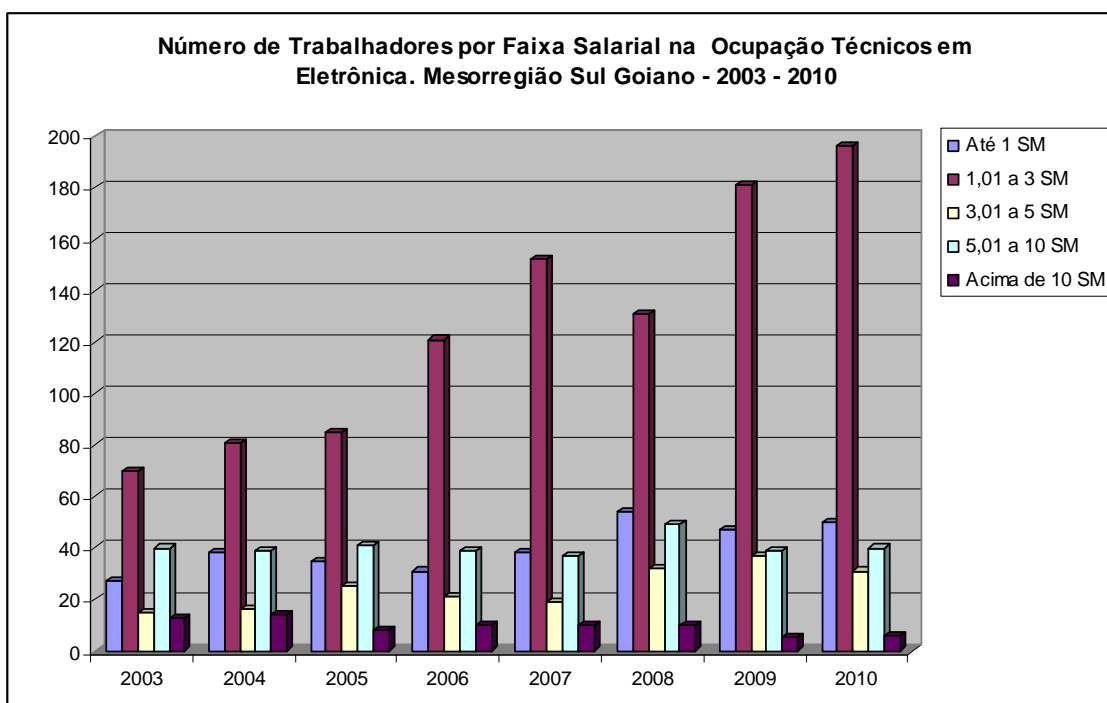


Gráfico 7.32: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na Ocupação: Técnicos em Eletrônica. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

7.3. Ocupações Profissionais na Área de Licenciatura

Todas as ocupações profissionais indicadas pela coordenação dos cursos relacionados à área de Licenciatura do IFG apresentaram dados que impossibilitam uma análise mais aprofundada da ocupação em estudo, visto que o número de trabalhadores (de 1 a 10, por exemplo) é pequeno para se fazer uma análise mais consistente.

Diante disso, as ocupações, tais como: Físicos, Professores de Ciências Físicas e Químicas do Ensino Superior e Professores de Ciências Humanas de Ensino Superior não serão analisadas no presente Boletim Técnico.

7.4. Ocupações Profissionais na Área de Construção Civil

7.4.1. Desenhistas Técnicos

Observa-se que houve de 1985 a 2000 uma queda no número de trabalhadores na ocupação Desenhistas Técnicos. Em 1985 haviam 33 trabalhadores apenas do sexo masculino e em 2000 foram registrados 25 profissionais, sendo 12 do sexo masculino e 13 do sexo feminino.

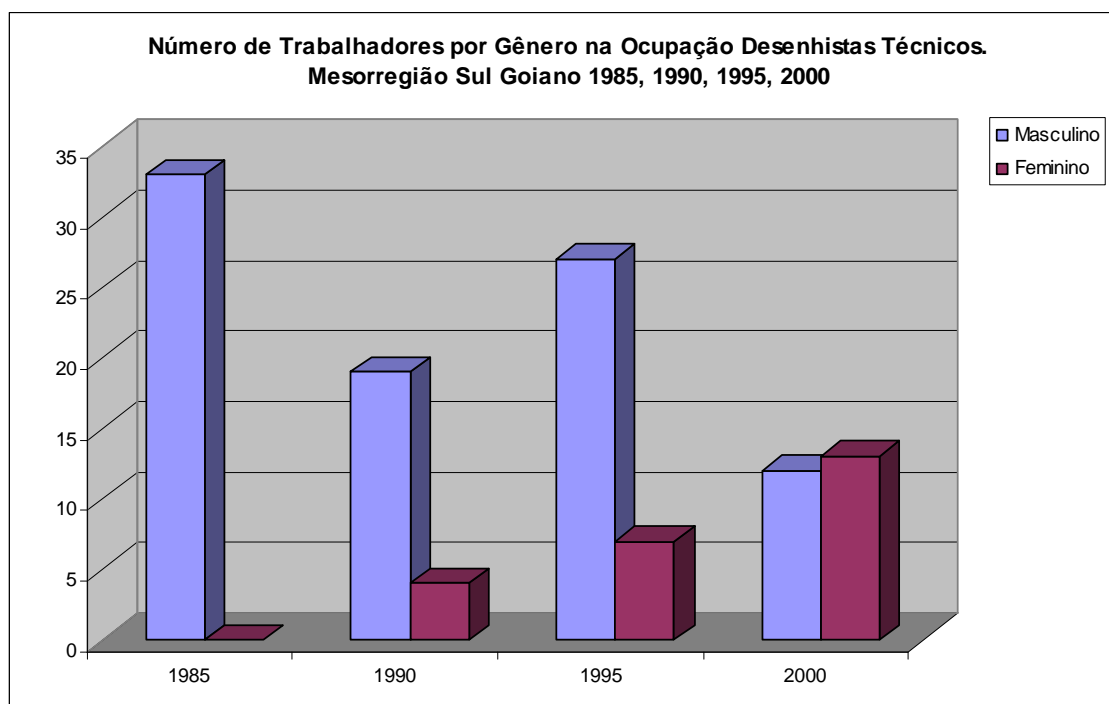


Gráfico 7.41: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Desenhistas Técnicos. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Ao longo do período estudado a faixa etária dos Desenhistas Técnicos era, predominantemente, entre 30 e 39 anos passou a ser de 40 a 49 anos de idade, mas ainda

com presença significativa da primeira faixa etária em todos os anos considerados, conforme apresentado no Gráfico 7.42.

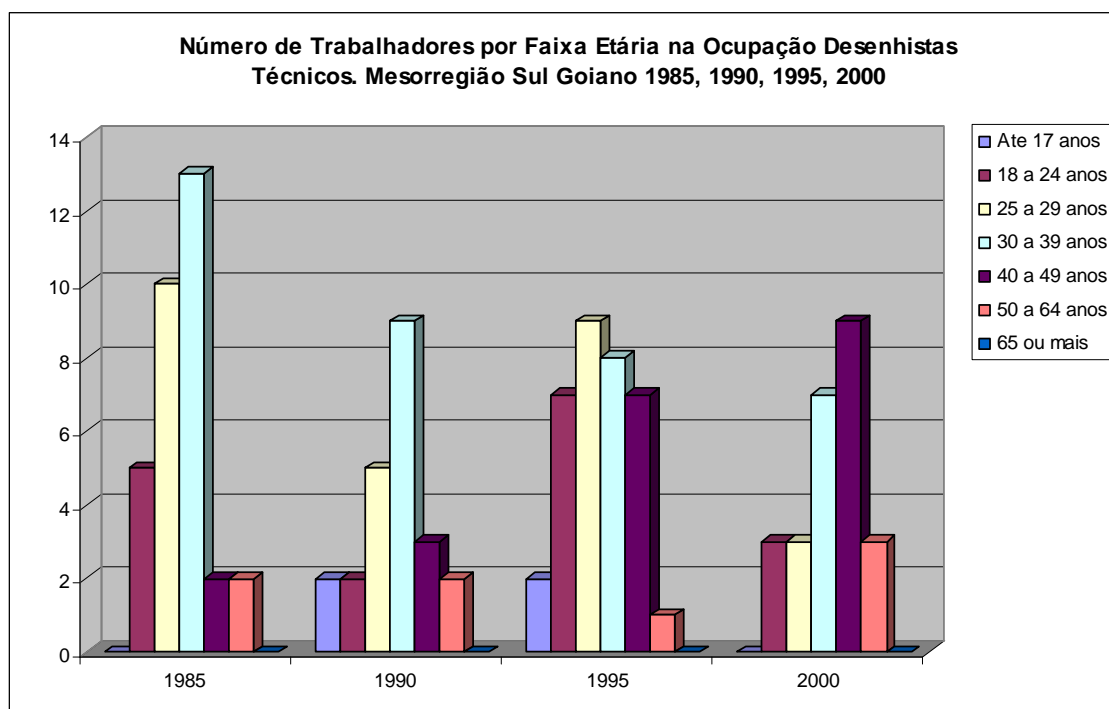


Gráfico 7.42: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Desenhistas Técnicos. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Em todos os anos da série nota-se a predominância de trabalhadores com Ensino Médio seguidos daqueles com Ensino Fundamental Completo. Portanto, não é constatada a presença significativa de trabalhadores com Ensino Superior nessa ocupação.

No caso desta ocupação não se pode atrelar a presença significativa de baixos salários, principalmente entre 1985 e 1995, ao pequeno número de trabalhadores com Ensino Superior, inclusive pela exigência da ocupação ser o Ensino Médio acrescido de curso profissionalizante básico¹⁴. Em 1985 não havia nenhum trabalhador com nível superior de ensino, entretanto, havia 14 pessoas com salários acima de 5 salários mínimos. Igualmente, no ano 2000, havia apenas um trabalhador com Ensino Superior, por outro lado, havia 8 trabalhadores com remuneração acima de 5 salários mínimos.

¹⁴ Informação disponível em:

<<<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/ResultadoFamiliaAtividades.jsf>>> Acesso em: 20 abr. 2012.

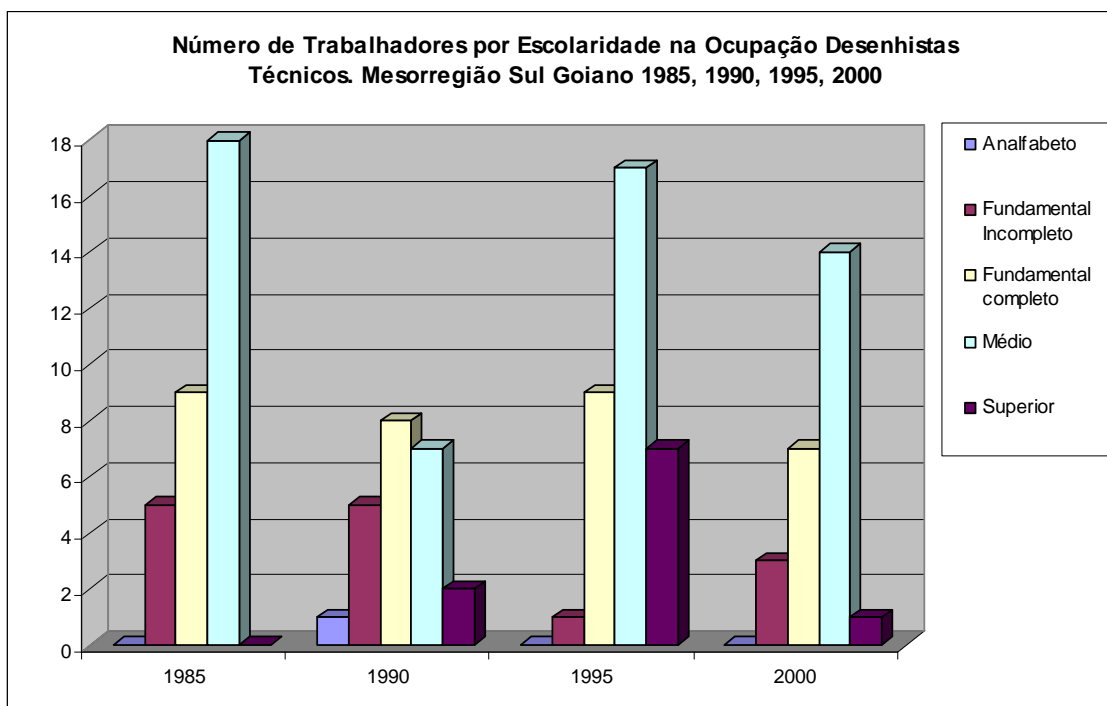


Gráfico 7.43: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Desenhistas Técnicos. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

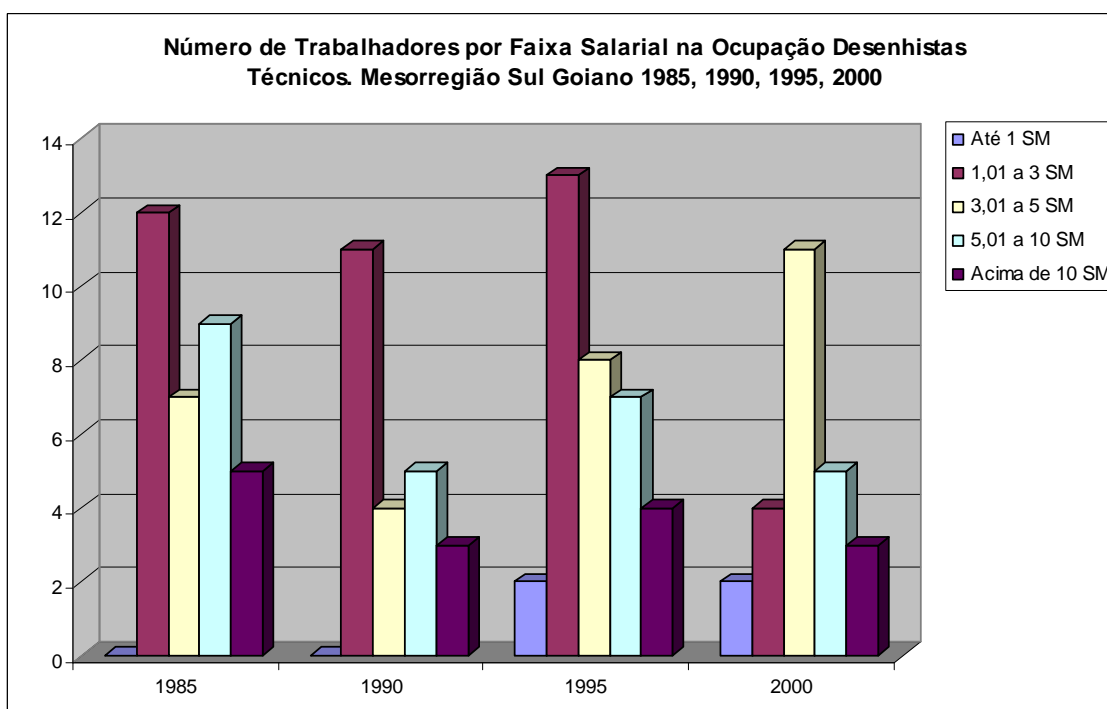


Gráfico 7.44: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Desenhistas Técnicos. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

7.4.2. Técnico de Edifagrimensura, Estradas, Saneamento e Trabalhadores Assemelhados

No período de 1985 a 2000, o número de trabalhadores empregados na ocupação Técnicos em Edifagrimensura, Estradas e Saneamento e Trabalhadores Assemelhados, caiu 71,77%. Em 1985, haviam 124 trabalhadores e em 2000 eles eram apenas 35 trabalhadores formalmente empregados. No ano de 2002, a ocupação analisada passou a ter a nomenclatura “Técnicos de obras civis, agrimensura, estradas, saneamento e trabalhadores assemelhados”.

Nos anos de 1985 a 2000, a maioria dos trabalhadores eram do sexo masculino. O número de trabalhadoras neste período corresponde a 4,55% do total, enquanto os homens representaram 95,44% do total de pessoas empregadas.

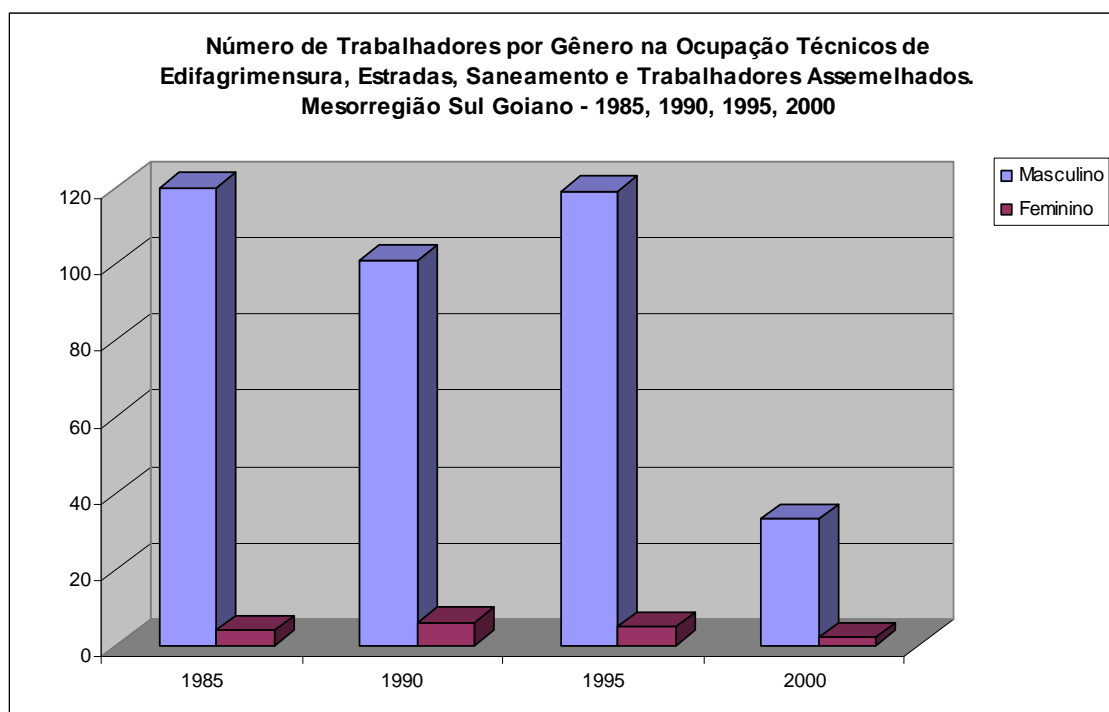


Gráfico 7.45: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Técnico de Edifagrimensura, Estradas, Saneamento e Trabalhadores Assemelhados. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Em 1985, haviam 102 trabalhadores empregados com faixa de idade entre 18 e 39 anos, representando 82,25% dos contratos de trabalho. Em 1990, a predominância foi de trabalhadores com idade entre 30 e 64 anos, eles representaram 73,83% dos trabalhadores empregados. Em 1995, um grande número de trabalhadores com idade entre 30 e 49 anos se encontravam empregados, representando 77,41% do total. Já em 2000, os trabalhadores com essa faixa de idade representaram 62,85% do total de empregados.

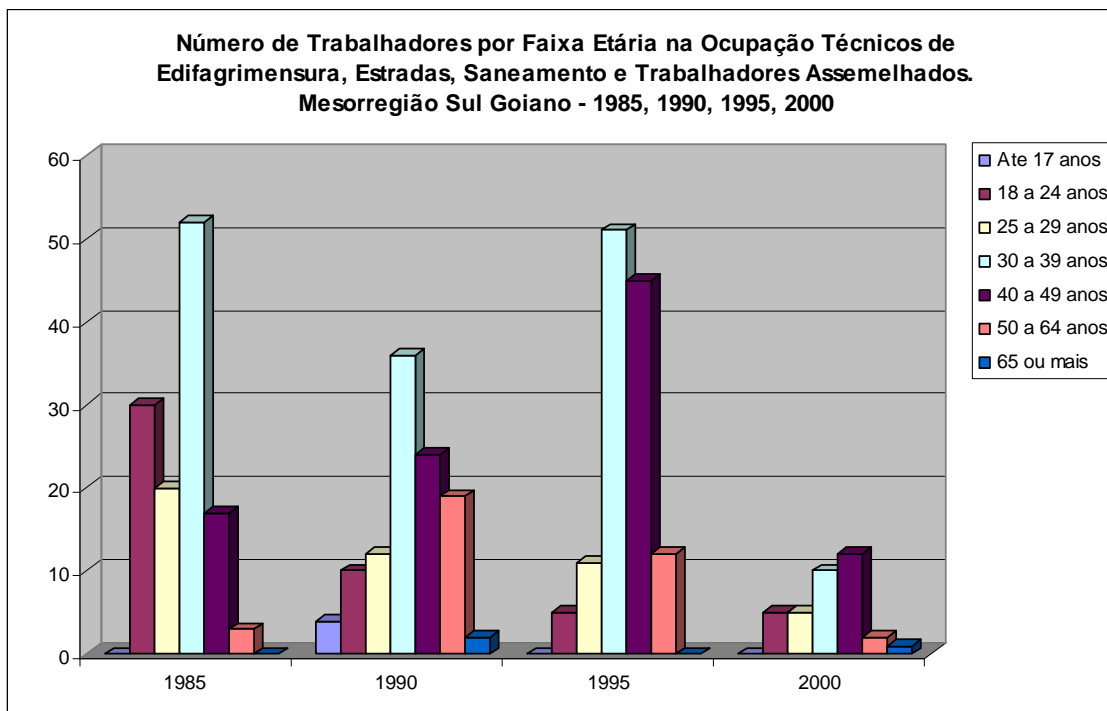


Gráfico 7.46: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Técnico de Edifagrimensura, Estradas, Saneamento e Trabalhadores Assemelhados. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

No gráfico referente à Escolaridade, observa-se que no ano de 1985 grande parte dos trabalhadores tinham o Ensino Fundamental Incompleto (43,54%), seguida pelos trabalhadores que possuíam o Ensino Médio Completo (33,06%). Uma parcela menor possuía o Ensino Fundamental Completo (20,96%) e apenas 3 trabalhadores cursaram o Nível Superior.

No ano seguinte foram registrados mais trabalhadores com nível médio (46 trabalhadores), representando 42,99%. Mas ainda foram encontrados na ocupação registros de trabalhadores que não possuíam nenhum nível de instrução - dado possivelmente equivocado, já que é necessário que o trabalhador tenha algum nível de instrução para atuar nessa ocupação. Entretanto, nota-se que no ano de 1995, o número de trabalhadores com nível médio cresce para 59 profissionais, representando 47,58% dos contratados, e cai para 14 trabalhadores(40%) no ano 2000.

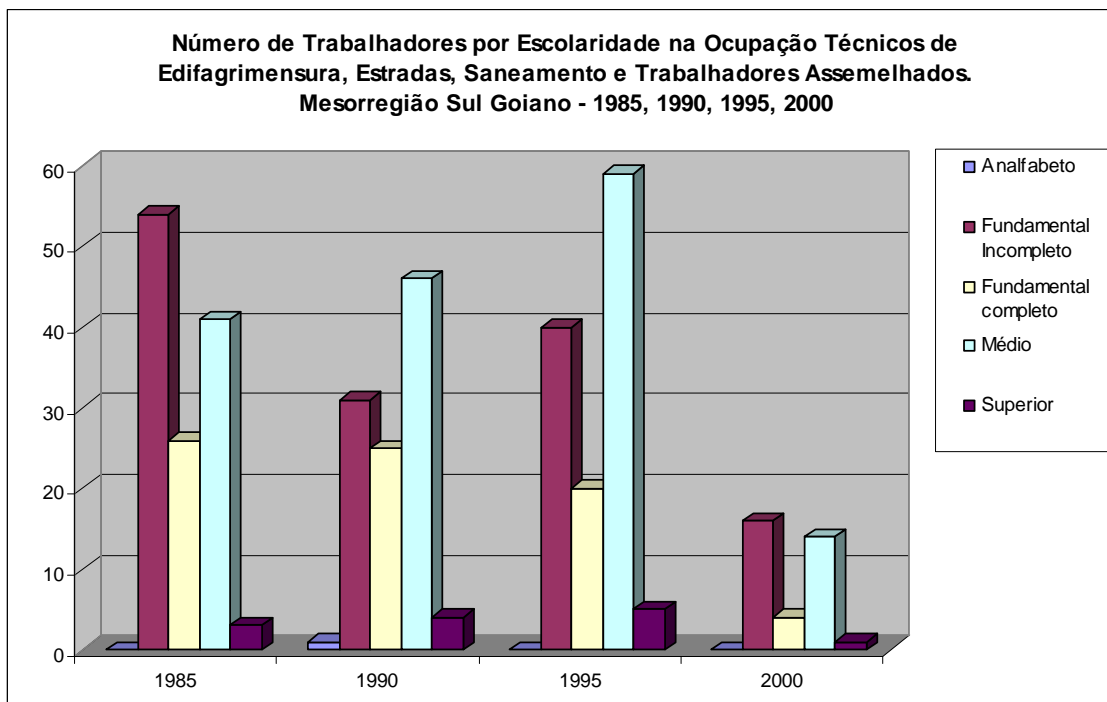


Gráfico 7.47: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Técnico de Edifagrimensura, Estradas, Saneamento e Trabalhadores Assemelhados. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Em 1985, segundo os dados presentes no Gráfico 7.48, uma parte considerável (36,29%) de trabalhadores nessa ocupação, possuíam remuneração média de 1,01 a 3 salários mínimos. Somente 16, do total de 124 trabalhadores, nesse mesmo ano, ganhavam acima de 10 salários mínimos. Estes números se inverteram no ano de 1990, passando a existir 44 profissionais (41,12%) nesta ocupação ganhando acima de 10 salários mínimos, e este número cresce mais ainda em 1995, quando totaliza 66 (53,22%) trabalhadores em um universo de 124 profissionais com esta faixa salarial. Dois trabalhadores ganhavam até 1 salário mínimo. Em 2000 a predominância era de 1,01 a 3 salários mínimos, com 18 trabalhadores (51,42%) exercendo esta ocupação com essa faixa de salário.

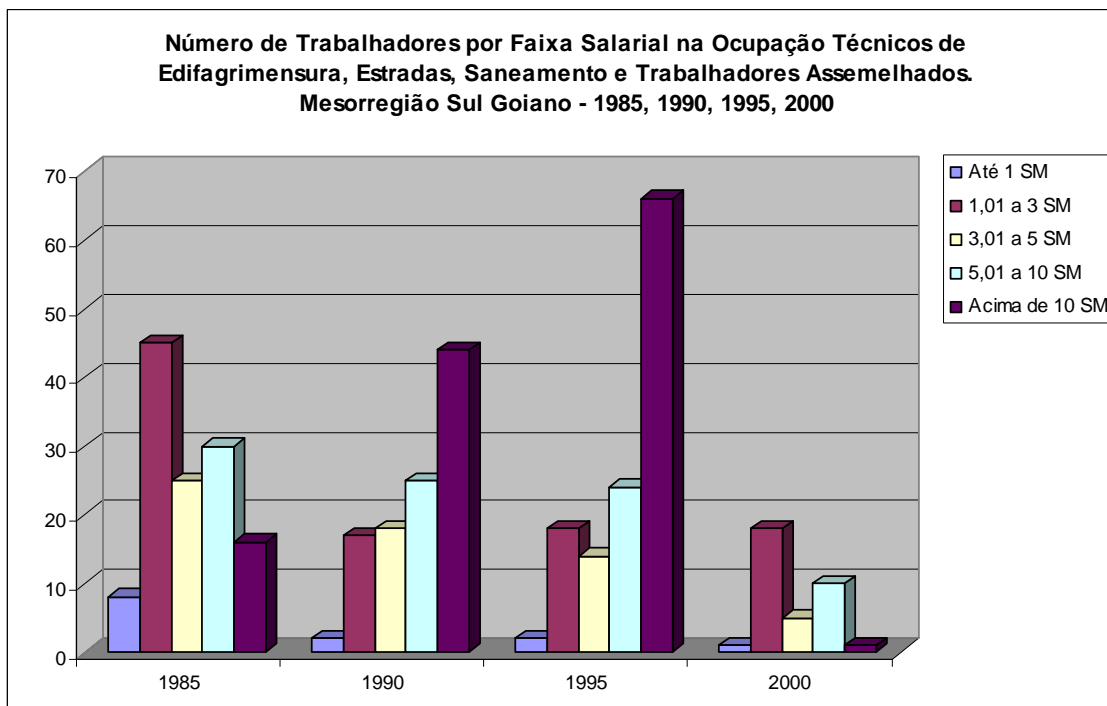


Gráfico 7.48: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Técnico de Edifagrimensura, Estradas, Saneamento e Trabalhadores Assemelhados. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

7.4.3. Engenheiros Civis e Afins

A ocupação Engenheiros Civis e Afins apresentou crescimento de 61,19% no período de 2003 a 2010, passando de 67 trabalhadores em 2003 para 108 em 2010. De 2003 a 2008, houve crescimento de 82,08% havendo decréscimo posteriormente de 11,47% (2008 a 2010), quando o número de trabalhadores em 2008 passou de 122 para 108 em 2010. Nessa ocupação, tendo como base o último ano da série, as mulheres representavam 16,66% do total de empregados, enquanto os homens representam 83,33%.

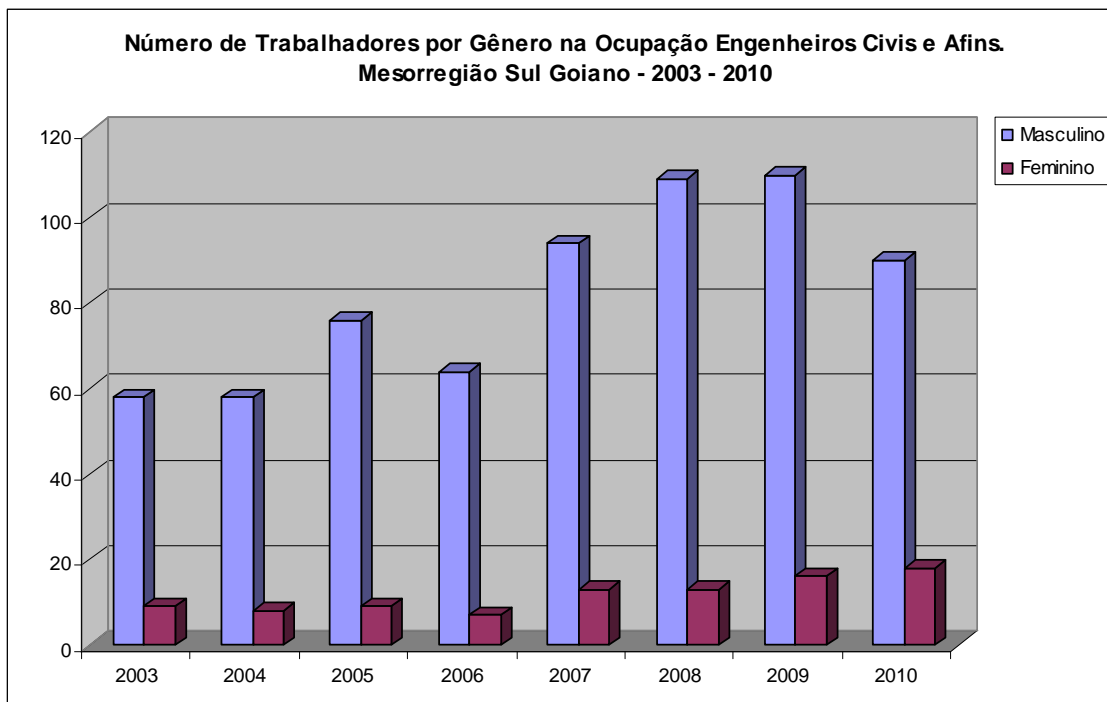


Gráfico 7.49: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Engenheiro Civil e Afins. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

No período estudado, há um número expressivo de trabalhadores nas faixas etárias de 25 a 39 anos. Nota-se também uma diminuição do número de profissionais que tem idade entre 40 e 49 anos.

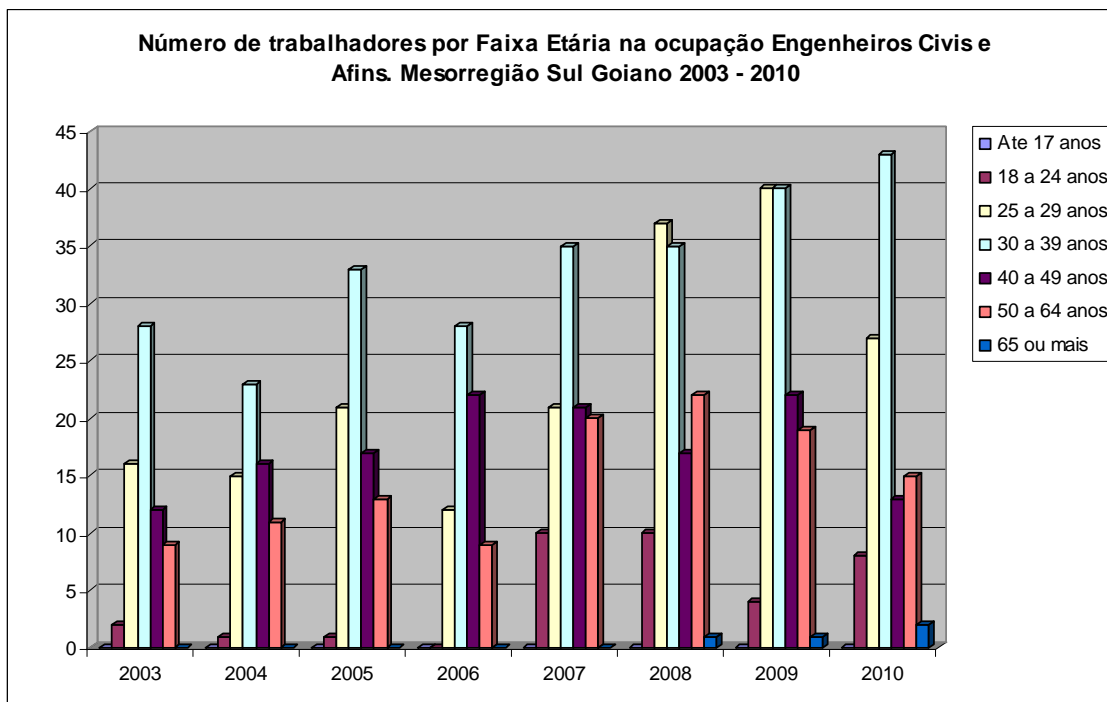


Gráfico 7.50: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Engenheiro Civil e Afins. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Em relação à escolaridade desses profissionais, observa-se que até 2006, há presença de trabalhadores com escolaridade menor que o ensino superior completo. A partir de 2007, todos os profissionais empregados possuem esse grau de escolaridade completo. Inconsistências no banco de dados da RAIS podem explicar a presença de profissionais empregados com níveis de escolaridade mais baixos.

Tendo como base o ano de 2010, 45,37% dos profissionais tem remuneração entre 5,01 a 10 salários mínimos. O número de trabalhadores que tem remuneração acima de 10 salários mínimos também é significativo, representando 38,88% dos profissionais com essa faixa de salário.

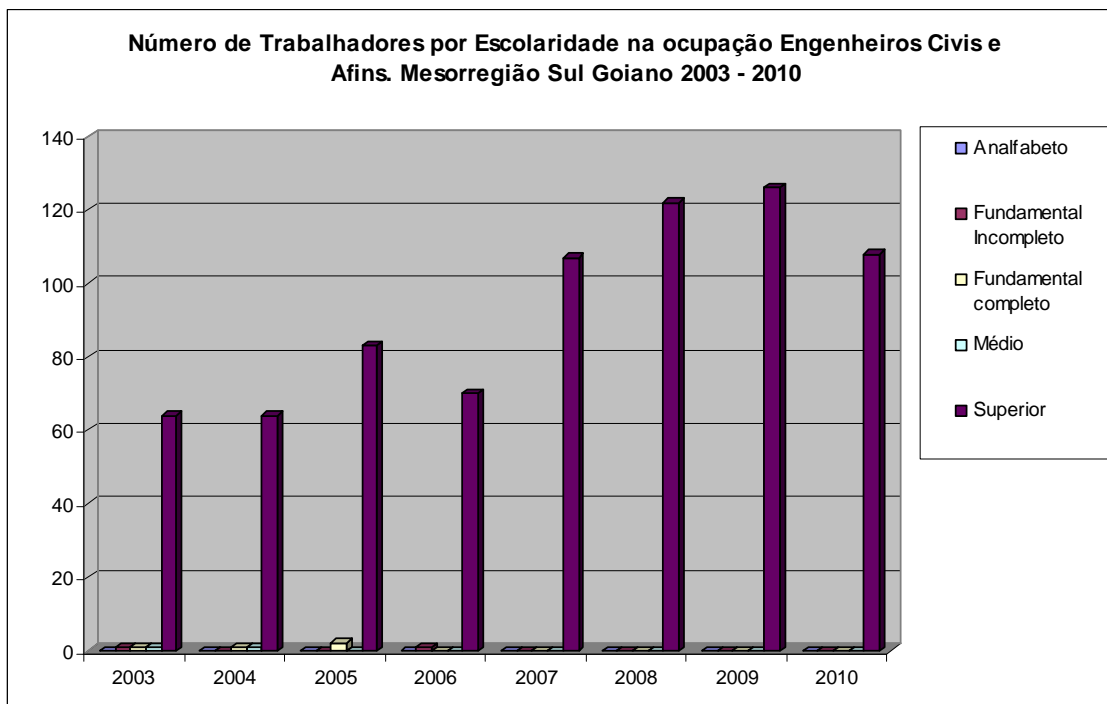


Gráfico 7.51: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Engenheiro Civil e Afins. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

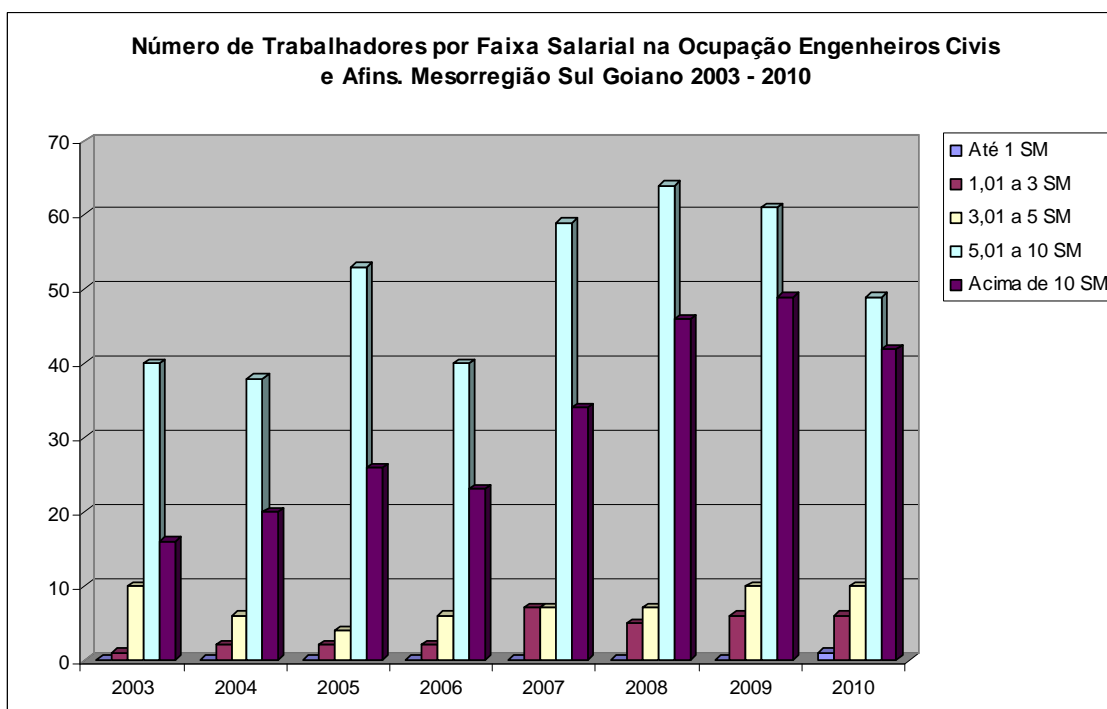


Gráfico 7.52: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Engenheiro Civil e Afins. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

7.4.4. Engenheiros Civis e Arquitetos

Na ocupação Engenheiros Civis e Arquitetos, percebe-se um decréscimo de 20% no número de profissionais empregados na série histórica de 1985 a 2000. Percebe-se também a predominância de profissionais do gênero masculino empregados na ocupação.

No que diz respeito à faixa etária desses trabalhadores, com base no ano 2000, a maioria tem idade entre 25 a 29 anos, seguidos daqueles com idade entre 30 e 39 anos. Conforme se verifica no gráfico referente a faixa etária houve aumento da participação de profissionais com idades entre 40 e 49 anos de idade nos anos de 1995 e 2000.

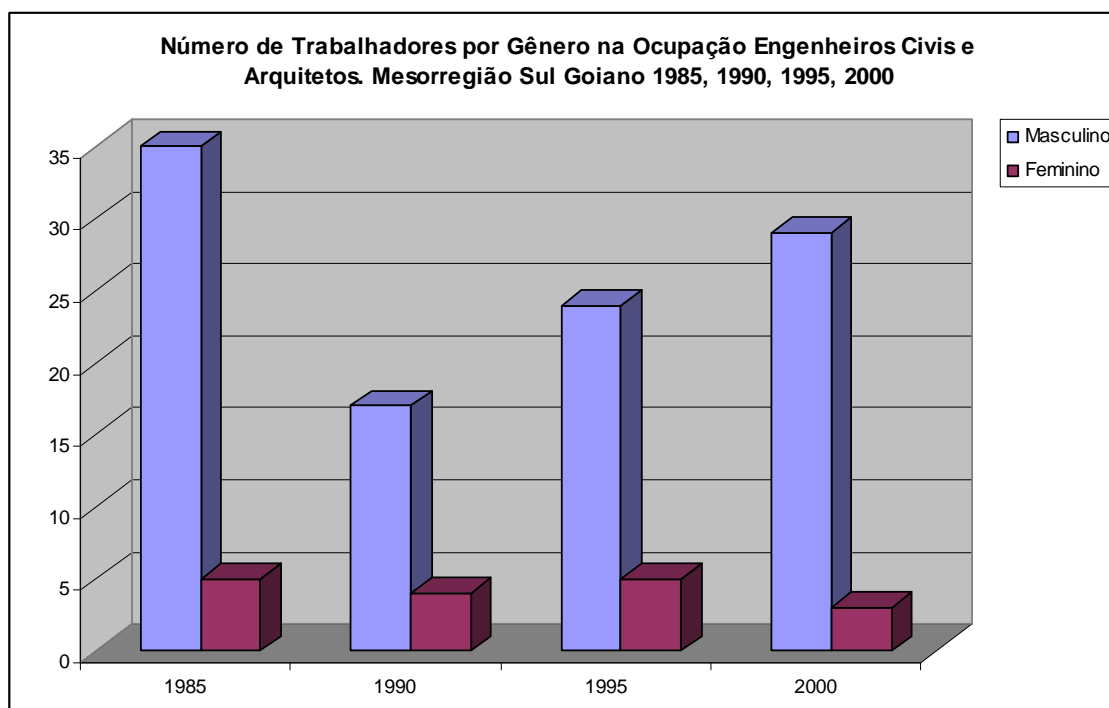


Gráfico 7.53: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Engenheiros Civis e Arquitetos. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

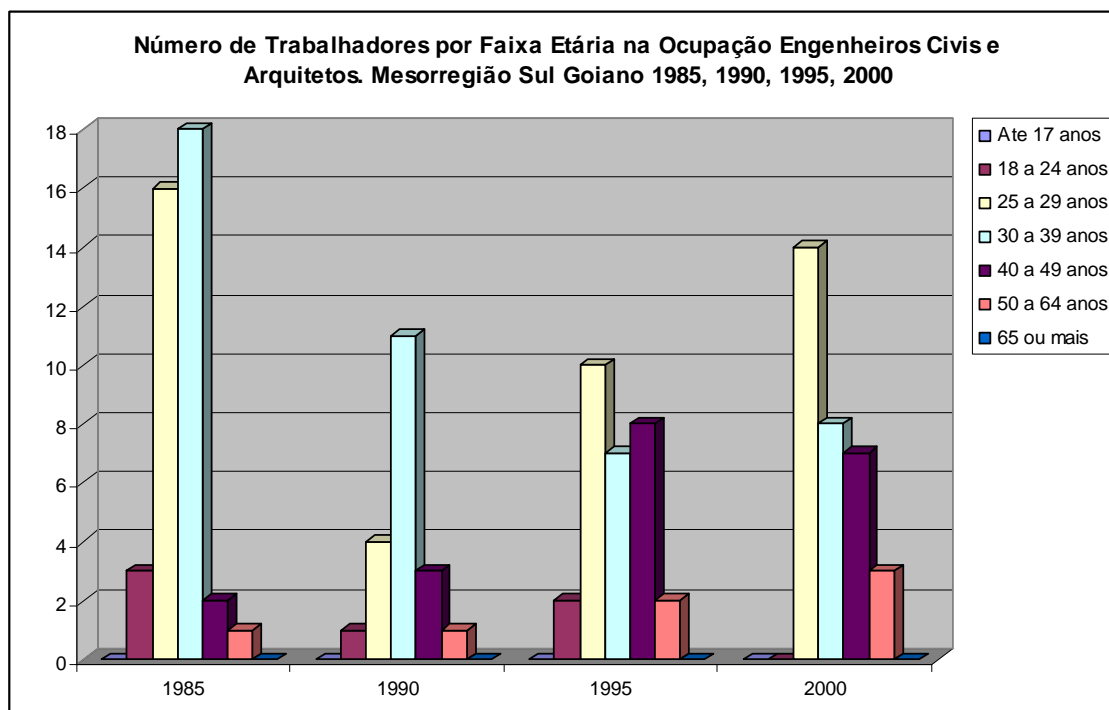


Gráfico 7.54: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Engenheiros Civis e Arquitetos. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

De 1985 a 1995, há presença de profissionais que não possuem o ensino superior completo. A presença de trabalhadores com nível de escolaridade abaixo do ensino superior pode ser em função de erro no banco de dados da RAIS/MTE, visto que a ocupação não contempla trabalhadores sem nível superior. Num total de 40 profissionais em 1985, 30% deles não possuíam o ensino superior completo. Em 1990, esse cenário se altera, com um maior número de profissionais com menor nível de escolaridade. Em 1995, 89,65% dos trabalhadores tem o ensino superior, mas apenas em 2000 todos os profissionais contratados possuíam esse nível de escolaridade completo.

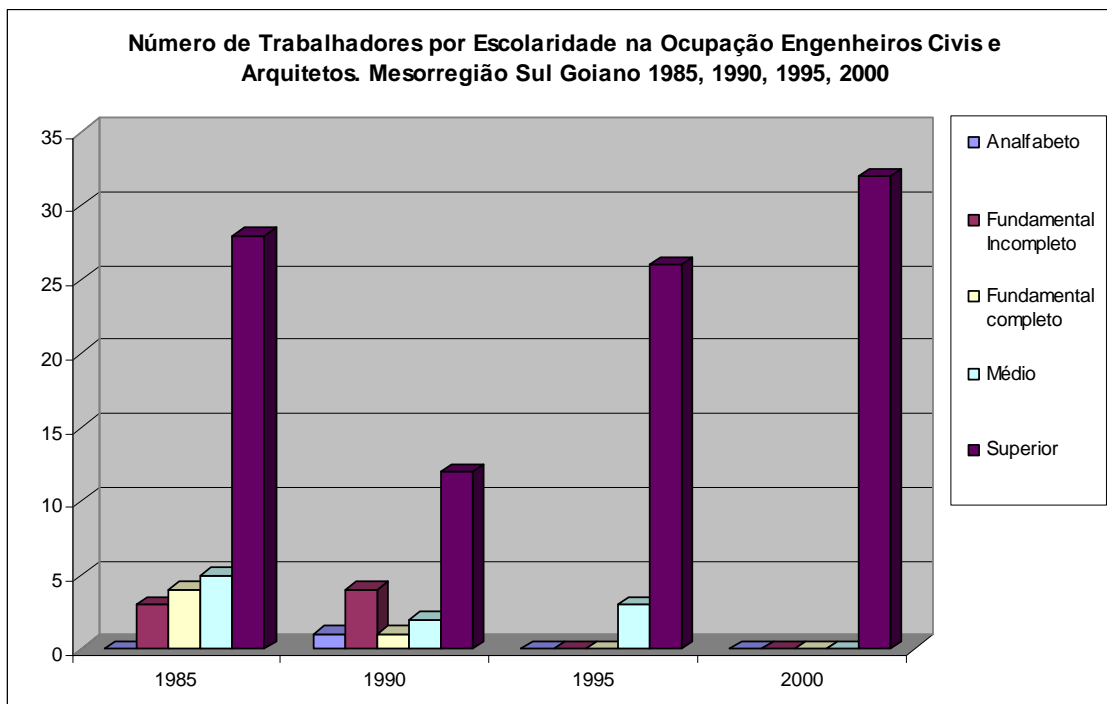


Gráfico 7.55: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Engenheiros Civis e Arquitetos. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

De acordo com os dados apresentados no Gráfico 7.56 nota-se que houve diminuição da faixa salarial dos Engenheiros Civis e Arquitetos. Enquanto em 1985 e 1995 a maioria recebia acima de 10 salários mínimos, no ano de 2000 a maioria recebia entre 5,01 e 10 salários mínimos.

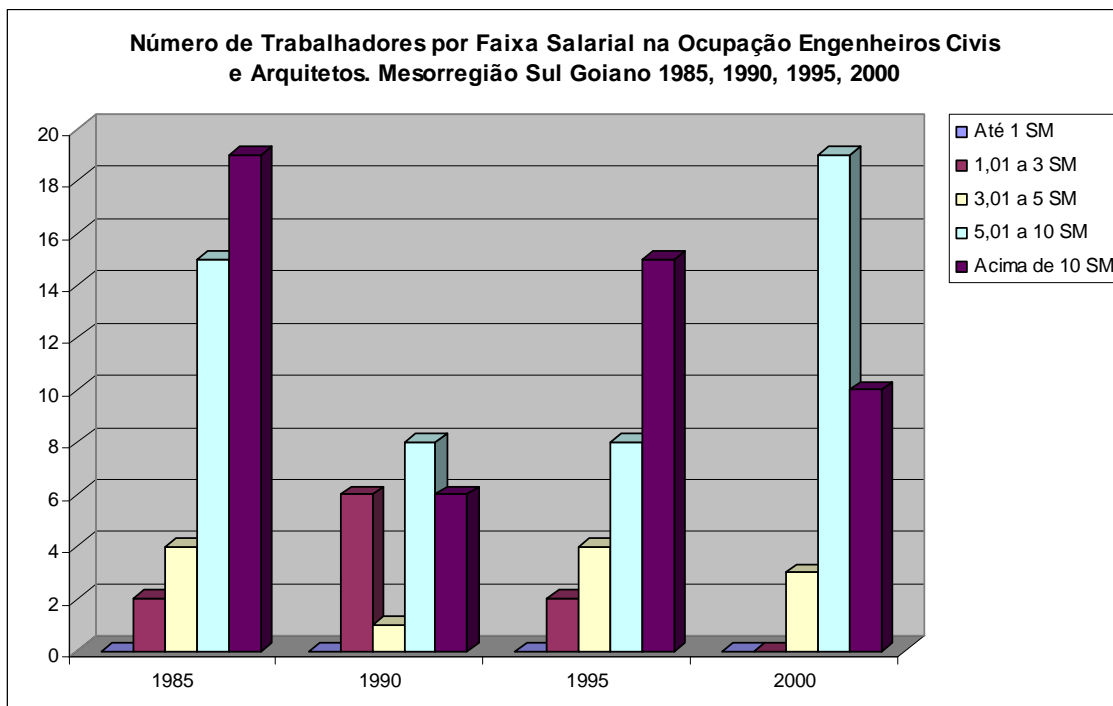


Gráfico 7.56: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Engenheiros Civis e Arquitetos. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

7.4.5. Ceramistas e Trabalhadores Assemelhados

A ocupação Ceramistas e Trabalhadores Assemelhados registrou no período de 1985 a 2000, um crescimento de 317,76%. A predominância do gênero masculino na ocupação é muito visível. Em 1985 a representatividade masculina foi de 89,84% e em 2000 chegou a 98,3% dos empregados.

Quanto a faixa etária, o maior número de trabalhadores se encontra na faixa etária de 18 a 24 anos, representando em torno de 40% dos profissionais no período em questão.

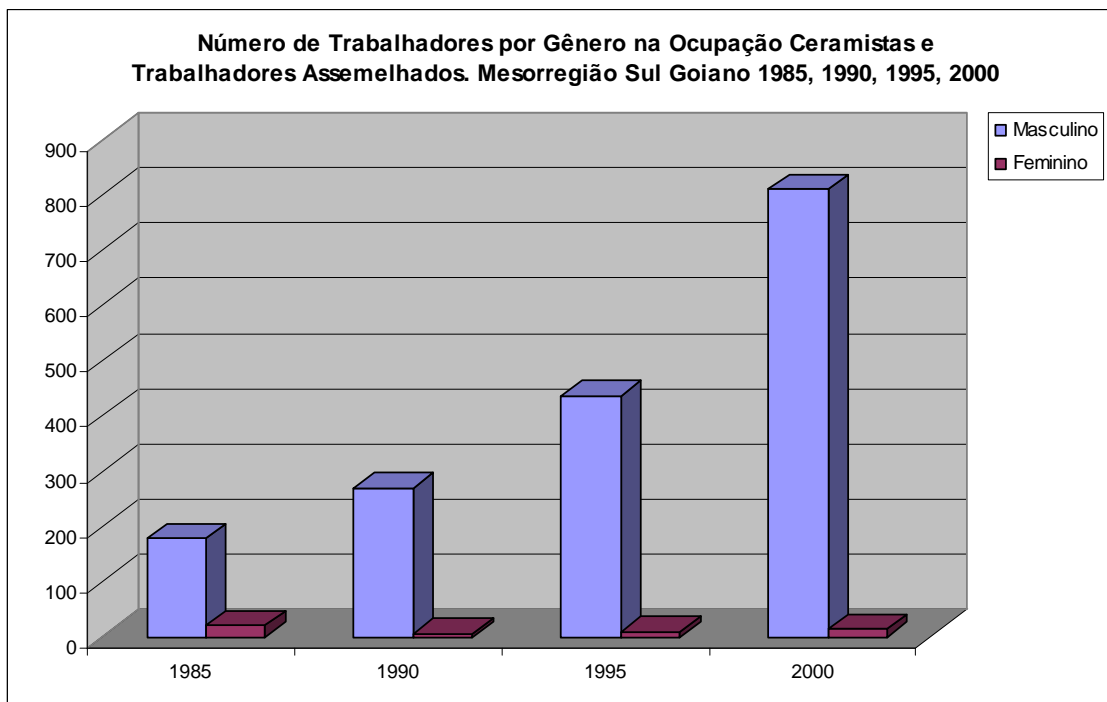


Gráfico 7.57: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Ceramistas e Trabalhadores Assemelhados. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

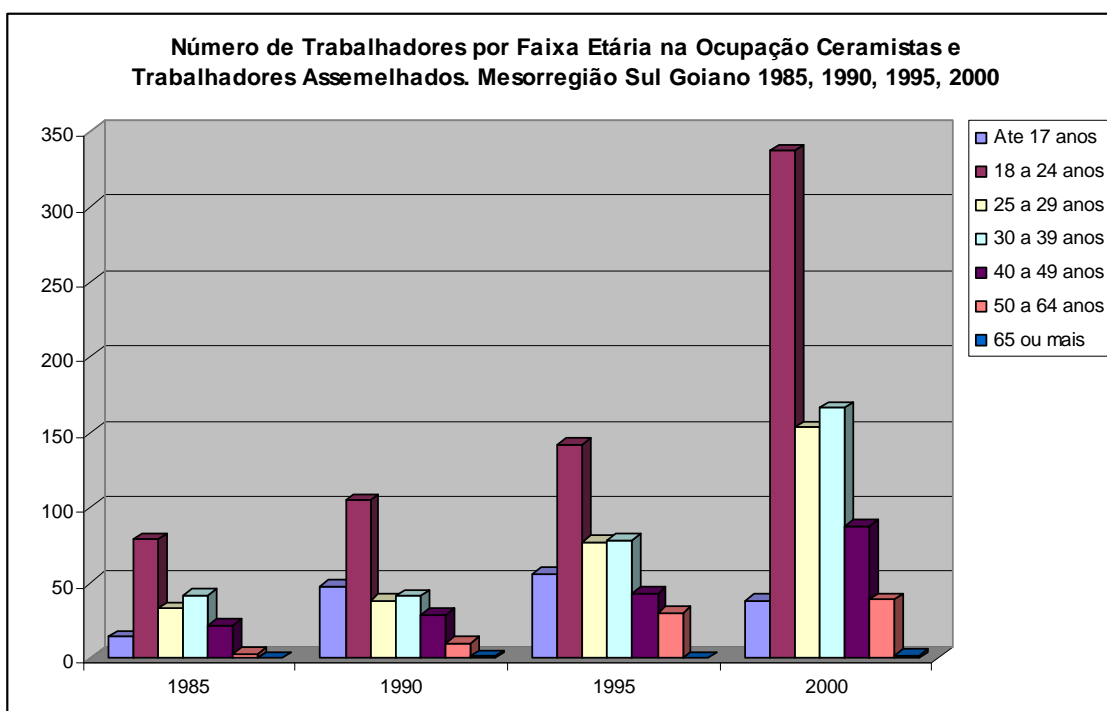


Gráfico 7.58: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Ceramistas e Trabalhadores Assemelhados. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Em relação à Escolaridade desses profissionais, observa-se que, a predominância é de trabalhadores com o Ensino Fundamental Incompleto. No ano 2000 eles representaram 77,03% dos profissionais. Em seguida, tem-se os profissionais com o Ensino Fundamental Completo, representando 16,52% dos contratados no mesmo ano. Nessa ocupação não há presença de profissionais com o ensino superior completo.

Observa-se que a maioria dos profissionais tem remuneração entre 1,01 a 3 salários mínimos, seguidos dos trabalhadores que recebem até 1 salário mínimo. Assim, a ocupação se caracteriza como uma ocupação de trabalhadores com baixo nível de escolaridade e baixos salários, conforme demonstram os gráficos a seguir.

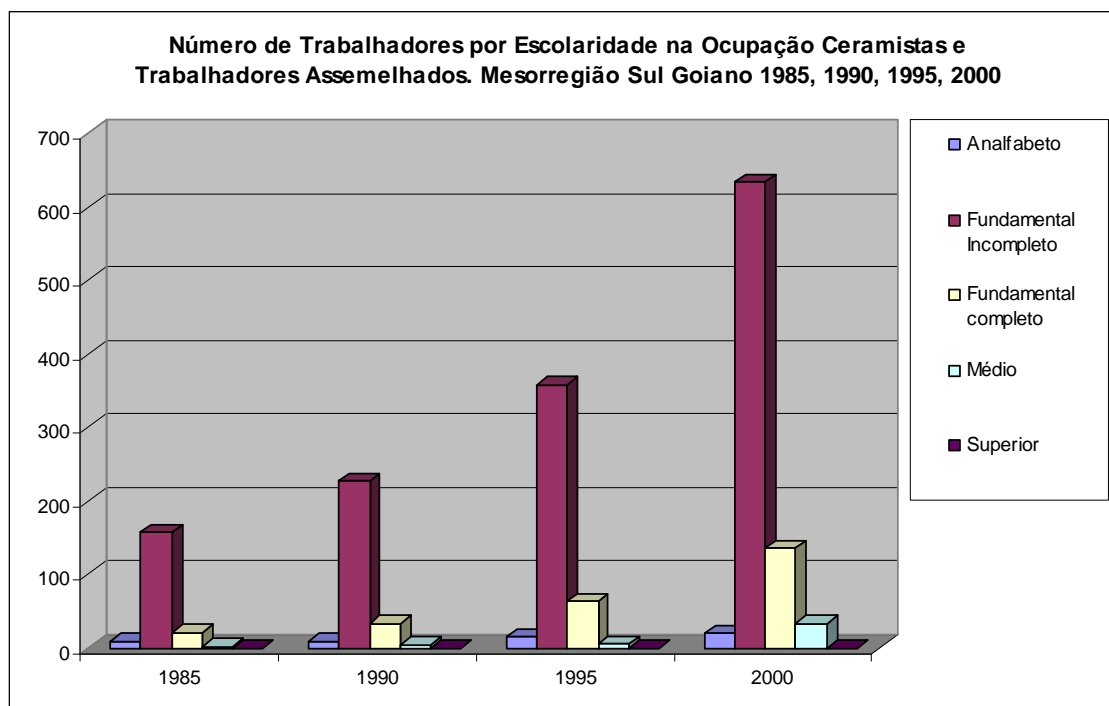


Gráfico 7.59: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Ceramistas e Trabalhadores Assemelhados. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

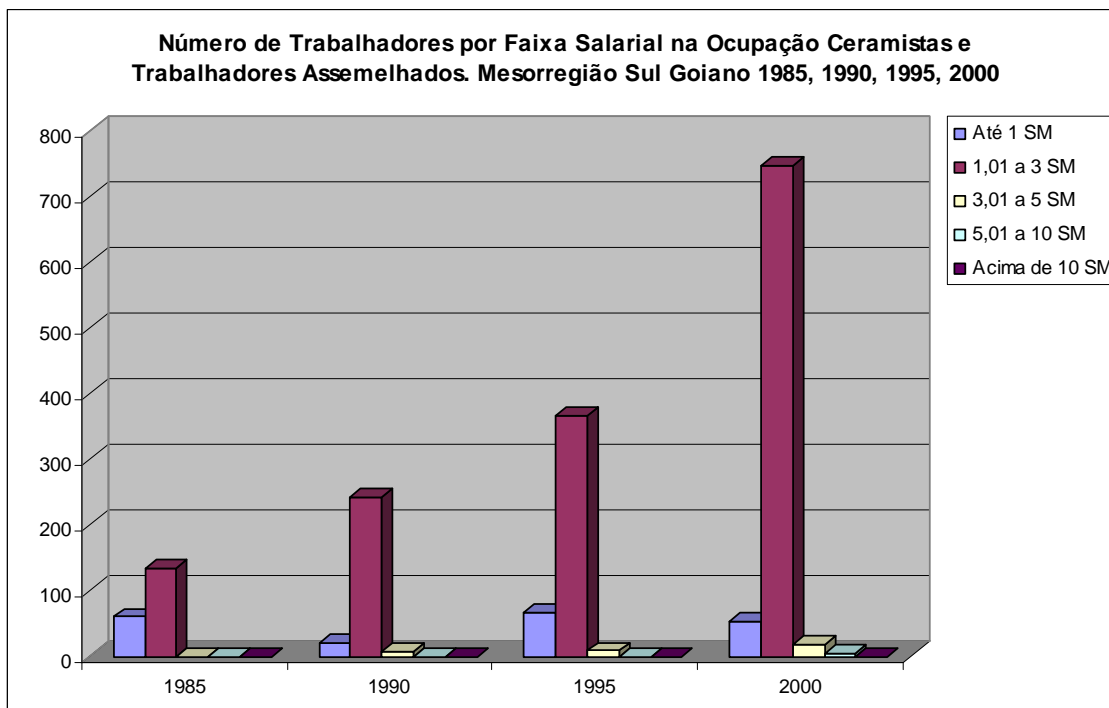


Gráfico 7.60: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Ceramistas e Trabalhadores Assemelhados. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

7.4.6. Técnicos em Construção Civil (Edificações)

Na ocupação de Técnicos em Construção Civil, após várias oscilações no número de trabalhadores contratados, em 2010 foram registrados 149 profissionais, havendo crescimento 223,91% em relação à 2003. Como em grande parte das ocupações estudadas, a predominância é de homens empregados (84,51%). O ano que apresentou maior registro de mulheres foi 2008, quando num universo de 79 profissionais, 17 eram do gênero feminino, ou seja, 21,51%.

Em relação à faixa etária desses trabalhadores, 55,69% tem idade entre 25 e 29 e entre 30 e 39 anos. Em seguida os trabalhadores com faixa etária entre 18 a 24 anos, com representatividade de 19,13%.

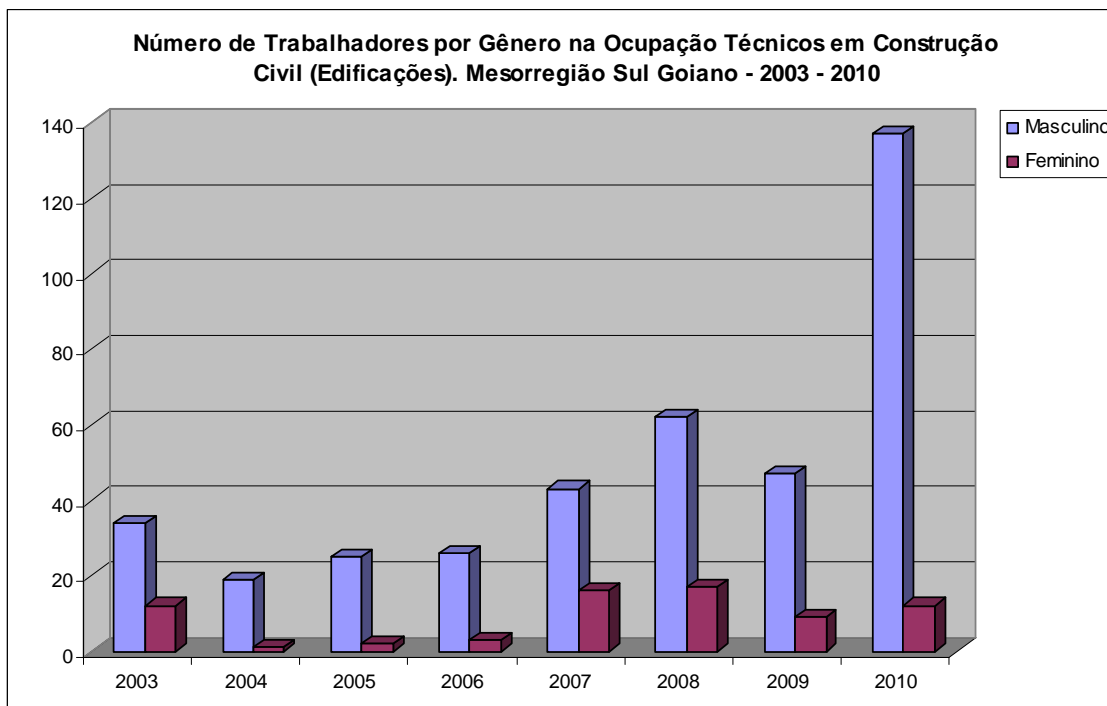


Gráfico 7.61: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Técnicos em Construção Civil (Edificações). Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

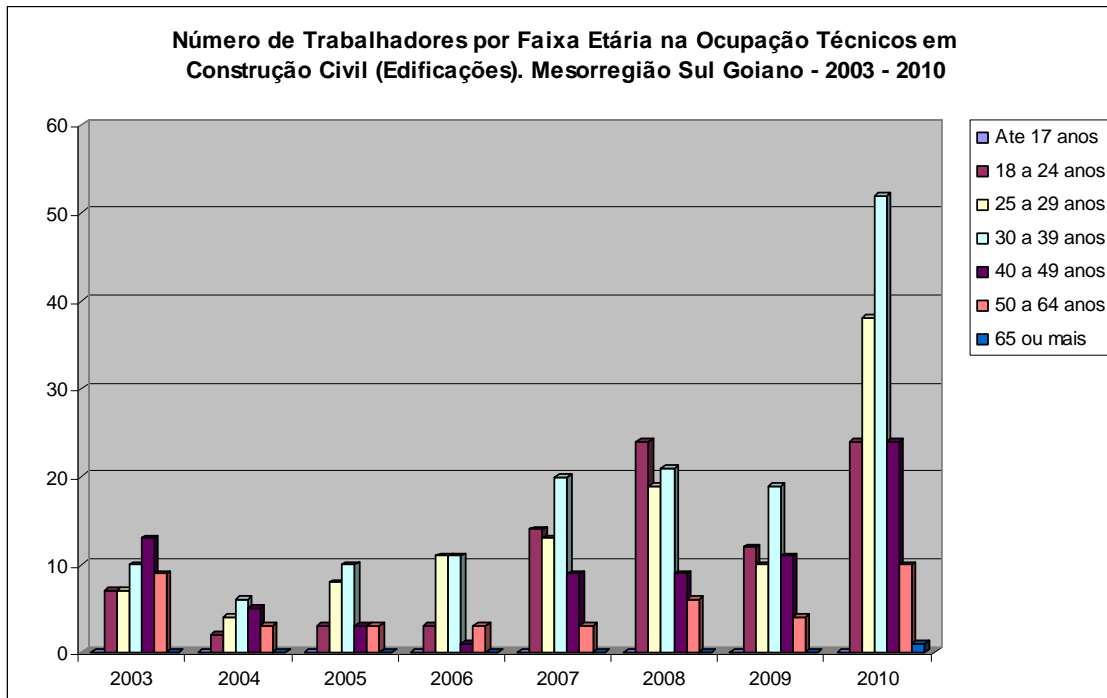


Gráfico 7.62: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Técnicos em Construção Civil (Edificações). Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

No que tange à escolaridade desses trabalhadores, nota-se que grande parte (52,34%) possuía o ensino médio completo no ano de 2010. Em seguida, vê-se um número significativo de pessoas com o ensino superior completo, representando 19,46%.

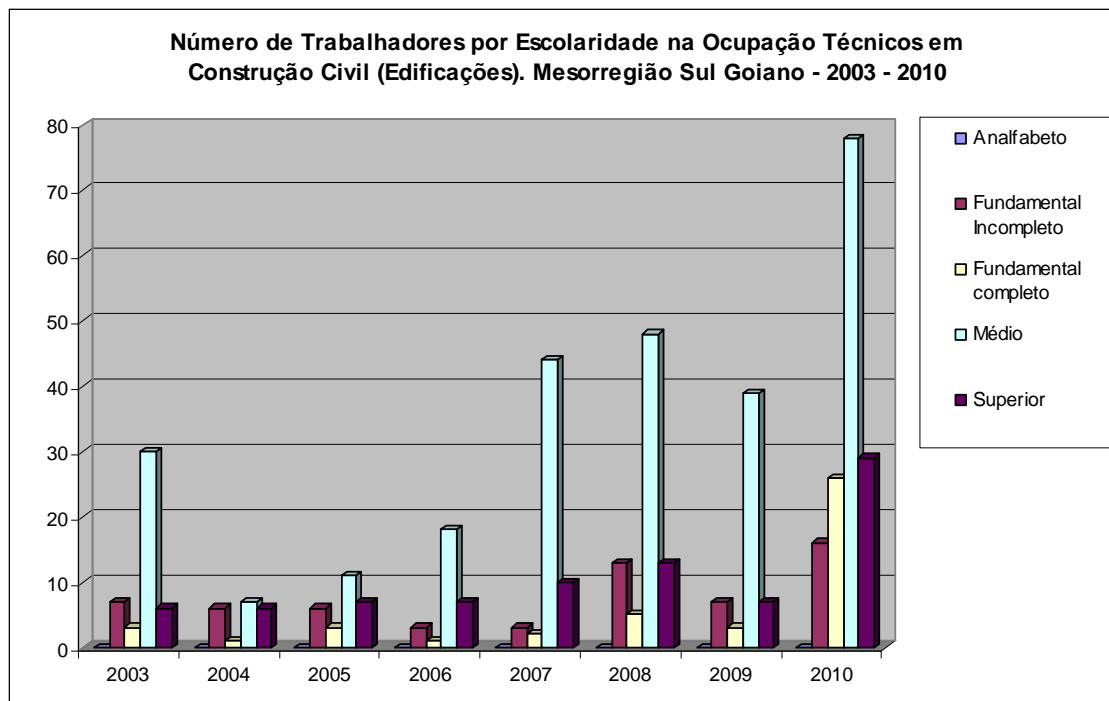


Gráfico 7.63: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Técnicos em Construção Civil (Edificações). Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Ainda com base no ano de 2010, a maioria dos trabalhadores (49%) tem remuneração entre 3,01 e 5 salários mínimos. A segunda maior faixa salarial é a de 5,01 a 10 salários mínimos, representando 31,54% dos trabalhadores empregados formalmente.

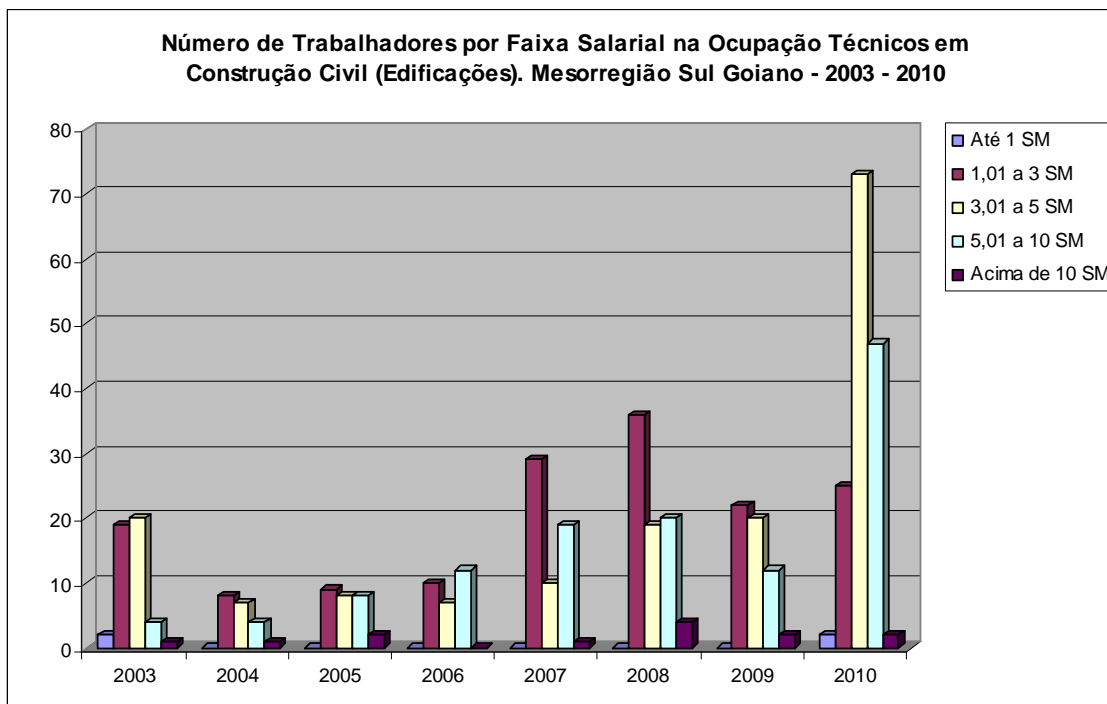


Gráfico 7.64: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Técnicos em Construção Civil (Edificações). Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

7.5. Ocupações Profissionais na Área de Informática

7.5.1. Analista de Sistemas

A ocupação Analistas de Sistemas não apresentou número significativo de trabalhadores com contrato formal nos anos de 1985 e 1990, quando constavam, respectivamente, 2 e 7 vínculos. Já no ano de 1995 foram identificados 40 vínculos de trabalho formal nessa ocupação na Mesorregião Sul Goiano e no ano de 2000 esse número subiu para 44.

Apesar do pequeno número de trabalhadores formais é possível pontuar que predominam trabalhadores jovens, com idade entre 18 e 39, com destaque para a faixa etária de 30 a 39 anos.

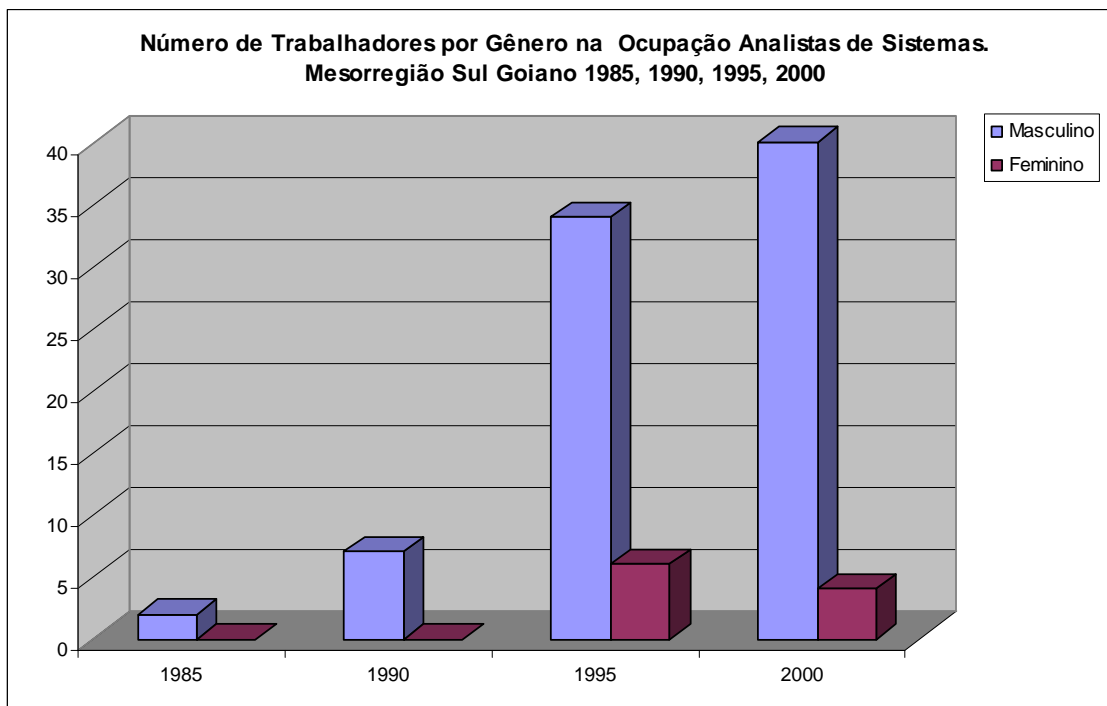


Gráfico 7.65: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Analista de Sistemas. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

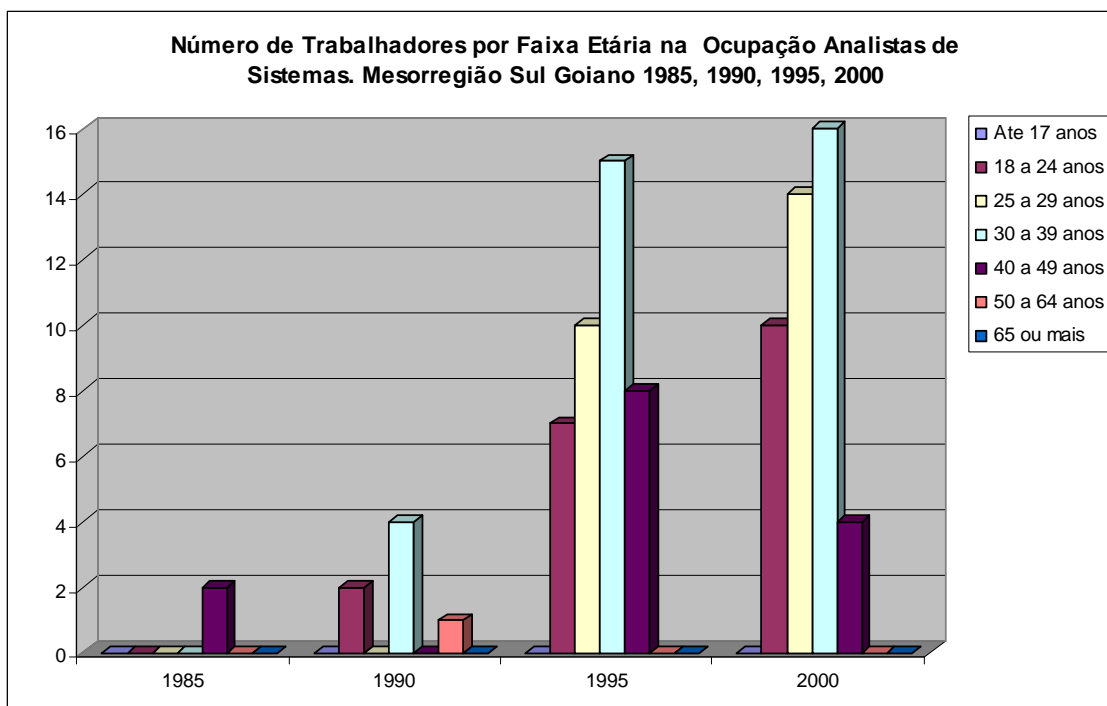


Gráfico 7.66: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Analista de Sistemas. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Ainda com a ressalva do pequeno número de trabalhadores, pontua-se a maioria destes com Ensino Médio, seguidos daqueles com o Ensino Superior. A presença de Analistas com o ensino médio é aceitável, visto que, de acordo com a CBO, tais profissionais podem obter formação específica por meio de cursos de qualificação, com carga horária entre duzentas e quatrocentas horas¹⁵.

Por fim, a faixa salarial dos trabalhadores em estudo se encontra dividida, especialmente, entre 1,01 e 3 salários mínimos e acima de 10 salários mínimos.

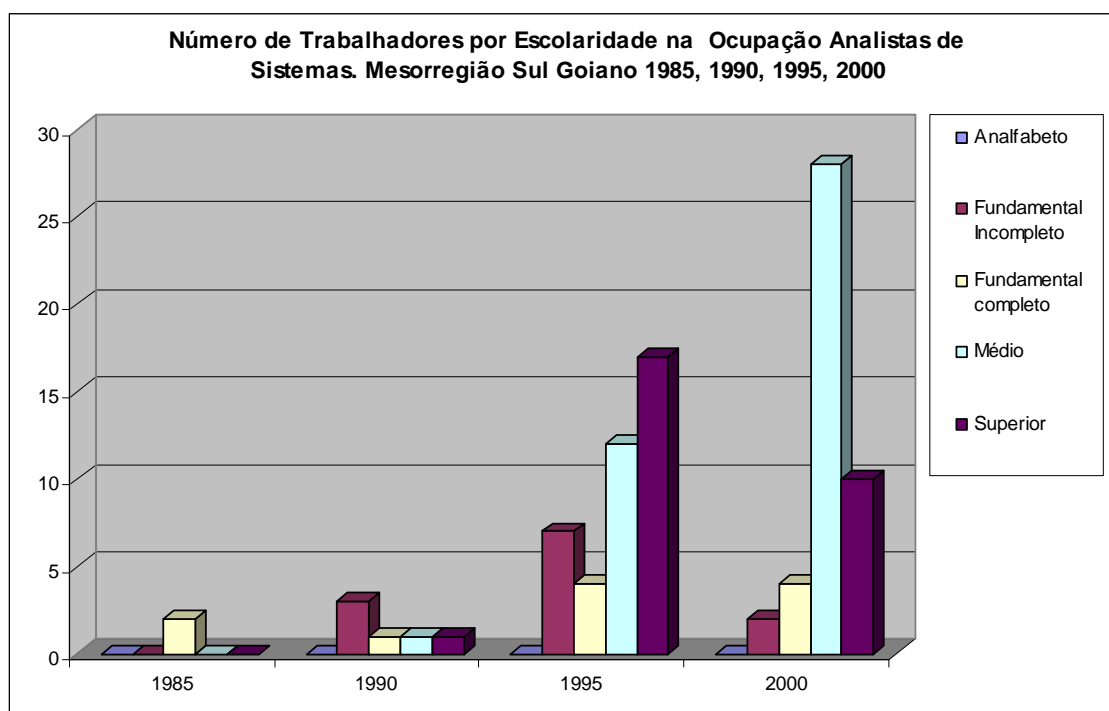


Gráfico 7.67: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação Analista de Sistemas. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

¹⁵ Informação disponível em:

<<<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/tabua/ResultadoConversaoFamilia.jsf>>>

Acesso em: 23 abr. 2012.

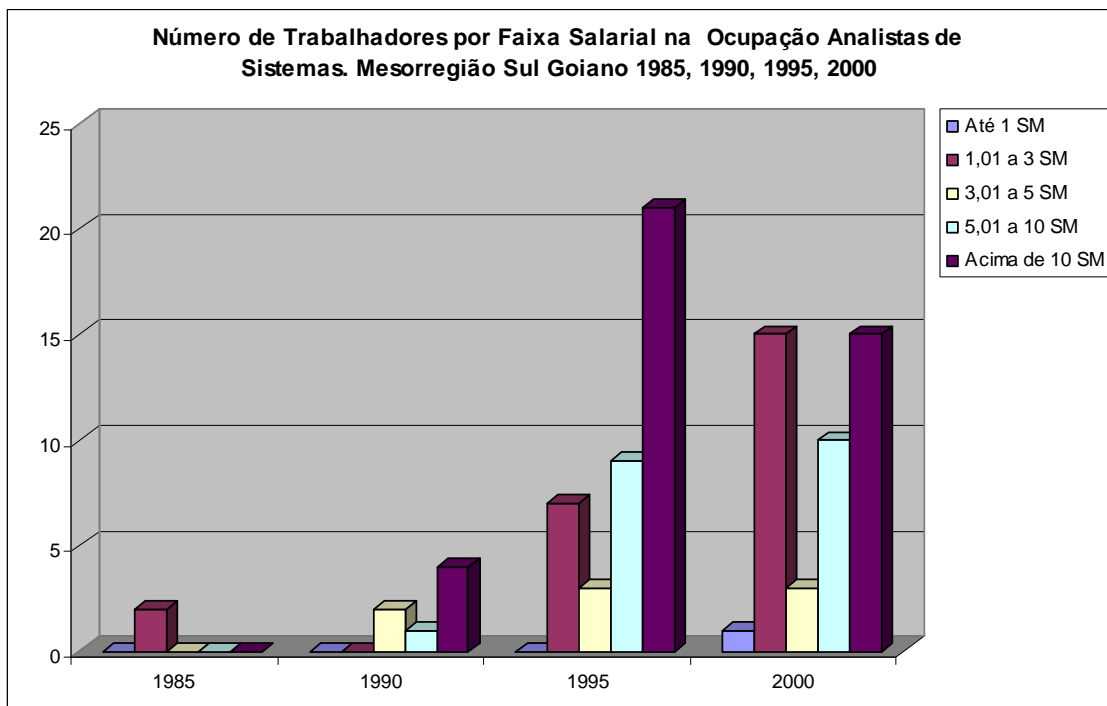


Gráfico 7.68: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação Analista de Sistemas. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

7.5.2. Programador de Computador

A ocupação Programador de Computador também registrou crescimento expressivo no período de 1985 a 2000 (433,33%). A predominância também é de trabalhadores do gênero masculino, representando 89,06% dos empregados no ano 2000.

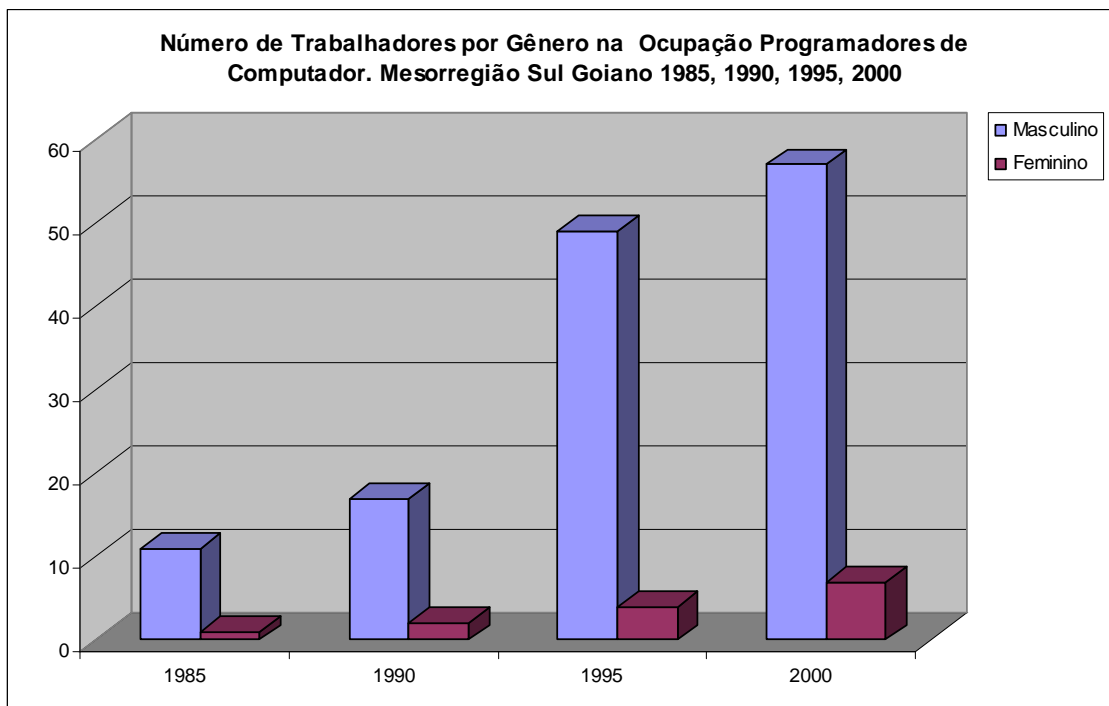


Gráfico 7.69: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação Programador de Computador. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

No que diz respeito à faixa etária desses profissionais, em todo o período analisado, nota-se a presença significativa de trabalhadores com idade entre 25 e 29 anos e entre 30 e 39 anos de idade. Igualmente, é significativo o número de contratados com idade entre 18 e 24 anos, apontando para uma tendência da área da informática em contratar jovens.

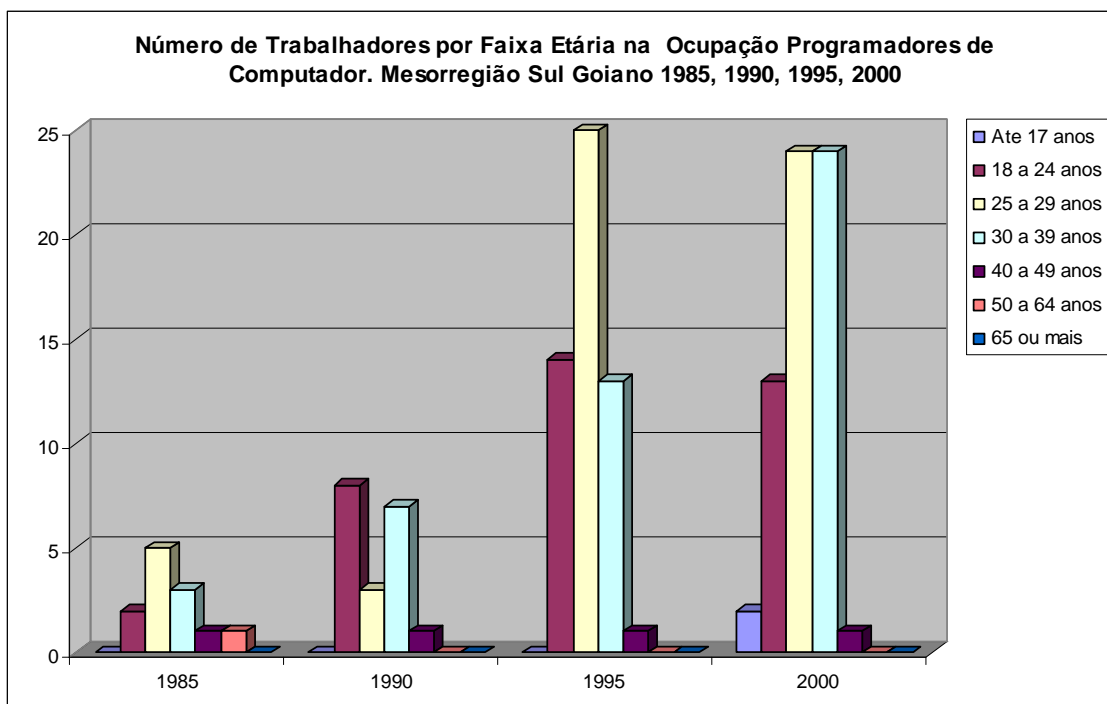


Gráfico 7.70: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Programador de Computador. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Quanto a escolaridade desses profissionais, tendo como base os últimos quinquênios da série, nota-se que a maioria possuía o Ensino Médio, o número de profissionais com esse grau de escolaridade cresceu 26% de 1990 para 1995 e representou 56,25% do total no ano 2000. Apesar do número pequeno de contratos formais na ocupação, pode apontar também o aumento no número de trabalhadores com Ensino Superior, 7 em 1995 e 12 no ano 2000.

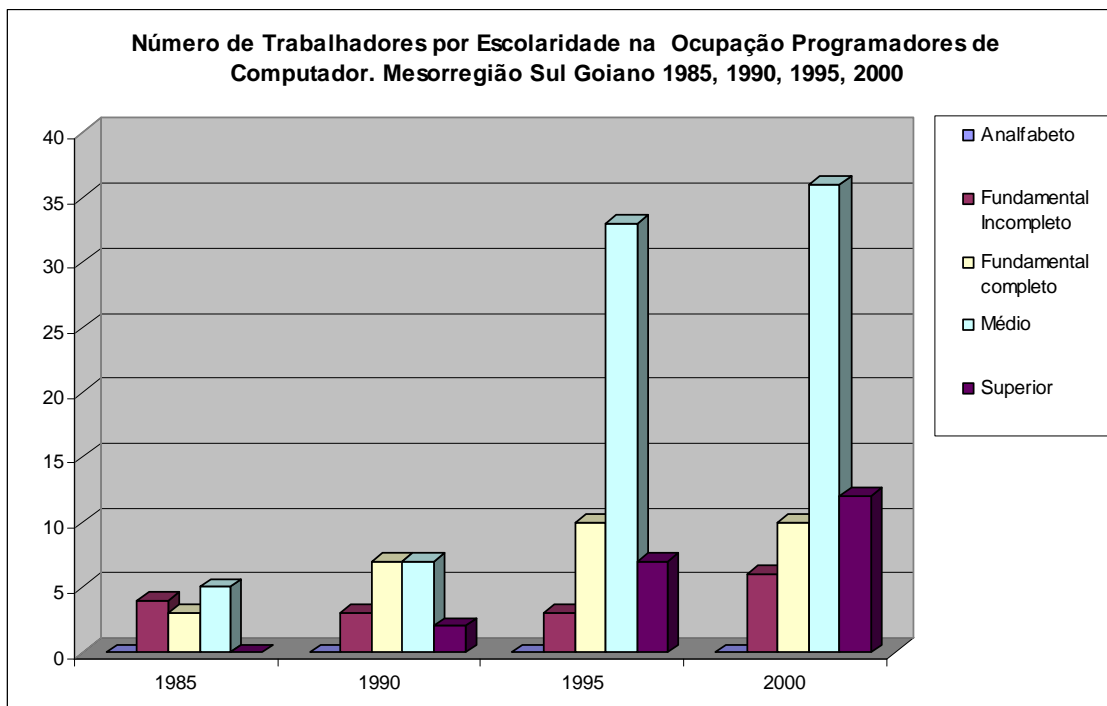


Gráfico 7.71: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Programador de Computador. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Em relação à remuneração desses profissionais percebe-se que não houve um padrão de remunerações ao longo dos anos considerados, exceto que grande parte dos contratados recebiam entre 5,01 e 10 salários mínimos. Assim, no ano 2000, pode notar uma diversidade de remunerações, contemplando todas as faixas consideradas, ou seja, Programadores de Computador recebendo desde ‘até 1 salário mínimo’ até ‘acima de 10 salários mínimos’.

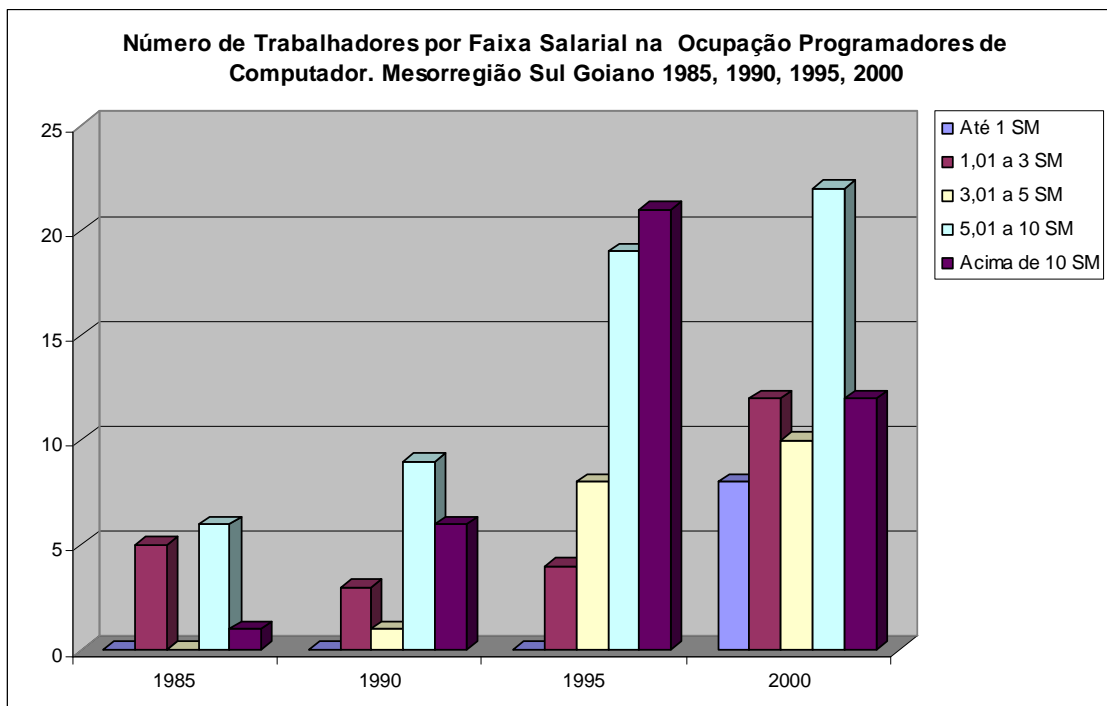


Gráfico 7.72: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Programador de Computador. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

7.5.3. Administradores de Tecnologia da Informação¹⁶

A ocupação Administradores de Tecnologia da Informação empregou poucas pessoas, em termos absolutos, no período de 2003 a 2010. Todavia, o seu crescimento é notável nesse período com taxa de crescimento de 340%. O maior registro de trabalhadores empregados foi feito em 2010, quando 22 profissionais trabalhavam com contrato formal de trabalho. Em relação ao gênero dos trabalhadores, percebe-se a predominância do gênero masculino na ocupação.

¹⁶ A dinâmica do mercado de trabalho formal na área de Informática fez com que o Ministério do Trabalho e do Emprego por meio da RAIS incorporasse a ocupação Administradores de Redes, Sistemas e Bancos de Dados na ocupação atual: “Administradores de Tecnologia da Informação”.

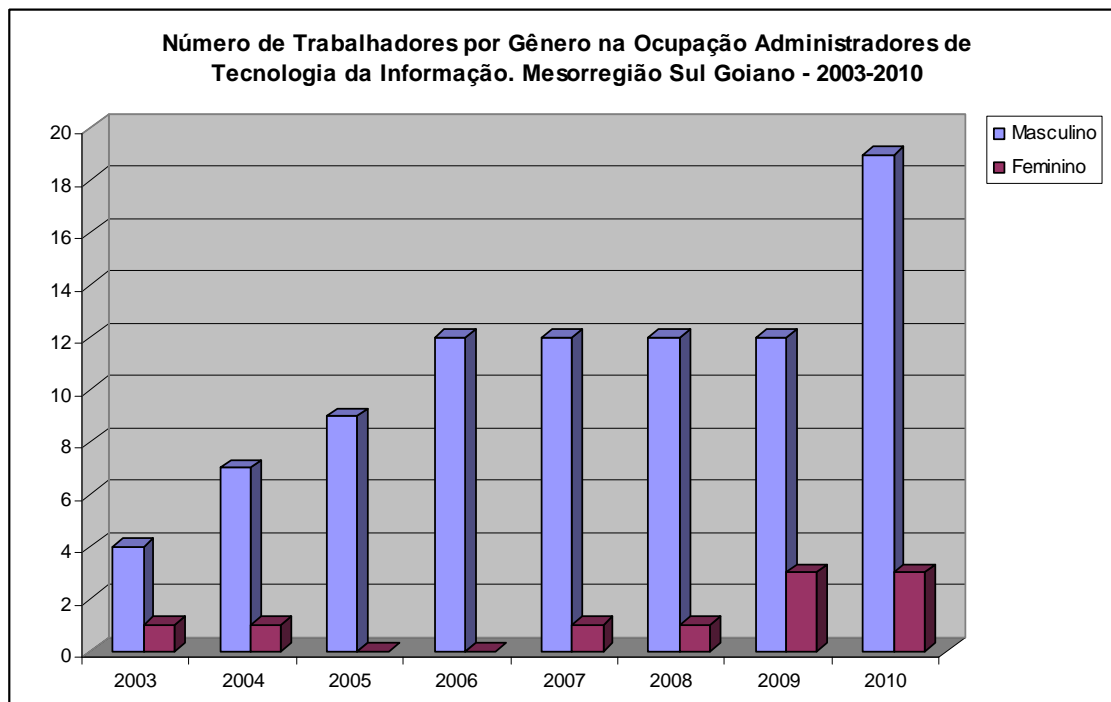


Gráfico 7.73: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Administradores de Tecnologia da Informação. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

A faixa etária desses trabalhadores variou muito entre os anos de 2003 a 2010, entretanto, o maior número de empregados tem idade entre 25 a 29 anos de idade, especialmente nos três últimos anos da série. Entretanto, deve se considerar o pequeno número de contratações, que tende, em tese, para uma maior dispersão das informações.

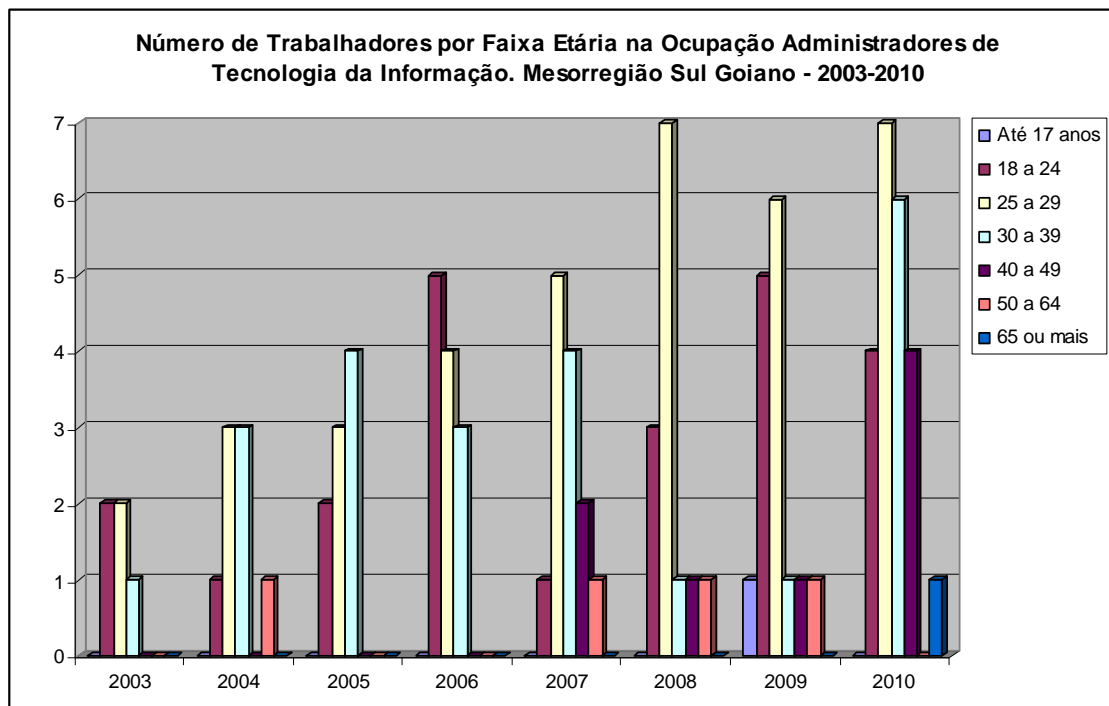


Gráfico 7.74: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Administradores de Tecnologia da Informação. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Em relação à escolaridade desses trabalhadores, percebe-se que em 2003, todos os profissionais possuíam o Ensino Superior completo. Em 2004, consta que um trabalhador foi contratado com apenas o Ensino Fundamental Incompleto. Em 2005, 2006, 2009 e 2010, os profissionais tem escolaridade que vai o ensino Fundamental completo ao Superior. Em 2007 e 2008, todos tem o Ensino Médio ou Superior concluído. A presença de trabalhadores com escolaridade abaixo do ensino médio, pode significar erro no banco de dados da RAIS, visto que, segundo a CBO, para o exercício da função é necessário o ensino superior completo ou “formação específica por meio de cursos de qualificação, com carga horária entre duzentas e quatrocentas horas”¹⁷, o que pressupõe, no mínimo o ensino médio.

¹⁷ Informação disponível em:

<<<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/ResultadoFamiliaDescricao.jsf>>>

Acesso em: 26 abr. 2012.

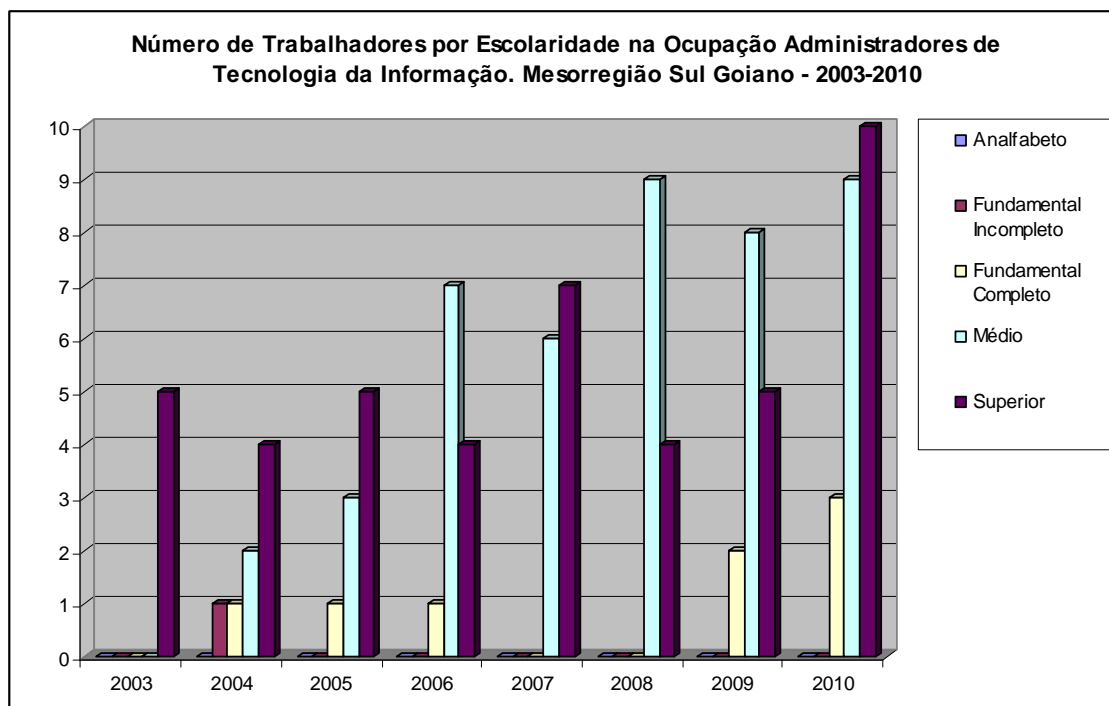


Gráfico 7.75: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Administradores de Tecnologia da Informação. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Quanto a faixa salarial dos Administradores de Tecnologia da Informação na Mesorregião Sul Goiano, é perceptível a predominância de salários entre 1,01 e 3 salários mínimos. Essa faixa salarial se apresenta significativa em todos os anos da série. Entretanto, conforme já apontado, o pequeno número de contratos tende a dispersar tais informações, como de faixa etária e faixa salarial. Assim, no ano de 2010, também se nota presença significativa de trabalhadores com salário entre 3,01 e 5 salários mínimos e entre 5,01 e 10 salários mínimos.

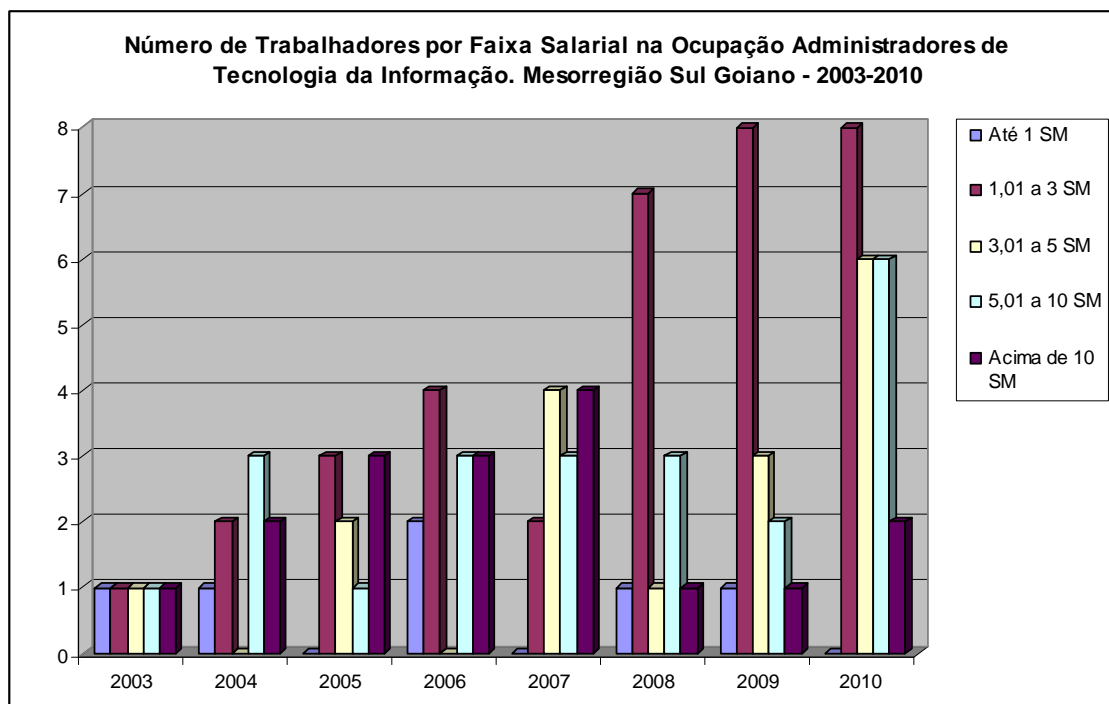


Gráfico 7.76: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Administradores de Tecnologia da Informação. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

7.5.4. Técnicos de Desenvolvimento de Sistemas e Aplicações

A ocupação Técnicos em Desenvolvimento de Sistemas e Aplicações, no período de 2003 a 2010 cresceu 115,25% no que se refere a número de contratações formais. Percebe-se, mais uma vez, a predominância de pessoas do gênero masculino empregados em ocupações da área de informática.

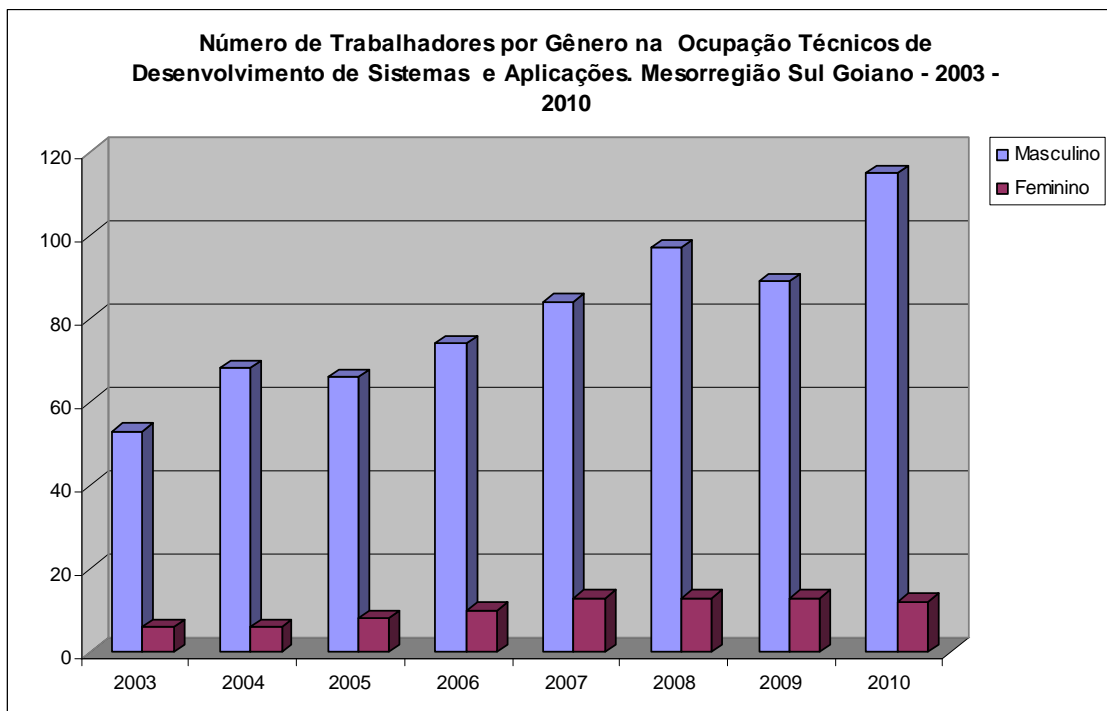


Gráfico 7.77: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Técnicos de Desenvolvimento de Sistemas e Aplicações. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Assim com em outras ocupações da área de informática, nota-se a presença significativa de trabalhadores jovens, com idades de 18 até 39 anos. No ano de 2010, os trabalhadores com faixa etária de 18 a 24, 25 a 29 e de 30 a 39 somaram 105 contratos formais, o que representa 82,67% do total naquele ano.

Nota-se, de acordo com o gráfico 7.79, a predominância de trabalhadores com Ensino Médio Completo, que chegou a representar 75,49% em 2009, caindo para 70,07% em 2010. A segunda maior representatividade é de trabalhadores com o ensino superior completo, que totalizou 25 contratos em 2010, representando 19,68% do total naquele ano.

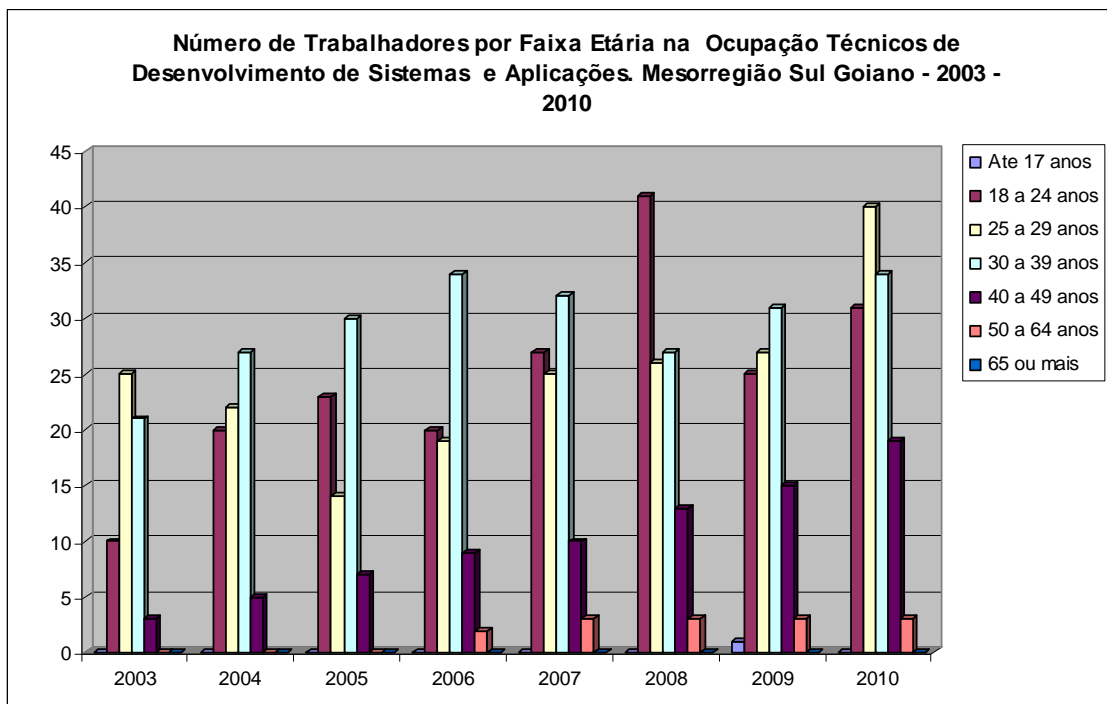


Gráfico 7.78: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Técnicos de Desenvolvimento de Sistemas e Aplicações. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

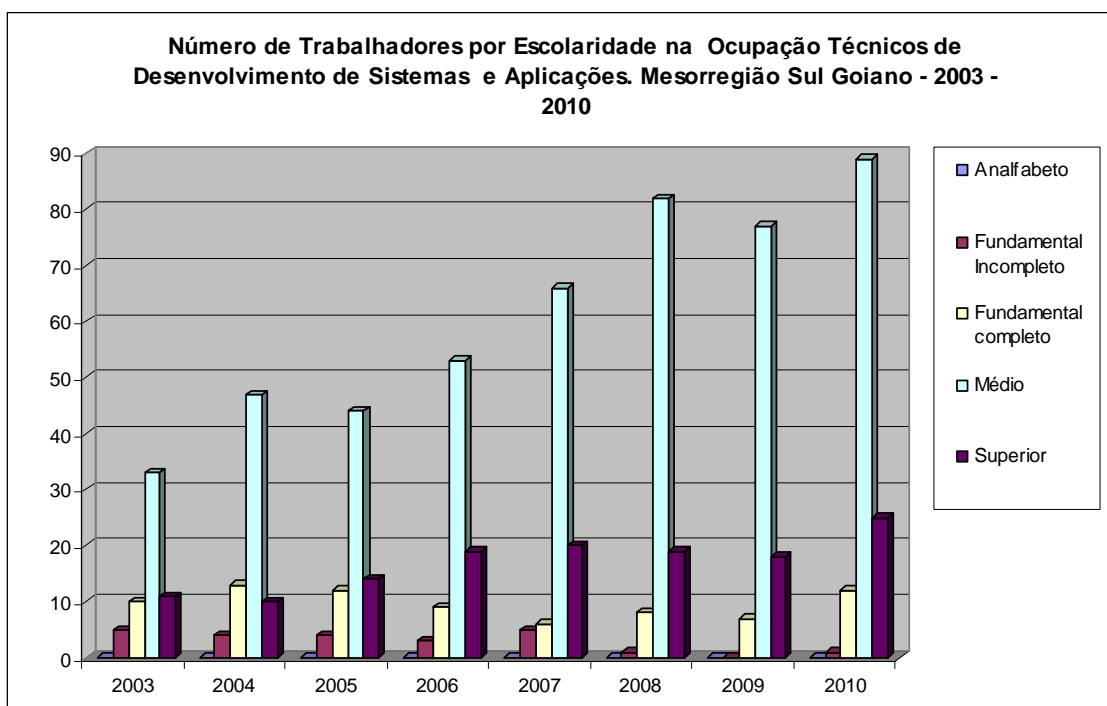


Gráfico 7.79: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Técnicos de Desenvolvimento de Sistemas e Aplicações. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

A faixa salarial predominante está entre 1,01 a 3 salários mínimos, seguida da que contempla salários entre 3,01 e 5 salários mínimos, conforme demonstra o gráfico a seguir.

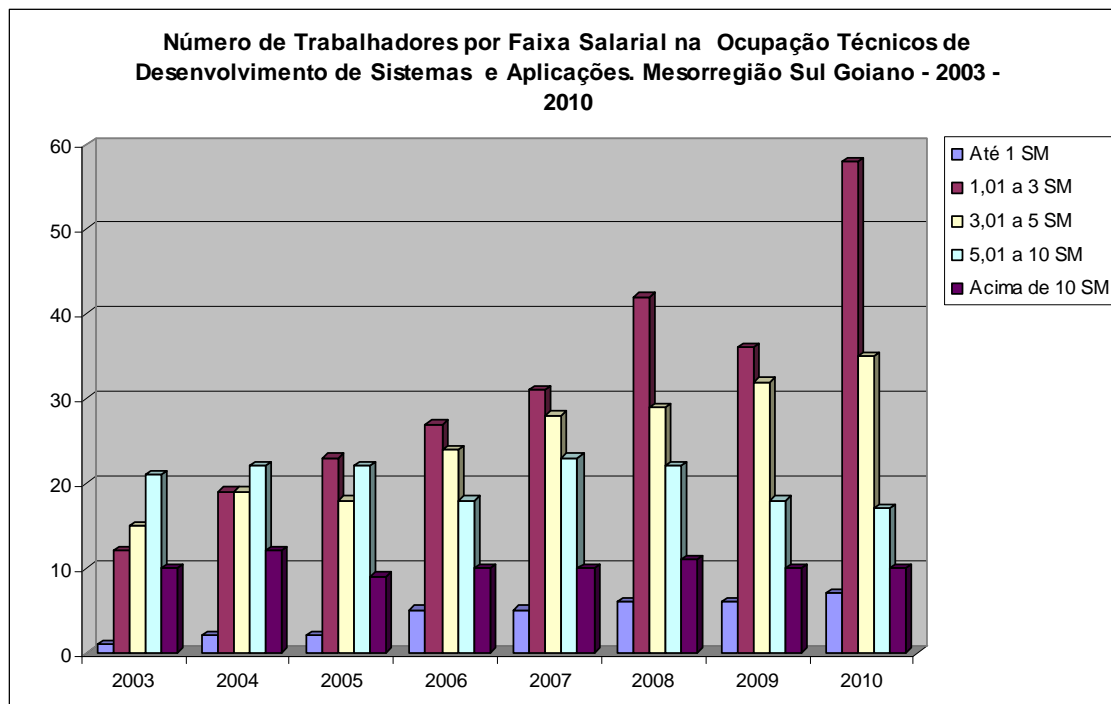


Gráfico 7.80: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Técnicos de Desenvolvimento de Sistemas e Aplicações. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

7.5.5. Técnico de Operação e Monitoração de Computadores

Percebe-se que a ocupação Técnicos de Operação e Monitoração de Computadores está estagnada. A mesma apresentou crescimento de apenas 16,98% no período estudado (2003 – 2010). Salienta-se que a ocupação conviveu com constantes oscilações nas contratações nesse prazo de tempo. Em 2009 por exemplo, haviam 205 profissionais empregados formalmente, em 2010 esse número caiu para 186. Em relação ao gênero desses trabalhadores, é visível a predominância de trabalhadores do sexo masculino.

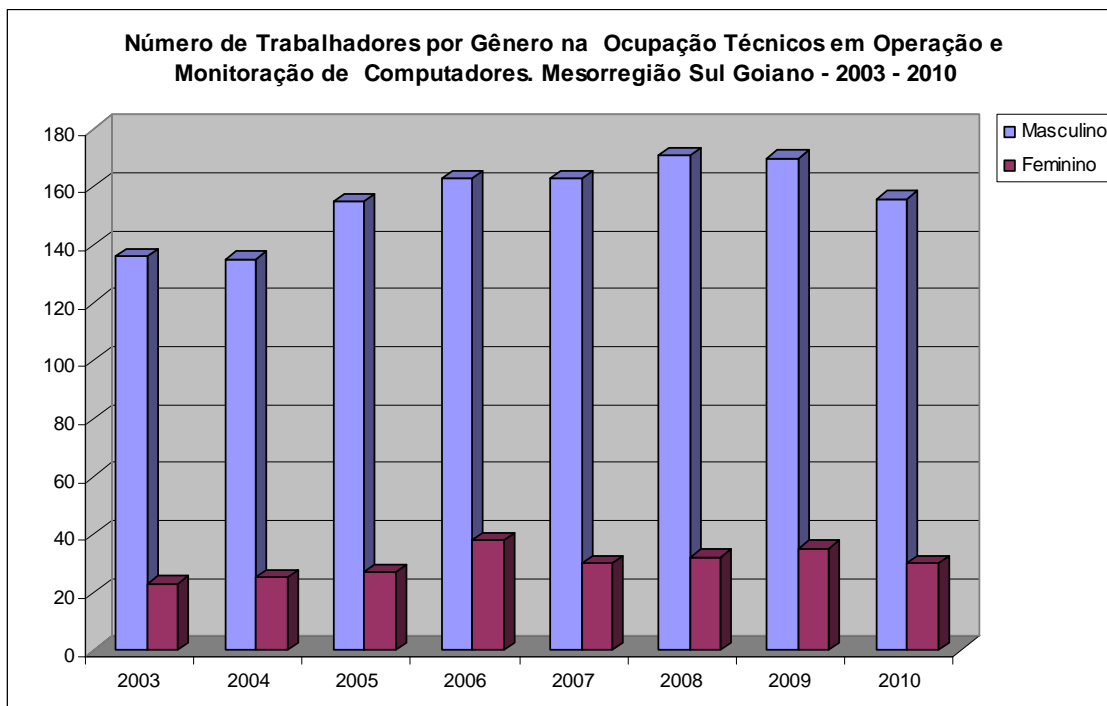


Gráfico 7.81: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação Técnicos em Operação e Monitoração de Computadores. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Em 2010, num universo de 186 trabalhadores, 67 deles tinham idade entre 18 a 24 anos, representando 36,02%. Os que tem idade entre 25 a 29 anos representam 24,73% do total de profissionais, sendo superados pelo número de trabalhadores entre 30 e 39 anos, que chegou a 50, ou seja, 26,88% do total em 2010.

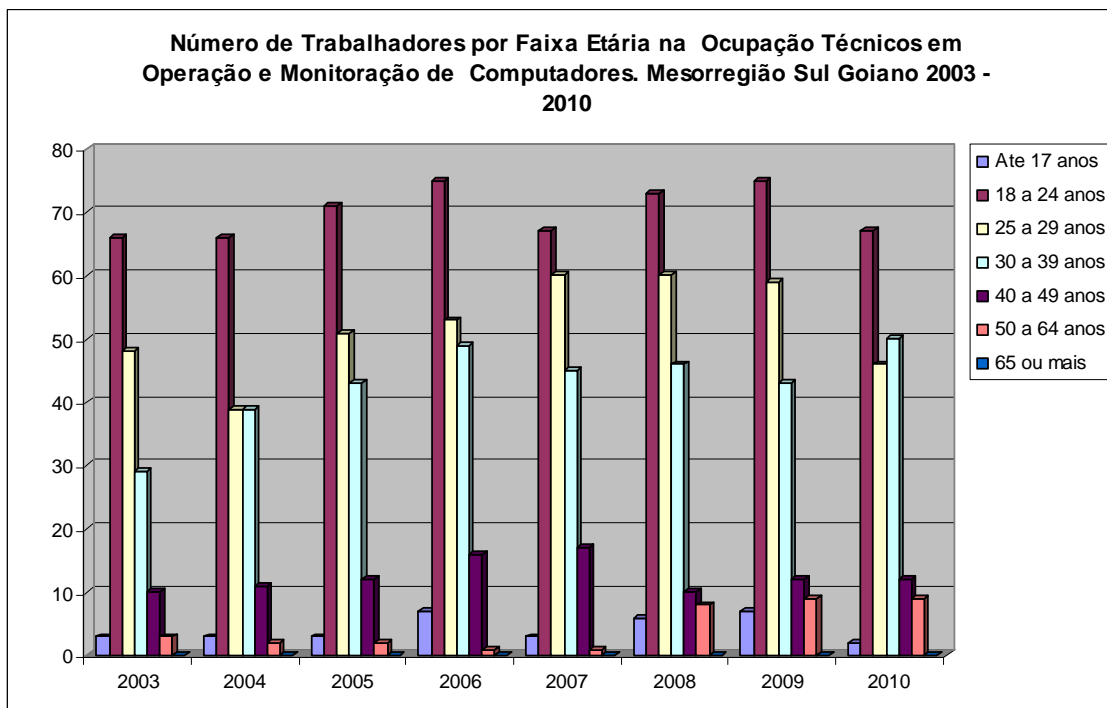


Gráfico 7.82: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação Técnicos de Operação e Monitoração de Computadores. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.
Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Em relação à escolaridade desses profissionais, é visível a predominância de trabalhadores com ensino médio completo. Eles representaram 57% do total de empregados no ano de 2010. Os trabalhadores que possuíam apenas o ensino Fundamental Completo representaram 22,04% e aqueles com o Ensino Superior representaram 15,59% do total.

O número de profissionais que são remunerados com salários entre 1,01 a 3 salários é predominante na ocupação. Eles totalizaram 142 (69,29%) em 2009 e 120 (64,51%) em 2010. As demais faixas salariais contemplam em torno de 20 contratos formais cada uma, exceto a faixa salarial 'acima de 10 salários mínimos' que somou 3 contratos formais em 2010.

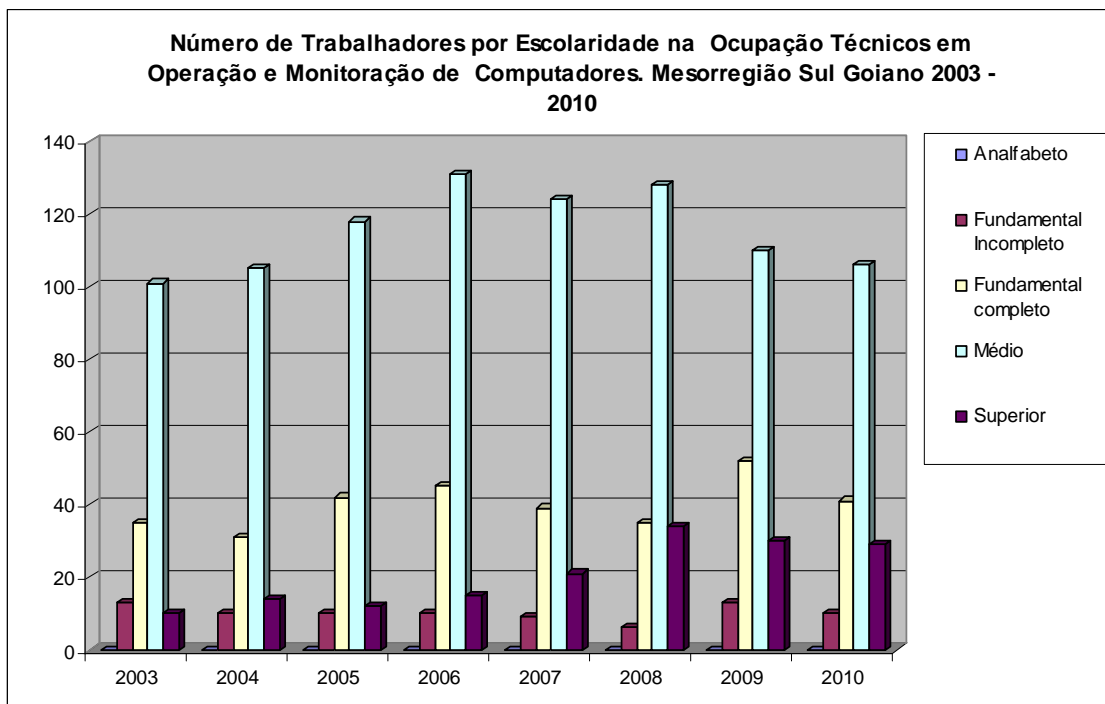


Gráfico 7.83: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação Técnicos de Operação e Monitoração de Computadores. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

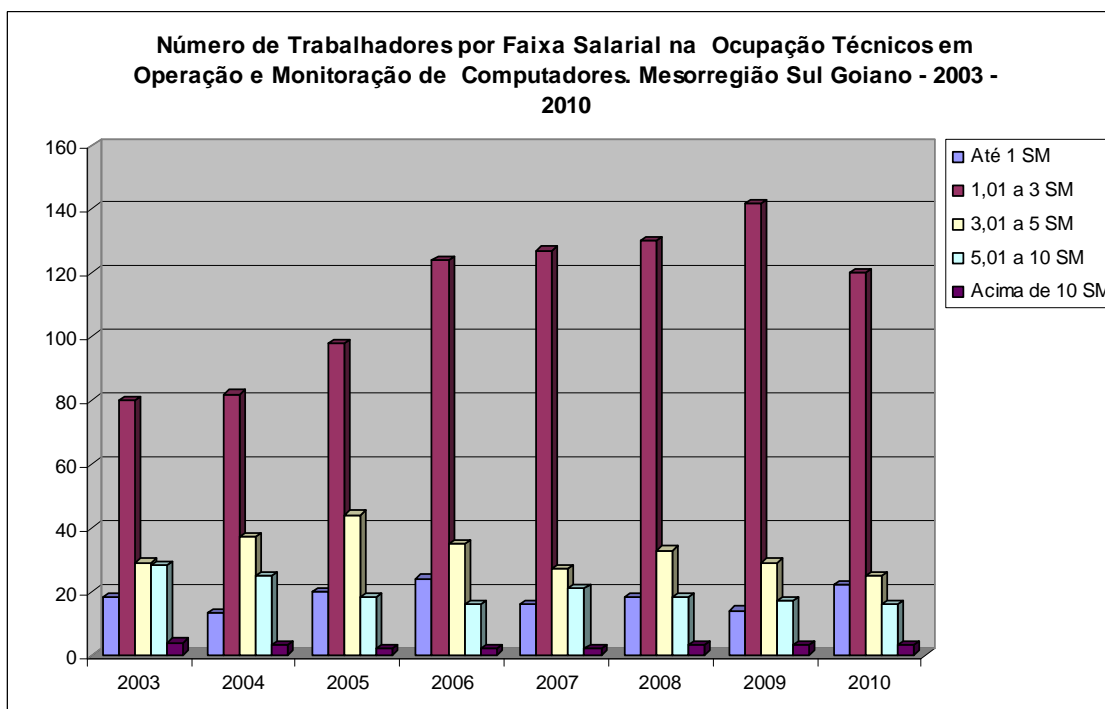


Gráfico 7.84: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Técnico de Operação e Monitoração de Computadores. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

7.6. Ocupações Profissionais da Área de Mecânica

7.6.1. Mecânicos de Manutenção de Máquinas

A ocupação Mecânicos de Manutenção de Máquinas obteve um crescimento do número de trabalhadores com contrato formal de trabalho de 55,57%, entre 1985 a 2000.

No que diz respeito ao gênero dos trabalhadores desta ocupação, verifica-se que predominam trabalhadores do sexo masculino.

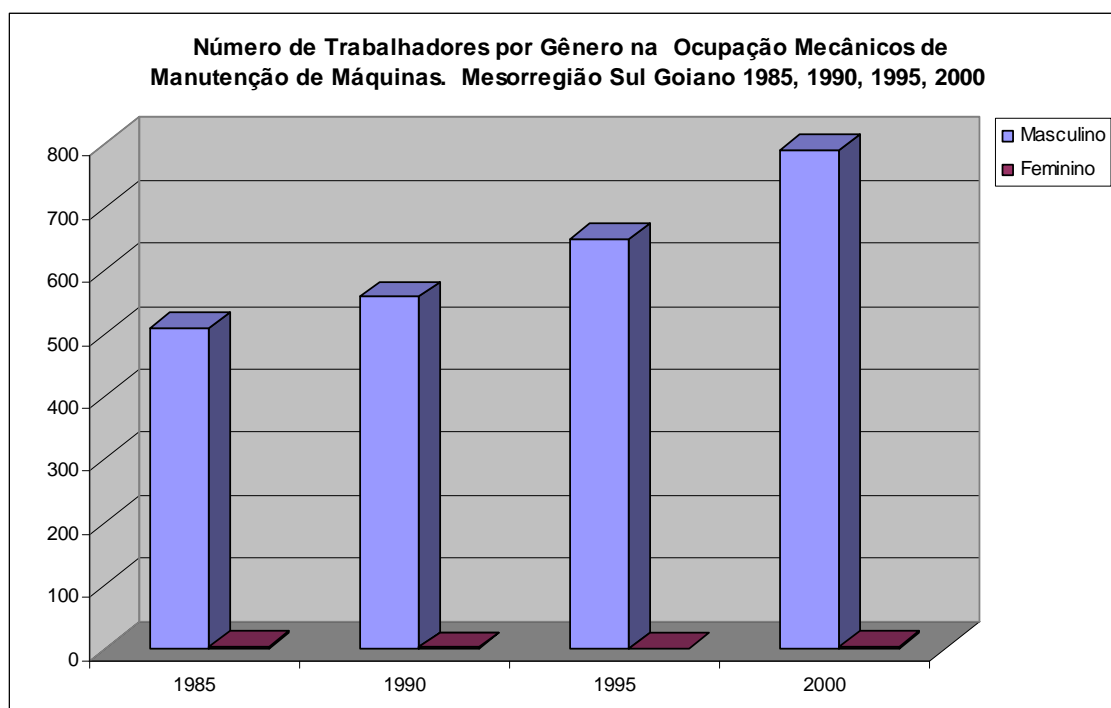


Gráfico 7.85: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Mecânico de Manutenção de Máquinas. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Em todo o período estudado o maior número de contratados na ocupação contempla trabalhadores com faixa de etária de 30 a 39 anos, sendo que no ano 2000 estes representaram 34,34% do total de profissionais empregados. A segunda maior representatividade é da faixa etária de 40 a 29 anos (21,38% do total em 2000) e a terceira da faixa etária de 25 a 29 anos (18,61% do total em 2000).

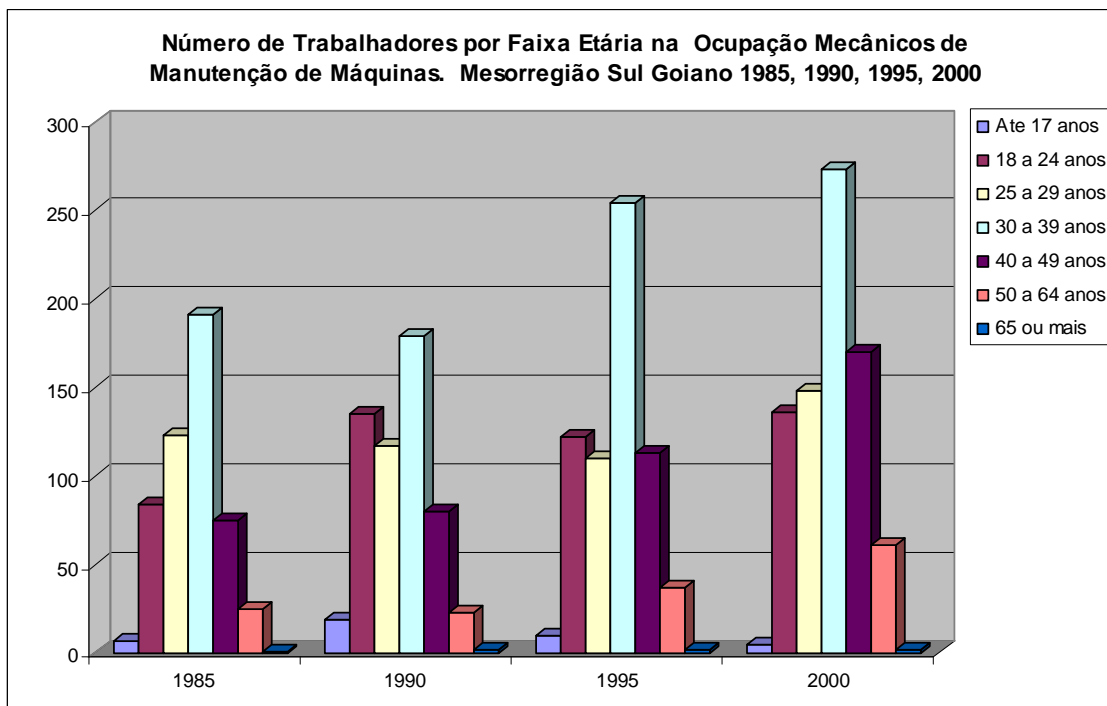


Gráfico 7.86: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Mecânicos de Manutenção de Máquinas. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

O gráfico a seguir demonstra o baixo nível de escolaridade desses profissionais. Em todos os anos a predominância é de trabalhadores que possuem o Ensino Fundamental Incompleto. Em 1985 a representatividade é de 74,16%. Em 1990 o percentual é de 72,85%. No ano de 1995 o percentual de profissionais com o Ensino Fundamental Incompleto é de 71,23% e em 2000 a representatividade é de 59,11%.

Quanto à faixa salarial dos 'Mecânicos de Manutenção de Máquinas', verifica-se que, entre os anos de 1985 e 2000, a maioria dos empregados na ocupação recebiam entre 1,01 e 5 salários mínimos.

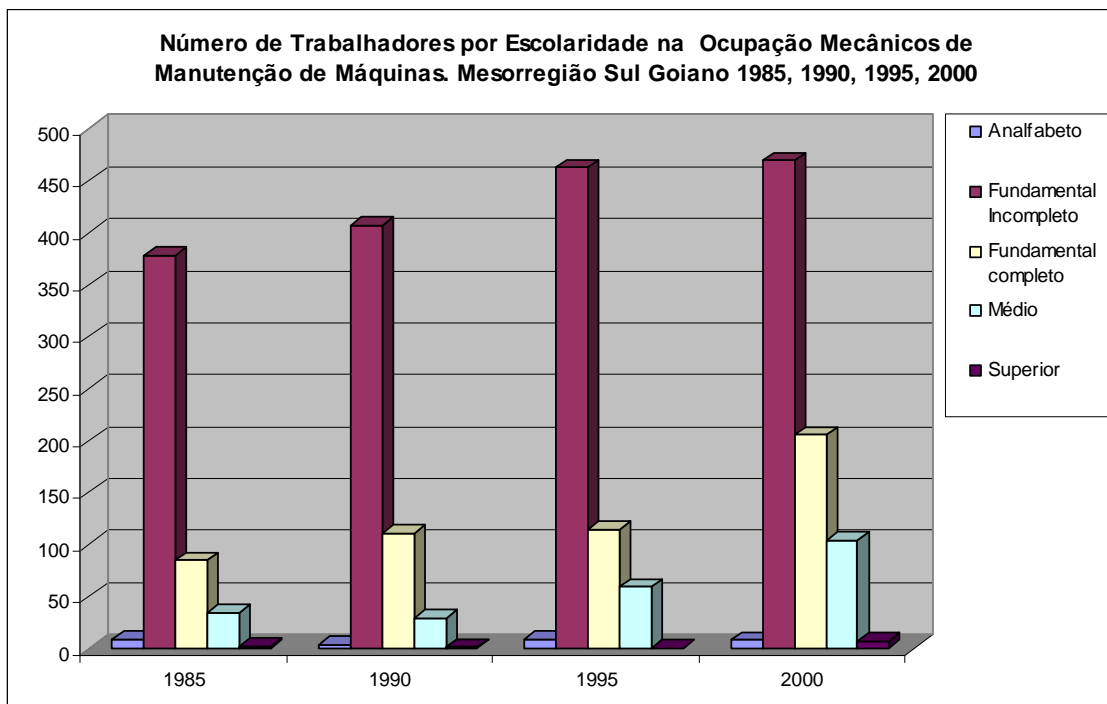


Gráfico 7.87: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Mecânico de Manutenção de Máquinas. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

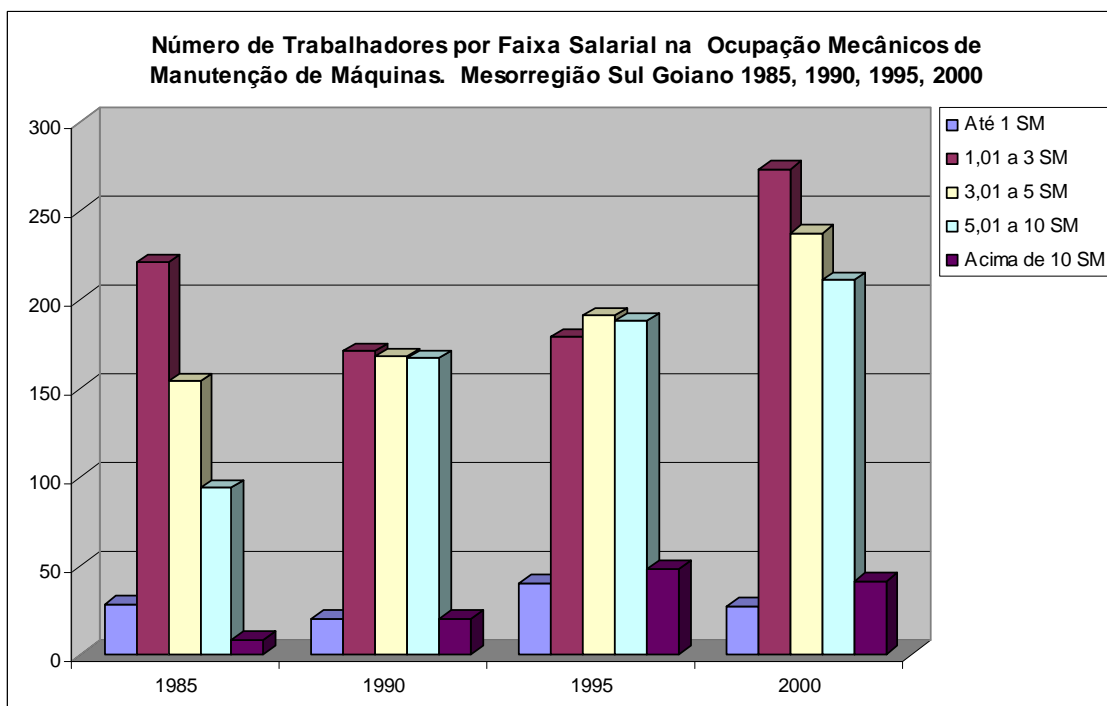


Gráfico 7.88: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Mecânico de Manutenção de Máquinas. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

7.6.2. Soldadores e Oxicortadores

Conforme Gráfico 7.89, a empregabilidade na ocupação ‘Soldadores e Oxicortadores’ cresceu significativamente (70,61%) entre 1985 e 2000. Quanto ao gênero destes trabalhadores, nota-se que a maioria era do sexo masculino.

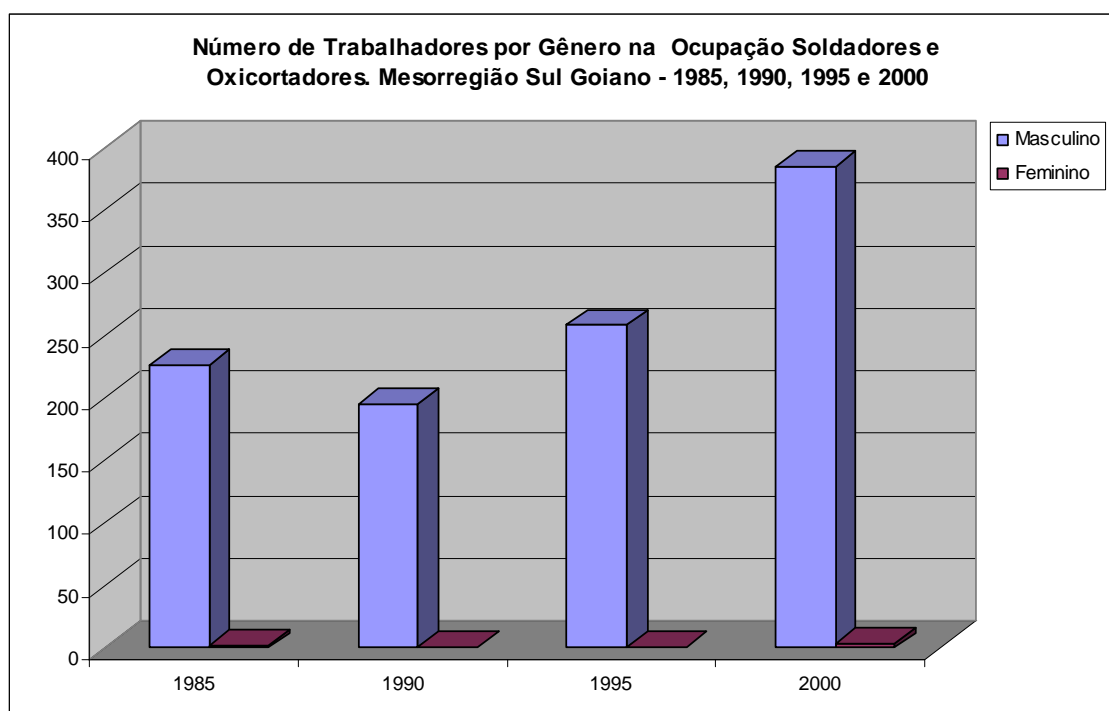


Gráfico 7.89: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Soldadores e Oxicortadores. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Conforme Gráfico 7.90, entre 1985 e 2000 as faixas etárias que abarcam o maior número de contratados são as de 25 a 29 anos e 30 a 39 anos, representando, respectivamente, 21,59% e 34,96% no ano 2000.

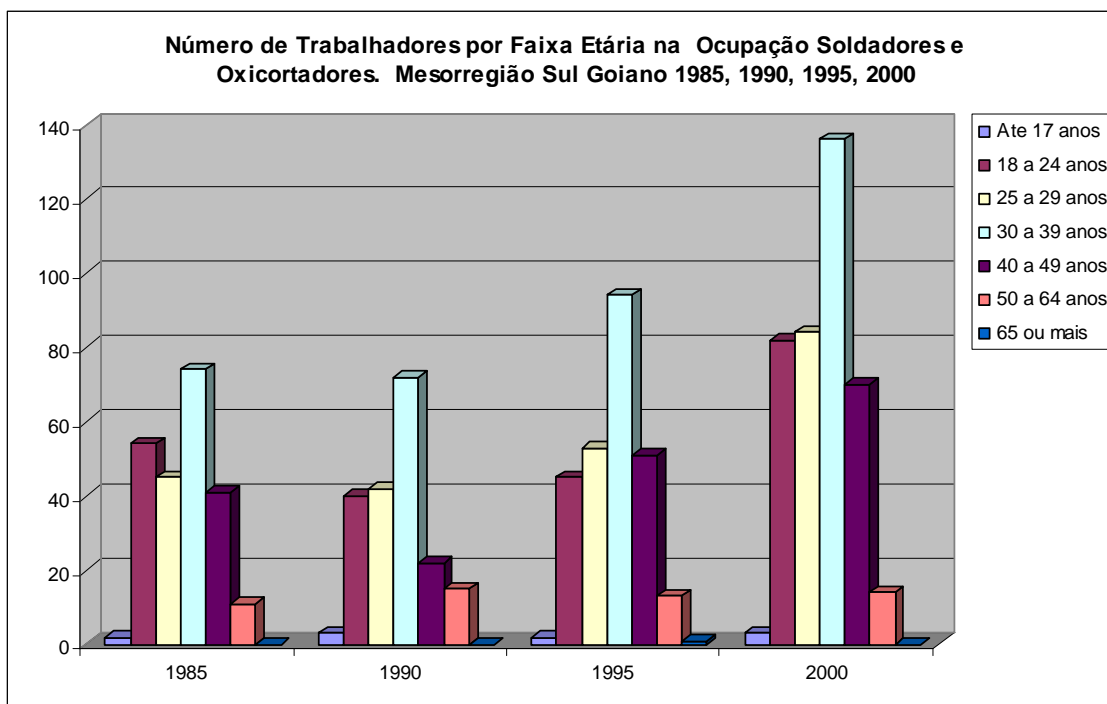


Gráfico 7.90: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Soldadores e Oxicortadores. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Quanto ao grau de escolaridade dos 'Soldadores e Oxicortadores' pode-se observar por meio do Gráfico 7.91 que os trabalhadores desta ocupação possuíam baixo grau de escolaridade, visto que a maioria apresentava o Ensino Fundamental Incompleto (57,84% em 2000) e o Ensino Fundamental Completo (27% em 2000).

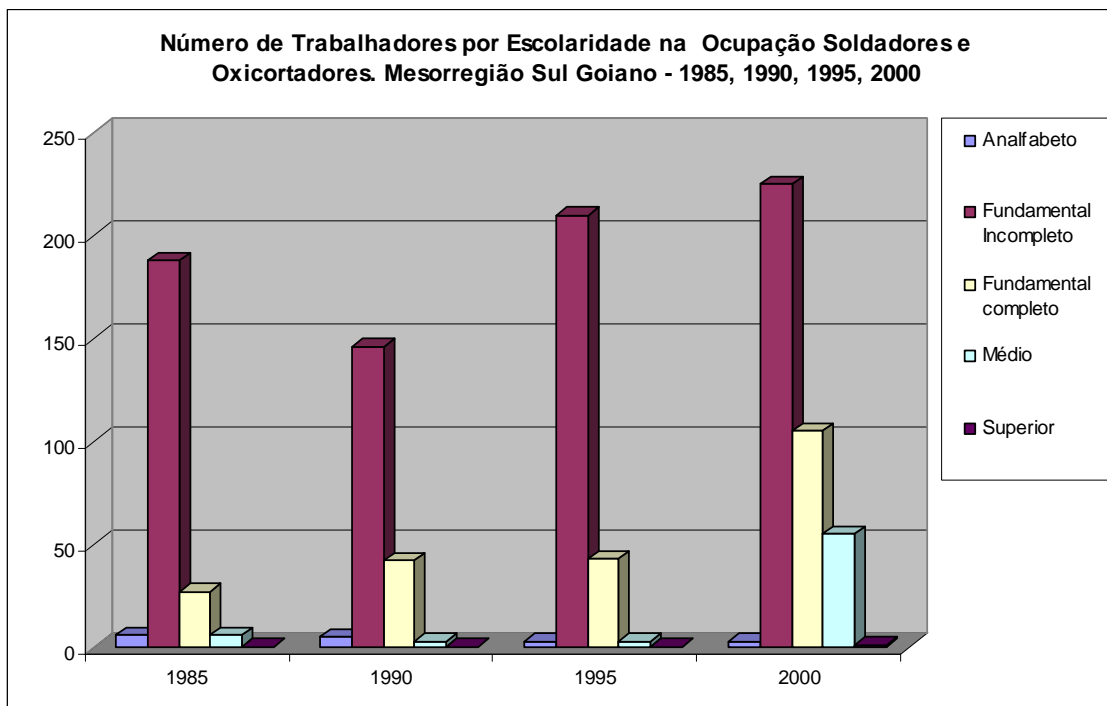


Gráfico 7.91: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Soldadores e Oxicortadores. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Por meio do Gráfico 7.92 é possível visualizar a predominância e o crescimento do número de trabalhadores com remunerações entre 1,01 e 3 salários mínimos e entre 3,01 e 5 salários mínimos. Este crescimento se acentuou principalmente a partir de 1995.

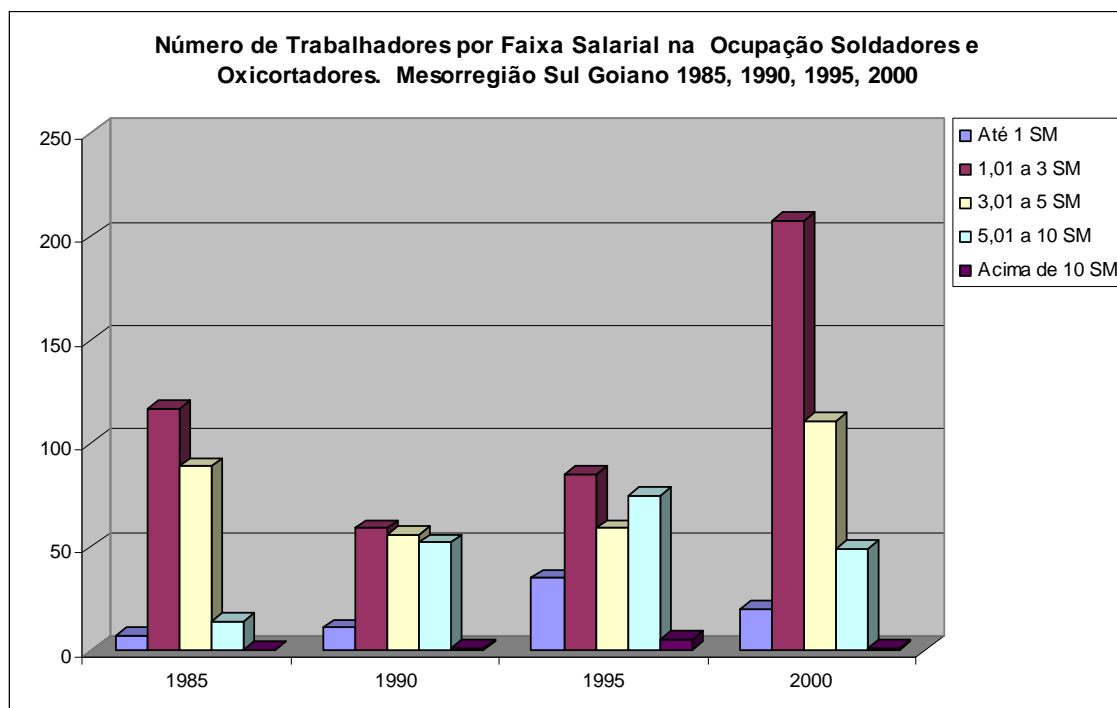


Gráfico 7.92: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Soldadores e Oxigortadores. Mesorregião Sul Goiano 1985-2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

7.6.3. Técnicos de Mecânica

Na ocupação ‘Técnicos de Mecânica’ ocorreu um aumento de 38,09% no número de trabalhadores entre 1985 e 2000. Esse aumento pode estar relacionado ao surgimento de ocupações novas, que passaram a atuar no mesmo campo de habilidades e competências de ocupações já existentes, incorporando características profissionais dos Técnicos de Mecânica. Além disso, a ocupação conviveu com constantes oscilações no período estudado.

É notório, ainda, o declínio apresentado nos anos de 1990 e 1995, contrariando uma conjuntura de demandas de empregabilidade que foi elevada em funções do crescimento do PIB.

No que diz respeito ao gênero destes trabalhadores, predomina nesta ocupação trabalhadores do sexo masculino.

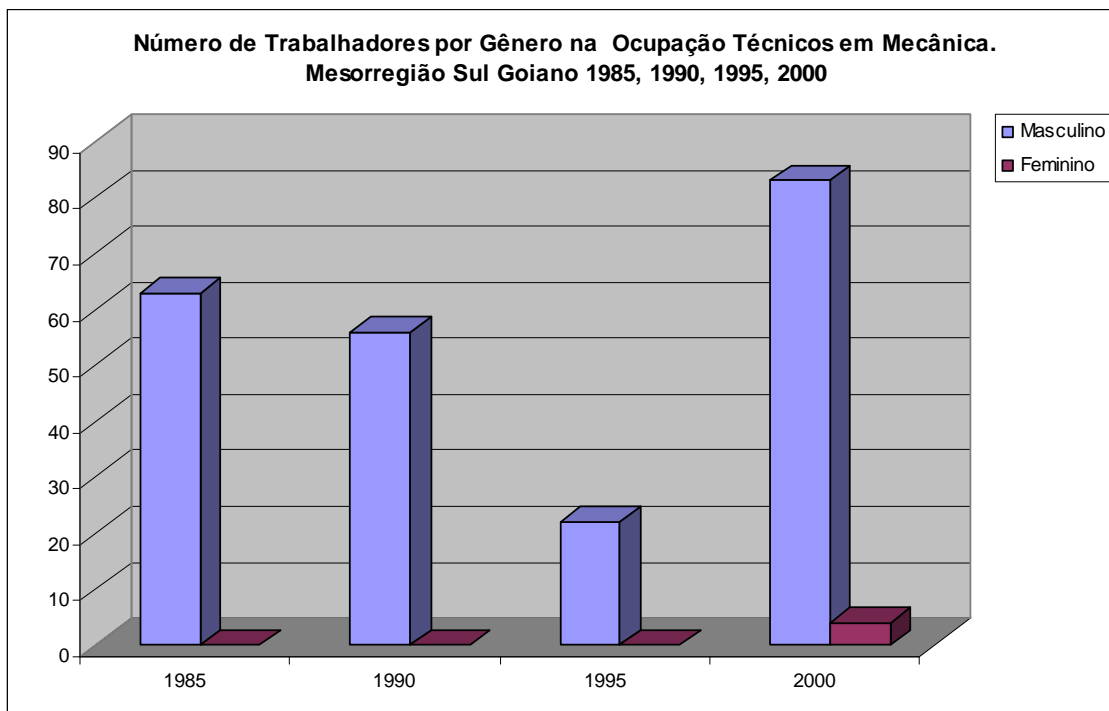


Gráfico 7.93: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Técnicos em Mecânica. Mesorregião Sul Goiano – 1985-2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

De acordo com o Gráfico 7.94 pode-se perceber que na ocupação ‘Técnicos em Mecânica’ predominam trabalhadores com idade entre 18 a 24 anos e 30 a 39 anos. No último ano da série, esses grupos etários representaram respectivamente 29,88% e 26,43% do total de trabalhadores empregados.

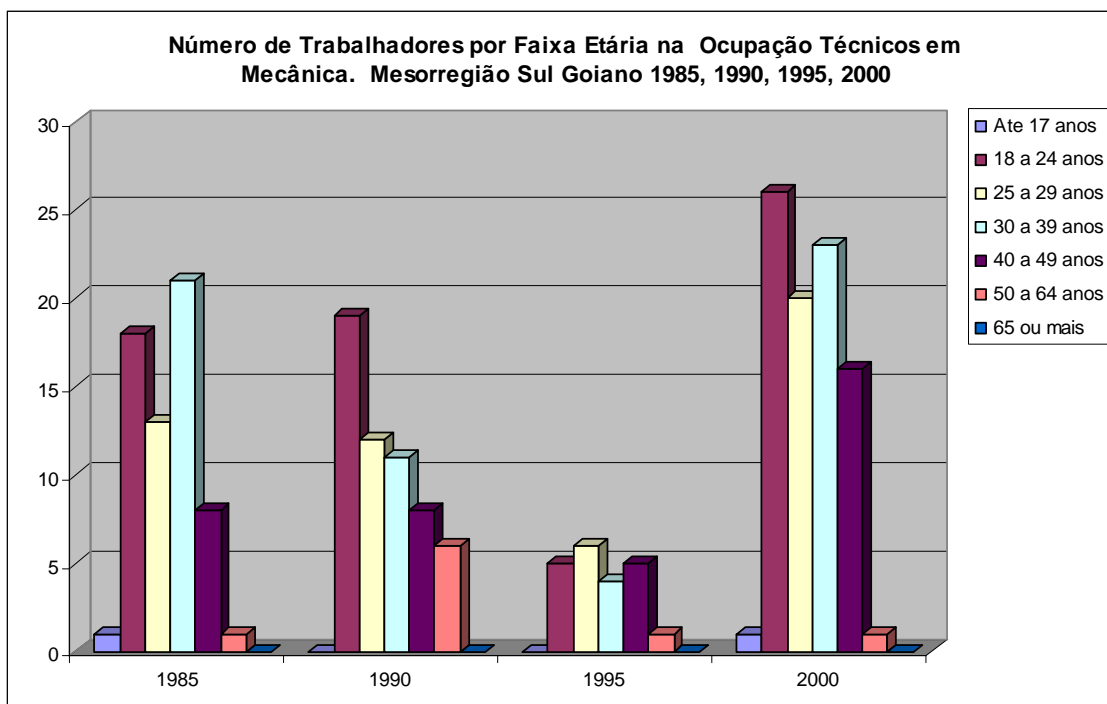


Gráfico 7.94: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Técnicos em Mecânica. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

No que tange ao grau de escolaridade dos trabalhadores desta ocupação profissional, é possível concluir por meio do Gráfico 7.95 que até 1995 estes eram, em sua maioria, trabalhadores com Ensino Fundamental Incompleto e Ensino Fundamental Completo. Em 2000, ocorreu um aumento da escolaridade destes trabalhadores, visto que neste ano predominou profissionais que haviam cursado o ensino médio (64,36%).

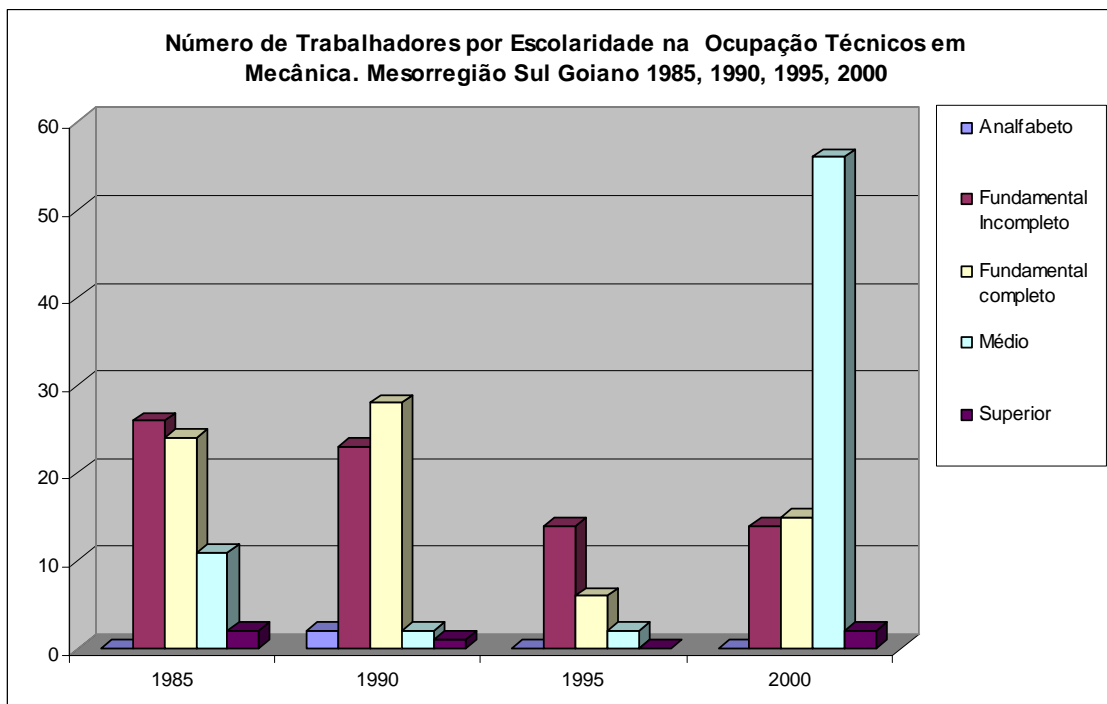


Gráfico 7.95: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Técnicos em Mecânica. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Quanto à faixa salarial desses trabalhadores, pode-se observar por meio do Gráfico 7.96 que o maior número de trabalhadores tinham remuneração de 1,01 a 3 salários mínimos. Pode-se observar, ainda, um aumento significativo de trabalhadores com renda média de 5,01 a 10 salários mínimos. Esse aumento foi de 32% em 2000 com relação a 1990.

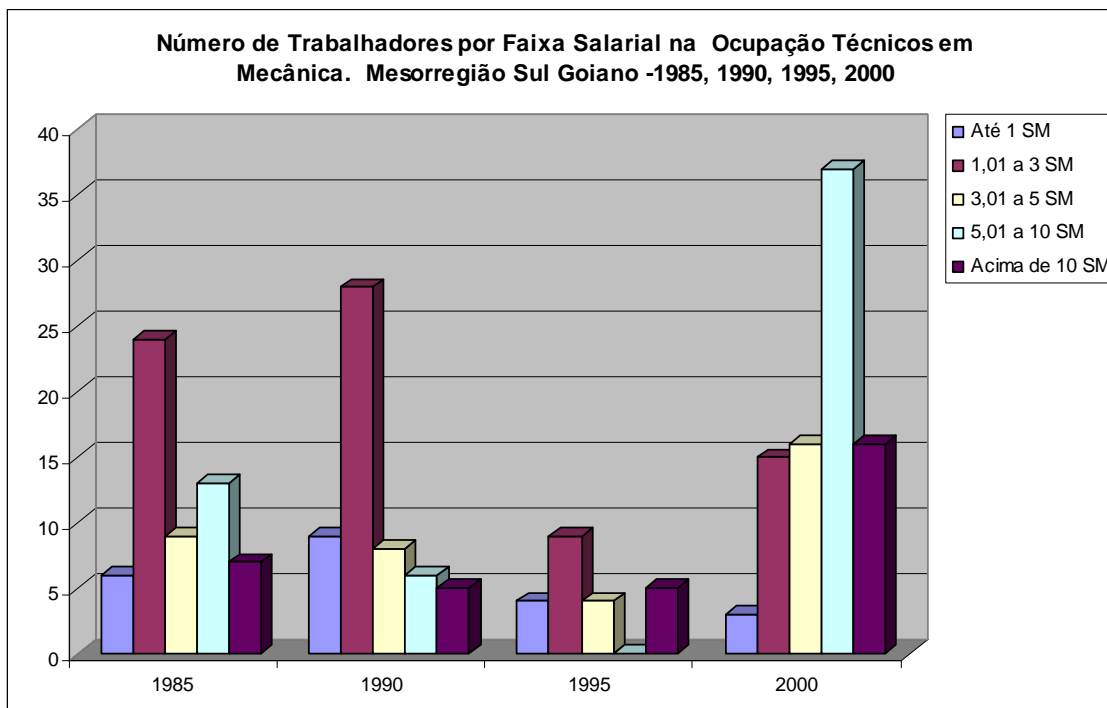


Gráfico 7.96: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Técnico de Mecânica. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

7.6.4. Mecânicos de Manutenção de Máquinas Industriais

Na ocupação Mecânicos de Manutenção de Máquinas Industriais o número de empregados com contrato formal de trabalho cresceu 145,53% entre 2003 e 2010. Quanto ao gênero desses trabalhadores, houve o predomínio do sexo masculino, sendo que a faixa de participação deste sexo chegou a 98,63% em 2005 e a 97,33 em 2010.

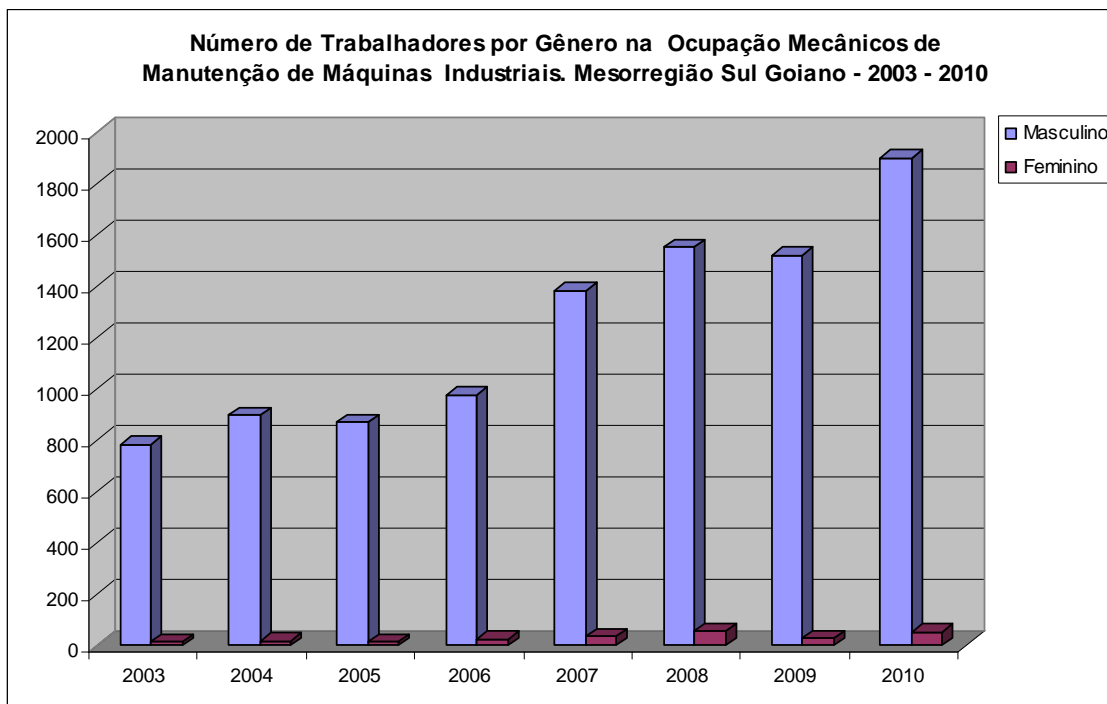


Gráfico 7.97: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Mecânico de Manutenção de Máquinas Industriais. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Em relação à faixa etária desses trabalhadores, percebe-se que grande parte tem idade entre 30 a 39 anos de idade, representando 28,68% dos empregados em 2010. A quantidade de profissionais com idade entre 25 a 29 anos também é significativa, representando 20,64% do total de trabalhadores empregados no ano de 2010.

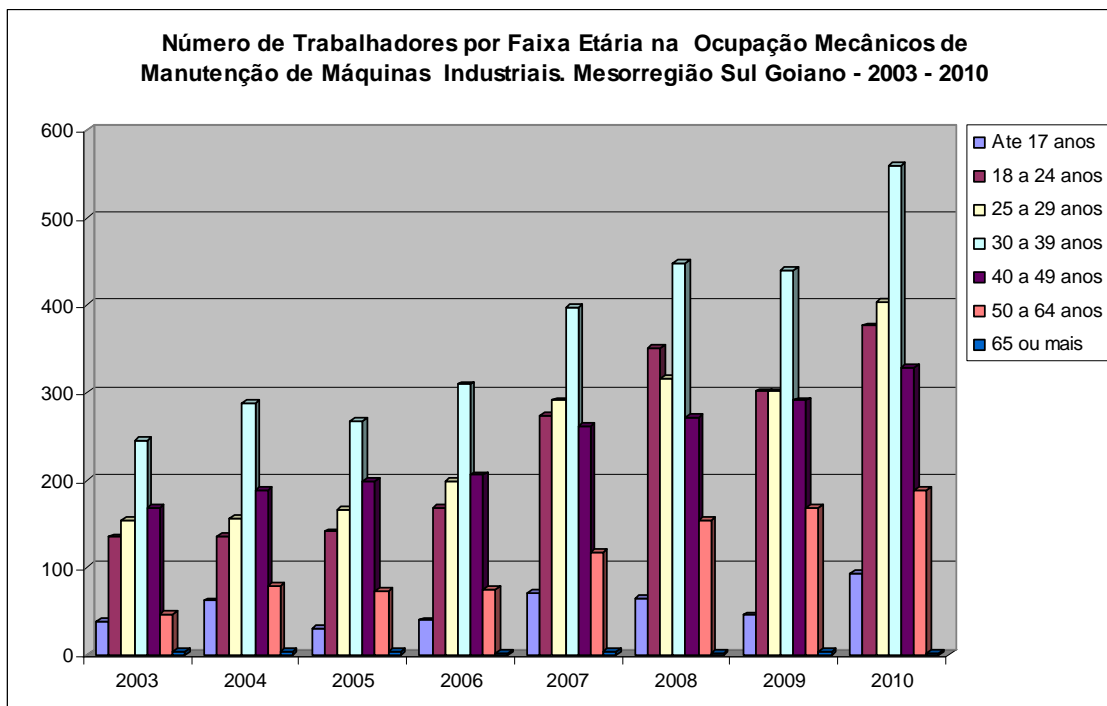


Gráfico 7.98: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Mecânico de Manutenção de Máquinas Industriais. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

O Gráfico 7.99 demonstra que no decorrer do período em estudo a escolaridade dos trabalhadores foi paulatinamente aumentando. Até o ano de 2005 a maior parte possuía o Ensino Fundamental Incompleto, quando é ultrapassada pelo Ensino Fundamental Completo e em 2008 a maior parte era formada por trabalhadores com o Ensino Médio, situação que se manteve durante o restante da série.

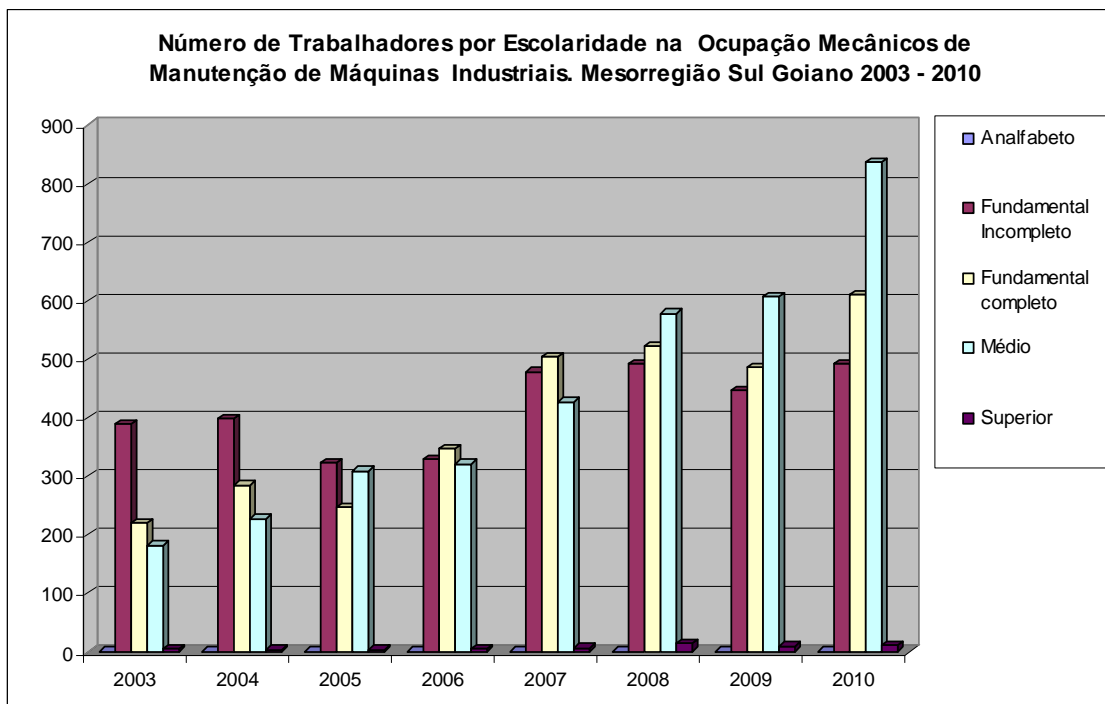


Gráfico 7.99: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação Mecânicos de Manutenção de Máquinas Industriais. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Quanto às faixas salariais destes trabalhadores, pode-se observar por meio do Gráfico 7.100 que de 2003 a 2010, os mecânicos de manutenção de máquinas industriais são remunerados predominantemente com salários entre 1,01 e 3 e entre 3,01 e 5 salários mínimos.

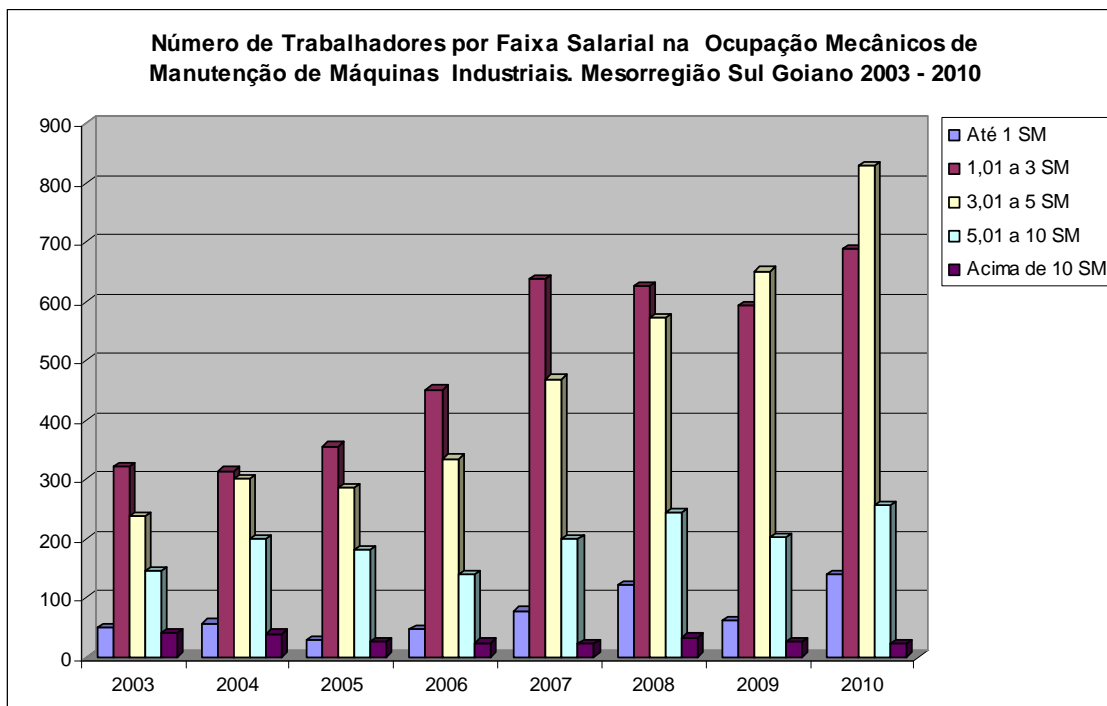


Gráfico 7.100: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Mecânico de Manutenção de Máquinas Industriais. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

7.6.5. Supervisores de Manutenção Eletromecânica

A ocupação Supervisores de Manutenção Eletromecânica contratou em 2003 apenas 8 pessoas com contrato formal e em 2010 esse número subiu para 43. Em relação ao gênero desses trabalhadores, nota-se que não houve presença de mulheres empregadas até 2009 e em 2010 apenas uma mulher foi registrada na ocupação.

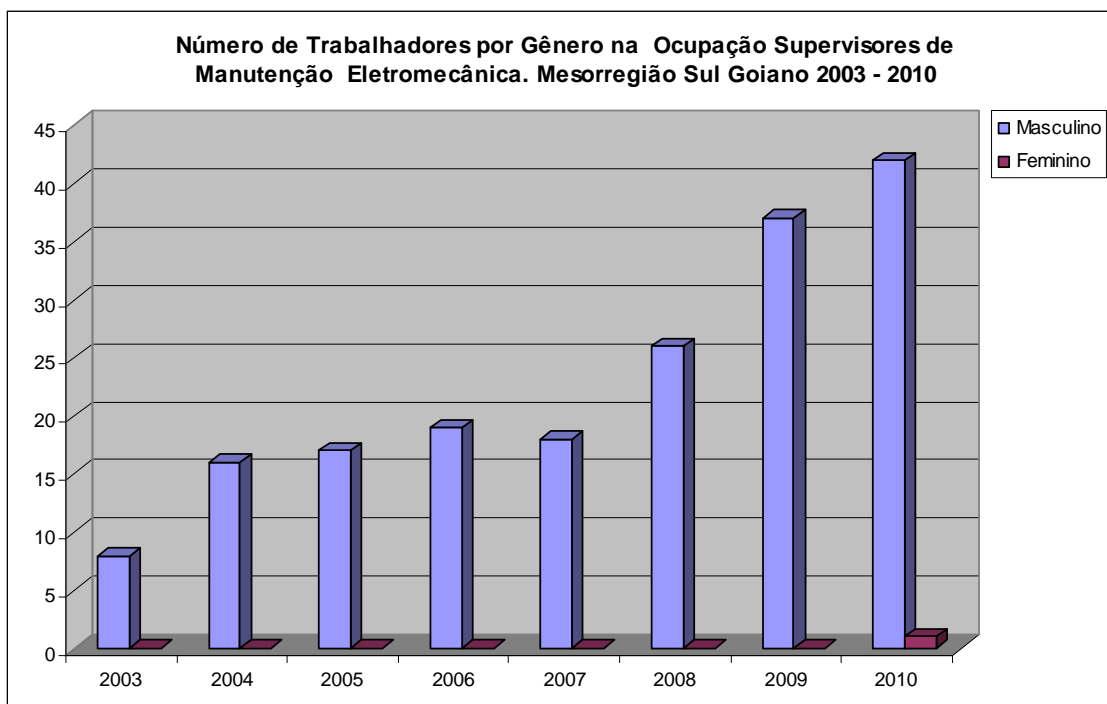


Gráfico 7.101: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Supervisores de Manutenção Eletromecânica. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Tendo como base o ano de 2010, quando se tem um número pouco maior de trabalhadores contratados, nota-se que grande parte desses tinha entre 30 e 39 anos, seguidos daqueles com idade entre 40 e 49 anos.

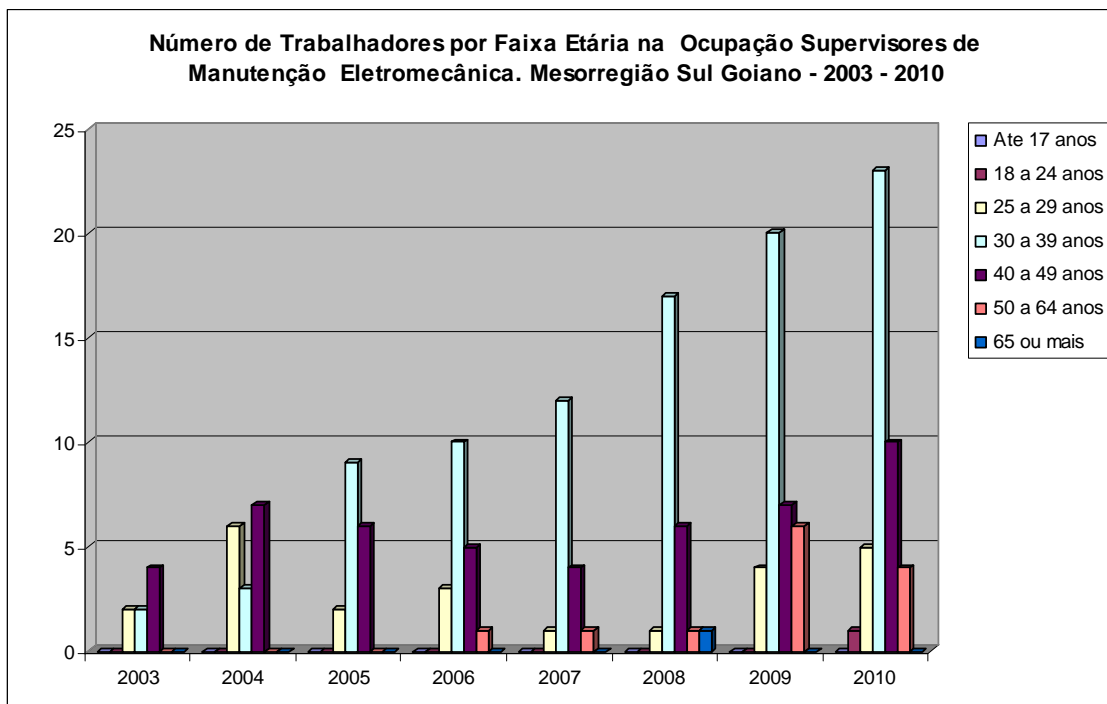


Gráfico 7.102: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Supervisores de Manutenção Eletromecânica. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Conforme demonstra o Gráfico 7.103 os profissionais que possuíam o Ensino Superior, representaram 55,81% do total de empregados no ano de 2010, já os que possuíam o Ensino Médio Completo representaram 27,9% do total no mesmo ano.

Em todo o período em estudo a maioria dos trabalhadores tinham remuneração acima de 5 salários mínimos. Apenas a partir de 2007 uma pequena parcela dos profissionais eram remunerados com salários de 3,01 a 5 salários mínimos.

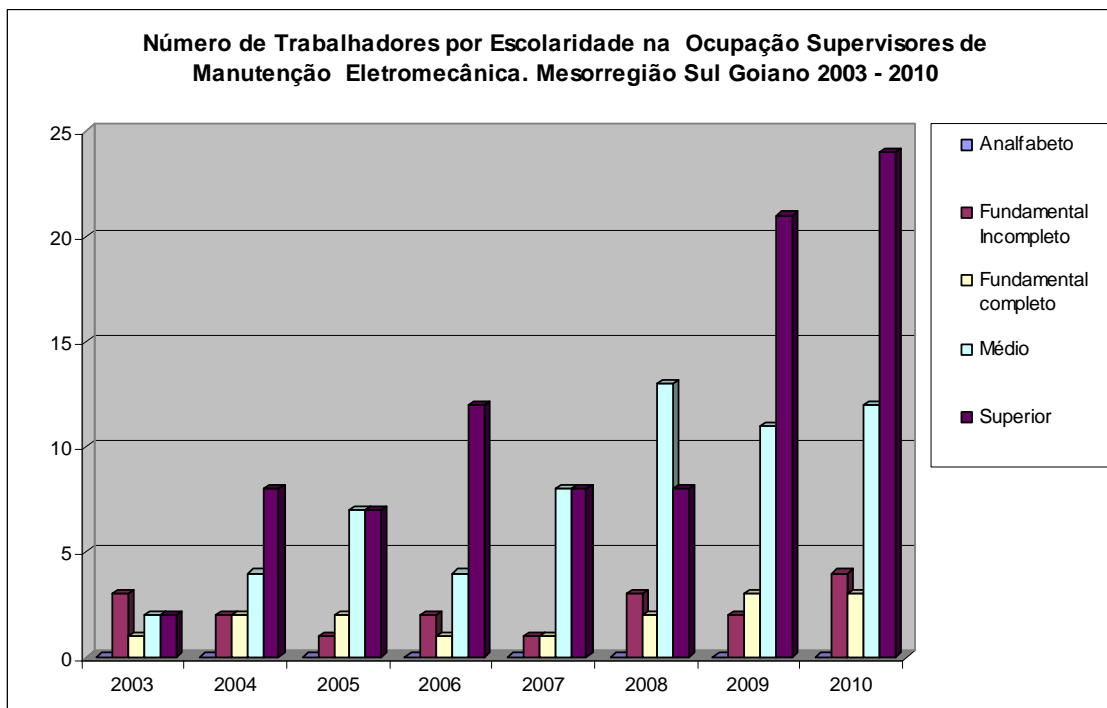


Gráfico 7.103: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Supervisores de Manutenção Eletromecânica. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.
Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

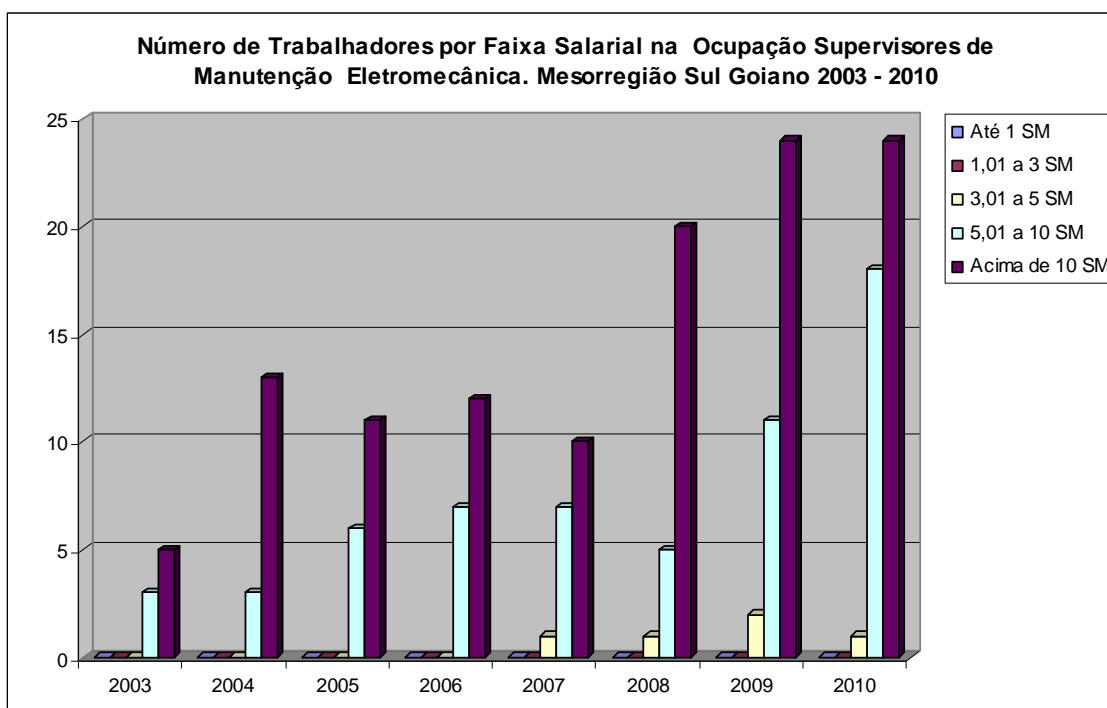


Gráfico 7.104: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Supervisores de Manutenção Eletromecânica. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.
Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

7.6.6. Trabalhadores de Soldagem e Corte de Ligas Metálicas

A ocupação Trabalhadores de Soldagem e Corte de Ligas Metálicas apresentou crescimento de 182,60% entre os anos de 2003 a 2010. A maioria dos trabalhadores são do sexo masculino, chegando a representar 99,3% do total de empregados em 2005.

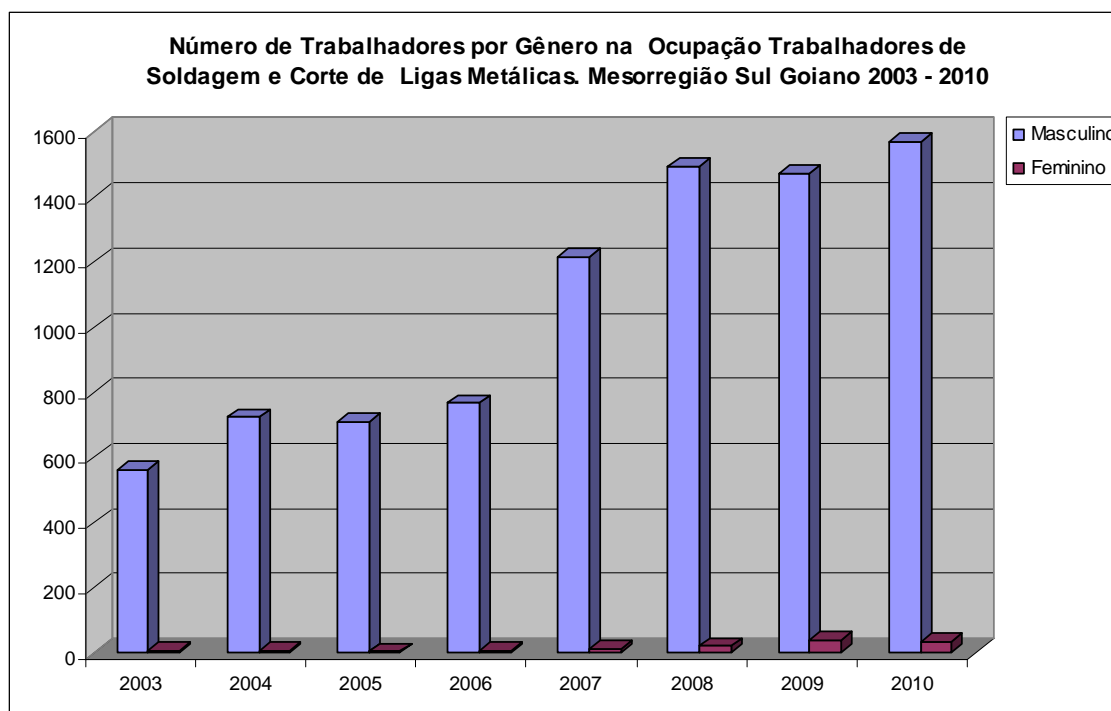


Gráfico 7.105: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Trabalhadores de Soldagem e Corte de Ligas Metálicas. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

A maior parte dos trabalhadores tinham idade entre 30 a 39 anos (31,28% em 2010). Igualmente, significativa é a participação de trabalhadores com idade entre 25 e 29 anos, que correspondeu a 24,37% do total em 2010. Conforme demonstra o Gráfico 7.106 nota-se também um grande número de trabalhadores entre 18 e 24 anos e entre 40 e 49 anos.

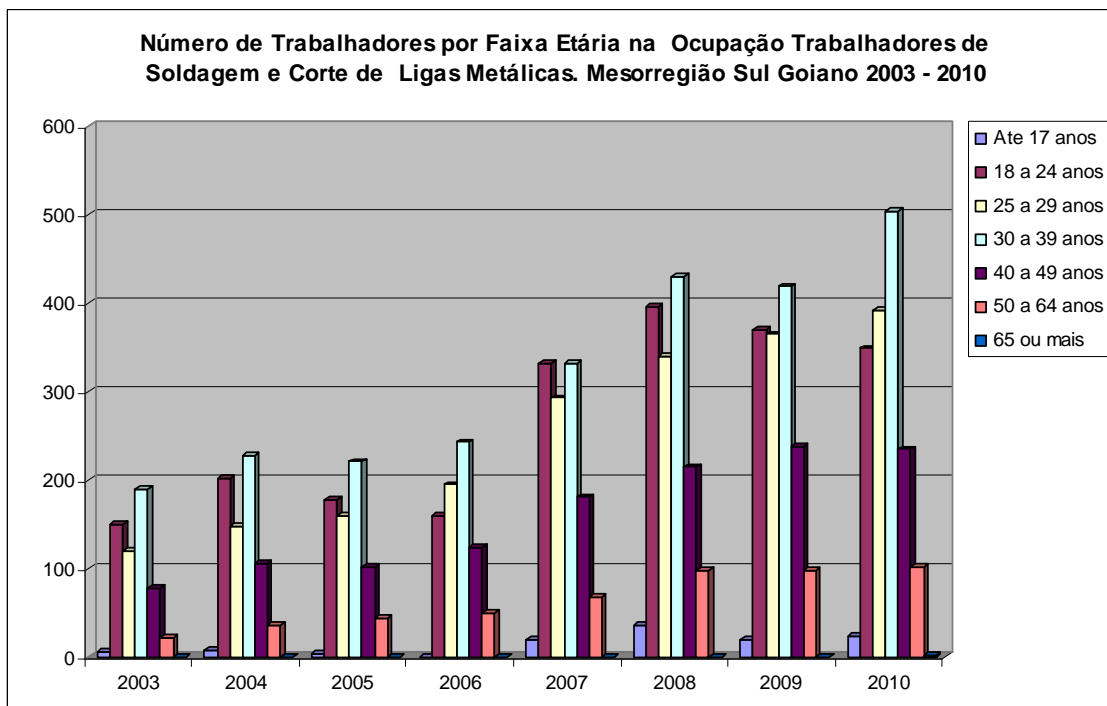


Gráfico 7.106: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Trabalhadores de Soldagem e Corte de Ligas Metálicas. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Observa-se que os graus de escolaridade predominantes são o Ensino Fundamental Incompleto, Completo e o Ensino Médio, com quase a mesma quantidade de profissionais com um desses níveis de escolaridade principalmente entre 2005 e 2009, conforme demonstra o gráfico a seguir.

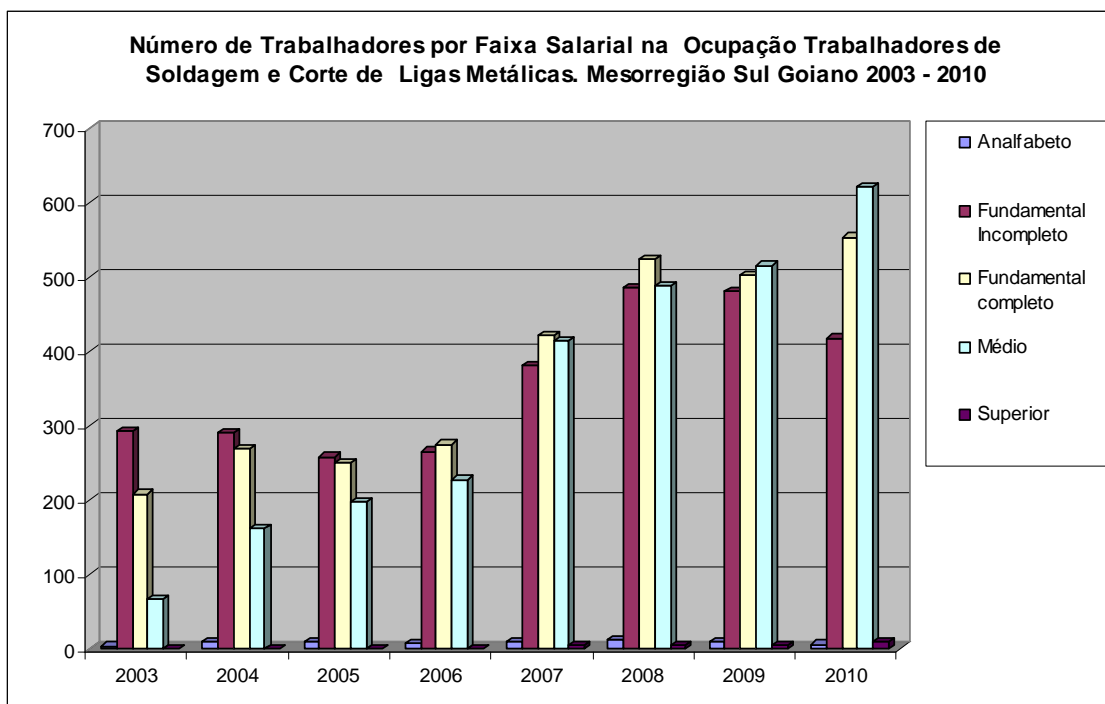


Gráfico 7.107: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Trabalhadores de Soldagem e Corte de Ligas Metálicas. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

No que diz respeito à faixa salarial dos Trabalhadores de Soldagem e Corte de Ligas Metálicas, é visível a predominância de profissionais que são remunerados com 1,01 a 3 salários mínimos, eles representaram 57,27% do total de empregados em 2010. Já os trabalhadores que recebiam entre 3,01 a 5 salários mínimos representaram 32,27% do total, também em 2010.

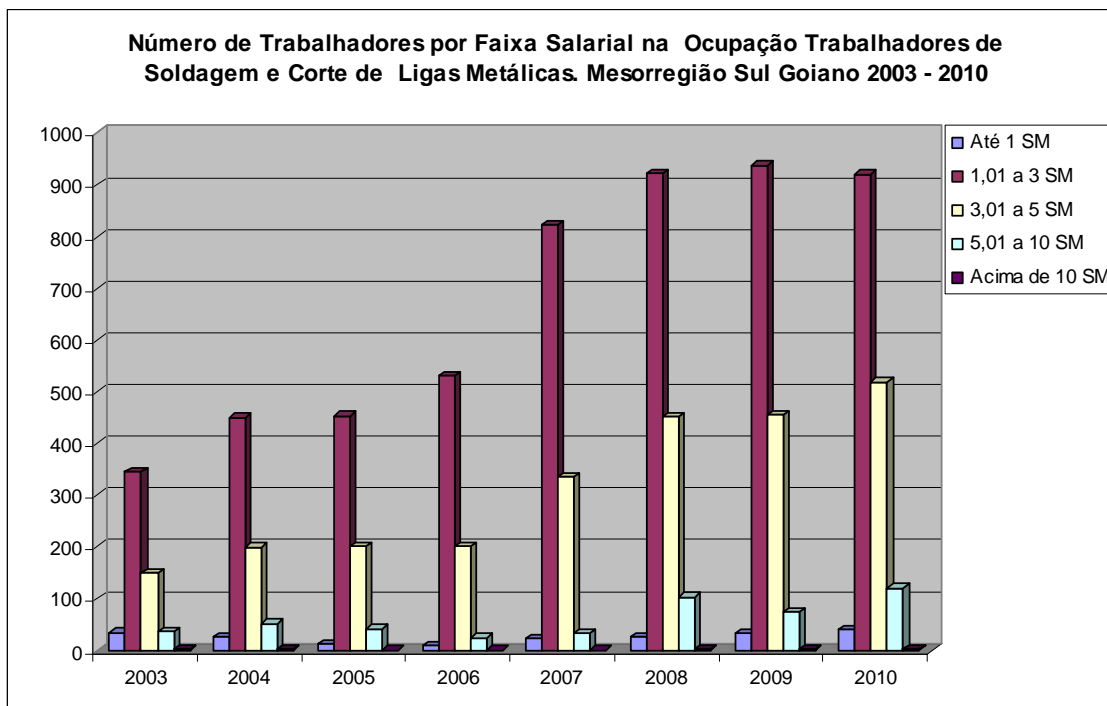


Gráfico 7.108: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Trabalhadores de Soldagem e Corte de Ligas Metálicas. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

7.7. Ocupações Profissionais na Área de Eletrotécnica

7.7.1. Técnico de Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações

Nota-se por meio do Gráfico 7.109 que o número de Técnicos de Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações sofreu oscilações entre 1985 e 2000. Em 1985, foram empregados 148 trabalhadores, em 1990 esse número caiu para 143. Em 1995, o decréscimo foi ainda maior, com 134 trabalhadores empregados. Apenas em 2000 o número de trabalhadores registrou aumento com 179 empregados formalmente. Dessa forma, o crescimento registrado na ocupação foi de 20,94%. Nota-se, ainda, que em todos os anos da série a maioria eram homens, com representatividade entre 91,04% (1995) e 99,44% (2000)..

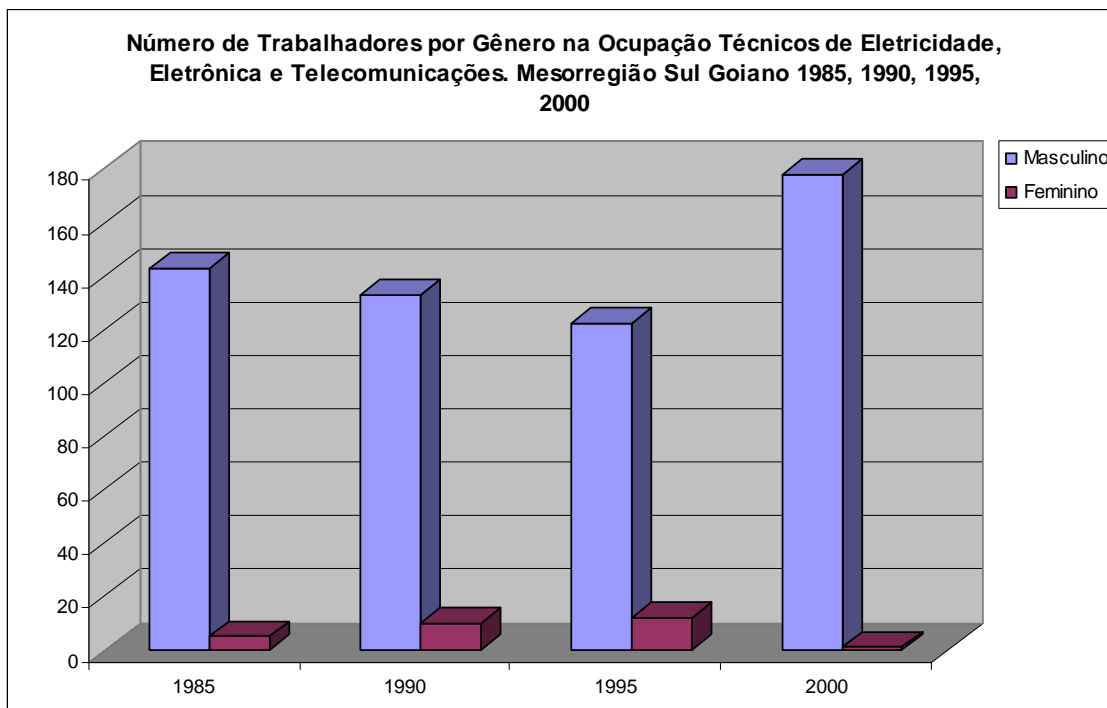


Gráfico 7.109: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Técnico de Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações. Mesorregião Sul Goiano – 1985-2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Quanto à Faixa Etária, em 1985, 70,27% dos trabalhadores tinham idade entre 25 a 39 anos. Em 1990, a representatividade da mesma faixa etária foi de 68,53%. No ano de 1995 esse cenário foi alterado predominando trabalhadores de 30 a 49 anos. Eles representaram 82,08% do total de empregados formalmente. Em 2000, 53 trabalhadores tinham entre 30 e 39 anos e 41 tinham de 18 a 24 anos. Eles representaram 29,60% e 22,90% respectivamente.

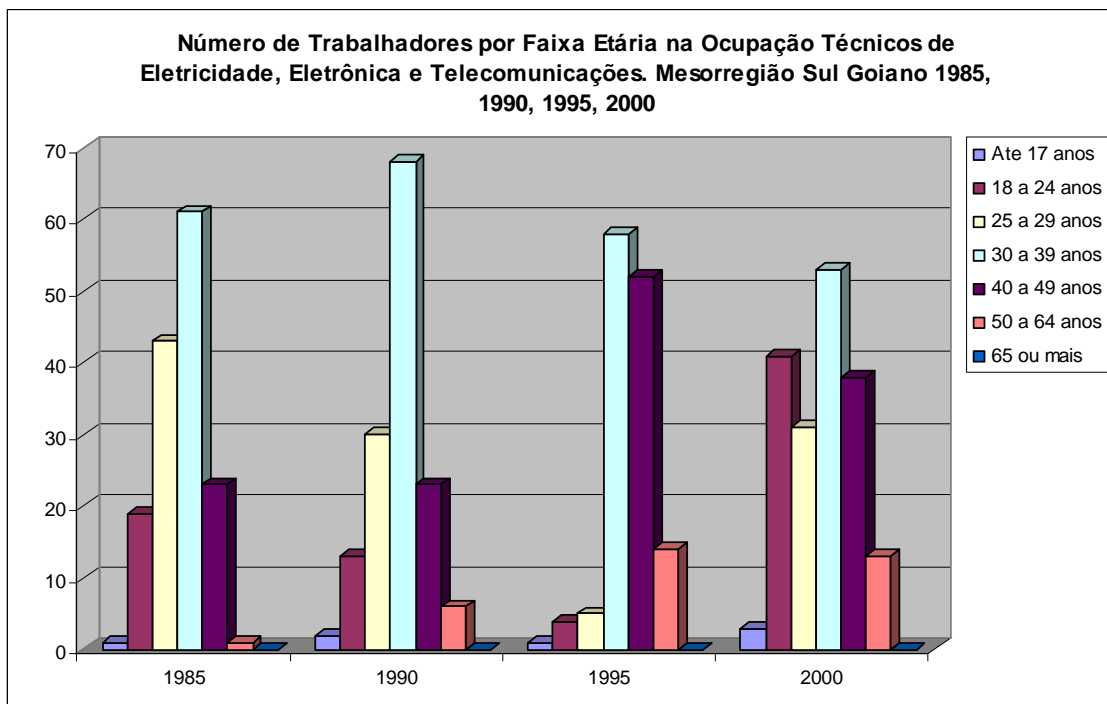


Gráfico 7.110: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Técnico de Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000.
Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

No que diz respeito ao grau de escolaridade destes trabalhadores no decorrer do período, a maioria destes haviam cursado o Ensino Médio, sendo que no ano 2000 estes representaram 55,3% do total. Os que possuíam o Ensino Fundamental Completo representaram 26,25% do total de trabalhadores no ano 2000, e os que tinham o Ensino Fundamental Incompleto representaram 16,2% do total no mesmo ano.

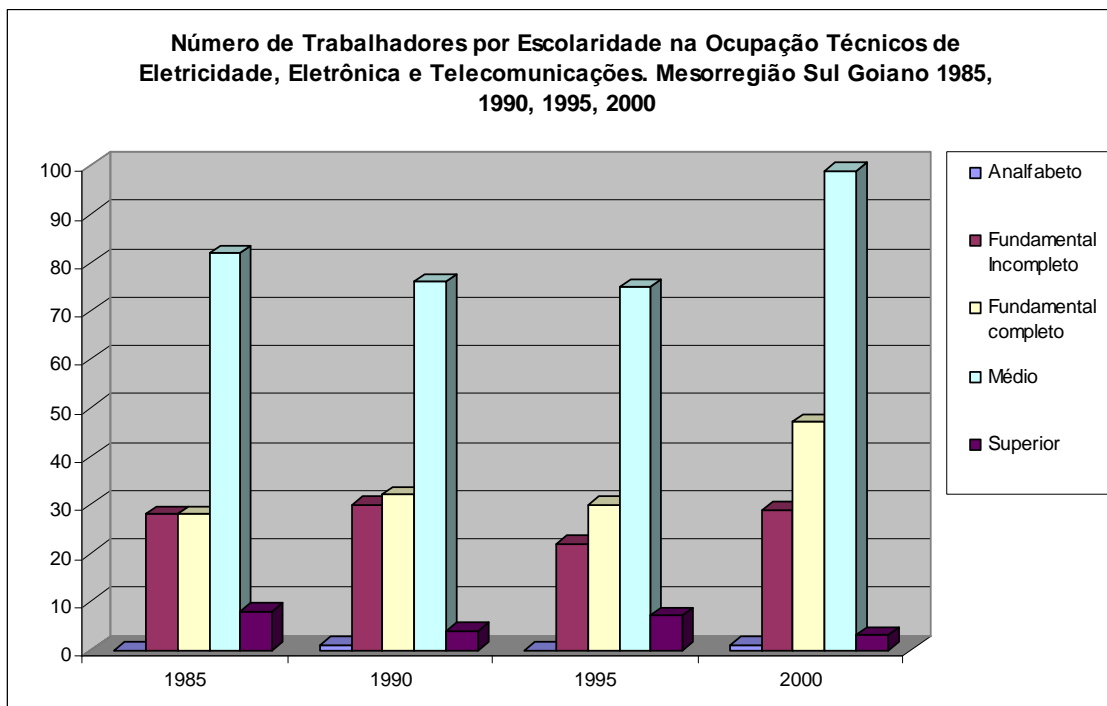


Gráfico 7.111: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Técnico de Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000.
Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Ao observar o gráfico correspondente à faixa salarial dos Técnicos de Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações, verifica-se que em 1985 grande parte dos técnicos dessa ocupação recebia entre 5,01 e 10 salários mínimos, representando 54,05% do total de empregados. Todavia, a partir de 1990 ocorreu uma mudança na remuneração destes trabalhadores. Em 1990 e em 1995, a predominância passou a ser de trabalhadores que recebiam acima de 10 salários mínimos, correspondendo a 52,44% e 77,61% respectivamente. Verifica-se, ainda, que no último do ano da série ocorreu um aumento do número de trabalhadores que recebiam de 1,01 a 3 salários mínimos, representando 29,60% dos ocupados. Ainda em 2000, o número de trabalhadores com remuneração acima de 10 salários mínimos representou 34,07% dos trabalhadores.

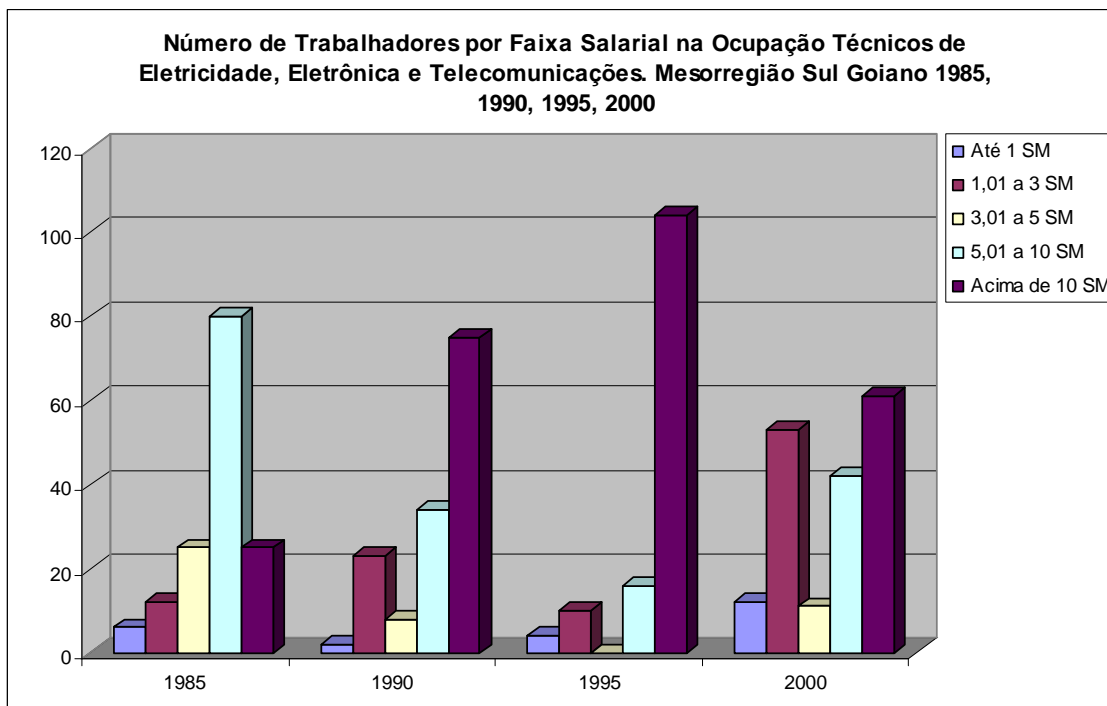


Gráfico 7.112: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Técnico de Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

7.7.2. Reparadores de Equipamentos Elétricos e Eletrônicos

A ocupação Reparadores de Equipamentos Elétricos e Eletrônicos apresentou crescimento de 121,95% no período de 1985 a 2000. Por meio do Gráfico 7.113, observou-se que os trabalhadores empregados na ocupação eram em sua maioria do sexo masculino. Em 1985 e em 1990, a quantidade de trabalhadores do sexo masculino representava 100% do total de trabalhadores. Em 1995, a representatividade masculina foi de 99,56% e em 2000 a representatividade foi de 99,26%.

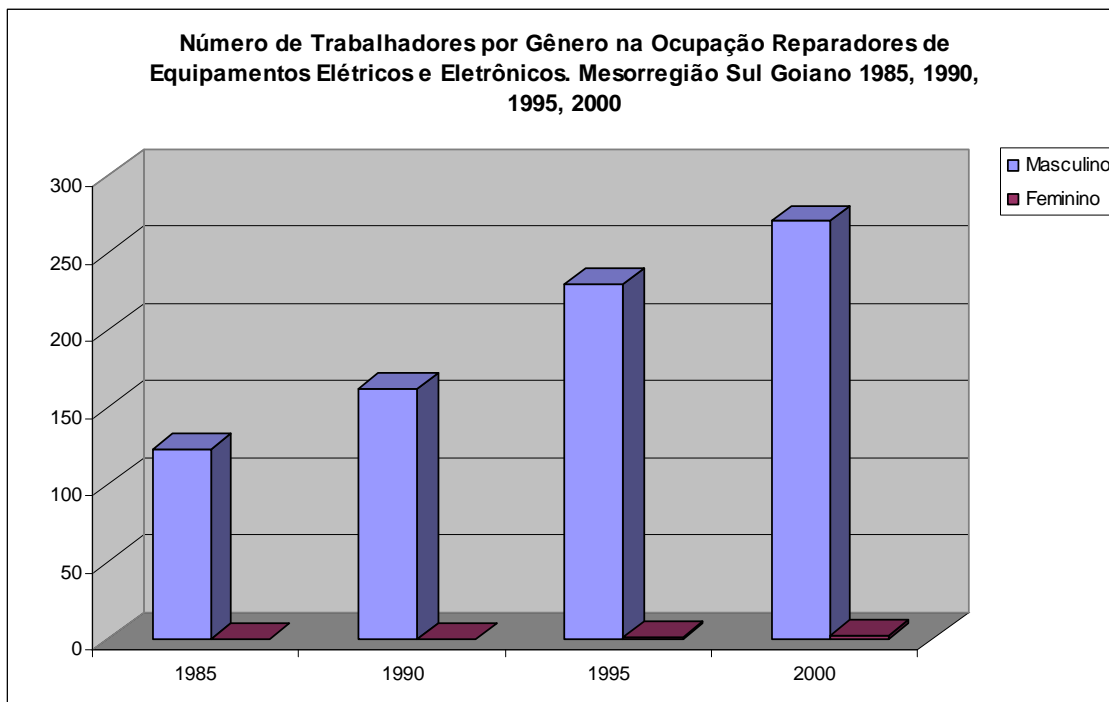


Gráfico 7.113: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Reparadores de Equipamentos Elétricos e Eletrônicos. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Pode-se observar por meio do gráfico referente à faixa etária que os empregados formais da ocupação ‘Reparadores de Equipamentos Elétricos e Eletrônicos’ encontravam-se, em sua maioria, nas faixas etárias compreendidas entre 25 a 39 anos, entre os anos de 1985 e 2000. Porém, dentre esse grupo de faixas etárias verificou-se uma predominância de trabalhadores com idades entre 30 a 39 anos, representando 31,50% do total de empregados no ano 2000.

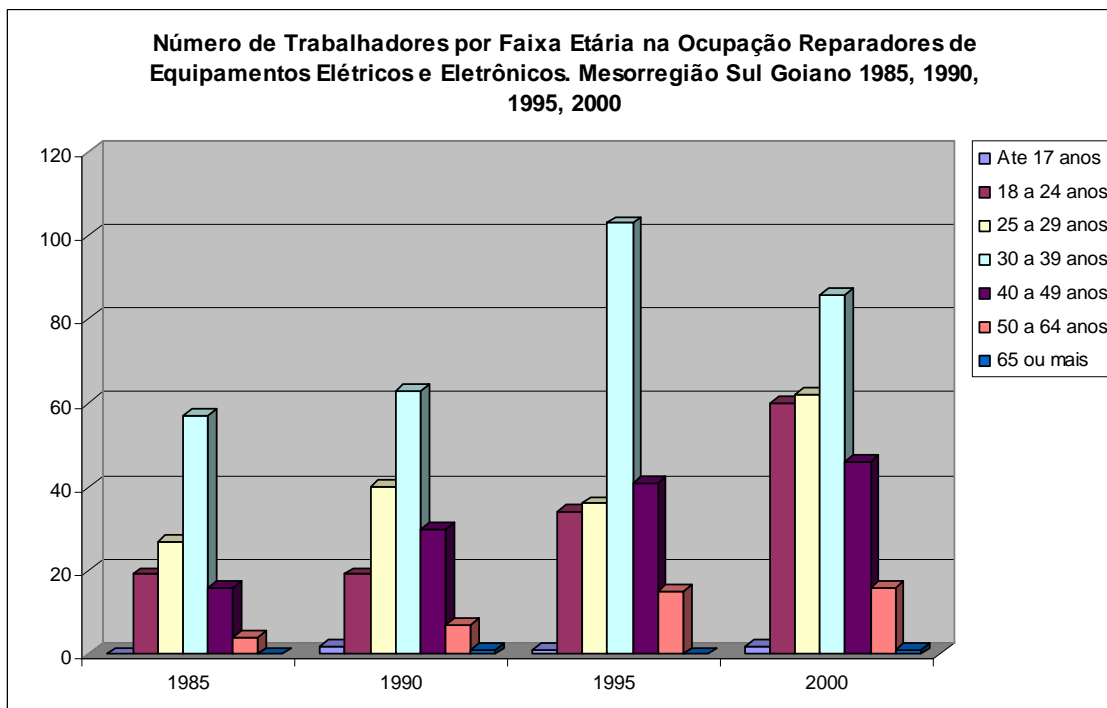


Gráfico 7.114: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Reparadores de Equipamentos Elétricos e Eletrônicos. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

O gráfico a seguir demonstra que grande parte dos Reparadores de Equipamentos Elétricos e Eletrônicos tinham o Ensino Fundamental Incompleto, principalmente até o ano de 1995. Entretanto, no ano 2000 pode-se visualizar tanto o aumento de trabalhadores com Ensino Fundamental Completo (95 trabalhadores - 34,79%) quanto com Ensino Médio (64 trabalhadores - 23,44%).

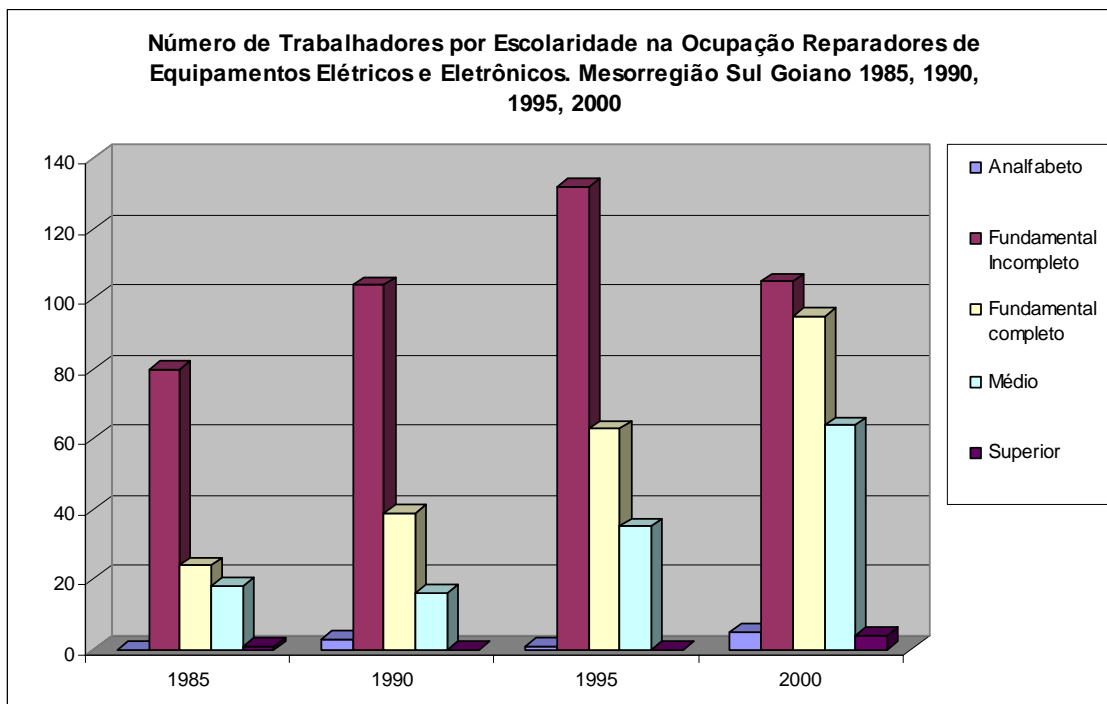


Gráfico 7.115: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Reparadores de Equipamentos Elétricos e Eletrônicos. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

O gráfico a seguir demonstra que a faixa salarial que aglutinou maior número de trabalhadores entre os anos de 1985 e 1990, foi a de 3,01 a 10 salários mínimos, sendo que sua representatividade nesses anos foi de, respectivamente, 72,35% e 70,98%. Em 1995 e em 2000, a maioria dos trabalhadores tinham salários entre 1,01 a 3 e 5,01 a 10 salários mínimos. Essas faixas salariais representaram juntas 56,70% em 1995 e em 2000 representaram 61,53% do total de empregados.

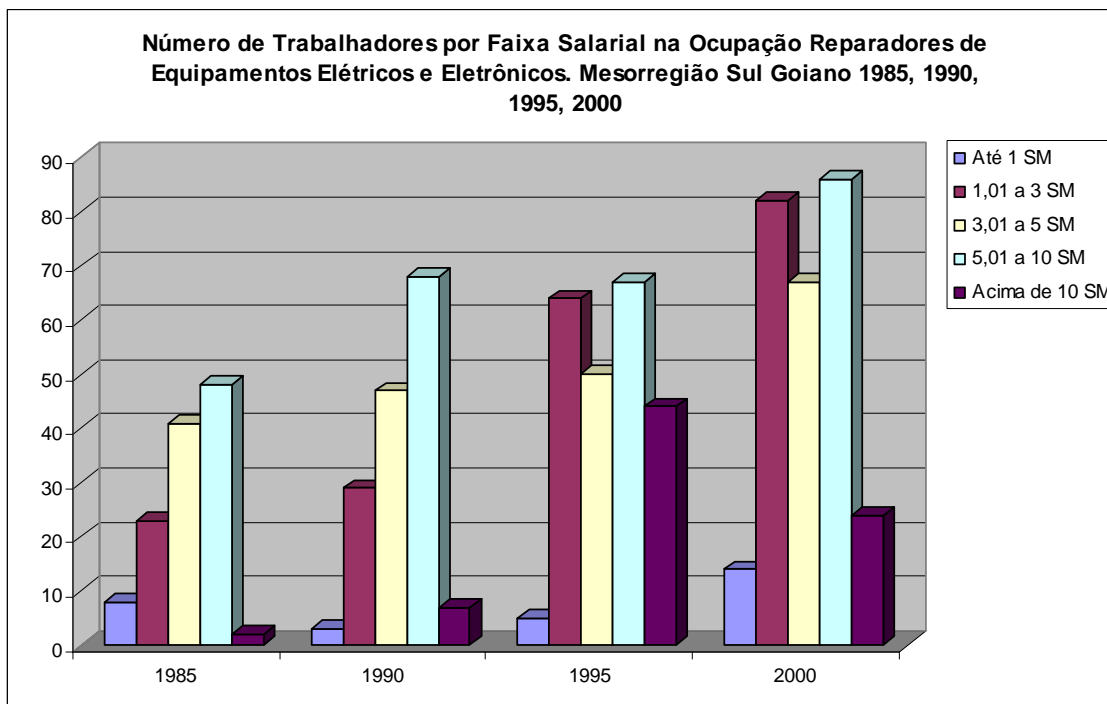


Gráfico 7.116: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Reparadores de Equipamentos Elétricos e Eletrônicos. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

7.7.3. Montadores de Equipamentos Eletroeletrônicos

A ocupação Montadores de Equipamentos Eletroeletrônicos sofreu oscilações no decorrer de 2003 a 2006, sofrendo decréscimos e crescimentos no número de ocupados. No período de 2006 a 2009 a ocupação apresentou crescimento de 97,45% e em 2010 houve queda de 1,28% em relação ao número de ocupados em 2009. Apesar dessas oscilações, no período de 2003 a 2010 a ocupação apresentou taxa de crescimento de 111%.

A predominância de trabalhadores do gênero masculino é visível em todos os anos, representando em torno de 98% do total de trabalhadores no decorrer do período.

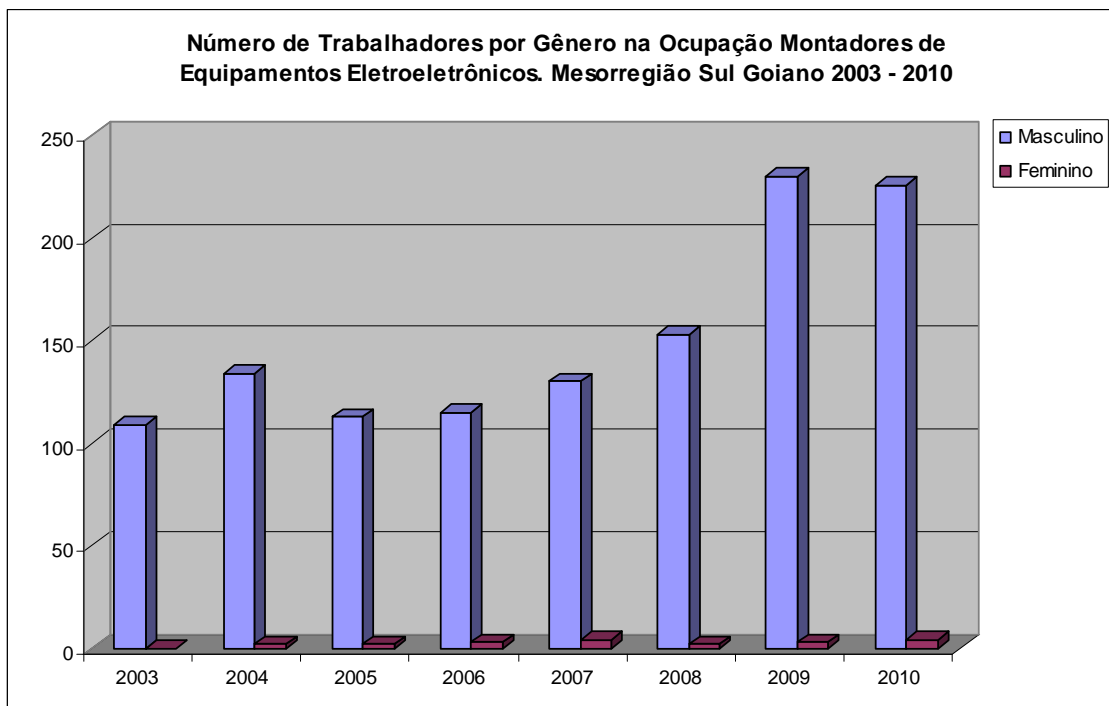


Gráfico 7.117: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Montadores de Equipamentos Eletroeletrônicos. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.
 Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

O maior número de trabalhadores empregados está na faixa etária de 18 e 24 anos, representando 33,04% do total de empregados em 2010. A segunda maior representatividade está na faixa etária de 25 a 29 anos, representando 26,08% do total, também em 2010.

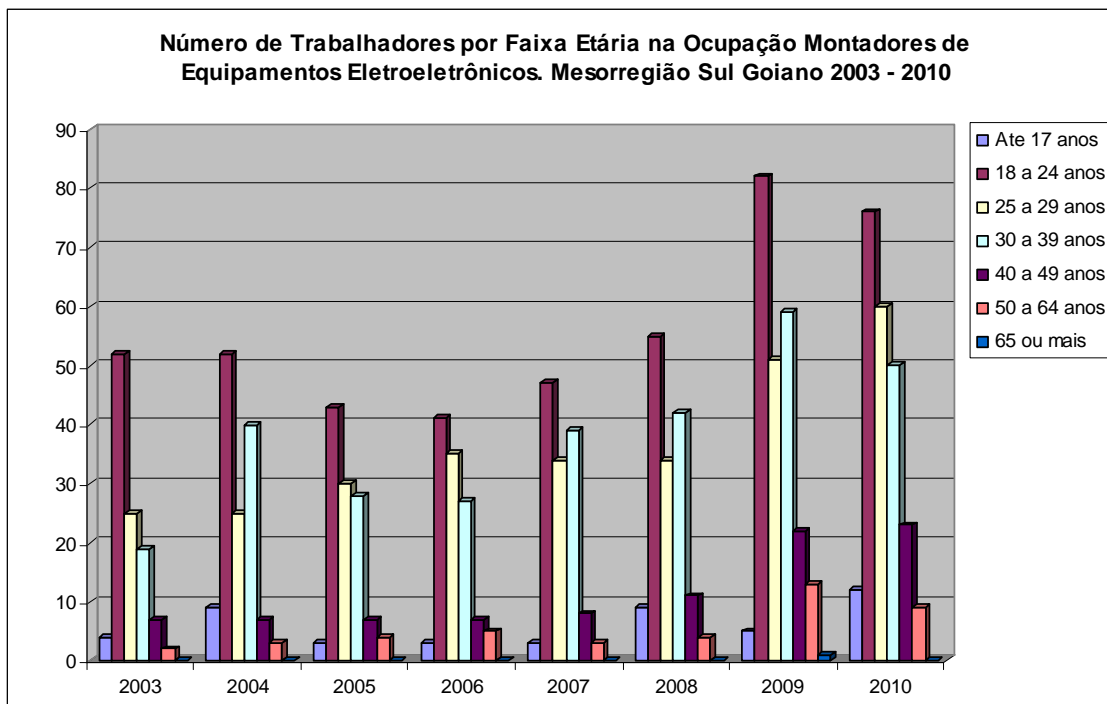


Gráfico 7.118: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Montadores de Equipamentos Eletroeletrônicos. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

No que diz respeito ao grau de escolaridade destes trabalhadores, nota-se por meio do Gráfico 7.119 que até 2009, a predominância era de trabalhadores com o Ensino Fundamental Completo. Esses trabalhadores chegaram a representar 55,48% do total de empregados em 2008. Entretanto, em 2010, o maior número de profissionais possuía o Ensino Médio Completo, representando 46,95% do total.

Quanto à faixa salarial destes trabalhadores nota-se, por meio do Gráfico 7.120, que predominaram os salários entre 1,01 e 3 salários mínimos, chegando a representar 74,83% do total em 2008 e 73,91% em 2010.

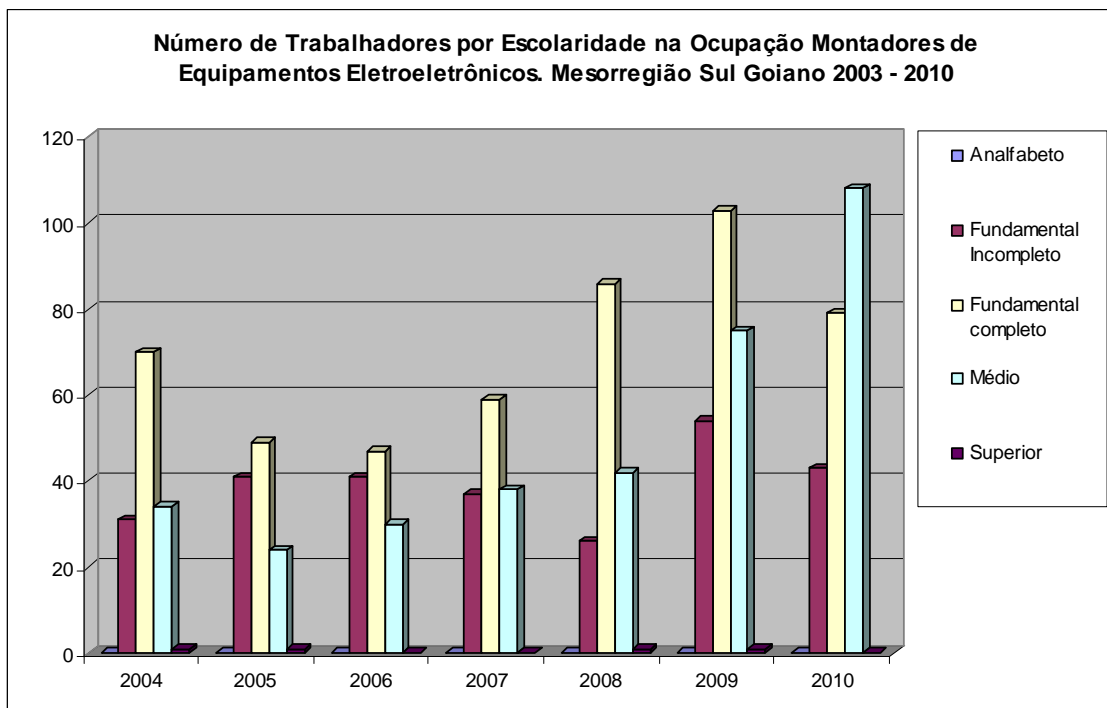


Gráfico 7.119: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Montadores de Equipamentos Eletroeletrônicos. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

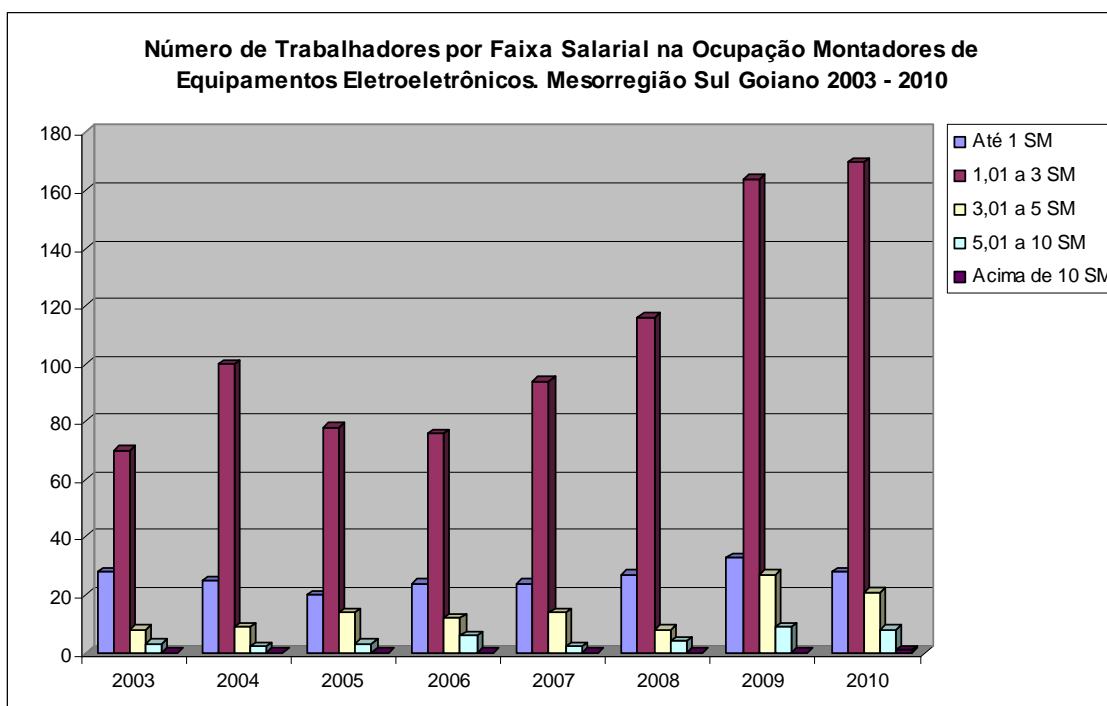


Gráfico 7.120: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Montadores de Equipamentos Eletroeletrônicos. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

7.7.4. Técnicos de Controle da Produção

A taxa de crescimento do número de empregados na ocupação Técnicos de Controle da Produção foi de 47,25% no período de 2003 a 2010. Observa-se por meio do Gráfico 7.121, que nos anos estudados a maioria dos trabalhadores eram do gênero masculino. Diferentemente das outras ocupações apresentadas no presente Boletim Técnico, a participação das mulheres nessa profissão foi significativa, chegando a representar 32,96% do total em 2006.

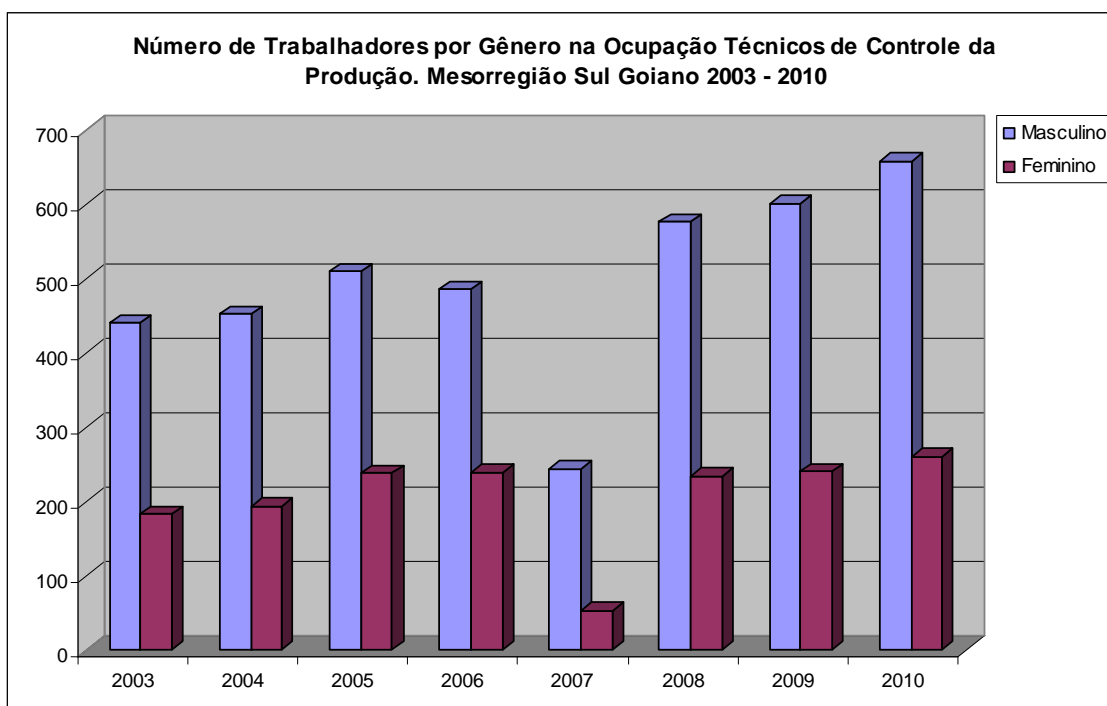


Gráfico 7.121: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Técnico de Controle da Produção. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Quanto à Faixa Etária, observa-se que os ‘Técnicos de Controle da Produção’ encontravam-se, em sua maioria, nas faixas etárias compreendidas entre 18 e 39 anos, principalmente entre 18 e 24 anos até o ano de 2006 e entre 30 e 39 anos em 2009 e 2010. Neste último ano os profissionais com idade entre 30 e 39 anos representaram 31,55%, os que tinham idade entre 25 e 29 anos representavam 29,27% e os que tinham idade entre 18 e 24 anos representaram 25,78% dos ocupados.

Concernente a escolaridade, os trabalhadores da ocupação em estudo apresentaram, majoritariamente, escolaridade de Nível Médio, principalmente entre os anos de 2007 e 2010.

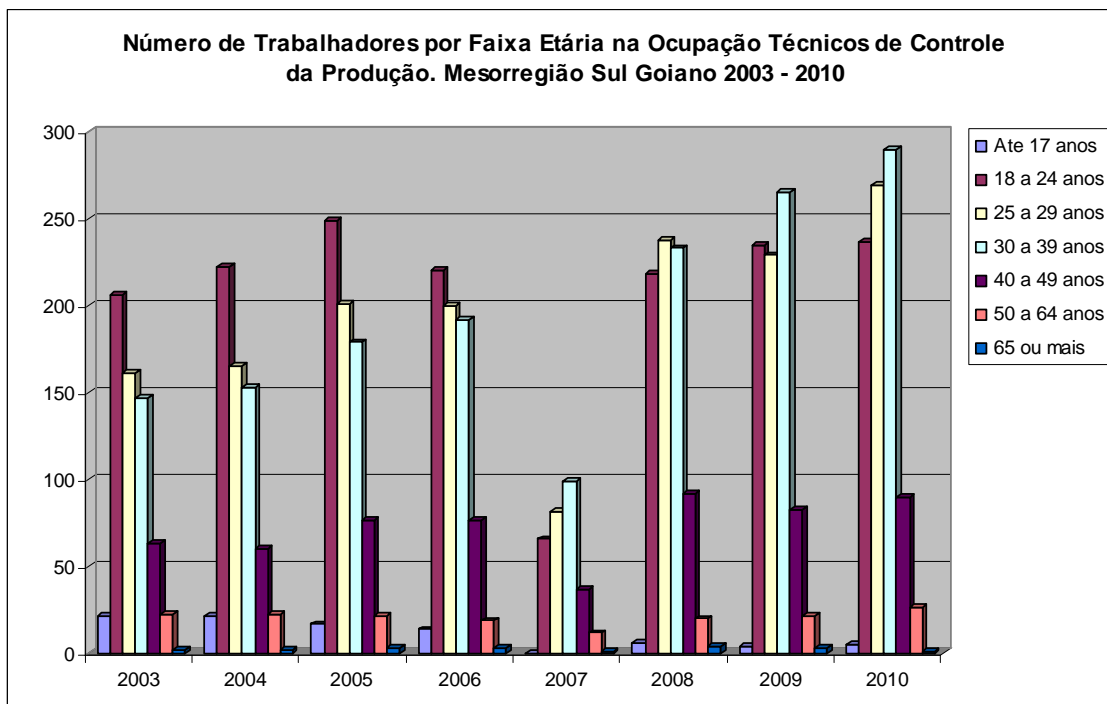


Gráfico 7.122: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Técnicos de Controle da Produção. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

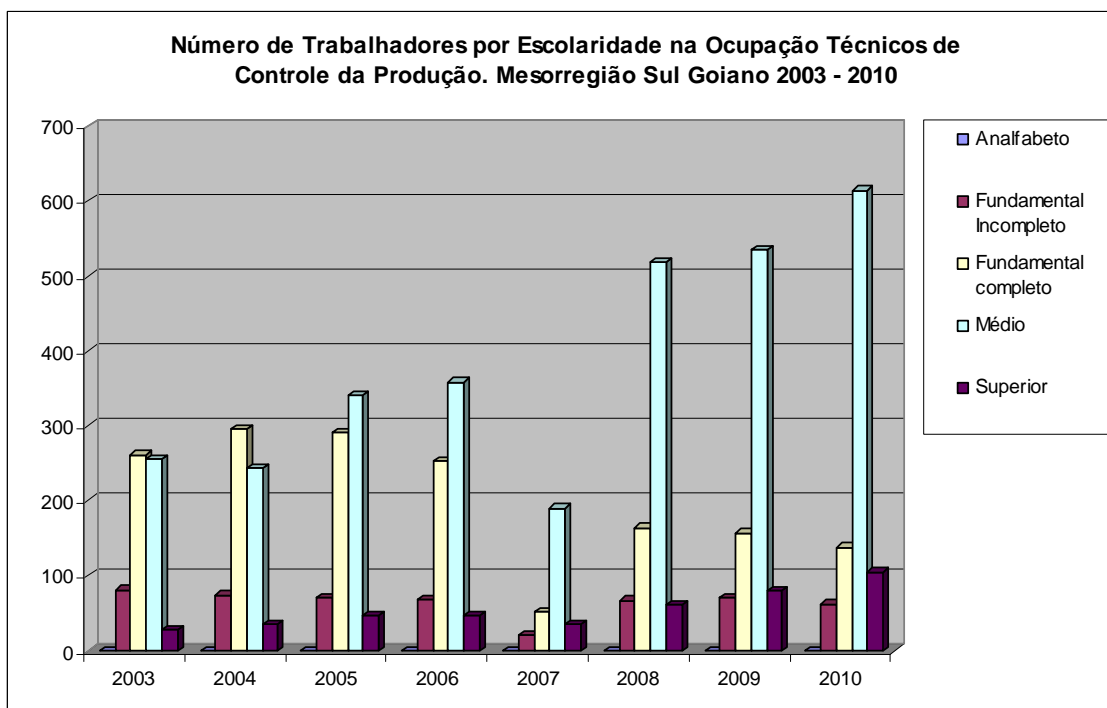


Gráfico 7.123: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Técnico de Controle da Produção. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

O Gráfico referente à Faixa Salarial evidencia que os Técnicos de Controle da Produção recebiam, em sua maioria, entre 1,01 e 3 salários mínimos entre os anos de 2003 e 2010. Em 2003, os trabalhadores formais com essa faixa salarial totalizavam 356, correspondendo a 57,05%. Em 2006, totalizavam 437, correspondendo a 60,27%, e em 2010, somavam 671 trabalhadores, o que corresponde a 73,01% do total de trabalhadores.

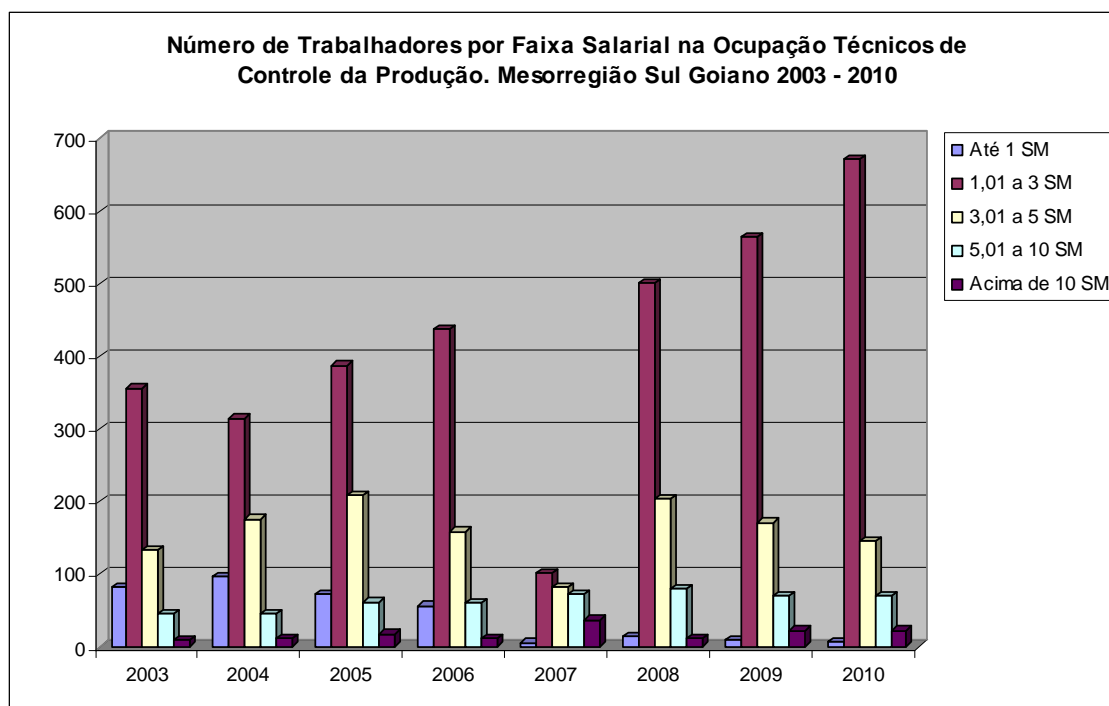


Gráfico 7.124: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Técnico de Controle da Produção. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

7.7.5. Técnicos em Eletricidade e Eletrotécnica

A taxa de crescimento da ocupação Técnicos em Eletricidade e Eletrotécnica foi de 154,91% entre 2003 e 2010. Nesse período, observa-se a predominância de trabalhadores do gênero masculino na ocupação, representando quase a totalidade de contratos formais.

A faixa etária predominante é a de 30 a 39 anos, com exceção dos anos de 2005 e 2006, quando predominaram trabalhadores com idades entre 40 e 49 anos. No ano de 2010 os trabalhadores com idade entre 30 e 39 representaram 34,72% do total.

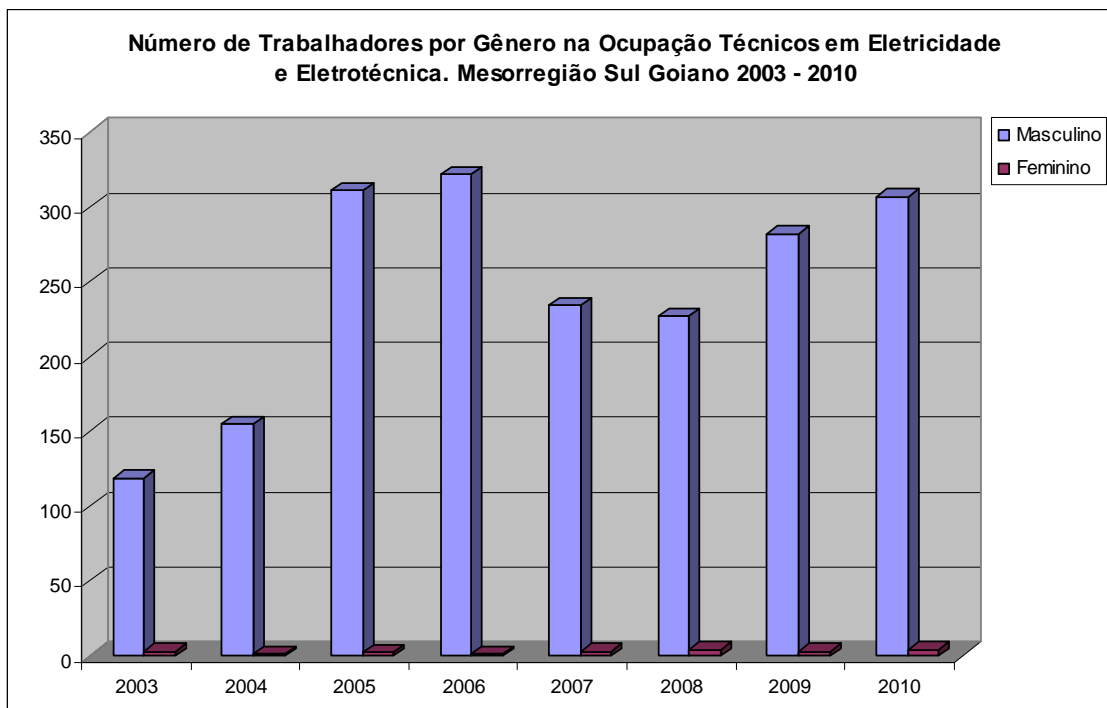


Gráfico 7.125: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Técnico em Eletricidade e Eletrotécnica. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.
Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

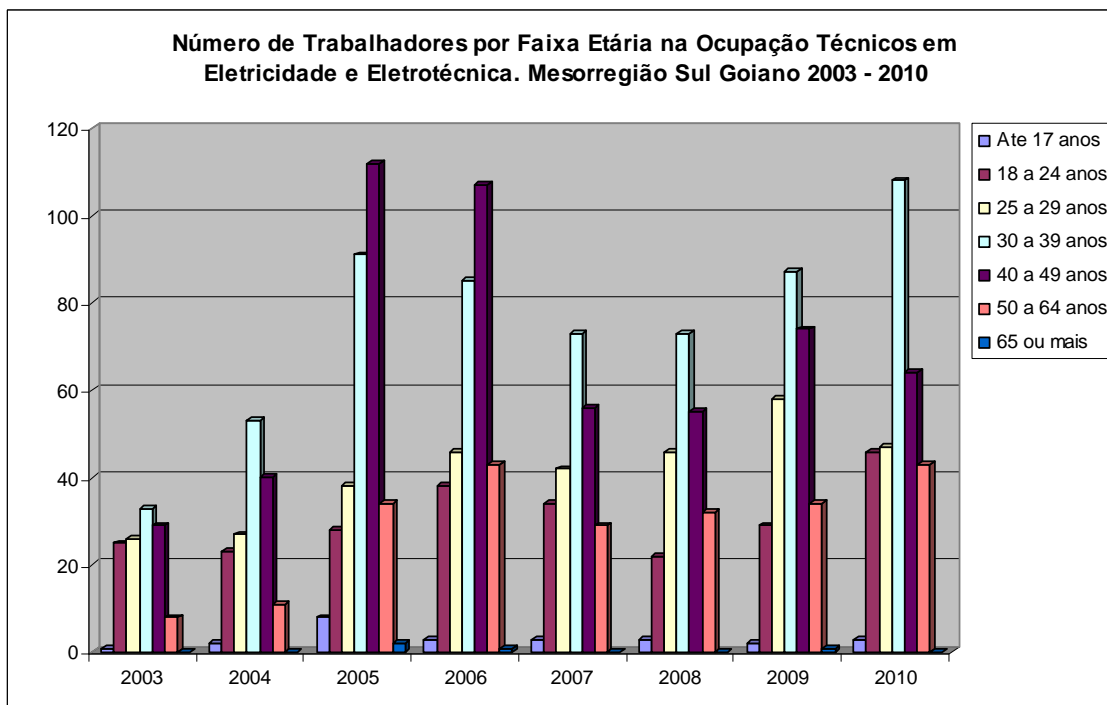


Gráfico 7.126: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Técnicos em Eletricidade e Eletrotécnica. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.
Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Nota-se, por meio do Gráfico 7.127, que em todos os anos da série a maioria dos trabalhadores havia cursado o Ensino Médio. Em seguida, o maior nível de escolaridade é o Ensino Fundamental Completo (19,61% em 2010) e o Ensino Fundamental Incompleto (17,04% em 2010). Nota-se, ainda, que havia poucos trabalhadores com o Curso Superior, eles representavam 6,75% do total de empregados no último ano da série.

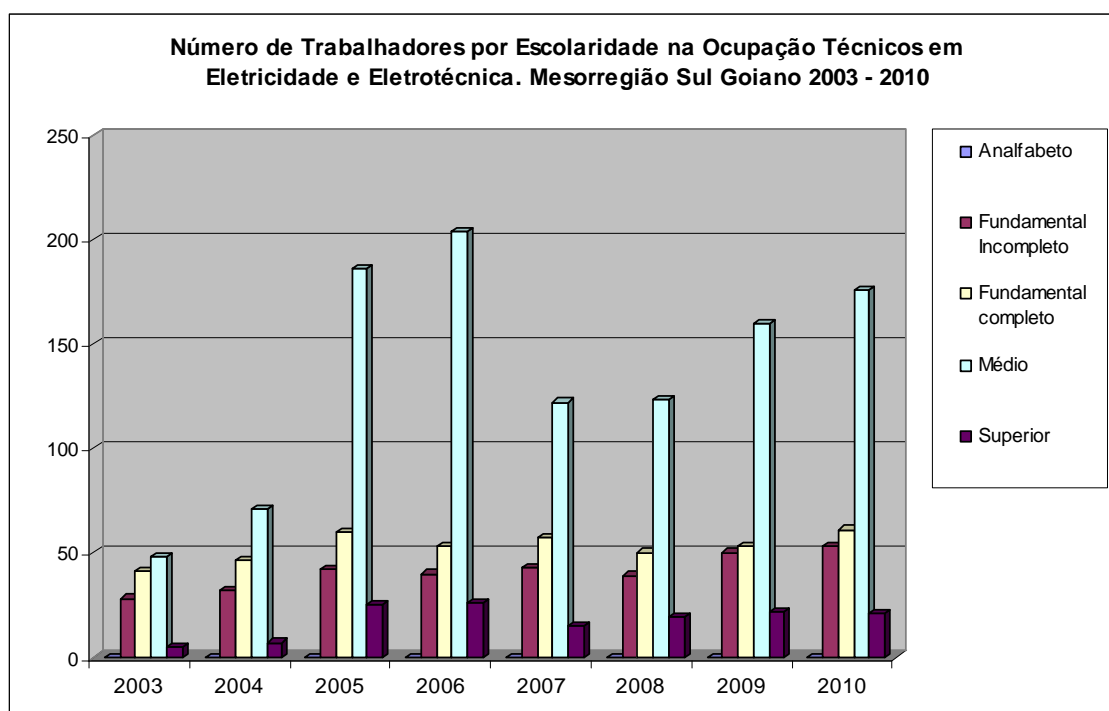


Gráfico 7.127: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Técnico em Eletricidade e Eletrotécnica. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Até o ano de 2006, houve grandes oscilações nas faixas salariais. A partir de 2007, a predominância foi de trabalhadores com remuneração entre 1,01 e 3 salários mínimos e entre 5,01 e 10 salários mínimos, representando, respectivamente, 34,08% e 39,54% do total de empregados em 2010.

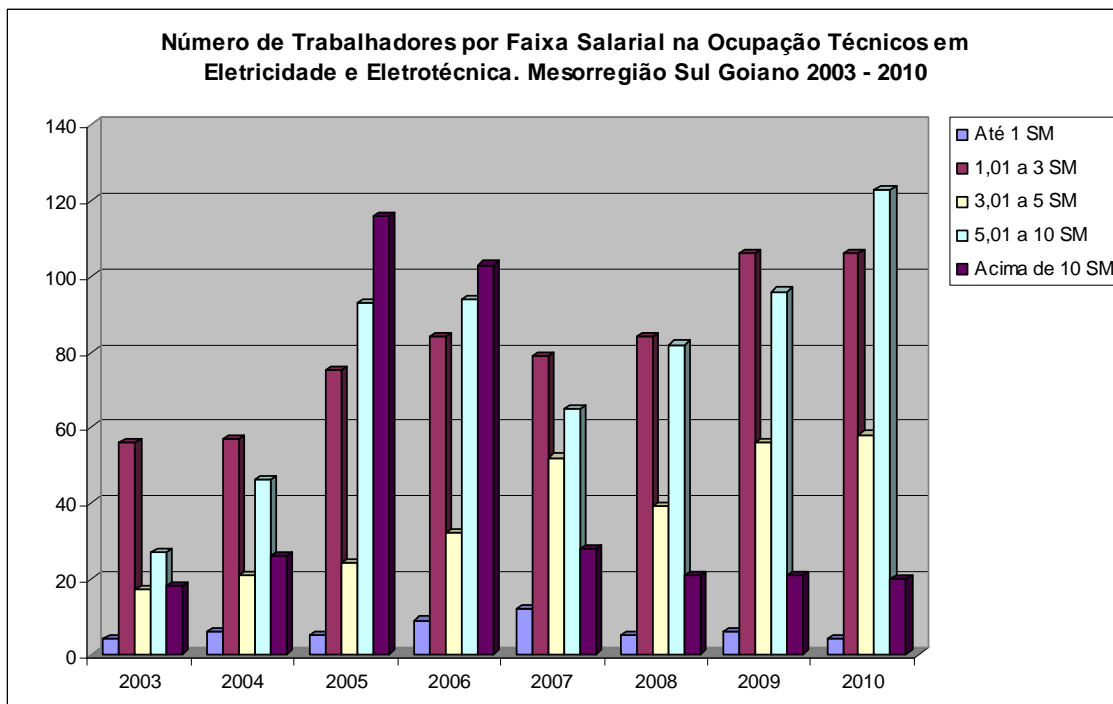


Gráfico 7.128: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na Ocupação: Técnicos em Eletricidade e Eletrotécnica. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Parte IV

8. Vertente Educacional: Análise da Evolução da Oferta de Vagas e de Matrículas em Cursos Técnicos e Tecnológicos na Mesorregião Sul Goiano

Em face da precariedade dos dados referentes às instituições privadas e algumas inconsistências nos dados das Instituições da Rede, presentes na Mesorregião Sul Goiano, no período que compreende os anos de 2001 e 2010 (período estabelecido na metodologia), esta vertente será desenvolvida posteriormente. Consequentemente, neste Boletim Técnico não será procedida a confrontação das vertentes Ocupacional e Educacional.

Parte V

9. Confrontação das Vertentes Setorial e Ocupacional

Para se obter informações concretas e abrangentes para a definição de uma política educacional coerente e em sintonia com as necessidades socioeconômicas e culturais, atuais e futuras, visando uma real integração entre escola e comunidade, e também concretizar o papel transformador e inovador das instituições da Rede Federal de Ensino Técnico e Profissionalizante, faz-se necessária uma análise global das três vertentes estudadas, quais sejam: Vertente Setorial – onde foi feito o levantamento da evolução do emprego formal nos subsetores mais representativos da economia da mesorregião e que se relacionam com as modalidades de ensino/cursos oferecidos pelas instituições da Rede; Vertente Ocupacional – na qual foi pesquisada a evolução do emprego formal por ocupações profissionais de cada Subsetor pesquisado, e que tenham relação com as modalidades de ensino/cursos oferecidos pelas instituições da Rede, e a Vertente Educacional – onde se analisa a oferta de vagas, o número de inscritos, o número de ingressantes, o número de matrículas e o número de concluintes nas instituições da Rede.

Desta confrontação das três vertentes, se espera um retrato da situação atual que:

- Demonstre a razão existente entre o desenvolvimento de um subsetor de atividade econômica e as ocupações existentes neste subsetor. Vertente Setorial x Vertente Ocupacional;
- Demonstre a razão entre a demanda gerada pelas ocupações funcionais existentes e a oferta de vagas nos cursos oferecidos pelas instituições da Rede. Vertente Ocupacional x Vertente Educacional;

Neste Boletim, será realizada a confrontação das vertentes ocupacional e setorial para as seguintes áreas: Construção Civil, Informática, Indústria, Geomática e Licenciatura.

9.1. Construção Civil

9.1.1. Vertente Setorial x Vertente Ocupacional

Como se pode notar na tabela 9, a Mesorregião Sul Goiano apresentou fortes variações quanto ao crescimento do número de trabalhadores no subsetor de Construção Civil.

Nos anos compreendidos entre 1985 e 1990, ocorreu uma queda de 58,22% no número de contratos. Esta queda se deve, provavelmente, ao fato de que nesta época o Brasil se encontrava numa forte crise econômica, devido a dívidas externas e quase hiperinflação no ano de 1989; na qual o subsetor de Construção Civil foi um dos que mais sentiram seus reflexos.

A partir dos anos 1990, a situação se inverte, e este subsetor cresce 119,55% na Mesorregião Sul Goiano em 1995; deste ano em diante não houve mais quedas no número de contratos, sendo que em 2000 o subsetor cresce mais 1,62% em relação ao período anterior e em 2005 o número de trabalhadores aumenta em 84,92%. O ano de

2010 segue da mesma forma com crescimento de 85,42% em relação ao período anterior.

Tabela 9: Evolução do Número de Trabalhadores no Subsetor de Construção Civil. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Ano	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Construção Civil	2.755	1.151	2.527	2.568	4.749	8.806
Evolução em relação ao período anterior	-	-58,22%	119,55%	1,62%	84,92%	85,42%

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011)

A evolução do número de trabalhadores com contrato formal de trabalho nas ocupações do Subsetor é demonstrada na tabela 10 a seguir.

Tabela 10: Evolução do Número de Trabalhadores nas Ocupações da área de Construção Civil. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Ocupação	1985	1990	1995	2000
Engenheiros Cíveis e Arquitetos	40	21	29	32
Evolução em relação ao período anterior		-47,5	39	10,34
Técnicos de Edifagrimensura, Estradas e Saneamento e trabalhadores assemelhados	124	107	124	35
Evolução em relação ao período anterior		-13,71	15,89	-71,77
Desenhistas Técnicos	33	23	34	25
Evolução em relação ao período anterior		-30,3	47,83	-26,47
Ceramistas e Trabalhadores Assemelhados	197	274	444	823
		39,09	62,04	85,36

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011)

Segue a evolução do número de trabalhadores com contrato formal de trabalho no período de 2003 a 2010.

Tabela 11: Evolução do Número de Trabalhadores nas Ocupações da Área de Construção Civil. Mesorregião Sul Goiano 2003 - 2010.

Ocupação	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Engenheiros Cíveis e afins	67	66	85	71	107	122	126	108
Evolução em relação ao período anterior		-1,49	28,79	-16,47	50,70	14,02	3,28	-14,29
Técnicos da Construção Civil (Edificações)	46	20	27	29	59	79	56	149
Evolução em relação ao período anterior		-56,52	35	7,41	103,45	33,9	-29,11	166,07
Técnicos da Construção Civil (Obras de Infraestrutura)	13	9	14	13	16	16	17	12
Evolução em relação ao período anterior		-30,77	55,56	-7,14	23,08	-	6,25	-29,41
Desenhistas Técnicos da Construção Civil e Arquitetura	5	11	11	10	12	17	16	15
Evolução em relação ao período anterior		120	-	-9,09	20	41,67	-5,88	-6,25

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011)

Por meio da Tabela 12, pode-se observar a participação das ocupações profissionais no Subsetor de Construção Civil. Este Subsetor empregou, em 2000, 2.568 trabalhadores com contrato formal de trabalho, sendo que apenas 2 eram Desenhistas Técnicos, 7 eram Técnicos de Edifagrimensura, Estradas e Saneamento e trabalhadores assemelhados e 18 eram Engenheiros Cíveis e Arquitetos, ou seja, os trabalhadores destas ocupações representaram apenas 1,05% do total de trabalhadores do Subsetor de Construção Civil.

Tabela 12: Número de Trabalhadores por Ocupações Profissionais no Subsetor de Construção Civil. Mesorregião Sul Goiano (2000)

	Subsetor de Construção Civil	Total por Ocupação
Engenheiros Cíveis e Arquitetos	18	32
Técnicos de Edifagrimensura, Estradas e Saneamento e trabalhadores assemelhados	7	35
Desenhistas Técnicos	2	25
Total do Subsetor	2.568	

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011)

O Subsetor de Construção Civil empregou, em 2005, 4.749 trabalhadores com contrato formal de trabalho, sendo que apenas 1 era Arquiteto e Urbanista, 37 eram Engenheiros Cíveis e afins, 9 eram Técnicos da Construção Civil (Edificações), 3 eram Técnicos da Construção Civil (Obras de Infraestrutura) e 1 era Desenhista Técnico da Construção Civil e Arquitetura, ou seja, os trabalhadores destas ocupações representaram apenas 1,07% do total de trabalhadores do Subsetor de Construção Civil.

Tabela 13: Número de Trabalhadores por Ocupações Profissionais no Subsetor de Construção Civil. Mesorregião Sul Goiano (2005)

	Subsetor de Construção Civil	Total por Ocupação
Arquitetos e Urbanistas	1	6
Engenheiros Cíveis e afins	37	85
Técnicos da Construção Civil (Edificações)	9	27
Técnicos da Construção Civil (Obras de Infraestrutura)	3	14
Desenhistas Técnicos da Construção Civil e Arquitetura	1	3
Total do Subsetor	4.749	

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011)

Este Subsetor empregou, em 2010, 8.806 trabalhadores com contrato formal de trabalho, sendo que 3 eram Arquitetos e Urbanistas, 61 eram Engenheiros Cíveis e afins, 17 eram Técnicos da Construção Civil (Edificações), 5 eram Técnicos da Construção Civil (Obras de Infraestrutura) e 5 eram Desenhistas Técnicos da Construção Civil e Arquitetura, ou seja, os trabalhadores destas ocupações representaram apenas 0,10% do total de trabalhadores do Subsetor de Construção Civil em 2010.

Tabela 14: Número de Trabalhadores por Ocupações Profissionais no Subsetor de Construção Civil. Mesorregião Sul Goiano (2010)

	Subsetor de Construção Civil	Total por Ocupação
Arquitetos e Urbanistas	3	11
Engenheiros Cíveis e afins	61	108
Técnicos da Construção Civil (Edificações)	17	149
Técnicos da Construção Civil (Obras de Infraestrutura)	5	12
Desenhistas Técnicos da Construção Civil e Arquitetura	5	16
Total do Subsetor	8.806	

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011)

9.2. Geomática

9.2.1. Vertente Setorial x Vertente Ocupacional

A área de geomática, ou geoprocessamento está inserida em vários subsetores de atividade econômica da Mesorregião Sul Goiano. Dentre os principais, destacam-se os seguintes: Construção Civil e Comércio e Administração de Imóveis, Valores Mobiliários e Serviços Técnicos, segundo a RAIS.

Pela tabela 15, podemos observar a evolução do número de trabalhadores em cada subsetor nos quais a área de geomática está inserida.

Vemos que houve grandes variações percentuais no número de trabalhadores, em todos os subsetores. O subsetor de Construção Civil é bastante sensível à curva de crescimento econômico e demográfico; por isto apresenta as mais fortes variações, além de ser o principal subsetor de atividade econômica para a área de geoprocessamento, e em segundo lugar está o subsetor de Comércio e Administração de Imóveis, Valores

Imobiliários e Serviços Técnicos, que são os subsetores que apresentam um maior número de profissionais em geomática exercendo suas atividades técnicas, ou seja, trabalhando diretamente em sua área de formação.

Tabela 15: Evolução do Número de Trabalhadores nos Subsetores da Área de Geomática. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Subsetor	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Comércio e Administração de Imóveis	3.131	4.740	1.769	4.112	7.119	10.397
Evolução em Relação ao Período Anterior(%)		51,39	-62,68	132,45	73,13	46,05
Construção civil	2.755	1.151	2.527	2.568	4.749	8.806
Evolução em Relação ao Período Anterior(%)	-	-58,22%	119,55%	1,62%	84,93%	85,43%

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011)

Em seguida veremos a decomposição destes subsetores em ocupações. Na tabela 16, temos as principais ocupações na área de geomática para o período de 1985 a 2000.

Tabela 16: Evolução do Número de Trabalhadores nas Ocupações Profissionais da área de Geomática. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Ocupação	1985	1990	1995	2000
Técnicos de Edifagrimensura, Estradas e Saneamento e trabalhadores assemelhados	124	107	124	35
Evolução em Relação ao Período Anterior(%)		-13,71	15,89	-71,77

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011)

A seguir esta relacionado o total de trabalhadores por ocupações nos anos de 2003 a 2010, por meio da tabela 17.

Tabela 17: Evolução do Número de Trabalhadores nas Ocupações Profissionais da área de Geomática. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.

Ocupação	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Técnicos em Geomática	26	25	35	70	95	118	111	140
Evolução em Relação ao Período Anterior(%)		-3,85	40	100	35,71	24,21	-	26,13

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011)

Por meio da Tabela 18, pode-se observar a participação das ocupações profissionais nos Subsetores de Comércio e Administração de Imóveis e de Construção Civil.

A Construção Civil empregou, em 2000, 2.568 trabalhadores com contrato formal de trabalho, sendo que apenas 7 eram Técnicos de Edifagrimensura, Estradas e Saneamento e trabalhadores assemelhados. Já o Subsetor de Comércio e Administração

de Imóveis empregou 4.112 trabalhadores, em 2000, sendo que 6 eram Técnicos de Edifagrimensura, Estradas e Saneamento e trabalhadores assemelhados.

Assim, 37,14 % dos Técnicos de Edifagrimensura, Estradas e Saneamento e trabalhadores assemelhados foram contratados por estes subsetores.

Tabela 18: Número de Trabalhadores por Ocupações Profissionais nos Subsetores da área de Geomática. Mesorregião Sul Goiano (2000)

	Subsetor de Construção Civil	Subsetor de Comércio e Administração de Imóveis	Total por Ocupação
Técnicos de Edifagrimensura, Estradas e Saneamento e trabalhadores assemelhados	7	6	35
Total do Subsetor	2.568	4.112	

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2010)

Em 2005, o Subsetor de Comércio e Administração de Imóveis empregou 7.119 trabalhadores com contrato formal de trabalho, sendo que apenas 8 eram Técnicos de Geomática, ou seja estes técnicos representaram apenas 0,11% no referido Subsetor.

Já no Subsetor de Construção Civil, os trabalhadores desta ocupação representaram 0,15%, visto que dos 4.749 contratos na Construção Civil, apenas 7 eram dos Técnicos de Geomática.

Tabela 19: Número de Trabalhadores por Ocupações Profissionais nos Subsetores da área de Geomática. Mesorregião Sul Goiano (2005)

	Subsetor de Construção Civil	Subsetor de Comércio e Administração de Imóveis	Total por Ocupação
Técnicos em Geomática	7	8	35
Total do Subsetor	4.749	7.119	

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011)

Em 2010, dos 140 Técnicos de Geomática, 42,14% foram aglutinados pelos Subsetores de Construção Civil e de Comércio e Administração de Imóveis. Já a participação nesses subsectores foi de 0,22% e de 0,38%, respectivamente.

Tabela 20: Número de Trabalhadores por Ocupações Profissionais Número de Trabalhadores por Ocupações Profissionais nos Subsetores da área de Geomática. Mesorregião Sul Goiano (2010)

	Subsetor de Construção Civil	Subsetor de Comércio e Administração de Imóveis	Total por Ocupação
Técnicos em Geomática	19	40	140
Total do Subsetor	8.806	10.397	

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011)

9.3. Licenciatura

Conforme exposto anteriormente, as Vertentes Educacional e Ocupacional referentes à área de Licenciatura não serão desenvolvidas no presente Boletim. Portanto, não haverá o confronto entre as vertentes.

9.4. Indústria

9.4.1. Vertente Setorial x Vertente Ocupacional

Analisando a área de Indústria, que corresponde às ocupações de Engenheiros Eletricistas e Eletrônicos, Técnicos em Eletrotécnica e Telecomunicações, dentre outras ocupações, constatamos ser dois dos principais subsetores de atividade econômica que melhor representam estas ocupações: o subsetor de *Serviços Industriais de Utilidade Pública*, e o subsetor de *Transportes e Comunicações*. Vale lembrar que existem outros subsetores que tem grandes participações para estas ocupações, como por exemplo, o subsetor de Indústria do Material Elétrico e de Comunicações e o subsetor de Construção Civil; entretanto, estes subsetores não possuem significativa representatividade para a Mesorregião Sul Goiano.

Conforme a tabela 21, o Subsetor de Serviços Industriais de Utilidade Pública sofreu fortes oscilações entre 1985 e 2010 no que se refere ao número de trabalhadores, já o Subsetor de Transportes e Comunicações apresentou aumento em todos os quinquênios. Além disso, o quantitativo de pessoal no Subsetor de Serviços Industriais de Utilidade Pública foi pequeno em relação ao Subsetor de Transportes e Comunicações. É importante salientar que em ambos Subsetores, as taxas de crescimento de maior relevância foram as que compreenderam o quinquênio 1990-1995.

Tabela 21: Evolução do Número de Trabalhadores nos Subsetores da área da Indústria. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Ano	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Serviços Industriais de Utilidade Pública	297	91	611	539	738	1.063
Evolução em relação ao período anterior	--	-69,36%	+571,43%	-11,78%	+36,92%	44,04
Transportes e Comunicações	1.257	1.426	3.658	4.270	5.574	9.388
Evolução em relação ao período anterior		13,44	156,52	16,73	30,54	68,42

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011)

Pode-se observar por meio da Tabela 22 a oscilação do número de Engenheiros Eletricistas e Eletrônicos e de Técnicos de Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações de 1985 a 2000.

Tabela 22: Evolução do Número de Trabalhadores por Ocupações da área da Indústria. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Ocupações	1985	1990	1995	2000
Engenheiros Eletricistas e Eletrônicos	12	10	35	32
Evolução em relação ao período anterior		-16,67	250	-8,57
Técnicos de Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações	146	143	134	179
Evolução em relação ao período anterior		-2,05	-6,29	33,58

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011)

A decomposição deste subsetor em ocupações para os anos de 2003 a 2010 fica assim distribuída.

Tabela 23: Evolução do Número de Trabalhadores por Ocupações da área da Indústria. Mesorregião Sul Goiano 2003 - 2010.

Ocupações	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Engenheiros Eletricistas e Engenheiros Eletrônicos	33	36	47	48	44	63	60	66
Evolução em relação ao período anterior		9,09	30,56	2,13	-8,33	43,18	-476	10
Técnicos em Eletricidade e Eletrotécnica	122	156	313	323	237	231	285	311
Evolução em relação ao período anterior		27,87	100,64	3,19	-26,63	-2,53	23,38	9,12

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011)

Por meio da Tabela 24, pode-se observar a participação das ocupações profissionais nos Subsetores de Serviços Industriais de Utilidade Pública e de Técnicos de Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações, em 2000.

Tabela 24: Número de Trabalhadores por Ocupações Profissionais nos Subsetores da área da Indústria. Mesorregião Sul Goiano (2000)

	Subsetor de Serviços Industriais de Utilidade Pública	Subsetor de Transportes e Comunicações	Total por Ocupação
Engenheiros Eletricistas e Eletrônicos	14	2	32
Técnicos de Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações	28	24	179
Total do Subsetor	539	4.270	

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2010)

Por meio da Tabela 25, pode-se observar que a participação destas ocupações no Subsetor de Transportes e Comunicações foi praticamente nula, já no Subsetor de Serviços Industriais de Utilidade Pública foi de 21,27, em 2005.

Tabela 25: Número de Trabalhadores por Ocupações Profissionais nos Subsetores da área da Indústria. Mesorregião Sul Goiano (2005)

	Subsetor de Serviços Industriais de Utilidade Pública	Subsetor de Transportes e Comunicações	Total por Ocupação
Engenheiros Eletricistas e Engenheiros Eletrônicos	13	0	47
Técnicos em Eletricidade e Eletrotécnica	144	1	313
Total do Subsetor	738	5.574	

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011)

Por meio da Tabela 26, pode-se observar a participação das ocupações profissionais nos Subsetores de Serviços Industriais de Utilidade Pública e de Técnicos de Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações, em 2010.

Tabela 26: Número de Trabalhadores por Ocupações Profissionais nos Subsetores da área da Indústria. Mesorregião Sul Goiano (2010).

	Subsetor de Serviços Industriais de Utilidade Pública	Subsetor de Transportes e Comunicações	Total por Ocupação
Engenheiros Eletricistas e Engenheiros Eletrônicos	14	0	66
Técnicos em Eletricidade e Eletrotécnica	41	4	311
Total do Subsetor	1.063	9.388	

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011)

9.5. Informática

9.5.1. Vertente Setorial x Vertente Ocupacional

O subsetor que corresponde às ocupações referentes a área de Informática é o de Comércio e Administração de Imóveis, Valores Mobiliários, Serviços Técnicos. As ocupações a serem analisadas serão, para o período de 1985 a 2000, Analista de Sistemas e Programador de Computador; já para o período de 2003 a 2010 serão as ocupações de Analista de Sistemas e de Técnicos de Desenvolvimentos de Sistemas e Aplicações.

Conforme a tabela 27, o subsetor em estudo se mostra em crescente evolução nos períodos de 1985 a 1990, com 51,39% dos trabalhadores a mais com registro

formal; em 1995, o subsetor sofre uma queda de 62,68%, mas em 2000 cresce 132,45%, o maior do período. Em 2010, a taxa de crescimento foi de 46,05%.

Tabela 27: Evolução no Número de Trabalhadores no Subsetor de Comércio e Administração de Imóveis, Valores Mobiliários e Serviços Técnicos. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010.

Anos	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Comércio e Administração de Imóveis, Valores Mobiliários, Serviços Técnicos, etc.	3.131	4.740	1.769	4.112	7.119	10.397
Evolução em Relação ao Período Anterior	--	+51,39 %	-62,68%	+132,45 %	73,13	46,05

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011)

Na tabela 28, pode-se observar as taxas de crescimento do número de contratos formais nas ocupações de Analistas de Sistemas e de Programadores de Computador no período de compreende os anos de 1985 a 2000. Nota-se que nas duas ocupações ocorreu crescimento do número de contratos formais, sendo que entre 1990 e 1995, as taxas de crescimento das duas ocupações foram de 471,43% e de 178,95%, respectivamente.

Tabela 28: Evolução no Número de Trabalhadores das Ocupações da área de informática. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Ocupação	1985	1990	1995	2000
Analista de Sistemas	2	7	40	44
Evolução em Relação ao Período Anterior		250	471,43	10
Programador de Computador	12	19	53	64
Evolução em Relação ao Período Anterior		58,33	178,95	20,75

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011)

Por meio da tabela 29, vê-se a evolução do número de trabalhadores nas ocupações da área de informática nos anos de 2003 a 2010.

Tabela 29: Evolução no Número de Trabalhadores das Ocupações da área de informática. Mesorregião Sul Goiano 2003 - 2010.

Ocupação	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Técnico de Desenvolvimento de Sistemas e Aplicações	59	74	74	84	97	110	102	127
Evolução em Relação ao Período Anterior		25,42	-	13,51	15,48	13,40	-7,27	24,51
Técnico de Operação e Monitoração de Computadores	159	160	182	201	193	203	205	186
Evolução em Relação ao Período Anterior		0,63	13,75	10,44	-3,98	5,18	0,99	-9,27

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011)

Os dados da RAIS/MTE apontam a presença de 13 Analistas de Sistemas e de 9 Programadores de Computador contratados no Subsetor de Comércio e Administração de Imóveis, Valores Imobiliários, Serviços Técnicos, etc., ou seja, estas ocupações tiveram, em 2000, uma representatividade de 0,54% no referido Subsetor.

Tabela 30: Número de Trabalhadores por Ocupações Profissionais da Área de Informática, no Subsetor de Comércio e Administração de Imóveis. Mesorregião Sul Goiano (2000)

	Subsetor de Comércio e Administração de Imóveis, Valores Imobiliários, Serviços Técnicos, etc.	Total por Ocupação
Analistas de Sistemas	13	44
Programador de Computador	9	64
Total do Subsetor	4.112	

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2010)

As tabelas 31 e 32 a seguir apresentam a participação dos Técnicos de Desenvolvimento de Sistemas e Aplicações, bem como dos Técnicos de Operação e Monitoração de Computadores no Subsetor de Comércio e Administração de Imóveis nos anos 2005 e 2010, respectivamente.

Tabela 31: Número de Trabalhadores por Ocupações Profissionais da Área de Informática, no Subsetor de Comércio e Administração de Imóveis. Mesorregião Sul Goiano (2005)

	Subsetor de Comércio e Administração de Imóveis, Valores Imobiliários, Serviços Técnicos, etc.	Total por Ocupação
Técnico de Desenvolvimento de Sistemas e Aplicações	8	74
Técnico de Operação e Monitoração de Computadores	18	182
Total do Subsetor	7.119	

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011)

Tabela 32: Número de Trabalhadores por Ocupações Profissionais da Área de Informática, no Subsetor de Comércio e Administração de Imóveis. Mesorregião Sul Goiano (2010).

	Subsetor de Comércio e Administração de Imóveis, Valores Imobiliários, Serviços Técnicos, etc	Total por Ocupação
Técnico de Desenvolvimento de Sistemas e Aplicações	19	127
Técnico de Operação e Monitoração de Computadores	27	186
Total do Subsetor	10.397	

Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011)

10. Conclusões e Recomendações

10.1. Transformações Econômicas dos anos 1990 e 2000 e Repercussões na Indústria de Transformação

A literatura tradicional de inspiração neoclássica, que trata das experiências de liberalização comercial nos países capitalistas “em desenvolvimento”, sustenta que a transição para um regime de comércio aberto tem impactos positivos sobre o nível de emprego, na medida em que tende a desenvolver de forma mais intensa os setores industriais que utilizam o fator trabalho e o fator recursos naturais de forma mais intensa. Admite-se, todavia, que, no curto prazo, o efeito possa ser negativo sobre o nível de emprego, em função da existência de um hiato temporal entre a contração dos setores pouco competitivos nestas economias, representados pelos setores intensivos no uso de capital (tecnologias e processos) e a expansão dos setores mais competitivos no uso intensivo de trabalho e de recursos naturais. Reconhece-se que essa perda tende a ser compensada à medida em que esse hiato se expira.

Na experiência brasileira, no período 1990-1996, o ‘custo-emprego’ no curto prazo foi relativamente reduzido – cerca de 1.079.108 empregos foram perdidos, ou 1,8% do pessoal ocupado. O impacto do comércio exterior, por sua vez, favoreceu as atividades mais intensivas no uso de trabalho, como a agricultura, a extrativa e os serviços, e penalizou, em graus variáveis, a indústria de transformação.

A desagregação da indústria de transformação em indústria de uso intensivo de capital, em indústrias de uso intensivo de trabalho e indústrias de uso intensivo de recursos naturais, permite constatar que os custos da reestruturação recaíram, principalmente, sobre as indústrias de uso intensivo de capital e de trabalho de alta qualificação. Entretanto, os setores industriais de uso intensivo de trabalho continuaram a apresentar desempenho abaixo do que se poderia esperar, dada a presença de fatores positivos na economia brasileira. Esse resultado decorreu da incapacidade dos setores industriais de uso intensivo de trabalho ampliar suas exportações, fruto: 1. do baixo crescimento da produtividade; 2. do câmbio apreciado (que prevaleceu até dezembro de 1998); e 3. do poder de concorrência do Leste Asiático, em especial da China.

Embora a mudança de regime comercial, mediante a abertura comercial, tenha agravado a situação de desemprego, outro fator de suma importância, nos anos 1990 até meados dos anos 2000, foram os baixos níveis de crescimento da economia.

No período 1990-1997, a indústria de transformação foi o setor mais atingido pela abertura comercial. O declínio do coeficiente doméstico (ou coeficiente de nacionalidade das mercadorias) em 10,3%, somado ao crescimento da produtividade de 36,8% impulsionada de automação e informática, levou a uma queda de 16,5% no nível de emprego. Todavia, a queda variou segundo a intensidade dos fatores presentes em cada um dos 28 setores de atividades industrial que compõem a indústria de transformação, a saber:

a) Indústrias intensivas no uso de capital (plásticos, siderurgia, indústria têxtil, mineral não-metálico, equipamentos eletrônicos, refino de petróleo, indústria de borracha, elementos químicos diversos, automóveis, caminhões e ônibus, máquinas e equipamentos etc.): ocorreram quedas substanciais no volume de emprego, de 32,4% para o total do grupo, explicadas pelo crescimento da produtividade (51,8%) e pelo declínio significativo do coeficiente doméstico (-15,7%), apesar do crescimento do consumo de 35,5%, concentrado nos setores acima identificados. Equipamentos

eletrônicos e máquinas e equipamentos, chegaram a registrar perdas de 50,4% e 35,4% do pessoal ocupado, superando em muito a média de perda da indústria de transformação como um todo, que foi de 7,2% no período. Para o total do grupo das indústrias intensivas no uso de capital, o número de empregos perdidos chegou a 16,2% do pessoal ocupado.

b) Indústrias intensivas no uso de trabalho (material elétrico, peças e outros veículos, farmacêutica, vestuário, outros metalúrgicos, celulose, papel e gráfica, madeira e mobiliário e diversos): ocorreram quedas moderadas no volume de emprego, que foi de 13,3%, no contexto de crescimento do consumo aparente de 22,5%. Isso somente foi possível porque ocorreu um crescimento menor de produtividade e um impacto modesto do comércio exterior (quando comparado às indústrias intensivas no uso do capital). O percentual de empregos “perdidos”, sob a hipótese de um coeficiente doméstico constante, foi de 5,8%, mas esse resultado esconde algumas variações importantes dentro do grupo. Nos setores de calçados, madeira e mobiliário, o impacto do comércio exterior foi positivo em função do baixo crescimento das importações e do bom desempenho das exportações – nesse caso, se o coeficiente doméstico fosse constante, haveria perda de emprego. No geral, apesar das variações de desempenho, a contribuição do comércio exterior para o grupo de indústrias intensivas no uso de trabalho foi negativa, o que contrariou expectativas dos adeptos do “novo modelo econômico” – isto é, se esperava maior exportação, gerando balanças comerciais setoriais, dos diversos setores que compõe as indústrias intensivas no uso de trabalho, francamente positivas. Mas esse “paradoxo” foi, no entanto, atenuado, porque se as exportações foram sofríveis, as importações não deslocaram empregos e empresas de forma significativa. O baixo crescimento da produtividade nas indústrias intensivas no uso de trabalho, fortemente marcadas por pequenas e médias empresas e, conseqüentemente, com pequena capacidade de incorporação de bens de capital (tecnologias e processos), atenuou as perdas no emprego, mas também esteve na base do fraco desempenho exportador.

c) Indústrias intensivas no uso de recursos naturais (laticínios, beneficiamento de produtos vegetais, elementos químicos, outros produtos alimentícios, fabricação de óleos vegetais, abate de animais, café e fabricação de açúcar): ocorreu menor queda no nível de emprego, que foi de apenas 3%, fruto da combinação entre um crescimento do consumo doméstico, que foi de 27,6%, um crescimento da produtividade, que foi de 30,5% e um coeficiente doméstico praticamente estável, que foi de apenas 0,1% negativo. Na hipótese de coeficiente doméstico constante, setores como outros produtos alimentícios e beneficiamento de produtos vegetais teriam assegurado 14 mil e oito mil postos de trabalho, respectivamente. Outros setores, como fabricação de açúcar, café e abate de animais teriam perdido cerca de 18 mil, 5,6 mil e 5,1 mil empregos, respectivamente. No conjunto dos setores intensivos no uso de recursos naturais, o impacto da abertura nos anos 1990-1997 na geração de empregos foi positivo, assegurando um pequeno crescimento de quase três mil postos de trabalho.

No tocante ao fator qualificação da mão de obra, concluiu-se que: a) todas as categorias tiveram quedas no nível de emprego; b) as quedas no nível de emprego foram menores nos setores predominantemente intensivos em mãos de obra de baixa qualificação (Indústrias intensivas em uso de mão de obra), embora no comércio tal processo tenha sido pouco expressivo; c) nos setores predominantemente intensivos em mãos de obra de qualificação alta (indústrias intensivas em uso de capital) e nos setores predominantemente intensivos em mão de obra de qualificação média (indústrias

intensivas em recursos naturais), a queda no nível de emprego foram maiores; d) no tocante a estrutura de produção na indústria de transformação, entre 1990 e 1997, ocorreu uma recomposição, com recuos nos setores industriais intensivos no uso de capital e nos setores industriais intensivos no uso de trabalho, e avanços nos setores industriais intensivos no uso de recursos naturais.

No Brasil a indústria de transformação, no médio e longo prazos, sinalizou maior concentração de recursos em setores que utilizam mão de obra de forma mais intensiva.

10.1.1. Especialização Retrógrada

A recomposição da indústria de transformação foi aprofundada a partir de 1998. Este aprofundamento pode ser confirmado por meio da recomposição dos bens exportados, isto é, o padrão das exportações de um país expressa as estruturas e dinâmicas da indústria de transformação, bem como as transformações em curso.

O padrão das exportações brasileiras aponta no sentido da reprimarização da economia brasileira, isto é, da crescente participação relativa de produtos primários nas exportações brasileiras. A classificação das exportações, segundo o fator agregado, confirma esta tendência. Os produtos básicos evoluíram de 25,3% para 29,3%, entre os períodos 1995-1999 e 2003-2006. Os produtos manufaturados e semimanufaturados, no mesmo período, regrediram, respectivamente, de 55,7% e de 17,4% para 54,6% e 14,1%.

Tabela 33: Evolução das exportações por fator agregado: 1999-2006

[índice 1996 = 100]

Período	Exportações		Produtos básicos		Produtos semimanufaturados		Produtos manufaturados	
	Preços	Quantum	Preços	Quantum	Preços	Quantum	Preços	Quantum
1999	81,9	122,8	76,1	130,7	76,6	121,0	86,2	120,1
2000	84,6	136,4	74,5	141,6	87,7	112,6	87,0	141,5
2001	81,6	149,4	68,3	188,9	78,5	122,0	86,9	143,4
2002	71,9	162,3	65,5	217,6	74,9	139,0	82,9	150,8
2003	81,5	187,8	72,3	246,2	83,4	152,5	82,4	182,3
2004	90,3	223,8	85,6	280,1	95,5	163,4	87,2	229,8
2005	101,3	244,7	97,8	298,5	106,8	173,6	96,7	255,1
2006	113,9	252,8	106,9	316,5	126,1	179,7	108,6	260,5

Fonte: IPEAdata.

Tabela 34: Padrão das exportações por fator agregado: 1995-2006 (%)

Período	Básicos	Semimanufaturados	Manufaturados	Não classificados	Total
1995-1999	25,30	17,40	55,71	1,59	100
1999-2002	25,47	15,27	56,79	2,48	100
1995-2002	25,38	16,33	56,25	2,04	100
2003-2005	29,30	14,15	54,64	1,92	100

Fonte: Funcex.

A classificação das exportações, segundo o grupo de produtos, também permite a caracterização do processo de reprimarização das exportações. A participação dos produtos primários aumentou de 18,7%, em 1999-2002, para 21,6%, em 2003-2006. Essa expansão decorreu das exportações de minérios e de produtos energéticos. Os produtos manufaturados apresentaram, no mesmo período, queda de 48,1% para 45,5%. Este movimento decorreu da redução da participação relativa das indústrias intensivas no uso de trabalho e das indústrias intensivas no uso de tecnologia no conjunto das exportações.

Tabela 35: Padrão das exportações segundo grupos de produtos: 1999-2006

Grupos de Produtos	1999-2002	2003-06
Primários	18,68	21,63
Agrícolas	11,00	10,53
Minérios	6,52	7,38
Energéticos	1,17	3,72
Semimanufaturados	31,33	31,08
Agrícolas intensivas em mão-de-obra	16,12	15,80
Agrícolas intensivas em capital	6,92	6,51
Minérios	6,59	6,40
Energéticos	1,70	2,37
Manufaturados	48,12	45,52
Indústrias intensivas em trabalho	8,64	6,75
Indústrias intensivas em economia de escala	18,74	20,77
Fornecedores especializados	9,25	10,44
Indústrias intensivas em P&D	11,49	7,56
Não Classificados	1,87	1,77
Total	100,00	100,00

Fonte: Elaborado pela Funcex a partir de dados da SECEX/MDIC e DECO.

A participação relativa dos produtos industriais manufaturados e semi-manufaturados no valor total das exportações apresentou queda de 79,3%, em 1999-2002, para 76,5%, em 2003-2006. No âmbito desses produtos, os produtos de maior intensidade tecnológica (alta e média-alta) foram os que tiveram maior redução em termos relativos, passando de 28,8%, em 1999-2002, para 26,2%, em 2003-2006.

Tabela 36: Padrão das exportações segundo intensidade tecnológica dos produtos: 1999-2006

Intensidade	1999-2002 [média %]	2003-06 [média %]
Produtos industriais	79,28	76,47
Alta	9,85	6,50
Média-alta	18,95	19,65
Alta e Média-Alta	28,80	26,15
Média-baixa	12,84	14,12
Baixa	37,64	36,20
Baixa e Média-Baixa	50,48	50,32
Produtos não industriais	18,86	21,76
Não classificada	1,86	1,76
Total	100,00	100,00

Fonte: Funcex.

No âmbito dos produtos industriais manufaturados e semi-faturados, a redução das exportações dos produtos industrializados de alta tecnologia foi acentuada, passando de 9,8% para 6,5%, enquanto os de média-alta tecnologia aumentaram discretamente de 18,9% para 19,6%. Os produtos industrializados com baixa e baixa-média intensidade tecnológica apresentaram uma redução, em termos relativos, insignificante. Passaram de 50,4% para 50,3%.

Salienta-se que a somatória das exportações dos produtos industriais de baixa e média-baixa tecnologia com os produtos não-industriais representaram, em 1999-2002 e em 2003-2006, respectivamente, 69,3% e 72%.

Estes dados evidenciam um processo de ampliação dos produtos intensivos em recursos naturais e dos produtos industrializados de baixo conteúdo tecnológico agregado, nas pautas de exportações. Portanto, há um padrão das exportações brasileiras em consolidação que reflete algo mais profundo, qual seja, um modelo de desenvolvimento liberal periférico, articulado sob um determinado padrão de acumulação e financiamento capitalista que aprofunda o processo de reprimarização das exportações, com peso crescente das *commodities* agrárias e minerais na evolução das receitas de exportação.

10.1.2. Recomposição e Retrocesso Industrial

O processo de retrocesso industrial manifestou-se sob diversas formas. Primeiramente ocorreu a redução da participação do setor industrial no PIB, de 32,1%, em 1986, para 19,7%, em 1998. Em segundo lugar, ocorreu a redução da participação relativa do emprego industrial no conjunto dos empregos gerados, cujo fenômeno não pode ser explicado apenas pela informatização e automação industrial. De fato, ocorreram processos como o câmbio sobrevalorização estimulando importações de bens industriais de elevado e de médio-elevado padrão tecnológico agregado e o crescimento econômico não sustentável restringindo demanda interna. Em terceiro lugar, teve lugar um processo de redução do coeficiente de nacionalidade dos segmentos industriais por meio de importação de componentes, em especial, das indústrias que produzem bens de elevado e médio-elevado padrão tecnológico agregado.

Conforme Filgueiras e Gonçalves (2005), o processo de retrocesso industrial em curso no país fica evidenciado no seu atraso em relação aos demais ‘países emergentes’ de maior dinamismo econômico, no que tange ao desenvolvimento da indústria e dos serviços que incorporam alta e média-alta tecnologia; na perda da capacidade da indústria de transformação de alavancar os demais setores industriais e ausência de outro setor industrial com condições de assumir este papel; e nas mudanças em curso na estrutura industrial, com perda de importância de segmentos industriais importantes (material elétrico, eletrônico etc.), desarticulação de cadeias produtivas e especialização industrial em setores industriais intensivos no uso de recursos naturais.

Estudos do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comercial Exterior (MDIC, 2004) acerca da situação de competitividade das 20 maiores cadeias industriais do país, identificou quatro tipos de grupos de indústrias e os caracterizou em termos de competitividade e exposição ao mercado internacional. Primeiramente as cadeias industriais pouco vulneráveis e mais competitivas, normalmente superavitárias, como aquelas vinculadas a indústria de café, papel e celulose, cítricos, couro e calçados, siderurgia e têxtil e confecções. Estas cadeias produtivas, predominantemente de baixa e de médio-baixa intensidade tecnológica, já seriam competitivas desde os anos 1980, em função de vantagens naturais de clima, de oferta abundante de matérias-primas e de custo baixo de energia e de mão-de-obra. O setor siderúrgico, em particular, teria se beneficiado do alcance do estágio de produção de escala. Desde 1999, teria sido capaz de apresentar crescentes superávits comerciais setorial.

Em segundo lugar, as cadeias industriais vulneráveis e pouco competitivas, normalmente deficitárias, como aquelas vinculadas a indústria de bens de capital, química e petroquímica, transformados, plásticos, naval e informática. Estas cadeias produtivas, predominantemente de alta e de média-alta intensidades tecnológicas, estariam apresentando déficits comerciais setoriais em ampliação.

Em terceiro lugar, as cadeias industriais pouco vulneráveis no mercado interno e pequena penetração no mercado externo, como aquelas vinculadas a indústrias de cosméticos, madeiras e móveis e cerâmica. Estas cadeias produtivas normalmente apresentariam pequenos saldos na balança comercial setorial.

Em quarto lugar, as cadeias industriais nas quais predominaria o comércio intrafirma, via de regra fortemente integradas no comércio internacional e deficitárias, como aquelas vinculadas a indústria automotiva, farmacêutica, eletrônica de consumo e tele-equipamento. Essas cadeias produtivas, predominantemente de alta e de média-alta intensidade tecnológica, embora se beneficiassem do comércio intrafirma transnacionalmente conduzido, o seu desempenho dependeria das estratégias das multinacionais.

Enfim, a apreciação cambial tende a inviabilizar o avanço dos setores industriais com maior intensidade tecnológica de caráter nacional. Todavia, no caso do Brasil, não tem impedido o avanço dos setores de atividade econômica tradicionais, visto que os mesmos usufruem de vantagens comparadas em termos de recursos naturais e de custo de mão-de-obra, bem como tem se beneficiado com a valorização das *commodities* agropecuárias e extrativo-minerais no mercado internacional. Desse modo, a apreciação cambial, sob flutuação cambial, tende a não levar a um reequilíbrio cambial (mediante depreciação cambial), porque as divisas externas e a entrada de investimento direto estrangeiro (IDE) mantém o Real valorizado em relação ao Dólar, acarretando consequências importantes para as atividades industriais e agroindustriais.

A conjugação entre apreciação cambial e grandes saldos comerciais oriundos de *commodities* de bens agropecuários, minerais e combustíveis fósseis/derivados tende, a médio-longo prazo, aprofundar a retirada de competitividade das indústrias de elevada e médio-elevada intensidade tecnológica e valor agregado, desencadeando desindustrialização relativa, redução do coeficiente de nacionalidade industrial, desarticulação de determinadas cadeias produtivas industriais e redução de oferta de empregos industriais. Em contrapartida, tende a ocorrer um processo de fortalecimento das indústrias intensivas no uso de recursos naturais e de força de trabalho. Tende a acarretar, ainda, a hipertrofia do setor de serviços formal e não formal.

A contraposição a esse processo demanda forte intervenção estatal, orientada para adotar políticas industriais e tecnológicas ativas, intervir no mercado cambial com vista a desvalorização e estabilização do câmbio e taxar as exportações de *commodities* e a entrada de dólares especulativos. Assim, poderá ser possível proteger o setor industrial de alta e médio-alta intensidade tecnológica e valor agregado em face dos bens importados e criar capacidade de produção em escala e custos produtivos que lhes permita exportação. Poderá ser possível, ainda, a obtenção de rendas oriundas das taxações, tendo em vista a compra de divisas estrangeiras para reduzir o endividamento externo e/ou “esterilizar”, parcialmente, as reservas externas reduzindo a dívida pública, recomprando títulos sob propriedade de estrangeiros e diminuindo pressões sobre as finanças públicas.

Essas iniciativas podem abrir espaços para a regulação dos fluxos de entrada e saída de divisas estrangeiras, o que pode permitir uma administração adequada e eficaz da taxa de câmbio e das dívidas externas.

10.1.3. Vulnerabilidade Externa Estrutural

Entre 1988 e 2000, ocorreu no país a redefinição do marco jurídico-político e a liberalização, desregulamentação e privatização da economia. Políticas macroeconômicas caracterizadas por juros elevados, apreciação cambial e ajustes fiscais severos foram predominantes.

O desdobramento dessas transformações no setor industrial acarretou aspectos como fusões e aquisições de empresas nacionais (privadas e públicas) por parte do capital estrangeiro; reconversão de atividades de produção industrial para a montagem de componentes importados; redução da diversificação e desarticulação de cadeias produtivas industriais nos segmentos mais dinâmicos e intensivos no uso de capital e de tecnológica e ampliação do peso relativo de cadeias produtivas industriais menos dinâmicas e intensivas no uso de recursos naturais; e redução da participação da indústria no PIB e no emprego total. Em termos positivos, ocorreu um processo de elevação nos níveis de produtividade em quase todos os setores industriais¹⁸ e agroindustriais.

A estrutura produtiva industrial passou a ter, como seus segmentos industriais de maior expansão, aqueles com especialização em produtos centrados no baixo custo da

¹⁸ Salienta-se que ocorreu grande elevação de produtividade nas cadeias produtivas industriais formadas pelos segmentos industriais de uso intensivo de alta tecnologia, mas a apreciação cambial impede a penetração dos bens produzidos no mercado internacional, o que impede a produção em escala e a consequente redução do custo do produto e elevação de competitividade, de ganho (acumulação) de capital em patamares mais elevados e de realização de novos investimentos.

mão-de-obra e em recursos naturais. Esses segmentos não comprometeram a existência dos segmentos industriais de elevada intensidade tecnológica e valor agregado, embora os tenha tornado dependentes de importações de bens de capital e de componentes. O mercado interno permaneceu mais importante que o externo, embora tenha reduzido o seu dinamismo e perdido importância relativa na formação do PIB.

No fundamental, o padrão de inserção comercial continuou o mesmo do final do período do modelo de desenvolvimento econômico nacional-desenvolvimentista, articulado com base em um processo de substituição de exportações, que vigorou até o final dos anos 1980, com mudanças pontuais que indicam um processo de reprimarização da estrutura das exportações. Padrão este, fortalecido pelo novo ciclo do comércio mundial de *commodities*.

A inserção do país na nova divisão internacional do trabalho combinou processos complexos. De um lado, ocorreu a dinâmica de reprimarização relativa das exportações, com o destaque para as indústrias de médio-baixa e médio-alta intensidade tecnológica e o agronegócio. De outro, ocorreu o fortalecimento de alguns segmentos industriais típicos da Segunda Revolução Industrial (aviões, automóveis etc.), modernizados pelas tecnologias difundidas pela Terceira Revolução Industrial (informática etc.) direta e/ou indiretamente integradas em redes transnacionais, na forma de cadeias produtivas internacionais, como a indústria de aviação, e/ou de empresas multinacionais, como a indústria automobilística.

A inserção do país na nova divisão internacional do trabalho, em especial, mediante o seu padrão de inserção comercial, passou a ter como um dos seus objetivos estratégicos a obtenção de elevados superávits na balança comercial, condição necessária para o pagamento de custos das dívidas externas e a remuneração do capital financeiro nacional e internacional. No que tange à remuneração do capital financeiro oriundo dos endividamentos internos e externos, como não pode ser realizado por meio da moeda nacional (Real) recolhida através de elevados superávits fiscais primários, em face da sua inconvertibilidade¹⁹, tem que haver reservas em dólares, para que seja realizada a conversão e os encargos dos endividamentos possam ser remetidos à circulação internacional de capital.

A retomada em larga escala das exportações, como efetivamente ocorreu a partir de 2003, é o elemento central da dinâmica macroeconômica do modelo liberal periférico, visto que permite superar e/ou equacionar o déficit da conta de transações correntes do balanço de pagamentos. O superávit da balança comercial e o câmbio apreciado permitem, ainda, mais espaços para o controle da inflação e a obtenção de taxas de crescimento ainda que pequenas.

A vulnerabilidade estrutural externa da economia brasileira não foi alterada, na medida em que a estrutura produtiva e o desempenho da economia permanecem atrelados aos ciclos do comércio internacional, isto é, o referido desempenho é determinante no impulso primário da acumulação e na dinâmica de crescimento. Repõe-se, sobre novas bases e características, um tipo de dependência que era própria da fase primário-exportadora da economia brasileira e que perdurou até o início dos anos 1930. Desse modo, a dinâmica do mercado interno fica condicionada à capacidade da economia exportar e obter superávits comerciais, de maneira que se reduz a vulnerabilidade conjuntural, abre espaço para o crescimento econômico e contorna a ameaça de crise cambial, mas que, em contrapartida, compromete um desenvolvimento

¹⁹ Inconvertibilidade da moeda é a incapacidade da moeda nacional se constituir em moeda de conta e ser aceita nas transações econômicas internacionais.

autocentrado e repõe continuamente a vulnerabilidade estrutural externa, na forma do endividamento, da dependência dos bens tecnológicos de fronteira, da fragilidade da indústria de bens de capital, entre outros (FILQUEIRAS e GONÇALVES, 2007, p. 91).

A formulação da nova Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior (PITCE), em 2003, apontou em direção contrária ao atual padrão de especialização produtiva e inserção do país da divisão internacional do trabalho. Apoiada por segmentos industriais vinculados à produção de bens de elevada e de médio-elevada intensidade tecnológica e valor agregado, tinha como centralidade inovações e desenvolvimento tecnológico voltados, prioritariamente, para os segmentos industriais produtores de bens de capital, *software* e semicondutores, tendo em vista viabilizar mudanças nas estruturas industriais e de exportação do país. Todavia, aspectos como a política macroeconômica ortodoxa, que se articula por meio de juros altos e de câmbio apreciado, a lógica do modelo liberal periférico, que repõe o padrão de inserção comercial apoiado em *commodities* agropecuárias e minerais, a infraestrutura precária, que encarece a produção industrial, e a organização institucional existente para implementá-la, que não explora as potencialidades das universidades federais e dos centros de pesquisa, terminaram por anular os objetivos estratégicos previstos na PITCE.

10.1.4. Aspectos Referentes à Nova Condição do Trabalho a Partir dos Anos 1990

Os dados referentes à realidade salarial dos trabalhadores que integram ocupações das diversas áreas que foram estudadas neste Boletim Técnico (Área de Construção Civil, Área de Informática, Área de Mecânica e Área de Eletrotécnica) evidenciam que o seu trabalho resume-se, em grande medida, em termos econômicos, a uma mercadoria regida pela lei da oferta e da procura. Quando sub-ofertada, num certo período, para um determinado cargo (dentro da ocupação profissional e/ou na ausência de outras ocupações profissionais que possam suprir habilidades e competências requeridas pelo cargo), força o contratante a pagar salários mais elevados. Quando ofertada de forma excedente, num certo período, para um determinado cargo (dentro da ocupação profissional e/ou na presença de outras ocupações que possam suprir habilidades e competências requeridas pelo cargo), permite ao contratante pagar salários menores.

A abertura comercial, a desregulamentação econômica e a privatização, em curso nos anos 1990 e preservada nos anos 2000, bem como a reforma na legislação trabalhista na segunda metade dos anos 1990, facultando aspectos como a criação de novos tipos de contrato de trabalho (contratos de trabalho por tempo determinado e contrato de trabalho temporário) e a criação do banco de horas, agregou elementos novos nessa relação ao aprofundar a transferência de custos das empresas (por exemplo, com bens de capital) para os trabalhadores na forma de contenção salarial e/ou não transferência de ganhos de produtividade e de retirar de elementos de regulação e contenção da lógica de extração de excedentes sobre o trabalho por parte do capital, presentes na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Dentre os seus efeitos, ocorreu um processo de incorporação de novas tecnologias (bens de capital de fronteira tecnológica) e novos métodos de gestão, bem como uma elevação da produtividade do trabalho e, em consequência, uma elevação da eficiência e da competitividade empresarial. As novas tecnologias (altamente automatizada e informatizada) e o

crescimento econômico contido por meio de elevadas taxas de juros redundaram em elevadas taxas de desemprego. Estes processos foram determinantes para o desencadeamento das políticas públicas voltadas para a elevação dos níveis de escolaridade e formação profissional, impulsionada pelas instituições públicas de educação e pelo Sistema S e para a procura por parte dos trabalhadores por qualificação/requalificação profissional (e por emprego). Todavia, à medida que a elevação dos níveis de escolaridade e de formação profissional necessários eram alcançados pelos trabalhadores que excediam o número de trabalhadores presentes nos postos de trabalho, os seus salários recuavam ou estacionavam, o que significou a não transferência de uma parte das conquistas de produtividade para os salários, conforme assinalado anteriormente, bem como taxas elevadas de desempregados.

Dessa forma, os dados demonstram, de um lado, que a elevação dos níveis de escolaridade e de formação profissional somente foi determinante para a elevação dos níveis salariais sob certos contextos, como de sub-oferta de mão de obra qualificada e de elevada organização político-sindical dos trabalhadores. De outro lado, que a elevação do produto e da produtividade das empresas e setores econômicos cria as condições materiais para a transferência de parte das referidas elevações para os salários, mas que sem uma ação organizada dos trabalhadores ou de políticas públicas que atuem neste sentido, os ganhos serão absorvidos tão somente pelo capital, na forma da sua acumulação.

A economia brasileira, a partir dos anos 1990, articulada com base na abertura comercial, na desregulamentação econômica (em especial da acentuada desregulamentação do mercado de trabalho) e na privatização, configuram um contexto de elevação do padrão tecnológico e de avanços dos métodos de gestão produtivos flexíveis, o que redundam em acirramento de competitividade e elevação da produtividade. Assim, se estabeleceu um contexto caracterizado por um padrão de acumulação e financiamento capitalista, marcado pela progressiva oferta excedente de trabalhadores com níveis de escolaridade e de formação profissional, em constante elevação, como condição para a obtenção de emprego e para a preservação dos mesmos. A conquista de salários mais elevados - ou a pura e simples obtenção de emprego - ficou condicionada, em grande medida, à obtenção, por parte do trabalhador, de um diferencial profissional que ele tem que buscar adquirir por meio de novos cursos, que lhe permita 'novas habilidades e competências profissionais'. Mas esta 'vantagem' perdura até o momento em que os demais trabalhadores, também almejando melhorias salariais, alcancem as mesmas 'novas habilidades e competências profissionais'. Assim, ao ocorrer uma nova oferta excedente de trabalhadores com as habilidade e competências requeridas, os salários retroagem novamente - e a preservação do emprego fica ameaçado. Enfim, os trabalhadores estão expostos aos efeitos do "*Tradmill*" (escada rolante), em que a "fuga para frente" ocorre mediante o acompanhamento e adaptação às tecnologias emergentes e novos métodos de gestão por meio da busca pela formação educacional e profissional continuada.

Salienta-se que as faixas salariais das ocupações profissionais que integram as áreas de formação e profissionalização de Construção Civil, Informática, Mecânica e Eletrotécnica, quando recuam, em face da "oferta excedente" das mesmas, vivenciam este recuo até certo nível. De fato, tende a ocorrer uma importante presença da faixa salarial compreendida entre 3 e 5 salários mínimos, em especial nas ocupações presentes na indústria de transformação. A desagregação dos salários da faixa salarial compreendida entre 1 e 3 salários mínimos, provavelmente, evidenciaria uma grande

presença de trabalhadores recebendo entre 2 e 3 salários mínimos. Portanto, após uma elevação salarial inicial significativa, saída de um patamar extremamente baixo, tende a ocorrer, posteriormente, uma “acomodação instável”, em algum ponto médio entre o patamar de saída e o pico alcançado.

Os limites para este recuo, provavelmente, estejam relacionados a fatores como as disputas pela força de trabalho entre os diversos setores de atividade econômica (em especial a atratividade que os setores de comércio e serviços assumem a partir de um certo recuo salarial) e os salários dos trabalhadores que recebem menos (em especial dos trabalhadores operadores e de manutenção).

10.2. Composição do Estoque de Empregos Formais do Estado de Goiás

Conforme os dados da RAIS, de 2005, o estoque de empregos formais do Estado de Goiás era da ordem de 944.927 mil, o que representava aproximadamente 35% do total do número de empregados da Região Centro-Oeste, e 2,8% do total Brasil. Desse universo, a indústria de transformação absorvia 16,4% dos empregos, a Construção Civil 3,8%, o Comércio 18,3% (172.695), os serviços 54,9% (518.898) e a Agropecuária, Extrativismo Vegetal, Caça e Pesca 6,6% (62.357). As micros²⁰ e pequenas empresas, embora muito mais numerosas no Estado de Goiás (99% do total), detinham 48% do emprego. Por outro lado, as grandes empresas, apesar de dispor de apenas 0,2% do número de estabelecimentos, absorviam quase 34% do total de empregos formais.

Os dados referentes à participação setorial no número de empregados formais nos subsetores produtivos mais importantes do Estado de Goiás que integram o grande setor secundário (indústria de transformação e construção civil), em 2005, se distribuem da seguinte forma: o Subsetor de Fabricação de Produtos Alimentícios e Bebidas, com 39,9% do total da mão-de-obra empregada formalmente; o Subsetor de Construção Civil, com 24,4%; o Subsetor de Confecção e Artigo do Vestuário, com 12,7%; o Subsetor de Extração e Beneficiamento de Minérios, com 9,2%; o Subsetor de Fabricação de Produtos Farmacêuticos, com 4,7%; o Subsetor de Fabricação de Produtos Químicos, com 3,6%; o Subsetor de Fabricação de Artigos de Plástico, com 2,9%; e o Subsetor de Preparação de Couros e Calçados, com 2,4%.

A distribuição das faixas salariais do pessoal ocupado no setor formal da economia, no Estado de Goiás, se faz da seguinte forma: a) até 1 salário mínimo: 66.567 (7,1%); b) de 1 a 3 salários mínimos: 641.880 (68,2%); c) de 3 a 5 salários mínimos: 121.605 (12,9%); d) de 5 a 10 salários mínimos: 78.244 (8,3%); e) acima de 10 salários mínimos: 33.084 (3,5%).

10.3 Aspectos Referentes à Realidade Salarial dos Trabalhadores

Dados do DIEESE, apoiado em banco de dados do IBGE, demonstram que a distribuição dos ocupados por grupos de idade distribuem-se da seguinte forma: a) entre

²⁰ As dimensões das empresas do setor produtivo, em termos do número de empregados, podem ser microempresas, quando empregam até 20 trabalhadores, pequenas empresas, quando empregam de 21 a 100, médias empresas, quando empregam entre 101 e 500, e grandes empresas, quando empregam acima de 500 trabalhadores.

18 e 19 anos: 4,1%; b) entre 20 e 39 anos: 50,3%; c) entre 40 e 59 anos: 33,5% e d) entre 60 anos ou mais: 6,6% (DIEESE, 2008).

Os dados do Boletim Técnico referentes à distribuição de gênero, nas ocupações profissionais selecionadas que integram as áreas de formação e profissionalização de Construção Civil, Informática, Mecânica e Eletrotécnica, evidenciaram a pequena presença de trabalhadoras nas referidas ocupações profissionais. Esta realidade reflete a pequena presença feminina no Grande Setor Secundário – que agrega a indústria de transformação e a construção civil -, que é amplamente predominado por trabalhadores do sexo masculino. Salienta-se que neste Grande Setor predomina os contratos de trabalho por tempo indeterminado, com duração maior e salários mais elevados.

Por outro lado, a presença feminina é maior nas ocupações profissionais que integram a área de Informática. Esta realidade decorre da grande integração desta área no Grande Setor Terciário, que é amplamente predominado por trabalhadoras. Reforça-se que neste Grande Setor há forte presença de contratos por tempo determinado, o tempo de duração dos contratos são geralmente menores e os salários são mais baixos.

Estes são alguns dos fatores que concorrem para o fato do rendimento mensal médio real das trabalhadoras assalariadas, nas regiões metropolitanas e no Distrito Federal, em 2007, corresponder a aproximadamente 80% do rendimento médio real dos homens (DIEESE, 2008).

O DIEESE, apoiado em banco de dados do IBGE, referente ao nível de rendimento dos “trabalhadores ocupados”²¹, segundo os anos de estudo, em termos nacionais, em 2006, apresentou os seguintes dados: a) trabalhadores que recebiam até 1 salário mínimo: 30,9% dos trabalhadores ocupados, predominado por quem tem de 1 a 3 anos de estudos (21,2%), entre 4 a 7 (18,7%) e 8 a 10 (17,3%); b) trabalhadores que recebiam entre 1 e 3 salários mínimos: 40,2% dos trabalhadores ocupados, predominado por quem tem de 1 a 3 anos de estudo (16%), entre 4 a 7 (19,9%), 8 a 10 (23%) e 11 a 14 (26%) ; c) trabalhadores que recebiam entre 3 e 5 salários mínimos: 7,4% dos trabalhadores ocupados, predominado por quem tem de 4 a 7 anos de estudos (4,1%), 8 a 10 (5,8%), 11 a 14 (12%) e 15 ou mais (18,8%); d) trabalhadores que recebiam entre 5 e 10 salários mínimos: 6,3% dos trabalhadores ocupados, predominado por quem tem de 11 a 14 anos (9%) e 15 ou mais (28,7%); e) trabalhadores que recebiam acima de 10 salários mínimos: 3% dos trabalhadores ocupados, basicamente formado por quem tem 15 ou mais (22%); f) os trabalhadores sem rendimento: 10,8% por eram trabalhadores sem ocupação, predominado por quem tem até um ano de estudo (23,8%), 1 a 3 (20,4%), 4 a 7 (15,3%) e 8 a 10 (8,4%); g) trabalhadores que não declararam: 1,4%.

10.4. Aspectos Referentes à Demanda Ocupacional no Setor Secundário (Indústria de Transformação e Construção Civil)

A “Pesquisa de Identificação das Demandas por Capacitação Profissional e Serviços Técnicos e Tecnológicos na Indústria do Estado de Goiás”, conduzida pelo SENAI, em 2007, pode ser utilizada para a complementação e confrontação de dados e indicadores abstraídos pelo Boletim Técnico nº 1. Dentre as diversas conclusões, destaca-se as seguintes:

²¹ O IBGE compreende por trabalhadores ou população ocupada todo aquele que possui algum rendimento, estando ele sob emprego formal ou informal, e/ou que não procurou emprego nas 3 últimas semanas.

a) As ocupações ou funções essenciais para o funcionamento das empresas seriam as convencionais e, na maioria dos casos, vinculadas à atividade-fim, como é o caso de ajudantes de produção, operadores de máquinas, costureiros e pedreiros – na área de produção/operação; e soldadores, mecânico de manutenção de máquinas, eletricitas de manutenção industrial – na área de manutenção.

As principais ocupações/funções da área de produção que apresentavam a maior demanda por capacitação foram aquelas consideradas imprescindíveis para o funcionamento das empresas, quais sejam, auxiliares de produção, operadores de máquinas, mecânicos de manutenção e eletricitas de manutenção.

As principais demandas por capacitação profissional dos estabelecimentos pesquisados apontaram que a maioria das competências e habilidades com graus mais elevados de carências estavam vinculadas a áreas específicas, isto é, diretamente relacionada às linhas de produção dos segmentos pesquisados. A maioria das empresas das áreas de Mineração, Couro e Calçado, Farmacêutica e Química, indicaram muita necessidade. Com relação às áreas transversais, destacaram os conteúdos das áreas de Gestão, Saúde, Higiene e Segurança no Trabalho e Meio Ambiente, como as maiores demandas por capacitação.

Os cursos de graduação tecnológica foram considerados, no seu conjunto, de necessidade média ou de pouca necessidade. Nesse âmbito, foi realçado, como de grande necessidade, os cursos de Graduação em Automação Industrial, por parte dos Subsetores das Indústrias de Alimentos e Bebidas, de Couros e Calçados e Farmacêutica e Química.

As empresas indicaram a necessidade de ações e de pessoal qualificado para o desenvolvimento de ‘ações educativas preventivas nas empresas’ – orientações odontológicas, segurança no trabalho e em saúde.

As empresas apresentaram as seguintes demandas nos planos da administração e da gestão: 1) Gestão de Recursos Humanos (Capacitação por Competências e Avaliação de Competências em Processo Seletivo); 2) Gestão de Processo Produtivo (Planejamento e Controle de Produção – PCP); e 3) Gestão Empresarial (Implantação de Programas de Gestão pela Qualidade Total).

b) Foram identificadas dificuldades para contratar pessoal qualificado para as ocupações das áreas de produção e de manutenção, em especial as de Vestuário e as de Matérias Plásticas. Em todas as atividades econômicas investigadas, a maioria das ocupações citadas estava estritamente vinculada à atividade-fim, sendo que os principais tipos de dificuldades citadas foram a “falta de profissionais qualificados” e “profissionais sem escolaridade compatível”, explicitando, assim, a necessidade dessas empresas contarem com instituições voltadas para a formação profissional, em especial, a condução de qualificação profissional e de Educação de Jovens e Adultos.

c) Foram realçadas pelas empresas, em especial, aquelas que integram os Subsetores da Indústria de Alimentos e Bebidas e da Construção Civil, a grande necessidade da realização de projetos de Ensino de Jovens e Adultos de Nível Fundamental e de Nível Médio.

d) A superação dessas dificuldades tem levado 70% das empresas a promover iniciativas de realização e/ou contratação de atividades de capacitação para os seus trabalhadores. Todavia, grande parte dos estabelecimentos que promoviam a capacitação de seu pessoal encontrava dificuldades de fazê-la, destacando como um dos principais entraves a falta de cursos externos adequados à empresa e a dificuldade de conciliar a capacitação com o ritmo da produção.

e) Os principais problemas presentes nos trabalhadores operacionais (produção e manutenção) e identificados nos processos de formação profissional dessa mão-de-obra, por parte das empresas pesquisadas, foram: dificuldade para achar soluções e resolver problemas (iniciativa, criatividade etc.), dificuldade de comunicação por escrito, dificuldades de expressão e comunicação verbal, carência de conhecimento de matemática básica e falta de noções básicas de língua estrangeira, em especial o inglês.

Essa situação demanda, por parte das instituições voltadas para a formação profissional e tecnológica, iniciativas como o desenvolvimento de estratégias de sondagem das necessidades do mercado e a identificação das dificuldades estruturais, presentes nos trabalhadores que formarão a população alvo de cada processos formativos. Para tanto, faz-se necessário a condução de pesquisas e/ou contatos diretos e frequentes, no setor de atividade econômica delimitado territorialmente, com as próprias empresas e as entidades representativas das categorias de trabalhadores, promovendo, dessa forma, uma maior sintonia entre a oferta institucional de modalidades de ensino e de cursos e as necessidades específicas e gerais das referidas empresas e trabalhadores.

Considerações Finais

A metodologia adotada neste Boletim Técnico procura proporcionar indicadores e análises quantitativas e qualitativas que possam contribuir com a caracterização atual e a identificação de tendências acerca do mercado de trabalho formal e da demanda de oferta de educação profissional e tecnológica. Trata-se de uma metodologia de coleta/sistematização de dados, estabelecimento de indicadores e análises em processo de construção e de atualização permanente.

A esse propósito, chama-se a atenção para alguns aspectos. Em primeiro lugar, para o fato de que os bancos de dados passam por constante reformulação metodológica e técnica, o que não raramente acarreta modificações importantes na base de dados e, conseqüentemente, desvio padrão que podem comprometer, em linhas gerais, indicadores abstraídos anteriormente e análises realizadas. O IBGE e a RAIS, por exemplo, tem conduzido as referidas modificações, o que pode determinar nova coleta de dados e revisão de indicadores estabelecidos e análises realizadas. Em segundo lugar, as áreas que foram estudadas neste Boletim Técnico (Área de Construção Civil, Área de Informática, Área de Mecânica e Área de Eletrotécnica) poderão ser ampliadas. Tal ampliação ocorrerá a partir de solicitação das instâncias acadêmicas (coordenação de curso e de áreas) ou administrativas (Reitoria, pró-reitorias, diretorias e chefias de departamento). Em terceiro lugar, o Boletim Técnico demandará a realização da conclusão da série histórica compreendida entre 2006 e 2010, no ano de 2011. A conclusão dessa série histórica coincidirá com o momento da grande expansão da oferta de modalidades de ensino e de cursos por parte do IFG, por meio da consolidação dos seus diversos *campi* em processo de consolidação e das extensões a serem implantadas entre 2011 e 2012. Em quarto lugar, o Boletim Técnico, atualmente centrado, fundamentalmente, nas demandas, expectativas e territorialidades que condicionam o IFG, deve ser ampliado de modo a contemplar demandas e expectativas dos demais institutos federais que compartilham diretamente influências locais e regionais, a saber: o IFGoiano e o IFB. Esta compreensão e iniciativa assumem grande importância para um planejamento em termos de Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica no Estado de Goiás,

É necessário que se compreenda que os resultados alcançados pelo Boletim Técnico, mesmo em um contexto de ampliação das áreas de formação e profissionalização investigadas, de maior desenvolvimento da metodologia de estudo e pesquisa e de aperfeiçoamento do método de exposição dos resultados alcançados, devem ser complementados com outros estudos e pesquisas, tendo em vista proporcionar elementos consistentes para orientar a tomada de decisões por parte das diversas instâncias do IFG. Os resultados alcançados pelo Boletim Técnico devem ser acompanhados por pesquisas qualitativas e de campo, voltada para um objetivo concreto (oferta de curso, atuação em arranjo produtivo local, implantação de um projeto de extensão etc.), conduzidas em determinados níveis de territorialidades (municípios, municípios e regiões sob a sua influência, microrregiões e mesorregiões etc.), de modo a permitir complementar, confrontar e/ou qualificar os referidos resultados com dados, indicadores e análises de caráter empírico. Salienta-se que essa importância é ainda maior quando se trata do necessário desenvolvimento de metodologia própria para a análise do mercado de trabalho informal, periféricamente presente nas instituições e nas políticas públicas. É necessário que se tenha em mente, ainda, que os resultados alcançados pelo Boletim Técnico, mesmo quando complementados com pesquisas qualitativas e de campo, devem ser complementados, confrontados e/ou qualificados com fontes bibliográficas científicas e teóricas que acompanham o mercado de trabalho, as demandas das comunidades regionais/locais, as tendências tecnológicas, o perfil das profissões, e assim por diante. Estas fontes podem assumir grande importância para a elucidação de processos e dinâmicas econômicas, profissionais e educacionais, entre outras, em curso, nos territórios estudados.

O Boletim Técnico pode concorrer para o desenvolvimento de outras ferramentas, que podem assumir grande importância para a sintonia entre o IFG, IFGoiano e IFB e os mundos do trabalho e das empresas. Salienta-se a necessidade de criação de boletins setoriais, voltados para as grandes áreas de formação e profissionalização, de modo a abordar aspectos como demandas de empregos e realidades salariais, tendências setoriais, ocupacionais, educacionais e tecnológicas, número e características dos estabelecimentos econômicos etc.

Nesta perspectiva, o Boletim Técnico pode proporcionar elementos para balizar iniciativas como a oferta de modalidades de ensino e de cursos, o desenho das matrizes curriculares, a interação de instituições da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (IFG, IFGoiano e IFB) com arranjos (produtivos, sociais e culturais) locais, bem como subsidiar a atuação de outras organizações sociais, em especial, aquelas que se referencie no mundo do trabalho. O estabelecimento destas mediações, ao lado do desenvolvimento da metodologia de estudo e pesquisa e do método de exposição dos resultados, também se constitui em um desafio para que o Boletim Técnico possa cumprir o papel de instrumento voltado para a expansão com qualidade da Rede federal de Educação Profissional e Tecnológica, em especial do IFG.

Finalmente, enfatiza-se que dados, indicadores e análises que a equipe técnica do Observatório do Mundo do Trabalho e da EPT - Região Centro-Oeste possa desenvolver, ainda que por meio de um processo de desenvolvimento mais rigoroso e sofisticado dos métodos de estudos e pesquisas adotados, acerca de aspectos como tendências de desenvolvimento dos setores de atividade econômica e de comportamento das ocupações profissionais, somente poderão assumir significado pleno quando investigado pelos dirigentes e pelos docentes e servidores técnico-administrativos envolvidos com as diversas áreas de formação e profissionalização investigadas e as

territorialidades em que se fazem presentes os institutos federais. Portanto, as leituras que estes profissionais possam realizar acerca de dados, indicadores e análises conduzidas pela equipe técnica do Observatório podem proporcionar o estabelecimento de novos indicadores e a condução de análises mais ricas e complexas do que aquelas, assegurando maior significado aos conteúdos do Boletim Técnico e maior embasamento nas tomadas de decisões administrativas e acadêmicas.

11. Referências Bibliográficas

CARVALHO, Veridiana Ramos da Silva. **A Restrição Externa e a Perda de Dinamismo da Economia Brasileira: Investigando as Relações entre Estrutura Produtiva e Crescimento Econômico**. Rio de Janeiro: BNDES, 2007.

BRASIL. MEC. SETEC. **Políticas Públicas para a Educação Profissional (Proposta em Discussão)**. SETEC/MEC: Brasília, 2004. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/p_publicas.pdf>. Acesso em 10/02/2008.

BRASIL. MTE. CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES (CBO 1995 e 2002). Descrição Metodológica. Disponíveis em < <http://www.mteco.gov.br>>. Acesso em 13/08/2008.

DIEESE. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. Escritório Nacional. **Anuário dos Trabalhadores 2007**. São Paulo: DIEESE, 2008.

FRANCO, Gustavo H. B. *A inserção Externa e o Desenvolvimento*. **Revista de Economia Política**, vol. 18, nº 3 (71), julho-setembro/1998.

GIAMBIAGI, Fabio; MOREIRA, Maurício (Org.). **A Economia Brasileira nos Anos 90**. Rio de Janeiro: BNDES, 1999.

GOIÁS. Governo do Estado de Goiás. **Secretaria do Planejamento do Estado de Goiás. Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação – SEPIN/SEPIN**. Disponível em: <<HTTP://portalsepin.seplan.go.gov.br/>> 2008. Acesso em: 10 ago. 2008.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<HTTP://www.ibge.gov.br>> 2008. Acesso em: 20 ago. 2008.

IFG. Instituto Federal Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. Sistema de Informação Gerencial. Goiânia: IF Goiás, 2008.

KON, Anita. **Qualificação e Trabalho: Atributos de Gênero e Segmentação no Brasil**. XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Ouro Preto: 2002. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_TRB_ST2_Kon_texto.pdf

MEC. Ministério da Educação. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP**. Disponível em: <http://www.educacaosuperior.inep.gov.br/>.

MDIC. Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Disponível em: www.desenvolvimento.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=5&menu=608.

MTE. Ministério do Trabalho e do Emprego. **Relação Anual de Informações Sociais**. Disponível em: <<HTTP://sgt.caged.gov.br/index.asp>> 2008. Acesso em: 10 ago. 2008.

NETO, Romeu e Silva. ET AL. Projeto de desenvolvimento, implantação, suporte e manutenção do Observatório Nacional do Trabalho e da Educação Profissional e Tecnológica. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**. MEC. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. v. 1, n. 1, p. 99-117, jun. 2008. Brasília: MEC, SETEC, 2008.

SENAI. Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial. Escritório Nacional. **Pesquisa de identificação das demandas por capacitação profissional e serviços técnicos e tecnológicos na indústria do Estado de Goiás**. Versão Preliminar. Brasília: SENAI/DN. 2007.

APÊNDICE A: Tabelas²² Utilizadas na Elaboração dos Gráficos do Boletim Técnico nº 2.

Tabela 5.1: Número de Trabalhadores nos Setores de Atividade Econômica nas Mesorregiões do Estado de Goiás - 2005. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2008).

Setores	Noroeste Goiano	Norte Goiano	Centro Goiano	Leste Goiano	Sul Goiano	TOTAL
Indústria	3.965	4.955	102.871	7.492	36.068	155.351
Construção Civil	793	562	27.961	1.561	4.749	35.626
Comércio	2.750	4.299	114.457	14.417	36.772	172.695
Serviços	10.054	13.953	378.995	38.062	77.834	518.898
Agropecuária, Extrativismo Vegetal, Caça e Pesca	5.939	2.533	14.566	8.907	30.412	62.357
TOTAL	23.501	26.302	638.850	70.439	185.835	944.927

Tabela 5.2: Número de Trabalhadores por Escolaridade, nas Mesorregiões do Estado de Goiás - 2005. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2008).

Escolaridade	Noroeste Goiano	Norte Goiano	Centro Goiano	Leste Goiano	Sul Goiano	GOIÁS
Analfabeto	420	275	2.793	760	3.996	8.244
Fundamental Incompleto	9.741	8.509	156.940	20.160	65.945	261.295
Fundamental	5.488	6.701	198.786	20.417	48.624	280.016
Médio	6.230	9.315	193.187	25.085	53.563	287.380
Superior	1.622	1.502	87.144	4.017	13.707	107.992
TOTAL	23.501	26.302	638.850	70.439	185.835	944.927

Tabela 5.3: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial nas Mesorregiões do Estado de Goiás - 2005. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2008).

Faixa Salarial	Noroeste Goiano	Norte Goiano	Centro Goiano	Leste Goiano	Sul Goiano	TOTAL
Até 1 SM	3.024	3.564	37.803	5.668	16.508	66.567
1,01 a 3 SM	17.486	18.300	416.949	52.984	136.161	641.880
3,01 a 5 SM	1.733	2.514	90.030	7.665	19.663	121.605
5,01 a 10 SM	902	1.361	64.053	2.719	9.209	78.244
Acima de 10 SM	306	488	27.834	966	3.490	33.084
IGNORADO	50	75	2.181	437	804	3.547
TOTAL	23.501	26.302	638.850	70.439	185.835	944.927

²² A numeração das tabelas corresponde a numeração dos gráficos gerados pelas mesmas. Salienta-se que a numeração dos gráficos e tabelas acompanha a numeração dos subtítulos.

Tabela 6.1: Número de Trabalhadores nos Subsetores de Atividade Econômica na Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Setores	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Extrativa Mineral	1.822	857	697	761	1.020	1.273
Indústria de Produtos Minerais não Metálicos	958	1.379	938	1.667	1.793	2.997
Indústria Metalúrgica	635	650	716	1.337	1.468	1.989
Indústria Mecânica	59	65	3	204	314	1.479
Indústria do Material Elétrico e de Comunicações	0	6	13	13	85	72
Indústria do Material de Transporte	0	0	63	471	1.363	2.345
Indústria da Madeira e do Mobiliário	396	259	216	302	333	625
Indústria do Papel, Papelão, Editorial e Gráfica	138	159	222	296	635	868
Indústria da Borracha, Fumo, Couro, Peles, Similares, Ind. diversas	167	55	186	241	460	1.203
Indústria Química de Produtos Farmacêuticos, Veterinários, Perfumaria	153	317	1.222	844	2.007	12.608
Indústria Têxtil do Vestuário e Artefatos de Tecidos	233	409	936	2.396	2.373	2.753
Indústria de Calçados	50	55	500	46	41	50
Indústria de Produtos Alimentícios, Bebidas, Álcool Etílico	3.850	3.629	8.443	10.261	23.438	33.033
Serviços Industriais de Utilidade Pública	297	91	611	539	738	1.063
Construção Civil	2.755	1.151	2.527	2.568	4.749	8.806
Comércio Varejista	9.195	11.782	12.752	20.902	33.532	46.492
Comércio Atacadista	958	1.146	1.715	2.180	3.240	5.171
Instituições de Crédito, Seguros e Capitalização	4.952	3.572	2.634	1.954	2.048	2.866
Comércio e Administração de Imóveis, Valores Mobiliários, Serv. Técnico	3.131	4.740	1.769	4.112	7.119	10.397
Transportes e Comunicações	1.257	1.426	3.658	4.270	5.574	9.388
Serviços de Alojamento, Alimentação, Reparação, Manutenção, Redação...	4.390	5.719	5.459	9.582	13.905	16.877
Serviços Médicos, Odontológicos e Veterinários	1.320	1.440	2.378	3.293	3.334	4.495
Ensino	183	375	1.974	2.751	4.381	5.350
Administração Pública Direta e Autárquica	11.701	13.809	23.335	25.136	41.473	48.285
Agricultura, Silvicultura, Criação de Animais, Extrativismo Vegetal	728	2.860	12.198	22.097	30.412	42.892
Outros/Ignorado	131	3.648	784	0	0	0
TOTAL	49.459	59.599	85.949	118.223	185.835	263.377

Tabela 6.2: Número de Trabalhadores nos Principais* Subsetores de Atividade Econômica na Mesorregião Sul Goiano - 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Setores	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	3850	3629	8443	10261	23438	33.033
Comércio varejista	9195	11782	12752	20902	33532	46.492
Com. e administração de imóveis, valores mobiliários, serv. técnico...	3131	4740	1769	4112	7119	10.397
Serv. de alojamento, alimentação, reparação, manutenção, redação, r...	4390	5719	5459	9582	13905	16.877
Administração pública direta e autárquica	11701	13809	23335	25136	41473	48.285
Agricultura, silvicultura, criação de animais, extrativismo vegetal...	728	2860	12198	22097	30412	42.892
Construção civil	2755	1151	2527	2568	4749	8.806
Indústria mecânica	59	65	3	204	314	1.479
Indústria metalúrgica	635	650	716	1.337	1.468	1.989
TOTAL	35.750	43.690	66.483	94.658	154.628	210.250

Tabela 6.3: Número de Trabalhadores nos Subsetores de Atividade Econômica na Microrregião Sudoeste de Goiás – 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Setores	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Extrativa Mineral	184	62	110	87	135	179
Indústria de produtos minerais não metálicos	55	177	82	130	207	437
Indústria Metalúrgica	72	106	116	382	474	624
Indústria Mecânica	8	1	0	39	137	508
Indústria do material elétrico e de comunicações	0	5	7	9	75	47
Indústria do material de transporte	0	0	31	38	61	38
Indústria da madeira e do mobiliário	194	120	55	85	120	157
Indústria do papel, papelão, editorial e gráfica	58	72	92	142	456	623
Indústria da borracha, fumo, couros, peles, similares, Ind. Diversas	14	21	64	51	145	207
Indústria química de produtos farmacêuticos, veterinários, perfumaria...	145	286	13	137	503	5652
Indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos	166	221	376	780	714	880
Indústria de calçados	7	13	7	18	10	6
Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	1.443	651	2.669	4.303	11.542	15372
Serviços industriais de utilidade pública	73	20	202	134	319	432
Construção Civil	675	147	380	1.039	1.896	3199
Comércio varejista	3.819	4.717	5.343	8.599	14.144	18695
Comércio atacadista	458	467	810	1.130	1.737	2557
Instituições de créditos, seguros e capitalização	1.726	1.236	944	773	894	1187
Comércio e administração de imóveis, valores mobiliários, serv. técnicos...	1.360	1.895	501	1.050	1.856	3630
Transportes e comunicações	410	591	1.515	1.826	2.457	4080
Serviços de alojamento, alimentação, reparação, manutenção, redação...	1.449	1.560	993	3.742	5.939	5298
Serviços médicos, odontológicos e veterinários	634	749	1.099	1.388	1.618	2146
Ensino	96	145	852	1.160	1.895	2304
Administração pública, direta e autárquica	3.407	4.670	7.269	7.400	13.351	16214
Agricultura, silvicultura, criação de animais, extrativismo vegetal...	83	741	4.318	7.889	12.119	18311
TOTAL	16536	18673	27848	42331	72804	102783

Tabela 6.4: Número de Trabalhadores nos Principais Subsetores de Atividade Econômica na Microrregião Sudoeste de Goiás – 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Setores	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	1443	651	2669	4303	11542	15372
Construção civil	675	147	380	1039	1896	3199
Comércio varejista	3819	4717	5343	8599	14144	18695
Com. e administração de imóveis, valores mobiliários, serv. técnico...	1360	1895	501	1050	1856	3630
Administração pública direta e autárquica	3407	4670	7269	7400	13351	16214
Agricultura, silvicultura, criação de animais, e extrativismo vegetal...	83	741	4318	7889	12119	18311
Serv. de alojamento, alimentação, reparação, manutenção, redação, r...	1449	1560	993	3742	5939	5298
TOTAL	12236	14381	21473	34022	60847	49975

Tabela 6.5: Número de Trabalhadores nos Subsetores de Atividade Econômica na Microrregião Meia Ponte – 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Setores	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Extrativa Mineral	98	78	85	98	111	99
Indústria de produtos minerais não metálicos	104	105	110	293	364	532
Indústria Metalúrgica	35	35	147	284	346	511
Indústria Mecânica	50	62	3	27	58	168
Indústria do material elétrico e de comunicações	0	1	5	4	6	9
Indústria do material de transporte	0	0	31	28	38	38
Indústria da madeira e do mobiliário	127	62	107	126	81	141
Indústria do papel, papelão, editorial e gráfica	56	55	90	106	102	132
Indústria da borracha, fumo, couros, peles, similares, Ind. Diversas	75	27	84	123	179	783
Indústria química de produtos farmacêuticos, veterinários, perfumaria...	1	9	91	170	308	1587
Indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos	62	169	200	841	772	790
Indústria de calçados	18	19	483	13	16	16
Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	1.240	1.441	2.358	3.069	5.629	7572
Serviços industriais de utilidade pública	178	71	314	248	249	492
Construção Civil	1.677	735	1.728	1.000	2.111	2386
Comércio varejista	3.233	3.958	4.022	6.237	10.100	14451
Comércio atacadista	405	507	486	596	815	1107
Instituições de créditos, seguros e capitalização	1.533	1.129	814	556	580	753
Comércio e administração de imóveis, valores mobiliários, serv. técnicos...	1.203	1.641	973	1.922	3.906	4723
Transportes e comunicações	536	585	1.149	1.684	1.839	2614
Serviços de alojamento, alimentação, reparação, manutenção, redação...	2.034	3.173	3.523	4.152	5.252	7989
Serviços médicos, odontológicos e veterinários	290	319	576	991	850	898
Ensino	52	142	622	987	1.326	1383
Administração pública, direta e autárquica	3.535	2.966	6.041	7.305	12.024	14487
Agricultura, silvicultura, criação de animais, extrativismo vegetal...	374	1.142	3.507	5.725	5.489	9344
TOTAL	16916	18431	27549	36585	52551	73005

Tabela 6.6: Número de Trabalhadores nos Principais Subsetores de Atividade Econômica na Microrregião Meia Ponte – 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Setores	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	1240	1441	2358	3069	5629	7572
Construção civil	1677	735	1728	1000	2111	2386
Com. e administração de imóveis, valores mobiliários, serv. técnico...	1203	1641	973	1922	3906	4723
Serv. de alojamento, alimentação, reparação, manutenção, redação, r...	2034	3173	3523	4152	5252	7989
Agricultura, silvicultura, criação de animais, extrativismo vegetal...	374	1142	3507	5725	5489	9344
Comércio varejista	3233	3958	4022	6237	10100	14451
Administração pública direta e autárquica	3535	2966	6041	7305	12024	14487
TOTAL	13296	15056	22152	29410	44511	45808

Tabela 6.7: Número de Trabalhadores por Gênero no Subsetor da Construção Civil. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Construção Civil						
Gênero	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Masculino	2698	1068	2428	2449	4474	8.292
Feminino	57	83	99	119	275	514
Total	2755	1151	2527	2568	4749	8.806

Tabela 6.8: Número de Trabalhadores por Faixa Etária no Subsetor da Construção Civil. Mesorregião Sul Goiano – (1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010). Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Construção Civil						
Faixa Etária	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Ate 17 anos	5	20	23	23	37	39
18 a 24 anos	639	241	530	540	835	1.508
25 a 29 anos	557	216	444	491	836	1.508
30 a 39 anos	865	348	768	724	1483	2.604
40 a 49 anos	480	208	512	507	956	1.823
50 a 64 anos	182	103	233	266	573	1.268
65 ou mais	2	3	9	15	29	56
Total	2725	1119	2496	2543	4712	8.806

Tabela 6.9: Número de Trabalhadores por Escolaridade no Subsetor da Construção Civil. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Construção Civil						
Escolaridade	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Analfabeto	268	45	117	80	131	131
Fundamental Incompleto	2068	768	1868	1845	2770	3660
Fundamental Completo	266	185	372	457	1231	2888
Médio	117	129	124	150	470	1887
Superior	36	24	36	36	147	240
TOTAL	2755	1151	2517	2568	4749	8.806

Tabela 6.10: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial no Subsetor da Construção Civil. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Construção Civil						
Faixa Salarial	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Até 1 SM	95	52	64	71	107	401
1,01 a 3 SM	1945	562	1485	2027	4043	6563
3,01 a 5 SM	460	254	562	365	397	1227
5,01 a 10 SM	143	166	283	77	145	449
Acima de 10 SM	77	91	118	13	28	99
TOTAL	2720	1125	2512	2553	4720	8739

Tabela 6.11: Número de Trabalhadores por Gênero no Subsetor da Indústria de Produtos Alimentícios, Bebidas e Álcool Etílico. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Indústria de Produtos Alimentícios, Bebidas e Álcool Etílico						
Gênero	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Masculino	3272	3125	7386	8249	17767	23.275
Feminino	578	504	1057	2012	5671	9.758
Total	3850	3629	8443	10261	23438	33.033

Tabela 6.12: Número de Trabalhadores por Faixa Etária no Subsetor da Indústria de Produtos Alimentícios, Bebidas e Álcool Etílico. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Indústria de Produtos Alimentícios, Bebidas e Álcool Etílico						
Faixa Etária	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Até 17 anos	199	95	197	93	166	229
18 a 24 anos	1104	1090	2249	3033	8087	9.397
25 a 29 anos	704	776	1864	2287	5405	7.784
30 a 39 anos	949	977	2495	3024	5951	9.430
40 a 49 anos	573	447	1123	1295	2806	4.407
50 a 64 anos	273	209	464	503	969	1.720
Acima de 65 anos	8	13	21	26	54	66
TOTAL	3810	3607	8413	10261	23438	33.033

Tabela 6.13: Número de Trabalhadores por Escolaridade no Subsetor da Indústria de Produtos Alimentícios, Bebidas e Álcool Etílico. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Indústria de Produtos Alimentícios, Bebidas e Álcool Etílico						
Escolaridade	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Analfabeto	139	101	250	291	211	232
Fundamental Incompleto	2847	2300	5239	4753	8940	11688
Fundamental	483	716	1671	2694	6988	7888
Médio	311	438	1074	2019	6644	11715
Superior	70	74	181	504	655	1510
TOTAL	3850	3629	8415	10261	23438	33.033

Tabela 6.14: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial no Subsetor da Indústria de Produtos Alimentícios, Bebidas e Álcool Etílico. Mesorregião Sul Goiano - 1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Indústria de Produtos Alimentícios, Bebidas e Álcool Etílico						
Faixa Salarial	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Até 1 SM	186	105	358	377	656	828
1,01 a 3 SM	3142	2248	4609	6903	18258	26889
3,01 a 5 SM	334	733	2065	1727	2993	3334
5,01 a 10 SM	96	371	984	849	1079	1240
Acima de 10 SM	44	134	384	381	383	330
TOTAL	3802	3591	8400	10237	23369	33.033

Tabela 6.15: Número de Trabalhadores por Gênero no Subsetor de Serviços de Alojamento, Alimentação, Reparação, Manutenção e Redação. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Serviços de Alojamento, Alimentação, Reparação, Manutenção e Redação						
Gênero	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Masculino	2736	3312	3299	6110	8371	8.114
Feminino	1654	2407	2160	3472	5534	8.763
Total	4390	5719	5459	9582	13905	16.877

Tabela 6.16: Número de Trabalhadores por Faixa Etária no Subsetor de Serviços de Alojamento, Alimentação, Reparação, Manutenção e Redação. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Serviços de Alojamento, Alimentação, Reparação, Manutenção e Redação						
Faixa Etária	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Até 17 anos	125	261	376	376	321	430
18 a 24 anos	1.062	1.465	1.294	2.244	3.351	3.616
25 a 29 anos	835	1.033	1.040	1.759	2.545	2.844
30 a 39 anos	1.328	1.607	1.419	2.801	3.916	4.716
40 a 49 anos	706	848	811	1.570	2.456	3.409
50 a 64 anos	275	432	467	775	1.235	1.759
65 ou mais	14	27	24	54	81	103
TOTAL	4.345	5.673	5.431	9.579	13.905	16.877

Tabela 6.17: Número de Trabalhadores por Escolaridade no Subsetor de Serviços de Alojamento, Alimentação, Reparação, Manutenção e Redação. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Serviços de Alojamento, Alimentação, Reparação, Manutenção e Redação						
Escolaridade	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Analfabeto	138	185	180	123	1972	92
Fundamental Incompleto	2569	3142	3066	5212	4105	4227
Fundamental Completo	728	1188	1282	2379	3578	5306
Médio	620	706	771	1631	3687	6272
Superior	335	498	108	237	563	980
TOTAL	4390	5719	5407	9582	13905	16.877

Tabela 6.18: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial no Subsetor de Serviços de Alojamento, Alimentação, Reparação, Manutenção e Redação. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Serviços de Alojamento, Alimentação, Reparação, Manutenção e Redação						
Faixa Salarial	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Até 1 SM	1082	677	775	1271	1830	2077
1,01 a 3 SM	2575	3894	3443	6258	10312	13518
3,01 a 5 SM	180	714	774	1039	948	759
5,01 a 10 SM	89	247	360	434	435	246
Acima de 10 SM	28	103	83	119	87	85
TOTAL	3954	5635	5435	9121	13612	17069

Tabela 6.19: Número de Trabalhadores por Gênero no Subsetor de Comércio e Administração de Imóveis, Valores Mobiliários e Serviços Técnicos. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Comércio e Administração de Imóveis, Valores Mobiliários e Serviços Técnicos						
Gênero	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Masculino	2562	3773	1097	2688	4594	6.093
Feminino	569	967	672	1424	2525	4.304
Total	3131	4740	1769	4112	7119	10.397

Tabela 6.20: Número de Trabalhadores por Faixa Etária no Subsetor de Comércio e Administração de Imóveis, Valores Mobiliários e Serviços Técnicos. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Comércio e Administração de Imóveis, Valores Mobiliários e Serviços Técnicos						
Faixa Etária	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Até 17 anos	99	178	73	113	128	208
18 a 24 anos	980	1256	586	1192	1886	2.493
25 a 29 anos	644	1043	364	855	1504	2.112
30 a 39 anos	840	1196	437	1155	2055	3.114
40 a 49 anos	349	674	196	520	1048	1.607
50 a 64 anos	173	335	99	261	474	829
65 ou mais	12	21	6	16	23	33
TOTAL	3097	4703	1761	4112	7118	10.396

Tabela 6.21: Número de Trabalhadores por Escolaridade no Subsetor de Comércio e Administração de Imóveis, Valores Mobiliários e Serviços Técnicos. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Comércio e Administração de Imóveis, Valores Mobiliários e Serviços Técnicos						
Escolaridade	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Analfabeto	97	169	38	105	52	50
Fundamental Incompleto	1579	2476	817	1701	2237	2046
Fundamental Completo	695	1088	386	929	1.986	2638
Médio	628	830	437	1215	2.474	4731
Superior	132	177	69	162	370	932
TOTAL	3131	4740	1747	4112	7119	10.397

Tabela 6.22: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial no Subsetor de Comércio e Administração de Imóveis, Valores Mobiliários e Serviços Técnicos. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Comércio e Administração de Imóveis, Valores Mobiliários e Serviços Técnicos						
Faixa Salarial	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Até 1 SM	331	250	295	544	796	1157
1,01 a 3 SM	1957	2578	1141	2913	5461	8042
3,01 a 5 SM	420	997	213	373	493	711
5,01 a 10 SM	304	642	81	167	226	333
Acima de 10 SM	66	217	35	95	98	98
TOTAL	3078	4684	1765	4092	7074	10.341

Tabela 6.23: Número de Trabalhadores por Gênero no Subsetor da Agricultura, silvicultura, criação de animais e extrativismo vegetal. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Agricultura, silvicultura, criação de animais e extrativismo vegetal						
Gênero	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Masculino	692	2605	11378	20068	26538	36.047
Feminino	36	255	820	2029	3874	6.845
Total	728	2860	12198	22097	30412	42.892

Tabela 6.24: Número de Trabalhadores por Faixa Etária no Subsetor da Agricultura, silvicultura, criação de animais e extrativismo vegetal. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Agricultura, silvicultura, criação de animais e extrativismo vegetal						
Faixa Etária	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Até 17 anos	9	171	248	202	179	188
18 a 24 anos	151	668	2018	3857	4523	6.401
25 a 29 anos	162	544	2195	3890	5175	6.922
30 a 39 anos	230	752	3890	7282	10004	13.631
40 a 49 anos	114	407	2261	4243	6515	9.694
50 a 64 anos	53	251	1370	2455	3788	5.757
65 ou mais	0	20	91	165	227	299
TOTAL	719	2813	12073	22094	30411	42.892

Tabela 6.25: Número de Trabalhadores por Escolaridade no Subsetor da Agricultura, silvicultura, criação de animais e extrativismo vegetal. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Agricultura, silvicultura, criação de animais e extrativismo vegetal						
Escolaridade	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Analfabeto	28	236	790	1304	1001	937
Fundamental Incompleto	582	2108	9963	16756	20288	22685
Fundamental Completo	53	242	778	2839	6120	10828
Médio	46	190	402	967	2451	7170
Superior	19	84	115	231	552	1272
TOTAL	728	2860	12048	22097	30412	42.892

Tabela 6.26: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial no Subsetor da Agricultura, silvicultura, criação de animais e extrativismo vegetal. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Agricultura, silvicultura, criação de animais e extrativismo vegetal						
Faixa Salarial	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Até 1 SM	62	84	2296	2627	3541	3891
1,01 a 3 SM	577	1875	7772	16546	22730	32637
3,01 a 5 SM	45	564	1344	2106	2987	4646
5,01 a 10 SM	31	230	524	559	722	998
Acima de 10 SM	0	73	216	191	200	310
TOTAL	715	2826	12152	22029	30180	43302

Tabela 6.27: Número de Trabalhadores por Gênero no Subsetor da Indústria Mecânica. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Indústria Mecânica						
Gênero	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Masculino	48	51	3	187	296	1.354
Feminino	11	14	0	17	18	125
Total	59	65	3	204	314	1.479

Tabela 6.28: Número de Trabalhadores por Faixa Etária no Subsetor da Indústria Mecânica. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Indústria Mecânica						
Faixa Etária	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Até 17 anos	1	6	0	1	5	29
18 a 24 anos	27	23	2	81	69	426
25 a 29 anos	16	14	1	59	78	375
30 a 39 anos	8	14	0	46	95	412
40 a 49 anos	5	3	0	11	45	159
50 a 64 anos	2	5	0	6	22	75
65 ou mais	0	0	0	0	0	3
TOTAL	59	65	3	204	314	1.479

Tabela 6.29: Número de Trabalhadores por Escolaridade no Subsetor da Indústria Mecânica. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Indústria Mecânica						
Escolaridade	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Analfabeto	1	0	0	1	1	6
Fundamental Incompleto	23	32	2	36	120	228
Fundamental Completo	19	20	1	21	71	300
Médio	14	13	0	107	93	850
Superior	2	0	0	39	29	95
TOTAL	59	65	3	204	314	1.479

Tabela 6.30: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial no Subsetor da Indústria Mecânica. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Indústria Mecânica						
Faixa Salarial	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Até 1 SM	42	5	0	5	5	44
1,01 a 3 SM	15	46	3	52	129	989
3,01 a 5 SM	0	11	0	72	89	309
5,01 a 10 SM	0	3	0	47	70	91
Acima de 10 SM	0	0	0	27	19	45
TOTAL	57	65	3	203	312	1.478

Tabela 6.31: Número de Trabalhadores por Gênero no Subsetor da Indústria Metalúrgica. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Indústria Metalúrgica						
Gênero	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Masculino	614	624	652	1222	1307	1.748
Feminino	21	26	64	115	161	241
Total	635	650	716	1337	1468	1.989

Tabela 6.32: Número de Trabalhadores por Faixa Etária no Subsetor da Indústria Metalúrgica. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Indústria Metalúrgica						
Faixa Etária	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Até 17 anos	6	14	12	37	33	62
18 a 24 anos	115	118	166	380	372	469
25 a 29 anos	143	105	114	260	279	401
30 a 39 anos	235	222	206	355	398	555
40 a 49 anos	99	129	167	243	277	334
50 a 64 anos	34	55	47	60	109	164
65 ou mais	0	2	0	1	0	4
TOTAL	632	645	712	1336	1468	1.989

Tabela 6.33: Número de Trabalhadores por Escolaridade no Subsetor da Indústria Metalúrgica. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Indústria Metalúrgica						
Escolaridade	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Analfabeto	5	13	12	10	9	4
Fundamental Incompleto	457	431	377	705	500	378
Fundamental Completo	122	170	291	519	682	538
Médio	2	5	13	21	41	931
Superior	22	12	18	32	75	138
TOTAL	608	650	716	1337	1468	1.989

Tabela 6.34: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial no Subsetor da Indústria Metalúrgica. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Indústria Mecânica						
Faixa Salarial	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Até 1 SM	28	45	88	75	75	118
1,01 a 3 SM	242	270	245	727	843	1206
3,01 a 5 SM	191	206	128	278	263	402
5,01 a 10 SM	138	100	181	159	175	169
Acima de 10 SM	34	26	69	67	69	80
TOTAL	635	650	716	1337	1468	1975

Tabela 6.35: Número de Trabalhadores por Gênero no Subsetor de Comércio Varejista. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Comércio Varejista						
Gênero	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Masculino	6820	8283	8511	13717	19931	26.069
Feminino	2375	3499	4241	7185	13601	20.423
Total	9195	11782	12752	20902	33532	46.492

Tabela 6.36: Número de Trabalhadores por Faixa Etária no Subsetor de Comércio Varejista. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Comércio Varejista						
Faixa Etária	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Até 17 anos	715	960	753	1054	1502	1.842
18 a 24 anos	3713	4381	4364	7601	11711	15.230
25 a 29 anos	1837	2415	2840	4220	6532	9.154
30 a 39 anos	1759	2468	3007	5094	8241	11.486
40 a 49 anos	688	936	1145	2074	3878	6.023
50 a 64 anos	309	487	531	811	1567	2.620
65 ou mais	23	45	36	46	101	136
Ignorado	151	90	76	2	0	1
TOTAL	9195	11782	12752	20902	33532	46.492

Tabela 6.37: Número de Trabalhadores por Escolaridade no Subsetor de Comércio Varejista. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Comércio Varejista						
Escolaridade	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Analfabeto	169	294	173	115	101	87
Fundamental Incompleto	3999	4800	4905	6524	7087	6389
Fundamental Completo	3033	4015	4190	8081	12924	14919
Médio	1711	2109	2935	5536	12201	22957
Superior	168	309	394	646	1219	2140
Ignorado	115	255	155	0	0	0
TOTAL	9195	11782	12752	20902	33532	46.492

Tabela 6.38: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial no Subsetor de Comércio Varejista. Mesorregião Sul Goiano -1985, 1990, 1995, 2000, 2005, 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Comércio Varejista						
Faixa Salarial	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Até 1 SM	2456	1627	2001	21	5191	6897
1,01 a 3 SM	5694	7634	8249	14316	24870	36053
3,01 a 5 SM	647	1417	1362	1658	2144	2313
5,01 a 10 SM	263	727	873	880	1031	923
Acima de 10 SM	72	202	237	194	224	109
Ignorado	63	175	30	22	72	197
TOTAL	9195	11782	12752	20902	33532	46.492

Tabela 7.1: Número de Trabalhadores por Gênero na Ocupação: Técnicos de Edifagrimensura, Estradas e Saneamento e trabalhadores assemelhados. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Técnicos de Edifagrimensura, Estradas e Saneamento e trabalhadores assemelhados				
Gênero	1985	1990	1995	2000
Masculino	120	101	119	33
Feminino	4	6	5	2
TOTAL	124	107	124	35

Tabela 7.2: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na Ocupação: Técnicos em Edifagrimensura, Estradas e Saneamento e trabalhadores assemelhados. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Técnicos em Edifagrimensura, Estradas e Saneamento e trabalhadores assemelhados				
Faixa Etária	1985	1990	1995	2000
10 a 14 anos	0	0	0	0
15 a 17 anos	0	4	0	0
18 a 24 anos	32	10	5	5
25 a 29 anos	20	12	11	5
30 a 39 anos	52	36	51	10
40 a 49 anos	17	24	45	12
50 a 64 anos	3	19	12	2
65 anos ou mais	0	2	0	1
TOTAL	124	107	124	35

Tabela 7.3: Número de Trabalhadores por Escolaridade na Ocupação: Técnicos em Edifagrimensura, Estradas e Saneamento e trabalhadores assemelhados. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Técnicos em Edifagrimensura, Estradas e Saneamento e trabalhadores assemelhados				
Escolaridade	1985	1990	1995	2000
Analfabeto	0	1	0	0
Fundamental Incompleto	54	31	40	16
Fundamental	16	18	10	2
Ensino Médio Completo	49	42	60	15
Superior	5	15	14	2
TOTAL	124	107	124	35

Tabela 7.4: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na Ocupação: Técnicos em Edifagrimensura, Estradas e Saneamento e trabalhadores assemelhados. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Técnicos em Edifagrimensura, Estradas e Saneamento e trabalhadores assemelhados				
Faixa Salarial	1985	1990	1995	2000
Até 1 SM	8	2	2	1
De 1,01 a 3 SM	45	17	18	18
De 3,01 a 5 SM	25	18	14	5
De 5,01 a 10 SM	30	25	24	10
Acima de 10,01 SM	16	45	66	1
TOTAL	124	107	124	35

Tabela 7.5: Número de Trabalhadores por Gênero na Ocupação: Técnicos em Geomática. Mesorregião Sul Goiano 2003 - 2010.

Técnicos em Geomática								
Gênero	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Masculino	25	24	32	66	91	112	104	133
Feminino	1	1	3	4	4	6	7	7
TOTAL	26	25	35	70	95	118	111	140

Tabela 7.6: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na Ocupação: Técnicos em Geomática. Mesorregião Sul Goiano 2003 - 2010.

Técnicos em Geomática								
Faixa Etária	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Ate 17 anos	0	0	0	0	0	0	1	0
18 a 24 anos	3	1	5	14	27	28	20	38
25 a 29 anos	0	4	5	9	12	29	21	32
30 a 39 anos	7	7	8	17	31	23	34	41
40 a 49 anos	12	10	12	18	18	27	23	13
50 a 64 anos	4	3	5	12	7	11	11	16
65 ou mais	0	0	0	0	0	0	1	0
TOTAL	26	25	35	70	95	118	111	140

Tabela 7.7: Número de Trabalhadores por Escolaridade na Ocupação: Técnicos em Geomática. Mesorregião Sul Goiano 2003 - 2010.

Técnicos em Geomática								
Escolaridade	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Analfabeto	0	0	0	0	0	0	0	0
Fundamental Incompleto	4	4	6	18	16	21	15	12
Fundamental	5	1	5	5	25	18	19	33
Médio	11	14	19	40	50	67	58	77
Superior	6	6	5	7	4	12	19	18
TOTAL	26	25	35	70	95	118	111	140

Tabela 7.8: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na Ocupação: Técnicos em Geomática. Mesorregião Sul Goiano 2003 - 2010.

Técnicos em Geomática					
Faixa Salarial	2003	2004	2005	2006	2010
Até 1 SM	1	1	2	1	9
De 1,01 a 3 SM	10	10	14	34	68
De 3,01 a 5 SM	6	7	8	13	29
De 5,01 a 10 SM	8	7	10	21	28
Acima de 10,01 SM	1	0	1	1	6
TOTAL	26	25	35	70	140

Tabela 7.9: Número de Trabalhadores por Gênero nas Ocupações: Engenheiros Agrimensores e Engenheiros Cartógrafos. Mesorregião Sul Goiano 2003 - 2010.

Engenheiros Agrimensores e Engenheiros Cartógrafos								
Gênero	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Masculino	0	1	2	2	2	6	3	3
Feminino	0	1	0	0	1	1	2	1
TOTAL	0	2	2	2	3	7	5	4

Tabela 7.10: Número de Trabalhadores por Faixa Etária nas Ocupações: Engenheiros Agrimensores e Engenheiros Cartógrafos. Mesorregião Sul Goiano 2003 - 2010.

Engenheiros Agrimensores e Engenheiros Cartógrafos								
Faixa Etária	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Ate 17 anos	0	0	0	0	0	0	0	0
18 a 24 anos	0	1	0	0	0	1	0	0
25 a 29 anos	0	0	1	1	2	2	3	2
30 a 39 anos	0	1	1	0	0	3	2	2
40 a 49 anos	0	0	0	0	0	0	0	0
50 a 64 anos	0	0	0	1	1	1	0	0
65 ou mais	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	0	2	2	2	3	7	5	4

Tabela 7.11: Número de Trabalhadores por Escolaridade nas Ocupações: Engenheiros Agrimensores e Engenheiros Cartógrafos. Mesorregião Sul Goiano 2003 - 2010.

Engenheiros Agrimensores e Engenheiros Cartógrafos								
Escolaridade	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Analfabeto	0	0	0	0	0	0	0	0
Fundamental Incompleto	0	0	0	0	0	0	0	0
Fundamental	0	0	0	0	0	0	0	0
Médio	0	0	0	0	0	0	0	0
Superior	0	2	2	2	3	7	5	4
TOTAL	0	2	2	2	3	7	5	4

Tabela 7.12: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial nas Ocupações: Engenheiros Agrimensores e Engenheiros Cartógrafos. Mesorregião Sul Goiano 2003 - 2010.

Engenheiros Agrimensores e Engenheiros Cartógrafos								
Faixa Salarial	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Até 1 SM	0	0	0	0	0	0	1	0
De 1,01 a 3 SM	0	0	0	0	0	1	1	1
De 3,01 a 5 SM	0	0	1	0	0	0	0	0
De 5,01 a 10 SM	0	2	1	1	1	2	2	2
Acima de 10,01 SM	0	0	0	1	2	4	1	1
TOTAL	0	2	2	2	3	7	5	4

Tabela 7.13: Número de Trabalhadores por Gênero nas Ocupações: Engenheiros Eletricistas e Engenheiros Eletrônicos. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Engenheiros Eletricistas e Engenheiros Eletrônicos				
Gênero	1985	1990	1995	2000
Masculino	11	10	34	32
Feminino	1	0	1	0
TOTAL	12	10	35	32

Tabela 7.14: Número de Trabalhadores por Gênero nas Ocupações: Engenheiros Eletricistas, Eletrônicos e Afins. Mesorregião Sul Goiano 2003 - 2010.

Engenheiros Eletricistas e Engenheiros Eletrônicos.								
Gênero	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Masculino	33	34	47	47	42	61	57	64
Feminino	0	2	0	1	2	2	3	2
TOTAL	33	36	47	48	44	63	0	66

Tabela 7.15: Número de Trabalhadores por Faixa Etária nas Ocupações: Engenheiros Eletricistas e Engenheiros Eletrônicos. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Engenheiros Eletricistas e Engenheiros Eletrônicos				
Faixa Etária	1985	1990	1995	2000
10 a 14 anos	0	0	0	0
15 a 17 anos	0	0	0	0
18 a 24 anos	0	0	0	2
25 a 29 anos	5	1	3	9
30 a 39 anos	5	6	16	6
40 a 49 anos	1	1	13	12
50 a 64 anos	1	2	3	3
65 anos ou mais	0	0	0	0
Ignorado	0	0	0	0
TOTAL	12	10	35	32

Tabela 7.16: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na Ocupação: Engenheiros Eletricistas, Eletrônicos e Afins. Mesorregião Sul Goiano 2003 - 2010.

Engenheiros Eletricistas e Engenheiros Eletrônicos								
Faixa Etária	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Ate 17 anos	0	0	0	0	0	0	0	1
18 a 24 anos	4	5	3	2	3	6	3	5
25 a 29 anos	11	10	18	21	18	26	30	23
30 a 39 anos	9	10	15	11	11	16	18	29
40 a 49 anos	4	7	6	9	7	9	4	4
50 a 64 anos	5	4	5	5	5	6	5	4
65 ou mais	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	33	36	47	48	44	63	60	66

Tabela 7.18: Número de Trabalhadores por Escolaridade na Ocupação: Engenheiros Eletricistas, Eletrônicos e Afins. Mesorregião Sul Goiano 2003 - 2010.

Engenheiros Eletricistas, Eletrônicos e Afins								
Escolaridade	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Analfabeto	0	0	0	0	0	0	0	0
Fundamental Incompleto	0	0	0	0	0	0	0	0
Fundamental	0	0	0	0	0	0	0	0
Médio	0	0	0	0	0	0	0	0
Superior	33	36	47	48	44	63	60	66
TOTAL	33	36	47	48	44	63	60	66

Tabela 7.19: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na Ocupação: Engenheiros Eletricistas e Engenheiros Eletrônicos. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000.

Engenheiros Eletricistas e Engenheiros Eletrônicos				
Faixa Salarial	1985	1990	1995	2000
Até 1 SM	0	0	0	0
De 1,01 a 3 SM	1	0	0	0
De 3,01 a 5 SM	0	1	0	1
De 5,01 a 10 SM	4	2	2	6
Acima de 10,01 SM	7	7	33	25
TOTAL	12	10	35	32

Tabela 7.20: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na Ocupação: Engenheiros Eletricistas, Eletrônicos e afins. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Engenheiros Eletricistas e Engenheiros Eletrônicos								
Faixa Salarial	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Até 1 SM	2	1	2	2	0	0	0	1
De 1,01 a 3 SM	1	1	1	1	1	3	4	10
De 3,01 a 5 SM	2	1	2	1	4	7	4	6
De 5,01 a 10 SM	7	12	20	20	17	21	26	27
Acima de 10,01 SM	21	21	22	24	22	32	26	22
TOTAL	33	36	47	48	44	63	60	66

Tabela 7.21: Número de Trabalhadores por Gênero na Ocupação: Técnicos em Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnicos em Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações				
Gênero	1985	1990	1995	2000
Masculino	143	133	122	178
Feminino	5	10	12	1
TOTAL	148	143	134	179

Tabela 7.22: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na Ocupação: Técnicos de Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnicos de Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações				
Faixa Etária	1985	1990	1995	2000
10 a 14 anos	0	0	0	0
15 a 17 anos	1	2	1	3
18 a 24 anos	19	13	4	41
25 a 29 anos	43	30	5	31
30 a 39 anos	61	68	58	53
40 a 49 anos	23	23	52	38
50 a 64 anos	1	6	14	13
65 anos ou mais	0	0	0	0
Ignorado	0	1	0	0
TOTAL	148	143	134	179

Tabela 7.23: Número de Trabalhadores por Escolaridade na Ocupação: Técnicos em Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnicos de Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações				
Escolaridade	1985	1990	1995	2000
Analfabeto	0	1	0	1
Fundamental Incompleto	28	30	22	29
Fundamental	16	16	11	20
Médio	91	90	90	119
Superior	11	6	11	10
TOTAL	146	143	134	179

Tabela 7.24: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na Ocupação: Técnicos em Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnicos de Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações				
Faixa Salarial	1985	1990	1995	2000
Até 1 SM	6	2	4	12
De 1,01 a 3 SM	12	23	10	53
De 3,01 a 5 SM	25	8	0	11
De 5,01 a 10 SM	80	34	16	42
Acima de 10,01 SM	25	76	104	61
TOTAL	148	143	134	179

Tabela 7.25: Número de Trabalhadores por Gênero na Ocupação: Técnicos em Eletricidade e Eletrotécnica. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnicos em Eletricidade e Eletrotécnica								
Gênero	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Masculino	119	155	311	322	234	227	282	307
Feminino	3	1	2	1	3	4	3	4
TOTAL	122	156	313	323	237	0	0	311

Tabela 7.26: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na Ocupação: Técnicos em Eletricidade e Eletrotécnica. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnicos em Eletricidade e Eletrotécnica								
Faixa Etária	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Ate 17 anos	1	2	8	3	3	3	2	3
18 a 24 anos	25	23	28	38	34	22	29	46
25 a 29 anos	26	27	38	46	42	46	58	47
30 a 39 anos	33	53	91	85	73	73	87	108
40 a 49 anos	29	40	112	107	56	55	74	64
50 a 64 anos	8	11	34	43	29	32	34	43
65 ou mais	0	0	2	1	0	0	1	0
TOTAL	122	156	313	323	237	231	285	311

Tabela 7.27: Número de Trabalhadores por Escolaridade na Ocupação: Técnicos de Eletricidade e Eletrotécnica. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnicos em Eletricidade e Eletrotécnica								
Escolaridade	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Analfabeto	0	0	0	0	0	0	0	0
Fundamental Incompleto	28	32	42	40	43	39	50	53
Fundamental	16	23	36	32	57	50	53	61
Médio	71	86	186	198	122	123	160	176
Superior	7	15	49	53	15	19	22	21
TOTAL	122	156	313	323	237	231	285	311

Tabela 7.28: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na Ocupação: Técnicos em Eletricidade e Eletrotécnica. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnicos em Eletricidade e Eletrotécnica								
Faixa Salarial	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Até 1 SM	4	6	5	9	12	5	6	4
De 1,01 a 3 SM	56	57	75	84	79	84	106	106
De 3,01 a 5 SM	17	21	24	32	52	39	56	58
De 5,01 a 10 SM	27	46	93	94	65	82	96	123
Acima de 10,01 SM	18	26	116	104	28	21	21	20
Ignorado	0	0	0	1	1	0	0	0
TOTAL	122	156	313	323	237	231	285	311

Tabela 7.29: Número de Trabalhadores por Gênero na Ocupação: Técnicos em Eletrônica. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnicos em Eletrônica								
Gênero	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Masculino	159	185	187	216	248	265	301	315
Feminino	6	3	7	6	8	11	9	9
TOTAL	165	188	194	222	256	276	310	324

Tabela 7.30: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na Ocupação: Técnicos em Eletrônica. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnicos em Eletrônica								
Faixa Etária	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Ate 17 anos	4	3	7	6	2	10	5	4
18 a 24 anos	56	68	76	77	97	114	124	135
25 a 29 anos	32	44	43	60	66	63	89	83
30 a 39 anos	45	45	46	56	61	60	57	69
40 a 49 anos	17	18	18	16	20	23	25	21
50 a 64 anos	11	9	3	7	10	6	10	12
65 ou mais	0	1	1	0	0	0	0	0
TOTAL	165	188	194	222	256	276	310	324

Tabela 7.31: Número de Trabalhadores por Escolaridade na Ocupação: Técnicos em Eletrônica. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnicos em Eletrônica								
Escolaridade	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Analfabeto	0	0	0	0	0	0	0	0
Fundamental Incompleto	19	19	15	16	14	17	21	20
Fundamental	14	12	20	21	59	62	63	59
Médio	113	131	123	149	173	179	201	222
Superior	19	26	36	36	10	18	25	23
TOTAL	165	188	194	222	256	276	310	324

Tabela 7.32: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na Ocupação: Técnicos em Eletrônica. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnicos em Eletrônica								
Faixa Salarial	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Até 1 SM	27	38	35	31	38	54	47	50
De 1,01 a 3 SM	70	81	85	121	152	131	181	196
De 3,01 a 5 SM	15	16	25	21	19	32	37	31
De 5,01 a 10 SM	40	39	41	39	37	49	39	40
Acima de 10,01 SM	13	14	8	10	10	10	5	6
Ignorado	0	0	0	0	0	0	1	1
TOTAL	165	188	194	222	256	276	310	324

Tabela 7.33: Número de Trabalhadores por Gênero na Ocupação: Professores de Ciências Físicas e Químicas do Ensino Superior. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Professores de Ciências Físicas e Químicas do Ensino Superior				
Gênero	1985	1990	1995	2000
Masculino	8	6	8	1
Feminino	3	2	5	1
TOTAL	11	8	13	2

Tabela 7.34: Número de Trabalhadores por Gênero na Ocupação: Professores de Ciências Físicas e Químicas do Ensino Superior. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Professores de Ciências Físicas e Químicas do Ensino Superior								
Gênero	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Masculino	0	1	0	1	1	1	1	0
Feminino	2	2	1	1	0	0	0	1
TOTAL	2	3	1	2	1	1	1	1

Tabela 7.35: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na Ocupação: Professores de Ciências Físicas e Químicas do Ensino Superior. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Professores de Ciências Físicas e Químicas do Ensino Superior				
Faixa Etária	1985	1990	1995	2000
10 a 14 anos	0	0	0	0
15 a 17 anos	0	0	0	0
18 a 24 anos	2	2	1	0
25 a 29 anos	2	2	4	1
30 a 39 anos	6	3	4	1
40 a 49 anos	1	1	3	0
50 a 64 anos	0	0	1	0
65 anos ou mais	0	0	0	0
Ignorado	0	0	0	0
TOTAL	11	8	13	2

Tabela 7.36: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na Ocupação: Professores de Ciências Físicas e Químicas do Ensino Superior. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Professores de Ciências Físicas e Químicas do Ensino Superior								
Faixa Etária	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Ate 17 anos	0	0	0	0	0	0	0	0
18 a 24 anos	0	0	0	0	0	0	0	0
25 a 29 anos	1	1	0	0	1	1	0	0
30 a 39 anos	1	1	1	1	0	0	0	0
40 a 49 anos	0	1	0	1	0	0	1	1
50 a 64 anos	0	0	0	0	0	0	0	0
65 ou mais	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	1	3	1	2	1	1	1	1

Tabela 7.37: Número de Trabalhadores por Escolaridade na Ocupação: Professores de Ciências Físicas e Químicas do Ensino Superior. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Professores de Ciências Físicas e Químicas do Ensino Superior				
Escolaridade	1985	1990	1995	2000
Analfabeto	0	0	0	0
Fundamental Completo	0	0	0	0
Fundamental	0	0	0	0
Médio	0	0	0	1
Superior	11	8	12	1
TOTAL	11	8	12	2

Tabela 7.38: Número de Trabalhadores por Escolaridade na Ocupação: Professores de Ciências Físicas e Químicas do Ensino Superior. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Professores de Ciências Físicas e Químicas do Ensino Superior								
Escolaridade	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Analfabeto	0	0	0	0	0	0	0	0
Fundamental Incompleto	0	0	0	0	0	0	0	0
Fundamental	0	0	0	0	0	0	0	0
Médio	0	0	0	0	0	0	0	0
Superior	2	3	1	2	1	1	1	1
TOTAL	2	3	1	2	1	1	1	1

Tabela 7.39: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na Ocupação: Professores de Ciências Físicas e Químicas do Ensino Superior. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Professores de Ciências Físicas e Químicas do Ensino Superior				
Faixa Salarial	1985	1990	1995	2000
Até 1 SM	2	3	0	0
De 1,01 a 3 SM	2	0	4	1
De 3,01 a 5 SM	5	1	2	0
De 5,01 a 10 SM	1	1	0	1
Acima de 10 SM	1	3	7	0
TOTAL	11	8	13	2

Tabela 7.40: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na Ocupação: Professores de Ciências Físicas e Químicas do Ensino Superior. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Professores de Ciências Físicas e Químicas do Ensino Superior								
Faixa Salarial	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Até 1 SM	0	0	0	0	1	0	0	0
De 1,01 a 3 SM	0	0	0	0	0	0	0	0
De 3,01 a 5 SM	1	1	0	0	0	1	0	0
De 5,01 a 10 SM	0	1	1	0	0	0	0	0
Acima de 10,01 SM	1	1	0	2	0	0	0	1
Ignorado	0	0	0	0	0	0	1	0
TOTAL	2	3	1	2	1	1	1	1

Tabela 7.41: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Desenhistas Técnicos. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Desenhista Técnico				
Gênero	1985	1990	1995	2000
Masculino	33	19	27	12
Feminino	0	4	7	13
TOTAL	33	23	34	25

Tabela 7.42: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Desenhistas Técnicos. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Desenhista Técnico				
Faixa Etária	1985	1990	1995	2000
Até 17 anos	0	2	2	0
18 a 24 anos	5	2	7	3
25 a 29 anos	10	5	9	3
30 a 39 anos	13	9	8	7
40 a 49 anos	2	3	7	9
50 a 64 anos	2	2	1	3
Acima de 65 anos	0	0	0	0
Ignorado	1	0	0	0
TOTAL	33	23	34	25

Tabela 7.43: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Desenhistas Técnicos. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Desenhista Técnico				
Escolaridade	1985	1990	1995	2000
Analfabeto	0	1	0	0
Fundamental Incompleto	5	5	1	3
Fundamental	9	8	9	7
Médio	18	7	17	14
Superior	1	2	7	1
Ignorado	0	0	0	0
TOTAL	33	23	34	25

Tabela 7.44: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Desenhistas Técnicos. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Desenhista Técnico				
Faixa Salarial	1985	1990	1995	2000
Até 1 SM	0	0	2	2
1,01 a 3 SM	12	11	13	4
3,01 a 5 SM	7	4	8	11
5,01 a 10 SM	9	5	7	5
Acima de 10 SM	5	3	4	3
Ignorado	0	0	0	0
TOTAL	33	23	34	25

Tabela 7.45: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Técnico de Edifagrimensura, Estradas, Saneamento e Trabalhadores Assemelhados. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnico de Edifagrimensura, Estradas, Saneamento e Trabalhadores Assemelhados				
Gênero	1985	1990	1995	2000
Masculino	120	101	119	33
Feminino	4	6	5	2
TOTAL	124	107	124	35

Tabela 7.46: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Técnico de Edifagrimensura, Estradas, Saneamento e Trabalhadores Assemelhados. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnico de Edifagrimensura, Estradas, Saneamento e Trabalhadores Assemelhados				
Faixa Etária	1985	1990	1995	2000
Até 17 anos	0	4	0	0
18 a 24 anos	30	10	5	5
25 a 29 anos	20	12	11	5
30 a 39 anos	52	36	51	10
40 a 49 anos	17	24	45	12
50 a 64 anos	3	19	12	2
Acima de 65 anos	0	2	0	1
Ignorado	2	0	0	0
TOTAL	124	107	124	35

Tabela 7.47: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Técnico de Edifagrimensura, Estradas, Saneamento e Trabalhadores Assemelhados. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnico de Edifagrimensura, Estradas, Saneamento e Trabalhadores Assemelhados				
Escolaridade	1985	1990	1995	2000
Analfabeto	0	1	0	0
Fundamental Incompleto	54	31	40	16
Fundamental	26	25	20	4
Médio	41	46	59	14
Superior	3	4	5	1
Ignorado	0	0	0	0
TOTAL	124	107	124	35

Tabela 7.48: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Técnico de Edifagrimensura, Estradas, Saneamento e Trabalhadores Assemelhados. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnico de Edifagrimensura, Estradas, Saneamento e Trabalhadores Assemelhados				
Faixa Salarial	1985	1990	1995	2000
Até 1 SM	8	1	2	1
1,01 a 3 SM	45	17	18	18
3,01 a 5 SM	25	18	14	5
5,01 a 10 SM	30	25	24	10
Acima de 10 SM	16	44	66	1
Ignorado	0	1	0	0
TOTAL	124	107	124	35

Tabela 7.49: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Engenheiro Civil e Afins. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Engenheiro Civil e Afins								
Gênero	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Masculino	58	58	76	64	94	109	110	90
Feminino	9	8	9	7	13	13	16	18
TOTAL	67	66	85	71	107	122	126	108

Tabela 7.50: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Engenheiro Civil e Afins. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Engenheiro Civil e Afins								
Faixa Etária	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Ate 17 anos	0	0	0	0	0	0	0	0
18 a 24 anos	2	1	1	0	10	10	4	8
25 a 29 anos	16	15	21	12	21	37	40	27
30 a 39 anos	28	23	33	28	35	35	40	43
40 a 49 anos	12	16	17	22	21	17	22	13
50 a 64 anos	9	11	13	9	20	22	19	15
65 ou mais	0	0	0	0	0	1	1	2
TOTAL	67	66	85	71	107	122	126	108

Tabela 7.51: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Engenheiro Civil e Afins. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Engenheiro Civil e Afins								
Escolaridade	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Analfabeto	0	0	0	0	0	0	0	0
Fundamental Incompleto	1	0	0	1	0	0	0	0
Fundamental	1	1	2	0	0	0	0	0
Médio	1	1	0	0	0	0	0	0
Superior	64	64	83	70	107	122	126	108
TOTAL	67	66	85	71	107	122	126	108

Tabela 7.52: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Engenheiro Civil e Afins. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Faixa Salarial	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Até 1 SM	0	0	0	0	0	0	0	1
De 1,01 a 3 SM	1	2	2	2	7	5	6	6
De 3,01 a 5 SM	10	6	4	6	7	7	10	10
De 5,01 a 10 SM	40	38	53	40	59	64	61	49
Acima de 10,01 SM	16	20	26	23	34	46	49	42
TOTAL	67	66	85	71	107	122	126	108

Tabela 7.53: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Engenheiros Civis e Arquitetos. Mesorregião Sul Goiano 2003-2006. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Engenheiro Civil e Arquitetos				
Gênero	1985	1990	1995	2000
Masculino	35	17	24	29
Feminino	5	4	5	3
TOTAL	40	21	29	32

Tabela 7.54: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Engenheiros Civis e Arquitetos. Mesorregião Sul Goiano 2003-2006. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Engenheiro Civil e Arquitetos				
Faixa Etária	1985	1990	1995	2000
Até 17 anos	0	0	0	0
18 a 24 anos	3	1	2	0
25 a 29 anos	16	4	10	14
30 a 39 anos	18	11	7	8
40 a 49 anos	2	3	8	7
50 a 64 anos	1	1	2	3
Acima de 65 anos	0	0	0	0
Ignorado	0	1	0	0
TOTAL	40	21	29	32

Tabela 7.55: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Engenheiros Civis e Arquitetos. Mesorregião Sul Goiano 2003-2006. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Engenheiro Civil e Arquitetos				
Escolaridade	1985	1990	1995	2000
Analfabeto	0	1	0	0
Fundamental Incompleto	3	4	0	0
Fundamental	4	1	0	0
Médio	5	2	3	0
Superior	28	13	26	32
Ignorado	0	0	0	0
TOTAL	40	21	29	32

Tabela 7.56: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Engenheiros Civis e Arquitetos. Mesorregião Sul Goiano 2003-2006. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Engenheiros Civis e Arquitetos				
Faixa Salarial	1985	1990	1995	2000
Até 1 SM	0	0	0	0
1,01 a 3 SM	2	6	2	0
3,01 a 5 SM	4	1	4	3
5,01 a 10 SM	15	8	8	19
Acima de 10 SM	19	6	15	10
Ignorado	0	0	0	0
TOTAL	40	21	29	32

Tabela 7.57: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Ceramistas e Trabalhadores Assemelhados. Mesorregião Sul Goiano 1985-2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Ceramistas e Trabalhadores Assemelhados				
Gênero	1985	1990	1995	2000
Masculino	177	269	435	809
Feminino	20	5	9	14
TOTAL	197	274	444	823

Tabela 7.58: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Ceramistas e Trabalhadores Assemelhados. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Ceramistas e Trabalhadores Assemelhados				
Faixa Etária	1985	1990	1995	2000
Até 17 anos	14	48	56	38
18 a 24 anos	79	105	142	337
25 a 29 anos	33	38	77	153
30 a 39 anos	42	41	78	166
40 a 49 anos	22	29	43	88
50 a 64 anos	3	10	30	39
65 ou mais	0	1	0	2
Ignorado	4	2	18	0
TOTAL	197	274	444	823

Tabela 7.59: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Ceramistas e Trabalhadores Assemelhados. Mesorregião Sul Goiano 1985-2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Ceramistas e Trabalhadores Assemelhados				
Escolaridade	1985	1990	1995	2000
Analfabeto	9	9	16	20
Fundamental Incompleto	157	227	358	634
Fundamental	21	33	64	136
Médio	2	5	6	33
Superior	8	0	0	0
Ignorado	0	0	0	0
TOTAL	197	274	444	823

Tabela 7.60: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Ceramistas e Trabalhadores Assemelhados. Mesorregião Sul Goiano 1985-2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Ceramistas e Trabalhadores Assemelhados				
Faixa Salarial	1985	1990	1995	2000
Até 1 SM	60	21	66	53
1,01 a 3 SM	135	242	367	746
3,01 a 5 SM	0	8	9	18
5,01 a 10 SM	0	0	0	4
Acima de 10 SM	0	0	0	0
Ignorado	2	3	2	2
TOTAL	197	274	444	823

Tabela 7.61: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Técnicos em Construção Civil (Edificações). Mesorregião Sul Goiano 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnicos em Construção Civil (Edificações)								
Gênero	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Masculino	34	19	25	26	43	62	47	137
Feminino	12	1	2	3	16	17	9	12
TOTAL	46	20	27	29	59	79	56	149

Tabela 7.62: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Técnicos em Construção Civil (Edificações). Mesorregião Sul Goiano 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnicos em Construção Civil (Edificações)								
Faixa Etária	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Ate 17 anos	0	0	0	0	0	0	0	0
18 a 24 anos	7	2	3	3	14	24	12	24
25 a 29 anos	7	4	8	11	13	19	10	38
30 a 39 anos	10	6	10	11	20	21	19	52
40 a 49 anos	13	5	3	1	9	9	11	24
50 a 64 anos	9	3	3	3	3	6	4	10
65 ou mais	0	0	0	0	0	0	0	1
TOTAL	46	20	27	29	59	79	56	0

Tabela 7.63: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Técnicos em Construção Civil (Edificações). Mesorregião Sul Goiano 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnicos em Construção Civil (Edificações)								
Escolaridade	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Analfabeto	0	0	0	0	0	0	0	0
Fundamental Incompleto	7	6	6	3	3	13	7	16
Fundamental	3	1	3	1	2	5	3	26
Médio	30	7	11	18	44	48	39	78
Superior	6	6	7	7	10	13	7	29
TOTAL	46	20	27	29	59	79	56	149

Tabela 7.64: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Técnicos em Construção Civil (Edificações). Mesorregião Sul Goiano 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnicos em Construção Civil (Edificações)								
Faixa Salarial	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Até 1 SM	2	0	0	0	0	0	0	2
De 1,01 a 3 SM	19	8	9	10	29	36	22	25
De 3,01 a 5 SM	20	7	8	7	10	19	20	73
De 5,01 a 10 SM	4	4	8	12	19	20	12	47
Acima de 10,01 SM	1	1	2	0	1	4	2	2
TOTAL	46	20	27	29	59	79	56	149

Tabela 7.65: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Analista de Sistemas. Mesorregião Sul Goiano 1985-2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Analista de Sistemas				
Gênero	1985	1990	1995	2000
Masculino	2	7	34	40
Feminino	0	0	6	4
Total	2	7	40	44

Tabela 7.66: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Analista de Sistemas. Mesorregião Sul Goiano 1985-2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Analista de Sistemas				
Faixa Etária	1985	1990	1995	2000
Até 17 anos	0	0	0	0
18 a 24 anos	0	2	7	10
25 a 29 anos	0	0	10	14
30 a 39 anos	0	4	15	16
40 a 49 anos	2	0	8	4
50 a 64 anos	0	1	0	0
65 ou mais	0	0	0	0
Ignorado	0	0	0	0
TOTAL	2	7	40	44

Tabela 7.67: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Analista de Sistemas. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Analista de Sistemas				
Escolaridade	1985	1990	1995	2000
Analfabeto	0	0	0	0
Fundamental Incompleto	0	3	7	2
Fundamental	2	1	4	4
Médio	0	1	12	28
Superior	0	2	17	10
Ignorado	0	0	0	0
TOTAL	2	7	40	44

Tabela 7.68: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Analista de Sistemas. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Analista de Sistemas				
Faixa Salarial	1985	1990	1995	2000
Até 1 SM	0	0	0	1
1,01 a 3 SM	2	0	7	15
3,01 a 5 SM	0	2	3	3
5,01 a 10 SM	0	1	9	10
Acima de 10 SM	0	4	21	15
Ignorado	0	0	0	0
TOTAL	2	7	40	44

Tabela 7.69: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Programador de Computador. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Programador de Computador				
Gênero	1985	1990	1995	2000
Masculino	11	17	49	57
Feminino	1	2	4	7
Total	12	19	53	64

Tabela 7.70: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Programador de Computador. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Programador de Computador				
Faixa Etária	1985	1990	1995	2000
Até 17 anos	0	0	0	2
18 a 24 anos	2	8	14	13
25 a 29 anos	5	3	25	24
30 a 39 anos	3	7	13	24
40 a 49 anos	1	1	1	1
50 a 64 anos	1	0	0	0
Acima de 65 anos	0	0	0	0
Ignorado	0	0	0	0
TOTAL	12	19	53	64

Tabela 7.71: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Programador de Computador. Mesorregião Sul Goiano 1985-2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Programador de Computador				
Escolaridade	1985	1990	1995	2000
Analfabeto	0	0	0	0
Fundamental Incompleto	4	3	3	6
Fundamental	3	7	10	10
Médio	5	7	33	36
Superior	0	2	7	12
Ignorado	0	0	0	0
TOTAL	12	19	53	64

Tabela 7.72: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Programador de Computador. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Programador de Computador				
Faixa Salarial	1985	1990	1995	2000
Até 1 SM	0	0	0	8
1,01 a 3 SM	5	3	4	12
3,01 a 5 SM	0	1	8	10
5,01 a 10 SM	6	9	19	22
Acima de 10 SM	1	6	21	12
Ignorado	0	0	1	0
TOTAL	12	19	53	64

Tabela 7.73: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Administradores de Tecnologia da Informação. Mesorregião Sul Goiano 2003-2006. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Administradores de Tecnologia da Informação								
Gênero	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Masculino	4	7	9	12	12	12	12	19
Feminino	1	1	0	0	1	1	3	3
TOTAL	5	8	9	12	13	13	15	22

Tabela 7.74: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Administradores de Tecnologia da Informação. Mesorregião Sul Goiano 2003-2006. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Administradores de Tecnologia da Informação								
Faixa Etária	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Até 17 anos	0	0	0	0	0	0	1	0
18 a 24	2	1	2	5	1	3	5	4
25 a 29	2	3	3	4	5	7	6	7
30 a 39	1	3	4	3	4	1	1	6
40 a 49	0	0	0	0	2	1	1	4
50 a 64	0	1	0	0	1	1	1	0
65 ou mais	0	0	0	0	0	0	0	1
TOTAL	5	8	9	12	13	13	15	22

Tabela 7.75: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Administradores de Tecnologia da Informação. Mesorregião Sul Goiano 2003-2006. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Administradores de Tecnologia								
Escolaridade	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Analfabeto	0	0	0	0	0	0	0	0
Fundamental Incompleto	0	1	0	0	0	0	0	0
Fundamental Completo	0	1	1	1	0	0	2	3
Médio	0	2	3	7	6	9	8	9
Superior	5	4	5	4	7	4	5	10
Ignorado	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	5	8	9	12	13	13	15	22

Tabela 7.76: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Administradores de Tecnologia da Informação. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Administradores de Tecnologia da Informação								
Faixa Salarial	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Até 1 SM	1	1	0	2	0	1	1	0
1,01 a 3 SM	1	2	3	4	2	7	8	8
3,01 a 5 SM	1	0	2	0	4	1	3	6
5,01 a 10 SM	1	3	1	3	3	3	2	6
Acima de 10 SM	1	2	3	3	4	1	1	2
TOTAL	5	8	9	12	13	13	15	22

Tabela 7.77: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Técnicos de Desenvolvimento de Sistemas e Aplicações. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnicos de Desenvolvimento de Sistemas e Aplicações								
Gênero	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Masculino	53	68	66	74	84	97	89	115
Feminino	6	6	8	10	13	13	13	12
TOTAL	59	74	74	84	97	110	102	127

Tabela 7.78: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Técnicos de Desenvolvimento de Sistemas e Aplicações. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnicos de Desenvolvimento de Sistemas e Aplicações								
Faixa Etária	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Ate 17 anos	0	0	0	0	0	0	1	0
18 a 24 anos	10	20	23	20	27	41	25	31
25 a 29 anos	25	22	14	19	25	26	27	40
30 a 39 anos	21	27	30	34	32	27	31	34
40 a 49 anos	3	5	7	9	10	13	15	19
50 a 64 anos	0	0	0	2	3	3	3	3
65 ou mais	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	59	74	74	84	97	110	102	127

Tabela 7.79: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Técnicos de Desenvolvimento de Sistemas e Aplicações. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Número de Técnicos de Desenvolvimento de Sistemas e Aplicações								
Escolaridade	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Analfabeto	0	0	0	0	0	0	0	0
Fundamental Incompleto	5	4	4	3	5	1	0	1
Fundamental completo	10	13	12	9	6	8	7	12
Médio	33	47	44	53	66	82	77	89
Superior	11	10	14	19	20	19	18	25
TOTAL	59	74	74	84	97	110	102	127

Tabela 7.80: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Técnicos de Desenvolvimento de Sistemas e Aplicações. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnicos de Desenvolvimento de Sistemas e Aplicações								
Faixa Salarial	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Até 1 SM	1	2	2	5	5	6	6	7
1,01 a 3 SM	12	19	23	27	31	42	36	58
3,01 a 5 SM	15	19	18	24	28	29	32	35
5,01 a 10 SM	21	22	22	18	23	22	18	17
Acima de 10 SM	10	12	9	10	10	11	10	10
TOTAL	59	74	74	84	97	110	102	127

Tabela 7.81: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Técnico de Operação e Monitoração de Computadores. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnicos em Operação e Monitoração de Computadores								
Gênero	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Masculino	136	135	155	163	163	171	170	156
Feminino	23	25	27	38	30	32	35	30
TOTAL	159	160	182	201	193	203	205	186

Tabela 7.82: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Técnico de Operação e Monitoração de Computadores. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnicos em Operação e Monitoração de Computadores								
Faixa Etária	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Ate 17 anos	3	3	3	7	3	6	7	2
18 a 24 anos	66	66	71	75	67	73	75	67
25 a 29 anos	48	39	51	53	60	60	59	46
30 a 39 anos	29	39	43	49	45	46	43	50
40 a 49 anos	10	11	12	16	17	10	12	12
50 a 64 anos	3	2	2	1	1	8	9	9
65 ou mais	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	159	160	182	201	193	203	205	186

Tabela 7.83: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Técnico de Operação e Monitoração de Computadores. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnicos em Operação e Monitoração de Computadores								
Escolaridade	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Analfabeto	0	0	0	0	0	0	0	0
Fundamental Incompleto	13	10	10	10	9	6	13	10
Fundamental completo	35	31	42	45	39	35	52	41
Médio	101	105	118	131	124	128	110	106
Superior	10	14	12	15	21	34	30	29
TOTAL	159	160	182	201	193	203	205	186

Tabela 7.84: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Técnico de Operação e Monitoração de Computadores. Mesorregião Sul Goiano 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnicos em Operação e Monitoração de Computadores								
Faixa Salarial	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Até 1 SM	18	13	20	24	16	18	14	22
1,01 a 3 SM	80	82	98	124	127	130	142	120
3,01 a 5 SM	29	37	44	35	27	33	29	25
5,01 a 10 SM	28	25	18	16	21	18	17	16
Acima de 10 SM	4	3	2	2	2	3	3	3
TOTAL	159	160	182	201	193	203	205	186

Tabela 7.85: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Mecânico de Manutenção de Máquinas. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Mecânico de Manutenção de Máquinas				
Gênero	1985	1990	1995	2000
Masculino	508	558	649	791
Feminino	3	2	1	4
Total	511	560	650	795

Tabela 7.86: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Mecânico de Manutenção de Máquinas. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Mecânico de Manutenção de Máquinas				
Faixa Etária	1985	1990	1995	2000
Até 17 anos	7	19	10	5
18 a 24 anos	84	135	122	136
25 a 29 anos	123	117	110	148
30 a 39 anos	191	179	254	273
40 a 49 anos	75	80	113	170
50 a 64 anos	25	23	37	61
65 ou mais	1	2	2	2
Ignorado	5	5	2	0
TOTAL	511	560	650	795

Tabela 7.87: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Mecânico de Manutenção de Máquinas. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Mecânico de Manutenção de Máquinas				
Escolaridade	1985	1990	1995	2000
Analfabeto	9	4	9	8
Fundamental Incompleto	379	408	463	470
Fundamental	85	111	114	206
Médio	34	29	59	104
Superior	2	1	0	7
Ignorado	2	7	5	0
TOTAL	511	560	650	795

Tabela 7.88: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Mecânico de Manutenção de Máquinas. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Mecânico de Manutenção de Máquinas				
Faixa Salarial	1985	1990	1995	2000
Até 1 SM	28	20	40	27
1,01 a 3 SM	221	171	179	274
3,01 a 5 SM	154	168	191	238
5,01 a 10 SM	94	167	188	211
Acima de 10 SM	8	20	48	41
Ignorado	6	14	4	4
TOTAL	511	560	650	795

Tabela 7.89: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Soldadores e Oxicortadores. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Soldadores e Oxicortadores				
Gênero	1985	1990	1995	2000
Masculino	226	195	258	385
Feminino	2	1	1	4
Total	228	196	259	389

Tabela 7.90: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Soldadores e Oxicortadores. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Soldadores e Oxicortadores				
Faixa Etária	1985	1990	1995	2000
Até 17 anos	2	3	2	3
18 a 24 anos	54	40	45	82
25 a 29 anos	45	42	53	84
30 a 39 anos	74	72	94	136
40 a 49 anos	41	22	51	70
50 a 64 anos	11	15	13	14
65 ou mais	0	0	1	0
Ignorado	1	2	0	0
TOTAL	228	196	259	389

Tabela 7.91: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Soldadores e Oxicortadores. Mesorregião Sul Goiano 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Soldadores e Oxicortadores				
Escolaridade	1985	1990	1995	2000
Analfabeto	6	5	3	3
Fundamental Incompleto	188	146	210	225
Fundamental	27	42	43	105
Médio	6	3	3	55
Superior	0	0	0	1
Ignorado	1	0	0	0
TOTAL	228	196	259	389

Tabela 7.92: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Soldadores e Oxicortadores. Mesorregião Sul Goiano 1985-2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Soldadores e Oxicortadores				
Faixa Salarial	1985	1990	1995	2000
Até 1 SM	7	11	35	20
1,01 a 3 SM	117	59	85	208
3,01 a 5 SM	89	56	59	111
5,01 a 10 SM	14	52	75	49
Acima de 10 SM	0	1	5	1
Ignorado	1	17	0	0
TOTAL	228	196	259	389

Tabela 7.93: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Técnico de Mecânica. Mesorregião Sul Goiano – 1985-2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnico de Mecânica				
Gênero	1985	1990	1995	2000
Masculino	63	56	22	83
Feminino	0	0	0	4
TOTAL	63	56	22	87

Tabela 7.94: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Técnico de Mecânica. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnico de Mecânica				
Faixa Etária	1985	1990	1995	2000
Até 17 anos	1	0	0	1
18 a 24 anos	18	19	5	26
25 a 29 anos	13	12	6	20
30 a 39 anos	21	11	4	23
40 a 49 anos	8	8	5	16
50 a 64 anos	1	6	1	1
65 ou mais	0	0	0	0
Ignorado	1	0	1	0
TOTAL	63	56	22	87

Tabela 7.95: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Técnico de Mecânica. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnico de Mecânica				
Escolaridade	1985	1990	1995	2000
Analfabeto	0	2	0	0
Fundamental Incompleto	26	23	14	14
Fundamental	24	28	6	15
Médio	11	2	2	56
Superior	2	1	0	2
Ignorado	0	0	0	0
TOTAL	63	56	22	87

Tabela 7.96: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Técnico de Mecânica. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnico de Mecânica				
Faixa Salarial	1985	1990	1995	2000
Até 1 SM	6	9	4	3
1,01 a 3 SM	24	28	9	15
3,01 a 5 SM	9	8	4	16
5,01 a 10 SM	13	6	0	37
Acima de 10 SM	7	5	5	16
Ignorado	4	0	0	0
TOTAL	63	56	22	87

Tabela 7.97: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Mecânico de Manutenção de Máquinas Industriais. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Mecânicos de Manutenção de Máquinas Industriais								
Gênero	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Masculino	782	896	870	977	1.384	1.553	1.523	1.900
Feminino	13	17	12	24	32	54	28	52
TOTAL	795	913	882	1.001	1.416	1.607	1.551	1.952

Tabela 7.98: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Mecânico de Manutenção de Máquinas Industriais. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Mecânicos de Manutenção de Máquinas Industriais								
Faixa Etária	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Ate 17 anos	38	62	31	40	71	65	46	93
18 a 24 anos	135	136	141	169	273	350	301	376
25 a 29 anos	155	157	166	199	291	317	301	403
30 a 39 anos	246	287	267	309	397	447	439	560
40 a 49 anos	169	188	198	206	262	271	291	328
50 a 64 anos	47	79	74	75	118	155	169	189
65 ou mais	5	4	5	3	4	2	4	3
TOTAL	795	913	882	1.001	1.416	1.607	1.551	1.952

Tabela 7.99: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Mecânico de Manutenção de Máquinas Industriais. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Mecânicos de Manutenção de Máquinas Industriais								
Escolaridade	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Analfabeto	0	0	0	0	0	0	0	0
Fundamental Incompleto	389	398	323	328	479	492	447	492
Fundamental completo	220	285	247	348	504	523	487	611
Médio	182	227	309	321	427	579	608	838
Superior	4	3	3	4	6	13	9	11
TOTAL	795	913	882	1001	1416	1607	1551	1.952

Tabela 7.100: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Mecânico de Manutenção de Máquinas Industriais. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Mecânicos de Manutenção de Máquinas Industriais								
Faixa Salarial	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Até 1 SM	49	57	28	46	78	121	62	140
1,01 a 3 SM	321	314	356	451	639	627	594	689
3,01 a 5 SM	238	301	286	335	469	572	652	830
5,01 a 10 SM	146	199	182	139	199	243	201	255
Acima de 10 SM	41	39	26	24	23	33	26	22
TOTAL	795	913	882	1001	1416	1607	1551	1.952

Tabela 7.101: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Supervisores de Manutenção Eletromecânica. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Supervisores de Manutenção Eletromecânica								
Gênero	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Masculino	8	16	17	19	18	26	37	42
Feminino	0	0	0	0	0	0	0	1
TOTAL	8	16	17	19	18	26	37	43

Tabela 7.102: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Supervisores de Manutenção Eletromecânica. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Supervisores de Manutenção Eletromecânica								
Faixa Etária	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Ate 17 anos	0	0	0	0	0	0	0	0
18 a 24 anos	0	0	0	0	0	0	0	1
25 a 29 anos	2	6	2	3	1	1	4	5
30 a 39 anos	2	3	9	10	12	17	20	23
40 a 49 anos	4	7	6	5	4	6	7	10
50 a 64 anos	0	0	0	1	1	1	6	4
65 ou mais	0	0	0	0	0	1	0	0
TOTAL	8	16	17	19	18	26	37	43

Tabela 7.103: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Supervisores de Manutenção Eletromecânica. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Supervisores de Manutenção Eletromecânica								
Escolaridade	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Analfabeto	0	0	0	0	0	0	0	0
Fundamental Incompleto	3	2	1	2	1	3	2	4
Fundamental completo	1	2	2	1	1	2	3	3
Médio	2	4	7	4	8	13	11	12
Superior	2	8	7	12	8	8	21	24
TOTAL	8	16	17	19	18	26	37	43

Tabela 7.104: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Supervisores de Manutenção Eletromecânica. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Supervisores de Manutenção Eletromecânica								
Faixa Salarial	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Até 1 SM	0	0	0	0	0	0	0	0
1,01 a 3 SM	0	0	0	0	0	0	0	0
3,01 a 5 SM	0	0	0	0	1	1	2	1
5,01 a 10 SM	3	3	6	7	7	5	11	18
Acima de 10 SM	5	13	11	12	10	20	24	24
TOTAL	8	16	17	19	18	26	37	43

Tabela 7.105: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Trabalhadores de Soldagem e Corte de Ligas Metálicas. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Trabalhadores de Soldagem e Corte de Ligas Metálicas								
Gênero	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Masculino	563	724	709	768	1.217	1.494	1.474	1.573
Feminino	6	6	5	6	12	21	38	35
Ignorado	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	569	730	714	774	1.229	1.515	1.512	1.608

Tabela 7.106: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Trabalhadores de Soldagem e Corte de Ligas Metálicas. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Trabalhadores de Soldagem e Corte de Ligas Metálicas								
Faixa Etária	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Ate 17 anos	6	9	5	1	21	37	21	24
18 a 24 anos	150	202	179	160	332	396	370	349
25 a 29 anos	121	148	161	195	293	340	365	392
30 a 39 anos	190	228	221	243	332	429	419	503
40 a 49 anos	78	106	103	125	181	215	238	235
50 a 64 anos	23	36	45	50	69	98	98	103
65 ou mais	1	1	0	0	1	0	1	2
TOTAL	569	730	714	774	1.229	1.515	1.512	1.608

Tabela 7.107: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Trabalhadores de Soldagem e Corte de Ligas Metálicas. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Trabalhadores de Soldagem e Corte de Ligas Metálicas								
Escolaridade	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Analfabeto	3	8	9	7	9	11	9	5
Fundamental Incompleto	292	291	258	265	381	486	481	418
Fundamental completo	208	269	250	275	421	525	502	554
Médio	66	162	197	227	414	489	516	622
Superior	0	0	0	0	4	4	4	9
TOTAL	569	730	714	774	1229	1515	1512	1.608

Tabela 7.108: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Trabalhadores de Soldagem e Corte de Ligas Metálicas. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Trabalhadores de Soldagem e Corte de Ligas Metálicas								
Faixa Salarial	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Até 1 SM	35	27	12	9	23	25	33	39
1,01 a 3 SM	345	450	454	532	822	922	938	921
3,01 a 5 SM	150	199	202	201	335	453	456	519
5,01 a 10 SM	37	52	42	24	33	103	75	120
Acima de 10 SM	1	1	0	0	0	1	1	1
TOTAL	569	730	714	774	1229	1515	1512	1.608

Tabela 7.109: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Técnico de Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações. Mesorregião Sul Goiano – 1985-2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnico de Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações				
Gênero	1985	1990	1995	2000
Masculino	143	133	122	178
Feminino	5	10	12	1
TOTAL	148	143	134	179

Tabela 7.110: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Técnico de Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnico de Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações				
Faixa Etária	1985	1990	1995	2000
Até 17 anos	1	2	1	3
18 a 24 anos	19	13	4	41
25 a 29 anos	43	30	5	31
30 a 39 anos	61	68	58	53
40 a 49 anos	23	23	52	38
50 a 64 anos	1	6	14	13
65 anos ou mais	0	0	0	0
Ignorado	0	1	0	0
TOTAL	148	143	134	179

Tabela 7.111: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Técnico de Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnico de Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações				
Escolaridade	1985	1990	1995	2000
Analfabeto	0	1	0	1
Fundamental Incompleto	28	30	22	29
Fundamental	28	32	30	47
Médio	82	76	75	99
Superior	10	4	7	3
Ignorado	0	0	0	0
TOTAL	148	143	134	179

Tabela 7.112: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Técnico de Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnico de Eletricidade, Eletrônica e Telecomunicações				
Faixa Salarial	1985	1990	1995	2000
Até 1 SM	6	2	4	12
1,01 a 3 SM	12	23	10	53
3,01 a 5 SM	25	8	0	11
5,01 a 10 SM	80	34	16	42
Acima de 10 SM	25	75	104	61
Ignorado	0	1	0	0
TOTAL	148	143	134	179

Tabela 7.113: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Reparadores de Equipamentos Elétricos e Eletrônicos. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Reparadores de Equipamentos Elétricos e Eletrônicos				
Gênero	1985	1990	1995	2000
Masculino	27	21	31	37
Feminino	2	0	0	2
Total	29	21	31	39

Tabela 7.114: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Reparadores de Equipamentos Elétricos e Eletrônicos. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Reparadores de Equipamentos Elétricos e Eletrônicos				
Faixa Etária	1985	1990	1995	2000
Até 17 anos	1	0	2	0
18 a 24 anos	15	11	4	16
25 a 29 anos	5	5	10	7
30 a 39 anos	5	3	8	8
40 a 49 anos	2	2	6	5
50 a 64 anos	1	0	1	3
65 ou mais	0	0	0	0
Ignorado	0	0	0	0
TOTAL	29	21	31	39

Tabela 7.115: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Reparadores de Equipamentos Elétricos e Eletrônicos. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Reparadores de Equipamentos Elétricos e Eletrônicos				
Escolaridade	1985	1990	1995	2000
Analfabeto	1	1	0	1
Fundamental Incompleto	13	10	14	18
Fundamental	11	8	14	12
Médio	4	2	2	8
Superior	0	0	1	0
Ignorado	0	0	0	0
TOTAL	29	21	31	39

Tabela 7.116: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Reparadores de Equipamentos Elétricos e Eletrônicos. Mesorregião Sul Goiano – 1985, 1990, 1995, 2000. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Reparadores de Equipamentos Elétricos e Eletrônicos				
Faixa Salarial	1985	1990	1995	2000
Até 1 SM	10	5	8	8
1,01 a 3 SM	15	11	13	20
3,01 a 5 SM	2	1	3	7
5,01 a 10 SM	2	3	3	2
Acima de 10 SM	0	0	4	2
Ignorado	0	1	0	0
TOTAL	29	21	31	39

Tabela 7.117: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Montadores de Equipamentos Eletroeletrônicos. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Montadores de Equipamentos Eletroeletrônicos								
Gênero	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Masculino	109	134	113	115	130	153	230	226
Feminino	0	2	2	3	4	2	3	4
TOTAL	109	136	115	118	134	155	233	230

Tabela 7.118: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Montadores de Equipamentos Eletroeletrônicos. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Número de Montadores de Equipamentos Eletroeletrônicos por Faixa Etária								
Faixa Etária	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Ate 17 anos	4	9	3	3	3	9	5	12
18 a 24 anos	52	52	43	41	47	55	82	76
25 a 29 anos	25	25	30	35	34	34	51	60
30 a 39 anos	19	40	28	27	39	42	59	50
40 a 49 anos	7	7	7	7	8	11	22	23
50 a 64 anos	2	3	4	5	3	4	13	9
65 ou mais	0	0	0	0	0	0	1	0
TOTAL	109	136	115	118	134	155	233	230

Tabela 7.119: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Montadores de Equipamentos Eletroeletrônicos. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Montadores de Equipamentos Eletroeletrônicos								
Escolaridade	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Analfabeto	0	0	0	0	0	0	0	0
Fundamental Incompleto	38	31	41	41	37	26	54	43
Fundamental completo	52	70	49	47	59	86	103	79
Médio	19	34	24	30	38	42	75	108
Superior	0	1	1	0	0	1	1	0
TOTAL	109	136	115	118	134	155	233	230

Tabela 7.120: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Montadores de Equipamentos Eletroeletrônicos. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Montadores de Equipamentos Eletroeletrônicos								
Faixa Salarial	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Até 1 SM	28	25	20	24	24	27	33	28
1,01 a 3 SM	70	100	78	76	94	116	164	170
3,01 a 5 SM	8	9	14	12	14	8	27	21
5,01 a 10 SM	3	2	3	6	2	4	9	8
Acima de 10 SM	0	0	0	0	0	0	0	1
Ignorado	0	0	0	0	0	0	0	2
TOTAL	109	136	115	118	134	155	233	230

Tabela 7.121: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Técnico de Controle da Produção. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnicos de Controle da Produção								
Gênero	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Masculino	441	453	510	486	244	577	601	659
Feminino	183	194	238	239	53	234	240	260
TOTAL	624	647	748	725	297	811	841	919

Tabela 7.122: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Técnico de Controle da Produção. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnicos de Controle da Produção								
Faixa Etária	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Ate 17 anos	22	22	17	14	0	6	4	5
18 a 24 anos	206	222	249	220	66	218	235	237
25 a 29 anos	161	165	201	200	82	238	229	269
30 a 39 anos	147	153	179	192	99	233	265	290
40 a 49 anos	63	60	77	77	37	92	83	90
50 a 64 anos	23	23	22	19	12	20	22	27
65 ou mais	2	2	3	3	1	4	3	1
TOTAL	624	647	748	725	297	811	841	919

Tabela 7.123: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Técnico de Controle da Produção. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnicos de Controle da Produção								
Escolaridade	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Analfabeto	0	0	0	0	0	0	0	0
Fundamental Incompleto	81	74	71	68	20	67	70	62
Fundamental completo	261	295	290	252	52	164	157	138
Médio	255	243	341	358	190	519	534	614
Superior	27	35	46	47	35	61	80	105
TOTAL	624	647	748	725	297	811	841	919

Tabela 7.124: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na ocupação: Técnico de Controle da Produção. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnicos de Controle da Produção								
Faixa Salarial	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Até 1 SM	82	97	72	56	5	13	9	7
1,01 a 3 SM	356	315	388	437	101	501	565	671
3,01 a 5 SM	133	176	208	159	82	203	171	146
5,01 a 10 SM	45	46	61	60	72	79	70	70
Acima de 10 SM	8	12	17	12	37	12	22	22
Ignorado	0	1	2	1	0	3	4	3
TOTAL	624	647	748	725	297	811	841	919

Tabela 7.125: Número de Trabalhadores por Gênero na ocupação: Técnico em Eletricidade e Eletrotécnica. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnicos em Eletricidade e Eletrotécnica								
Gênero	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Masculino	119	155	311	322	234	227	282	307
Feminino	3	1	2	1	3	4	3	4
TOTAL	122	156	313	323	237	231	285	311

Tabela 7.126: Número de Trabalhadores por Faixa Etária na ocupação: Técnico em Eletricidade e Eletrotécnica. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnicos em Eletricidade e Eletrotécnica								
Faixa Etária	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Ate 17 anos	1	2	8	3	3	3	2	3
18 a 24 anos	25	23	28	38	34	22	29	46
25 a 29 anos	26	27	38	46	42	46	58	47
30 a 39 anos	33	53	91	85	73	73	87	108
40 a 49 anos	29	40	112	107	56	55	74	64
50 a 64 anos	8	11	34	43	29	32	34	43
65 ou mais	0	0	2	1	0	0	1	0
TOTAL	122	156	313	323	237	231	285	311

Tabela 7.127: Número de Trabalhadores por Escolaridade na ocupação: Técnico em Eletricidade e Eletrotécnica. Mesorregião Sul Goiano – 2003-2010. Fonte: Elaborado a partir dos dados da RAIS/MTE (2011).

Técnicos em Eletricidade e Eletrotécnica								
Escolaridade	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Analfabeto	0	0	0	0	0	0	0	0
Fundamental Incompleto	28	32	42	40	43	39	50	53
Fundamental completo	41	46	60	53	57	50	53	61
Médio	48	71	186	204	122	123	160	176
Superior	5	7	25	26	15	19	22	21
TOTAL	122	156	313	323	237	231	285	311

Tabela 7.128: Número de Trabalhadores por Faixa Salarial na Ocupação: Técnicos em Eletricidade e Eletrotécnica. Mesorregião Sul Goiano 2003 – 2010.

Técnicos em Eletricidade e Eletrotécnica								
Faixa Salarial	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Até 1 SM	4	6	5	9	12	5	6	4
1,01 a 3 SM	56	57	75	84	79	84	106	106
3,01 a 5 SM	17	21	24	32	52	39	56	58
5,01 a 10 SM	27	46	93	94	65	82	96	123
Acima de 10 SM	18	26	116	103	28	21	21	20
Ignorado	0	0	0	1	1	0	0	0
TOTAL	122	156	313	323	237	231	285	311

Observatório do Mundo do Trabalho

Ministério da
Educação



RENAPI



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
GOIÁS